

A woman with long dark hair, wearing a long, flowing pink dress, stands in a doorway. She is looking back over her shoulder towards the camera. The door is a light yellow color with a brass doorknob and a keyhole. The background behind her is a dark green wall.

Autora best-seller #1 do *The New York Times*

JENNIFER WEINER

Boa Noite, Estranho

DETETIVE POR ACIDENTE

“Jennifer tem um olhar
perversamente engraçado para os
relacionamentos humanos.”

— *The Baltimore Sun*







Jennifer Weiner

Boa Noite, Estranho

Tradução: Alice Klesck

Título Original: Goodnight nobody Copyright © 2005 by Jennifer Weiner, Inc.

*Copyright © 2015 Editora Novo Conceito Todos os direitos reservados.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.*

Versão digital — 2015

Produção editorial: Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Weiner, Jennifer

Boa noite, estranho / Jennifer Weiner; tradução Alice Klesck. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: Goodnight nobody.

ISBN 978-85-8163-576-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-07907 CDD-813

*Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana
813*

*Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha 14095-260 —
Ribeirão Preto — SP*

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



“Cada esposa dos bairros elegantes da periferia da cidade relutava sozinha. Quando arrumava as camas, fazia compras no mercado, combinava os forros de almofadas e sofás, comia sanduíches de manteiga de amendoim com os filhos, servia de motorista para os pequenos escoteiros e bandeirantes, deitava-se ao lado do marido, à noite — ela temia fazer, até para si mesma, a pergunta silenciosa — ‘É só isso?’.”

— Betty Friedan, *The Feminine Mystique*

“Suspirou Mayzie, um pássaro preguiçoso, ao botar um ovo:
‘Estou cansada e entediada
E estou com cãibra na pata
De sentar, só sentar aqui, dia após dia.
Isso é *trabalho*. Como eu o detesto!
Eu *preferiria* brincar!
Eu tiraria férias, sairia voando para um descanso, se pudesse encontrar *alguém* para ficar no meu ninho!
Se eu conseguisse achar alguém, eu voaria... Livre...’”
— Dr. Seuss, *Horton Hatches the Egg*

“Bem, eu tive um sonho e nele
Eu ia a uma cidadezinha
E todas as meninas da cidade se chamavam Betty.”
— Laurie Anderson, “Smoke Rings”

PRIMEIRA PARTE - A boa mãe



CAPÍTULO 1

— O LÁ? — EU DEI UMA BATIDINHA NA porta vermelha da casa de Kitty Cavanaugh, depois ergui o batedor de bronze e dei umas batidas mais fortes, só para garantir. — Olá?

— Mamãe, posso tocar a campainha? — perguntou Sophie. Ela estava nas pontas dos pés, punho em riste.

— Não, é minha vez — disse Sam, dando um chute, com seu tênis, numa das seis pequeninas abóboras, perfeitamente redondas, ao lado da porta de entrada de Kitty. Faltava uma semana para o Halloween e nós só tínhamos entalhado uma abóbora luminária na noite anterior. Ficou meio torta e o lado direito apodreceu e murchou de um dia para o outro, deixando a abóbora mais parecida com um sádico vítima de derrame estacionado em nossa varanda. Quando acendi a vela dentro, as três crianças começaram a chorar.

— *Minha vez!* — disse Jack, empurrando o irmão mais novo, nascido três minutos depois dele.

— Não me empurra! — gritou Sam, devolvendo o empurrão.

— Sophie, depois Sam, depois Jack — eu disse. Dois diplomas em literatura inglesa, uma carreira na cidade de Nova York, e foi aqui que eu vim parar, na porta de uma quase estranha, num subúrbio elegante e afastado de Connecticut, com os cabelos despenteados e uma sacola cheia de pirulitos para suborno, arrastando três crianças com menos de 5 anos. Como isso aconteceu? Eu não conseguia explicar. Ainda mais a parte de engravidar dos meninos quando Sophie só tinha 7 semanas, cortesia de uma relação de que mal consigo me lembrar e que nem posso imaginar que eu tenha permitido.

Sophie ergueu os braços, balançando as marias-chiquinhas, e tocou

a campainha. Uma covinha surgiu em sua bochecha esquerda quando ela deu um olhar esnobe nos irmãos, que dizia *Assim que se faz*. Ninguém atendeu. Olhei meu relógio, imaginando se teria ouvido errado o que Kitty falou. Ela tinha me ligado na quarta-feira à noite, quando os meninos estavam na banheira e Sophie estava sentada no vaso, passando batom e esperando sua vez. Eu estava ajoelhada na frente da banheira, com a blusa encharcada, um paninho na mão, esfregando para tirar o cascão do playground de debaixo das unhas e desfrutando de uma das minhas fantasias mais persistentes, a que começa com dois homens batendo à minha porta. Quem eram eles? Policiais? Agentes do FBI? Eu nunca consegui descobrir isso.

O mais jovem estava de terno bege e tinha um bigodinho louro, e o mais velho vestia terno preto e tinha cabelos ralos escuros, penteados por cima da careca. Era ele que falava. *Houve um engano*, ele me dizia, e explicava que, por causa de algum erro que eu nunca entendi direito (Pesadelo? Universo alternativo?), eu tinha vindo parar junto com os filhos de outra pessoa, vivendo a vida de outra pessoa. *É mesmo?* Eu perguntava, cautelosa para não parecer tão *ávida* como aquela mulher — nos últimos tempos, ela era a mulher do comercial da Swiffer, que ficava dançando com a musiquinha, tirando o pó, toda alegre — que entrava no meio deles, de mãos nos quadris. *Aí estão vocês, seus malandrinhos!* Ela dizia às crianças. *Lamento muito pela inconveniência*, ela me dizia. *Sem problemas*, eu respondia, graciosamente. Então, ela diria...

— Telefone.

Levantei o olhar. Meu marido estava na porta, com a pasta numa das mãos e o telefone na outra, me olhando com desdém ou algo bem próximo. Meu coração murchou quando percebi que me molhar no banho dos meninos foi o mais perto que eu cheguei de tomar um banho hoje.

Estiquei a mão ensaboada para pegar o telefone. — Você pode olhá-los um instante?

— Deixe-me tirar esse terno — disse ele, sumindo no corredor.
Tradução: *veja você em uma hora.*

Contive um suspiro e preendi o telefone entre o ouvido e o ombro.

— Alô?

— Kate, é Kitty Cavanaugh — disse ela, com sua voz baixa e grave.

— Eu queria saber se você está livre para almoçar na sexta.

Eu tinha ficado chocada demais para gaguejar “É claro”, ou “Sim”. Acabei dizendo “Clim”, embora almoçar com Kitty Cavanaugh não fosse uma alta prioridade em minha lista de tarefas. A meu ver, ela representava tudo de errado na minha nova cidade.

Eu me lembro da primeira vez em que vi Kitty. Depois de uma manhã desempacotando a mudança, eu tinha levado as crianças ao parque que nosso corretor havia indicado. Fazia três dias que eu não lavava meu cabelo cheio e castanho, e eu estava toda descabelada, mas as outras mães não se importariam, eu pensei, enquanto estacionava o carro numa vaga. Quando eu e as crianças passamos pelos portões de cercado branco, entrando no playground, vimos quatro mulheres usando o mesmo tom rosa-escuro de batom; quatro mulheres incrivelmente bem cuidadas, de forma física impecável, com uma aparência de quem tudo pode. Cada uma delas tinha uma bolsa de fraldas estampada em seda, com monograma bordado, pendurada no ombro, como uma jaqueta Pink Lady. Ou uma metralhadora Uzi.

— Oi! — eu disse. Minha voz pareceu ricochetear nos tapetes emborrachados embaixo dos balanços. As mulheres deram uma olhada nos meus trajes (calça de brim larga, manchada de calda, tênis borrado de tinta de colorir, uma camiseta cinza de mangas compridas do meu marido, com outra camiseta violeta minha, de mangas curtas, por cima), meu cabelo desgrenhado, meu rosto lavado, a barriga e os quadris em que venho pensando em dar um jeito nos últimos dois anos e, por fim, meus filhos. Jack estava legal, mas Sam estava segurando sua chupeta preferida, que ele não usava fazia meses, e Sophie tinha colocado um tutu de balé por cima da calça de pijama.

A loura sarada do meio, de calça caramelo de boca larga, colete de lã de zíper, ergueu a mão e nos deu um quase sorriso. Depois eu viria a saber que seu nome era Lexi Hagen-Holdt, e ela parecia exatamente o que era: uma ex-atleta estadual de futebol e hóquei que trabalhava como treinadora no ensino médio antes de casar e tinha começado a treinar para o triátlon seis semanas depois que teve a bebê Brierly.

A morena ao seu lado tinha cabelo castanho-claro até os ombros, com mechas perfeitas e escova impecável, sobrancelhas tiradas em arcos perfeitos, pintadas para combinar; ela nos deu um meio aceno. Seus lábios grossos entortaram para o lado, como se tivesse acabado de experimentar algo azedo. Essa era Sukie Sutherland, com um jeans de grife e botas de camurça de bico fino e salto alto — o tipo de traje que minha amiga Janie teria vestido para ir à boate, mas que eu nunca teria tentado usar.

— Oi! — disse a ruiva, Carol Gwinnell, na outra ponta do banco. Ela estava com uma jaqueta cor de abóbora, com uma saia comprida em tons misturados de vermelho, laranja e dourado. Seus brinquinhos de ouro eram sininhos que tiniam, e ela estava de sapatilha roxa de lantejoulas, com debrum dourado trançado. O marido de Carol, eu logo viria a saber, era chefe do departamento de litígios de um dos cinco maiores escritórios de advocacia de Nova York. Carol, Rob e seus dois filhos moravam numa casa Bettencourt e tinham uma casa de veraneio em Nantucket, o que, acredito, lhe concedia o direito de se vestir como se fosse a um show da Stevie Nicks, se assim quisesse.

Para terminar, a quarta mulher se dignou a nos abordar. Ela se ajoelhou graciosamente na frente dos meus filhos e perguntou seus nomes, um por um. Seus cabelos lisos caíam até o meio das costas, uma cortina brilhosa, marrom chocolate, presa com um laço de veludo preto. Ela tinha feições encantadoras: lábios grossos, nariz reto e fino, maçãs do rosto saltadas e um queixinho bonito. Pelo cabelo e pela pele dourada, eu esperava olhos escuros, mas ela tinha um par de olhos azuis, quase roxos. Da cor de amores-perfeitos.

— Eu sou Kitty Cavanaugh — disse ela aos meus filhos. — Eu também tenho gêmeas.

— Kate Klein — eu consegui dizer, pensando *não vão cair nessa, seus bobinhos*. Claro que meus filhos ficaram encantados. Os meninos soltaram a minha perna e sorriram com timidez, enquanto Sophie a encarou e disse: — Você é tão bonita! — Eu tentei não revirar os olhos. Da última vez que Sophie me olhou com aquela intensidade, ela não me disse que eu era bonita. Ela disse que tinha pelo nascendo no meu queixo.

Estampeei um sorriso no rosto e fiz uma série de anotações mentais: descobrir onde comprar uma jaqueta de camurça de caimento perfeito; descobrir onde essas mulheres faziam escova, clareamento nos dentes, tiravam as sobrancelhas; e tentar localizar outras mães oprimidas e malculadas, maiores que um bujão, como eu, mesmo que eu tivesse que cruzar a o limite interestadual para encontrá-las.

As moças tinham voltado à conversa, que parecia envolver a proporção aluno-professor nas escolas particulares concorrentes da cidade. Foram mais três visitas ao playground, vinte minutos ouvindo Sukie falar sobre reorganizar sua despensa e uma ida ao Mr. Steven, cabeleireiro local, antes que Kitty e eu tivéssemos uma conversa, de fato, sobre que tipo de assado eu deveria levar ao evento anual Red Wheel Barrow. — Nada de castanhas ou laticínios — ela me dissera. Eu assenti com humildade e consegui evitar perguntar: Que tal crack? Crack tem problema?

Nossa segunda conversa tinha sido menos bem-sucedida. Nós estávamos em pé, lado a lado, junto aos balanços do playground, numa tarde de verão. Kitty estava com um vestido rosa de linho, simples, mas elegante, um visual (e tecido) que eu não experimentava fazia anos, e eu estava usando meu traje habitual — calça manchada e um top de algodão —, me sentindo acima do peso e malvestida, além de inteiramente inadequada. *É esta cidade*, eu pensei, puxando o cós da calça com uma das mãos e Sophie com a outra. Lá em Nova York de

vez em quando eu ganhava um assovio de algum pedreiro de obra, uma olhada admirada de algum cara na rua. A quase cem quilômetros de lá, eu era a Shamu de suéter.

Eu vinha sonhando acordada, falando em voz alta, sobre férias que talvez nunca tivesse, descrevendo o resort sobre o qual eu havia lido numa revista de viagens, na sala de espera do meu ginecologista. Bangalôs privativos ao ar livre... Piscinas individuais... Abacaxi e papaias frescos e cortados no terraço, toda manhã...

— Pode levar criança? — Kitty tinha perguntado.

Estarrecida, eu disse — Por que você ia querer levar?

— Phil e eu levamos nossas filhas para todo lugar — ela disse, afetada, dando um empurrãozinho em Madeline. — Eu nunca, jamais, as deixaria.

— Nunca, jamais? — repeti, meio sarcástica, eu receio. — Nem para um cinema, sexta à noite?

Nem para sair para jantar? Ou um lanche leve?

Ela balançou seus cabelos gloriosos, com um sorrisinho — um sorriso presunçoso, eu achei, querendo surgir em seus lábios. — Eu jamais as deixaria — ela repetiu.

Eu assenti, estampeei um sorriso no rosto, fui tirando a Sophie do balanço e murmurei — Tenha um bom fim de semana (sem perceber, até bem depois, que ainda era terça), coloquei as três crianças dentro da van, enfiei um DVD, aumentei o volume e murmurei a palavra “doida” por todo o caminho de casa.

Desde então, Kitty e eu tivemos um relacionamento de conhecidas que assentem e acenam, trocando sorrisos, de lados opostos do campo de futebol, ou no corredor de laticínios do supermercado. Eu não queria que fosse além disso. Mas eu disse sim — ou “clim” — mesmo assim.

Ah, tudo bem. *Um consentimento descuidado*, pensei, e preendi um cacho rebelde atrás da orelha, com a mão escorregadia de xampu. Foi isso que me fez vir parar em Connecticut, com três bebês, para começo

de história.

— Acho que temos um amigo em comum — disse Kitty.

Eu limpei as mãos nas coxas. — Ah, é? Quem? — Por um instante vertiginoso, achei que ela fosse dizer Jesus, e que eu fosse ficar empacada, ouvindo um monólogo sobre seu relacionamento pessoal com o Salvador e que eu precisava de um.

Mas Kitty respondeu à minha pergunta com outra pergunta. — Você é jornalista, certo?

— Bem, nem tanto — eu disse. — Trabalhei no *New York Night* e cobri os vícios das celebridades.

Não era bem conteúdo de Woodward e Bernstein. Por quê? — *Lá vem*, eu pensei, me preparando para o convite para editar informativos da creche, ou dar uma revisada rápida no cartão de Natal Cavanaugh. (“Caros Amigos! Espero que essa data de alegria os encontre bem. Foi um ano abençoado para o clã Cavanaugh...”) — Há algo... — ela começou. Bem nessa hora, Sam afundou Jack embaixo da água. — Mamãe, ele está afogando o bebê — Sophie comentou, sentada no vaso, onde estava enroscando os cabelos para fazer um coque. Eu me debrucei para puxar Jack. Ele estava engasgando, Sam estava chorando e Kitty disse que nos falaríamos na sexta.

Pelo menos eu estava certa de que ela tinha dito sexta. Tinha certeza quase absoluta. Respirei fundo, levantei outra vez o batedor de bronze, notando como a casa dos Cavanaugh reluzia sob o céu sem nuvens. As plantas estavam aparadas, as folhas haviam sido varridas, as janelas cintilavam e havia arranjos encantadores e miniabóboras nas janelas, para complementar a coroa de pimenta-vermelha seca pendurada na porta. *Ai, ai*. Eu dei uma batida forte e a porta se abriu sozinha.

— Alô? — eu gritei na entrada pouco iluminada, fazendo eco. Nada de resposta... Mas dava para ver as luzes acesas na cozinha e no fim do corredor, e eu ouvia música tocando, um dos concertos de Brandenburg, que sem dúvida eram mais edificantes do que as

melodias de polca de que meus filhos gostavam. — Kitty? Alô? — eu gritei de novo. Nada. O vento aumentou, lançando um punhado de folhas marrons no piso de madeira. Eu estava começando a ter uma sensação ruim, enquanto tirava o celular do bolso, ligava para informações e pedia o número dos Cavanaugh, no número 5 da Folly Farm Way.

A telefonista fez a ligação. Dentro da casa, eu ouvia o telefone de Kitty tocando... Tocando... E tocando.

— Não tem ninguém em casa — disse Sophie, impaciente, pulando de um lado para o outro, com seus tênis cor-de-rosa, que não combinavam muito com o macacão laranja.

— Espere aí — eu disse. — Alô? — eu gritei para dentro da casa. Nada.

— Mamãe? — Sophie pegou minha mão. Os meninos olharam um para o outro, com franzidos idênticos na testa, fazendo bico. Os dois tinham covinhas, eram claros e rechonchudos e ficavam corados quando estavam com muito calor ou aborrecidos. Seus cílios lançavam sombras nas bochechas, e os cabelos castanhos faziam cachos tão lindos que eu chorei na primeira vez que eles cortaram o cabelo... E na segunda... E na terceira. Ao contrário dos irmãos, Sophie era alta e esguia, com pele morena e cabelo castanho liso, que tendia a se emaranhar, não fazer cachos.

— Fiquem aqui. Bem aqui. Na varanda. Nas abóboras — eu disse, num rompante de inspiração. — Quero todos de bumbum nas abóboras até eu dizer que podem sair. E não fechem a porta! — Sophie deve ter captado algo em meu tom, pois ela assentiu. — Vou tomar conta dos bebês.

— Não somos bebês! — disse Jack, com os punhos fechados.

— Fiquem aqui — eu repeti, e fiquei olhando Sophie fazer cara feia para os irmãos, enquanto eles agachavam para se sentar nas abóboras perfeitas de Kitty. Eu preendi a respiração e entrei. Os Cavanaugh moravam numa casa igual à nossa, a Montclair (seis quartos, cinco

banheiros completos, piso de madeira em tudo). Os investidores da nossa obra eram italianos, muitos residentes eram judeus e, no entanto, todas as casas tinham nomes que pareciam do Parlamento britânico. Claro que ninguém compraria um modelo chamado Lowenthal ou Delguidice, mas, se fosse Carlisle ou Bettencourt, nós faríamos filas com os talões de cheque em punho.

Entrei pé ante pé pelo corredor, chegando à cozinha, onde as notas solenes de violoncelo e o tique-taque do relógio antigo preenchiam o ar. Nada de louça na pia, nem jornais na bancada, nenhum farelo na mesa, e nada da dona da casa. Então, eu olhei para baixo.

— Oh, Deus! — bati com a mão na boca e segurei na beirada da bancada para não escorregar para o chão. Kitty tinha escolhido as mesmas melhorias que Ben e eu. Suas bancadas eram de granito, o piso era de bordo e as portas duplas que davam para o jardim eram envidraçadas. Tinha uma geladeira com freezer e um fogão Viking, e entre os dois estava Kitty Cavanaugh, de braços no chão, com uma faca Henckels de açougueiro cravada nas costas.

Atravessei a cozinha correndo e ajoelhei numa piscina de sangue pegajoso e frio. Ela estava com os braços abertos, camisa branca e o cabelo grudento e marrom. Fiquei tonta ao me debruçar sobre seu corpo, enjoada ao tocar seu cabelo pegajoso, depois atraída pelo cabo da faca. — Kitty!

Eu já tinha assistido a dramas policiais suficientes para saber que não se pode mexer no corpo, mas era como se eu estivesse flutuando fora de mim mesma, incapaz de conter as mãos conforme elas tocavam seus ombros, tentando puxá-la para meus braços. A música evoluiu num crescendo, com os acordes ressonando no ar parado, com cheiro de cobre, quando seu tórax se soltou, num som horripilante de rasgo. Eu a larguei. Seu corpo bateu no chão. Coloquei as mãos sobre a boca para evitar vomitar e contive outro grito.

— Mamãe?

Ouvi a voz de Sophie, que parecia vir de outro planeta. Minha

própria voz estava trêmula quando eu gritei de volta — Só um minuto, pessoal!

Fiquei de pé, limpando convulsivamente as mãos na calça, e girei uma vez, depois mais uma. Só quando bati o quadril na bancada que me forcei a ficar firme e pensar. Será que eu deveria ligar para a polícia? Pegar meus filhos? E se quem fez isso com Kitty ainda estivesse na casa?

Polícia primeiro, eu decidi. Levei uma eternidade para conseguir enfiar a mão no bolso, tirar meu celular e ligar para a polícia. — Sim, alô, aqui é Kate Klein, estou visitando a casa da minha amiga Kitty Cavanaugh, no número cinco da Folly Farm Way e ela... Está... É... — minha voz falhou. — Ela está morta. Alguém a matou.

— Esse endereço, por favor? — perguntou a voz do outro lado da linha. — Seu nome? — Eu dei.

Depois soletrei. Quando ela me pediu o número do seguro social e a data de nascimento, eu estrilei — Apenas mande alguém! Mande a polícia... Mande uma ambulância... Mande os fuzileiros se eles estiverem por perto...

— Senhora?

Minha voz foi sumindo quando vi um bloco bege, ao lado do telefone de Kitty. Vi um número de dez dígitos que congelou o sangue em minhas veias.

Código de área de Manhattan, o mesmo número que ele tinha quando o conheci, o mesmo número para onde eu havia ligado, todas aquelas vezes, quando nós morávamos no mesmo corredor, o número que, desde então, eu lutara quase que diariamente para não discar de novo.

Acho que temos um amigo em comum...

Sem pensar, desliguei o telefone, estendi a mão trêmula e peguei a anotação. Amassei o papel e o enfiei no fundo do meu bolso. Depois coloquei minhas mãos ensanguentadas embaixo da torneira da cozinha de Kitty, sequei-as no pano de prato alegre, com estampa de

outono, e corri pelo corredor, com as pernas bambas.

— Mamãe? — O rosto estreito de Sophie estava pálido, seus olhos castanhos estavam arregalados e sérios. Sam e Jack estavam de mãos dadas com ela, e Sam estava com o polegar na boca. Sophie olhou para o sangue na minha calça. — Você se machucou?

— Não — eu disse a eles. — Não, querida, a mamãe está bem. — Eu remexi a bolsa, tirei alguns lenços umedecidos e esfreguei nas manchas. — Vamos, Sophie — eu disse, e peguei os meninos nos braços, sentindo o coraçãozinho deles batendo forte contra meu peito, enquanto eu os levava até a entrada da garagem, onde nos sentamos, esperando ajuda.



CAPÍTULO 2

— COM LICENÇA — EU DISSE, elevando o tom de voz acima do barulho do scanner, do rádio ligado na estação conservadora e do aglomerado de policiais murmurando em volta da máquina de café.
— Stan?

Stanley Bergeron, chefe de polícia de Upchurch, assentiu distraído. Ele tinha me colocado numa cadeira com rodinhas, na frente de uma escrivaninha vazia, com um telefone de disco rachado, abaixo de uma folha de assinaturas para o programa do Vigilantes do Peso no Trabalho, e nada disso estava deixando meu coração confiante. Nem a recepcionista/despachante, coçando o couro cabeludo com a ponta do lápis, fingindo digitar enquanto prestava atenção em todas as palavras que eram ditas.

Fique fria, Kate, eu dizia a mim mesma. *Não aja como culpada, ou eles vão achar que você é.* Mas não ia ser fácil. Algumas pessoas estalam os dedos quando estão nervosas. Eu conto piadas. Respirei fundo e tentei um tom de descontracção. — Ei, você pode pelo menos me dizer se estou presa? Não quero parecer leviana, mas se eu for para a cadeia isso de fato vai atrapalhar o rodízio das caronas.

— Você não está presa, Kate — resmungou Stannie. Stan era baixinho, de peito estufado, e tinha papada, com olhos lacrimosos de bassê, e um bigode castanho cinzento. Ele tinha sido membro do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York até 11 de setembro, quando trocou o alto escalão criminal e a ameaça de terrorismo pela sonolenta Upchurch, onde um dia de movimento representava dar uma ou duas multas por excesso de velocidade, ou expulsar adolescentes da rua dos amassos, e perseguir um dos cachorros

campeões de Lois Kenneally, que tinha uma tendência a perambular. Stan e eu tínhamos nos conhecido durante minha primeira semana em Upchurch, quando, graças ao meu fracasso em dominar o sistema de alarme caríssimo e extremamente sensível, ele teve que vir à minha casa, na Liberty Lane, quase todo dia.

— Nós só precisamos lhe fazer mais algumas perguntas — disse Stan.

— O que mais? — eu perguntei, tentando parecer natural, como se meu coração não estivesse na garganta, como se eu não estivesse tremendo, como se não sentisse o papel amassado com o telefone inchando e latejando como um tumor. Eu tinha pensado em ir até o banheiro, jogá-lo na privada e dar a descarga. Mas e se ficasse preso? Então, pensei em rasgar em pedacinhos e comer. Mas e se eu passasse mal? Era melhor apenas esperar. Eu me remexia na cadeira, imaginando ouvir o barulho do papel ao me movimentar.

Durante as três horas desde que saí cambaleante da casa de Kitty Cavanaugh, eu tinha chamado Gracie, minha babá, para vir pegar as crianças e levá-las para casa na minivan. Depois, fui levada à delegacia de polícia, onde preenchi o papel do depoimento e tirei minhas impressões digitais. Eu tinha explicado, três vezes, a três pessoas diferentes, por que minhas digitais estavam no cabo da faca.

Meus interrogadores incluíram um policial que resmungou e disse — Nossa, moça, você não assiste ao CSI? — Eu arregalei os olhos e respondi: — Está passando no Noggin? Porque, se não está, provavelmente não.

Puxei as presilhas de miçangas que estavam deixando minha franja comportada, longe dos meus olhos. O Sr. Steven tinha me convencido a cortar em camadas, mas, como ele não se mudou para minha casa para fazer uma escova todas as manhãs, eu sempre estava com a franja repicada da moda caindo no olho. Depois que a preendi de novo, perguntei: — Eu preciso de um advogado?

Stan balançou os ombros. — Por que precisaria de um advogado?

Você é uma testemunha, não uma suspeita. Você não tem nada a esconder.

— *Será?* — eu disse, entoando. Stannie ficou me encarando. — Brincadeira — retornei. — O rosto de Stan murchou. — Por favor. Como se eu tivesse tempo para ficar por aí, tramando assassinatos.

Meu marido está na Califórnia há uma semana. Eu mal tive tempo de esvaziar a lavadora de louça. — Olhei o relógio, apertei o rediscar do telefone e desliguei sem deixar recado quando a voz de Ben surgiu na caixa postal. Eu já tinha deixado meia dúzia de recados — e ele não havia retornado nenhum — que eram variações do tema pertinente: *dei uma passada na casa de Kitty Cavanaugh e a encontrei morta, no chão da cozinha, com uma faca cravada nas costas. Agora estou preenchendo uma ficha de depoimento na delegacia. Por favor, me liga. Por favor, volte para casa. Por favor, ligue e volte para casa assim que você puder.*

Meu marido estava em Los Angeles para uma grande confabulação do Partido Democrata, angariando novos clientes para sua empresa de consultoria política. Se você tivesse morado em algum lugar do nordeste durante as três últimas eleições e tivesse visto um comercial em que um dos candidatos aparece cantando em câmera lenta, ou em fotos granuladas em preto e branco, com cara de quem tem pedacinhos de criancinhas no freezer, é provável que tivesse visto o trabalho de Ben. Ele tem dois senadores, três deputados, o governador de Massachusetts e o Secretário-Geral dos Estados Unidos como clientes satisfeitos, e a palavra “figurão” sempre precede seu título, e ele ganha mais que o suficiente para manter nós cinco abrigados nessa comunidade, a quarenta e cinco minutos de Manhattan, onde as casas menos caras custam mais de um milhão de dólares, onde todos os carros têm tração nas quatro rodas e onde eu não fiz uma única amiga.

Eu me remexi mais uma vez na cadeira quando o guardinha que atravessa as crianças no sinal recorreu a um sujeito de camisa azul de poliéster, que eu tinha quase certeza de que era o carteiro.

Fiquei imaginando se todo mundo que usa uniforme nesta cidade tinha aparecido para a ocasião.

Empurrei o bilhete mais para o fundo do bolso. Eu havia lavado as mãos duas vezes, mas meus dedos ainda estavam pretos da tinta da delegacia. Enquanto isso, Stan murmurava ao telefone. A recepcionista repousou o lápis e tirou um tubo de rímel da gaveta da escrivaninha. Ela entortou o espelho, fingindo pintar os olhos, enquanto olhava todo o movimento no canto. Stan desligou o telefone, afinal, falou rapidamente com o guardinha de trânsito, acenou para o carteiro, ajeitou a calça embaixo da barriga e se aproximou da minha mesa.

— Você conhece Evan McKenna?

Meu coração congelou. Ai, meu Deus. *Eles sabiam*. De alguma forma eles sabiam que eu tinha pegado a anotação com o número de Evan. Em cinco segundos, o sorriso amistoso de Stanley ia sumir, e ele pegaria as algemas. Eu seria presa. Jogada na cadeia. Nunca mais veria meus filhos. Meu marido ia se divorciar de mim e acabaria casando de novo, com uma mulher de bom gosto e adequada, uma loura magra, que soubesse jogar tênis decentemente e que se encaixaria com perfeição nesta cidade que ele havia escolhido, e meu cunhado passaria o resto da vida dizendo “Eu avisei.”

Esfreguei as mãos nas coxas. — Por que você está perguntando?

— O nome dele apareceu no identificador de chamadas dela.

Eu me senti relaxar aos poucos. — Conheci alguém com esse nome, em Nova York. *Nós* éramos...

— Revirei meus dedos manchados de tinta. — Nós não temos contato há anos.

Stan assentiu, soltou o peso numa cadeira e escreveu alguma coisa.

— Então, ele não é suspeito? — tagarelei, antes que uma ideia ainda pior me ocorresse. — Ele não... Ele não é... — Interessante. Todos esses anos que eu desejei algum dano físico a Evan, todas as fantasias que eu tivera de ele morrendo de um jeito *tão* doloroso e

humilhante que sua morte passasse em *Notícias Estranhas*, e agora, quando ele talvez estivesse mesmo em perigo, eu não conseguia parar de tremer.

Stan ignorou minhas perguntas. — O que o Sr. McKenna faz?

— Ele é modelo — eu disse.

Stan não esboçou um sorriso. — Sua ocupação?

— Ele era investigador quando eu o conheci. Fazia trabalhos como *freelance* para empresas de seguro, indenizações trabalhistas e... — Minha voz foi sumindo. — Casos de divórcio. Vigilância.

Maridos traidores... Ah! — Tudo bem, talvez eu fosse meio lerda. Você também seria se não tivesse tido uma noite inteira de sono nos últimos quatro anos. Dei um pulo e fiquei de pé com tanta rapidez que uma das fivelas saiu voando do meu cabelo. — Talvez a Kitty o tenha contratado porque seu marido a traía! E o marido descobriu e a matou!

Stan ficou me encarando. O carteiro também, e o guardinha, que eu reconheci do cruzamento da escola. Em minha fantasia, as algemas e o cunhado presunçoso tinham sumido e Stan me dava tapinhas afetuosos nas costas, dizendo *Brilhante, Kate, você solucionou o caso!* Em vez disso, ele se limitou a virar uma página em branco de seu caderno. — Você conhece Philip Cavanaugh?

Balancei a cabeça e peguei minha fivela no chão.

Stan rabiscou alguma coisa. — Vamos voltar um pouco. Quando Kitty ligou, ela disse que queria lhe falar algo. Ela falou exatamente o quê?

Balancei a cabeça de novo. — Não tenho a menor ideia. Lamento. Eu gostaria de ser mais útil, mas, realmente, eu ainda não a conhecia tão bem.

— Você não sabe sobre o que ela queria falar?

— Não. Já falou com o marido dela?

Stan lambeu o polegar e virou outra página em seu caderno. — Por que pergunta?

— Não é sempre o marido?

Ele esfregou a bochecha. — Sempre?

— Bem, em minha experiência como jornalista, é sempre o marido.

Stan agora me encarava com seus bondosos olhos castanhos, como se uma segunda cabeça tivesse acabado de brotar no meu pescoço.

— No programa *Lifetime Television for Women* também. O marido. Sempre. A menos que seja o namorado.

Ele recomeçou a escrever. — A Kitty tinha um namorado?

— Não tenho a menor ideia. — Eu balancei os ombros. — Se tinha, ela devia ter incríveis habilidades de gestão do tempo. Sabe, com duas crianças...

A porta da frente se abriu e um policial entrou, segurando firme no cotovelo de um homem alto, bonito, de cerca de 40 anos, um homem de cabelos louros grisalhos e terno cinza de flanela, que parecia ter se esquecido de como andar.

— Com licença — disse Stan, apressando-se até os dois. A recepcionista abandonou o fingimento de estar fazendo algo além de ficar ouvindo, guardando o rímel e entortando o espelho para acompanhar o movimento. Stan pegou o outro cotovelo do homem de terno de flanela e o guiou pelo corredor para dentro de seu escritório. A porta se fechou com um clique, mas não antes que eu ouvisse o homem começar a gritar.

— Minha mulher — ele estava dizendo. — Minha mulher. — A voz dele falhou. Eu fechei os olhos, lembrando do peso do corpo de Kitty, do ruído nauseante que a camisa dela fez quando a puxei do chão. Olhei de novo o meu relógio. Quase três horas. Logo as filhas de Kitty voltariam da escola.

Quem estaria lá para dar a notícia a elas? Para onde elas iriam?

Fiquei ouvindo o mais atentamente possível. A voz de Stan era baixa e tranquilizadora, seu sotaque nova-iorquino me lembrava com pesar o meu lar. Eu só conseguia captar uma palavra ou outra, mas dava para entender tudo o que Philip falava. — Culpa minha — eu o

ouvi gemendo, enquanto a recepcionista se inclinava para a frente, de olhos arregalados e sem fôlego. — Tudo culpa minha.

Eles me liberaram quinze minutos depois, com instruções para não sair do estado e ligar se tivesse alguma notícia de Evan McKenna.

— Eu ligo — prometi a Stan —, mas não acho que ele vai me ligar. Não nos falamos.

— As coisas mudam — respondeu Stan.

O guardinha do cruzamento, um garoto de rosto rosado com um corte de cabelo rente e que parecia ter uns 19 anos, me levou de carro de volta à cena do crime. Abaixei a cabeça e passei correndo pelas vans das emissoras que já estavam estacionadas na frente da casa dos Cavanaugh e entrei no carro de Gracie. Eu mal tinha chegado ao fim da Folly Farm Way, e meu coração batia com tanta força que eu estava com medo de dirigir. Evan McKenna. Depois de todo esse tempo.

Peguei o celular e comecei a apertar o número que eu não tinha me dado conta de já saber de cabeça. Depois de três dígitos, desliguei. O que eu diria se ele atendesse? *Oi, é a Kate Klein. Lembra de mim? Você partiu meu coração. De qualquer forma, eu sei que a gente não se fala há anos e, ah, acho que você conhece a Kitty Cavanaugh, ela foi assassinada e a polícia precisa falar com você.*

Coloquei o telefone no bolso e as mãos no volante, até que elas parassem de tremer. Deixei um recado para minha melhor amiga, Janie Segal, pedindo que me ligasse assim que pudesse. Depois segui de volta para casa.



CAPÍTULO 3

NA TARDE SEGUINTE, DEPOIS QUE eu busquei as crianças no curso de música, dei a elas queijo quente e pickles no almoço, li *Where Did Granpa Go?* [1](#), um doce de livro com aquarelas, escrito por dois psicólogos para “auxiliar os leitores em seu processo de perda e pesar”, e coloquei todo mundo na van, junto com o requisito número dois: duas toneladas de roupa extra, lenços umedecidos, adesivos da *Dora, a Aventureira*, e caixinhas de suco, e fui para o Parque Comunitário de Upchurch.

Eu estava morando em Upchurch fazia quase oito meses e, segundo minha estimativa, não tinha feito uma única coisa direito. Fui à feira da Red Wheel Barrow, a pré-escola, usando minha habitual calça jeans, quando todas as outras mães estavam de saia e botas de salto alto. Gritei “*Put a que pariu!*” quando Sophie fechou a porta do carro no meu dedo, embora Rainey Wilkes, cujo filho está na mesma turminha dos meus filhos na creche, tenha dito um simples “*Caramba!*” depois que o marido deu ré por cima de seu pé no estacionamento.

Mas nada disso se compara ao desastre que foi a festa de aniversário dos meus gêmeos.

Lá em Nova York, quando Ben, eu e as crianças morávamos num apartamento de dois quartos, com um filete de vista para o Central Park, teria sido uma festinha perfeitamente apropriada. Eu tinha convidado todas as crianças da mesma turma na creche para se juntarem a nós, na Liberty Lane, além de meia dúzia de amigos de Nova York, incluindo Zeke, que tinha duas mães, e Jonah, que tinha dois papais, além de May, cuja mãe a adotara na China no ano

anterior. Comprei uma piñata, fiz um bolo (de massa pronta, mas eu acrescentei uns pedaços de chocolate e um envelope de pudim) e servi com ponche e refrigerante, legumes picados e uma vasilha de batata chips de queijo. Ben e eu empurramos nossos sofás contra as paredes, para abrir mais espaço na sala. Para diversão, tinha pintura de dedos, prenda o rabo no burrinho e, para os adultos, Janie, de minivestido preto, fazendo drinques de mojito e discursando de modo ruidoso e obsceno sobre a falta de habilidade de seu último namorado na cama.

Todos pareciam se divertir, embora eu tivesse notado que outras mães de Upchurch estavam mantendo os filhos longe dos salgadinhos de queijo, como se fossem pedacinhos de dedos de gente, e fazendo muitas perguntas quanto ao corante artificial no ponche. Também vi alguns dos garotos olhando o quintal dos fundos, perguntando onde era o passeio de pônei, ou quando os homens vinham montar o castelo pula-pula. Achei que eles estivessem brincando. Não estavam.

Descobri isso duas semanas depois, quando fomos a uma festa de um dos coleguinhas de turma da creche. Foi no hotel Upchurch Inn, tinha um bufê com salmão defumado, um sushiman e uma escultura de gelo, em tamanho natural, do menino aniversariante. Nada de garfinhos plásticos, ou ponha o rabo no burrinho, nada de famílias não tradicionais, nem salgadinho hidrogenado ensacado, nada artificial, e nada de conversa sobre inaptidão no sexo oral, nem ponche. A diversão também era ligeiramente melhor que a nossa. O pai, agente esportivo, tinha montado uma quadra de basquete no estacionamento e, de alguma forma, conseguiu trazer o time inteiro dos Knicks para uma viagem até o subúrbio a fim de jogar com os convidados da festa. E perder.

Ben não disse uma palavra, mas eu sabia o quanto ele estava aborrecido pela forma como apertava seus lábios e como batia nos botões do rádio com força, quando voltamos para casa.

— Eu não sabia! — protestei, enquanto as crianças, acabadas de tanta empolgação pelo bolo de quatro andares, pelos saquinhos

personalizados de guloseimas e pela emoção de conhecer o atacante de 2m10, roncavam em suas cadeirinhas. — Juro por Deus! Se eu tivesse ideia, eu teria contratado um palhaço!

Ben suspirou alto.

— Ou um circo!

— Você passa o dia todo com aquelas mulheres e não sabia?

Eu dei de ombros. — Desculpe.

— Da próxima vez pergunte a alguém — foi tudo o que ele resmungou.

Eu prometi que perguntaria, apesar de achar que isso não ajudaria. A sorte foi lançada. Se nossa festa desastrosa de aniversário não sacramentou o negócio, a interpretação de Sophie, cantando *Don't Mess with My Toot-Toot*², em “Toda Criança Tem Talento”, na Red Wheel Barrow, selou tudo. A professora não só mandou um bilhete para casa sobre a necessidade de “letras mais apropriadas”

para futuras apresentações como houve uma conferência completa na escola sobre o assunto, com um psicólogo pediatra de Greenwich, para responder a quaisquer perguntas que as crianças pudessem fazer quanto ao que era um *toot-toot* e quem poderia tocar no deles.

Don't Mess with My Toot-Toot eu cantava, pilotando a minivan, estacionando numa vaga. *Don't Mess with My Toot-Toot*, eu sei que você tem outra mulher, então, *Don't Mess with My Toot-Toot*.

Mas eu senti uma pontada quando desci do carro no estacionamento do parque da cidade, imaginando que tipo de oportunista moralmente deficiente daria força ao assassinato de um vizinho só para melhorar sua posição social. Eu nem tinha certeza se isso ajudaria. Eu não estava no final da escala de mães de Upchurch; aliás, eu nem constava na escala. Eu mal conseguia ver a escala. Se uma das mulheres anunciasse que usava fraldas de papel reciclado, a mãe ao seu lado estava usando fraldas de pano e a mulher ao lado usava fraldas de pano feitas por ela. Se uma mãe só deixasse que o filho comesse comida orgânica, então a Mamãe Número Dois

alimentava o filho com comida orgânica vegetariana, e a mamãe seguinte dava comida orgânica vegetariana cultivada livre de crueldade, e só dava aos filhos pepinos e cenouras plantados no quintal, adubados com compostos que ela mesma fazia.

Não que as Talbots, como eu de vez em quando as chamava, fossem cabeças de vento, clones de Martha Stewart que só assavam muffins. Marybeth Coe, antes de ter Powell e Peyton, a irmã mais velha, tinha trabalhado no mercado financeiro. Carol Gwinnell tinha sido gerente de uma galeria de arte no SoHo. Heather Leavitt havia trabalhado no câmbio da Goldman Sachs antes de se recolher ao mundo maravilhoso das fraldas de pano, brinquedos artesanais de madeira, petiscos isentos de pesticidas e da programação de cada segundo da vida dos filhos, para que eles tivessem aproveitamento máximo. As crianças da pré-escola em Upchurch faziam aulas de acrobacia e patinação no gelo. Frequentavam grupos de artesanato e aprendiam tênis. Estudavam pelo menos um instrumento e dois idiomas. As meninas faziam aula de dança, os meninos, de T-ball, e todas as crianças, não importando o sexo, jogavam futebol (com treinos duas vezes na semana e jogos todo sábado) no outono e na primavera.

Os pais se comportavam como se isso fosse perfeitamente natural, como se, na verdade, essa fosse a única forma que eles idealizavam para criar os filhos. Eu não conseguia entender por quê. Talvez, depois de terem seus filhos, um consultor de lactação malevolente tivesse salpicado pó de Supermãe em seus travesseiros, ou sussurrado no ouvido de cada um deles, ao dormirem: *De agora em diante, a única coisa com que você vai se importar é amamentar, treinar seus filhos para usar a privada, fazer aulas de Pilates Mamãe e eu e se o jardim de infância é melhor em Greentown Friends ou em Upchurch Country Day.*

Eu não tinha a menor chance. Mesmo que eu só tivesse um filho, para esbanjar minha energia e meu intelecto, mesmo que eu fosse magra e bonita e motivada o bastante para passar maquiagem e fazer

uma hora de exercício matinal diário, e minha ideia de diversão fosse arrumar cubinhos de queijo tofu com formato de alfabeto cirílico para as refeições. Mesmo que eu tivesse filhos que se dessem, naturalmente, a esse tipo de empreendimento.

As outras crianças pequenas de Upchurch nunca tinham visto TV por mais de um minuto. Não tinham as crises de manhã que nos atrasavam para o colégio, nem gritavam Kentucky Fried Chicken, sempre pronunciando errado como *Kenfucky* Fried Chicken, nem motivavam reuniões entre pais e professores por causa de suas escolhas nos shows de talento. Ai, ai. Alisei minha calça e abri a porta, bem na hora em que Lexi Hagen-Holdt parou sua caminhonete ao lado, um modelo tão novo e alto, com tantas janelas enormes, que parecia uma estufa de plantas. Eu me olhei no retrovisor — lábios rachados, pele brilhosa, cabelos castanhos ondulados e rebeldes e empolgação demais no rosto.

Tentei substituir essa empolgação por uma tristeza mais apropriada antes de abrir a porta.

— Oh, meu Deus! — disse Lexi, com sua voz rouca, tirando Hadley de sua cadeirinha, sem um único grito ou dificuldade com a fivela do cinto. — Você viu? — Ela pousou o garotinho no quadril magro, jogou os cabelos com luzes por cima do ombro e tirou sua imaculada bolsa de fraldas do banco do carro sem farelos de lanche. — Eu assisti ao noticiário durante horas ontem à noite e ainda não consigo acreditar!

Lexi caminhou com vigor para dentro do parque, e eu a segui enquanto meus filhos se espalhavam; os meninos foram na direção da estrutura metálica para escalar e Sophie, para os balanços. Sentei no banco, que, em minha vida pós-bebê no subúrbio chique, tinha substituído a mesa das garotas populares do refeitório, um banco em que eu nunca tinha me atrevido a sentar, e esperei até ter certeza de que todas as mães podiam me ouvir antes de erguer a cabeça e dizer, cheia de modéstia, com o tom certo de tremor na voz — Eu a

encontrei.

— Ah, não — murmurou Carol Gwinnell. Eu vi Sukie Sutherland e Marybeth Coe virem apressadas para o banco. Os olhos de Marybeth estavam vermelhos, e o cabelo de Sukie estava preso num rabo de cavalo.

— Conte-nos tudo — disse Lexi, afagando meu ombro, compassiva, quase que certamente deixando hematomas. Lexi estava com o que eu passei a considerar o uniforme das mães de Upchurch: uma camiseta justa (mas não vulgar) de mangas compridas com jaqueta de camurça; calça de boca larga bem passada; sapatos tipo tênis, mas de camurça e nylon, que custam umas trezentas pratas.

Eu respirei fundo. — A Kitty me ligou na quarta à noite, para perguntar se eu poderia levar as crianças para almoçar.

— Vocês duas eram amigas? — perguntou Carol Gwinnell, com os brincos tilintando.

Eu balancei a cabeça, imaginando por que ela teria perguntado isso. Essas mulheres me viam todo dia, no parque, na biblioteca ou no estacionamento da escola. Elas tinham que saber que Kitty não era mais minha amiga do que elas.

— Então, por que ela ligou para você? — perguntou Sukie Sutherland.

— Eu não sei — respondi, afundando os bicos sujos dos meus tênis numa pilha de folhas avermelhadas. — Não faço ideia.

Houve mais perguntas. As moças queriam detalhes. Ela estava na cozinha? De barriga para cima ou de bruços? A porta estava destrancada? Alguma coisa foi roubada? Como ela estava? A polícia tinha dito alguma coisa? Havia alguma pista? Foi um crime aleatório ou por vingança? O que a polícia estava fazendo? A família estava oferecendo recompensa? E quanto às filhas de Kitty?

— Elas estão na minha casa — disse Sukie. Sukie e eu vínhamos nos esforçando para ser cordiais desde o dia em que nos conhecemos, quando ela me disse que seus filhos se chamavam Tristão e Isolda e eu

ri, achando que ela estava brincando, mas ela não estava. — O Philip achou que elas não deveriam passar a noite na casa onde... Você sabe.

— Ela puxou o rabo de cavalo. — Onde aconteceu.

Amanhã ele vai levá-las para a casa dos pais dele.

— Você conhece bem os Cavanaughs? — eu perguntei.

Sukie balançou os ombros. — Somos vizinhos e as meninas estão na turma de Tristão, no Country Day.

— Você tem alguma ideia de quem poderia... — baixei o tom de voz quando vi que todos os nossos filhos estavam perto. — Você sabe.

Sukie balançou a cabeça. Seus grandes olhos castanhos estavam brilhosos. — A polícia falou comigo, mas acho que não fui de muita ajuda. Aposto — ela murmurou, tirando um cisco invisível da camiseta rosa de mangas compridas — que pode ter alguma coisa a ver com o trabalho dela.

— Espere... — disse Carol.

— O quê? — perguntou Lexi.

— Kitty tinha um emprego? — eu perguntei. Essa chocou. Até onde eu sabia, nenhuma das mães de Upchurch tinha emprego.

— Que emprego? — perguntou Lexi, fazendo rotações nos ombros, provavelmente já planejando a tarde de malhação. — O que ela fazia?

— Ela era escritora — disse Sukie. — Uma ghost-writer.

— Para quem? — eu perguntei.

— Vocês já leram a *Content*? — perguntou Sukie. Todas assentiram. Eu também, embora a verdade seja que eu não lia, de fato, a *Content*. Eu e meu marido fizemos a assinatura, assim como quase todo mundo que eu conheço, de certa idade, classe e grau de escolaridade. Toda semana eu tinha a intenção de ler, mas as matérias cheias de ficção pós-moderna escritas pela garotada de vinte e poucos anos, desenhos que exigiam atenção antes de entender a piada — já que havia uma piada embutida — e menções políticas a países que eu não conseguia encontrar no mapa faziam as revistas acabarem empilhadas embaixo da mesa de centro, juntando poeira até que, num

ataque de culpa, eu jogava tudo no cesto de reciclagem. — Sabem aquela coluna “A Boa Mãe”?

— A coluna de Laura Lynn Baird? — perguntei.

— A coluna assinada por Laura Lynn Baird — disse Sukie. — Na verdade, era a Kitty que escrevia.

— Ela passou a mão no rabo de cavalo e olhou para nós. — Hoje de manhã, estava tudo na internet.

Como se eu tivesse tempo para ficar na internet. Como se eu sequer me lembrasse em que lugar da casa estava o meu laptop.

— Não posso acreditar — exclamou Marybeth Coe. Nem eu. Laura Lynn Baird era uma franco-atiradora do tipo conservadora, loura telegênica, com um sorriso de concurso de beleza, um vocabulário de marinheiro e uma política que fazia Pat Buchanan parecer moderado. Tinha sido um fervor na mídia quando a *Content*, com inclinação esquerdista, a contratara. “Estamos procurando escritores para dar uma agitada”, disse um tal de Joel Asch, editor-chefe, nos noticiários matinais que Ben religiosamente gravava e me obrigava a assistir sofrendo, antes de irmos dormir. — Laura Lynn Baird possui uma combinação rara: uma boa mente e uma voz perspicaz e envolvente — ele dissera.

Na época eu achei que ele pareceu bem surpreso por encontrar essas duas qualidades numa mulher.

“A Boa Mãe” era publicada todo mês, mas eu só li uma ou duas vezes, porque me deixava muito zangada e eu sentia o sangue subir a cada palavra. Segundo Laura Lynn, a boa mãe se recolhia agradecida ao “santuário da lareira e do lar” depois de dar à luz seus filhos, e só saía depois que os rebentos atingissem a maioridade. Laura Lynn era contra mães que “enfurnavam os filhos em creches”, criticava as “mulheres ricas e bem formadas, assim chamadas feministas, entediadas com a rotina da vida doméstica, que contratavam imigrantes de pele escura para cuidar de seus bebês, falando coisas óbvias sobre fraternidade, mas pagando abaixo do mínimo

permitido”. Até onde eu sabia, ela ainda não tinha expressado sua opinião sobre mães que contratavam uma babá ocasional para um sábado à noite, mas eu podia apostar que ela não era fã.

— Kitty escrevia aquelas coisas? — perguntei.

Sukie assentiu.

— Ela acreditava naquilo?

Sukie balançou os ombros. — Ela escrevia. É só o que eu sei.

— Alguém mais sabia que Laura Lynn Baird tinha uma ghost-writer? Antes de sair na internet?

O rosto de Sukie estava indecifrável enquanto ela remexia na alça da bolsa de fraldas. — Eu não sei — disse ela. — Mas a polícia me perguntou exatamente a mesma coisa.

As mães murmuravam inquietas, digerindo essa surpresa. Não sei se elas ficaram mais chocadas por saber que Kitty escrevia para alguém tão famoso como Laura Lynn ou que uma de nós trabalhava fora.

— Como está o Philip? — perguntou Carol Gwinnell.

— Eu o vi na delegacia ontem — respondi. — Ele parecia bem abalado.

— Bem, quem não ficaria? — perguntou Lexi.

— O Philip mora em Upchurch há uma eternidade — disse Sukie.

— Família antiga — completou Carol Gwinnell.

— Ele era o cara mais bonito da turma da minha irmã no ensino médio na Upchurch High — disse Sukie, com um sorrisinho. — Na verdade, a gente saiu um tempinho. Há um milhão de anos.

Lexi estreitou os olhos na direção dos balanços, segurando a bebê Brierly junto ao peito, num pano guatemalteco tecido a mão, todo colorido. — Hadley? — ela chamou. Sua voz tinha um tom nervoso e suas bochechas rosadas estavam mais coradas que o habitual. — Hadley? — Ela girou depressa. — Ele estava bem ali, perto daquele escorrega, um minuto atrás...

Todas nós nos levantamos e eu olhei em volta, procurando meus

filhos, exalando quando vi Sam e Jack na gangorra e Sophie cantando sozinha no balanço.

— Mamãe! — Hadley acenou para a mãe, do outro lado da cerca. Lexi saiu correndo, atravessou o playground e pegou o filho nos braços.

— Não faça isso! — disse ela, abraçando-o com força. — Não me assuste assim!

Hadley, que só deve ter se afastado para tirar meleca em particular, ficou olhando para a mãe, depois caiu em prantos.

— Eu achei que você tivesse se perdido! — disse Lexi, enquanto Hadley chorava. Nós a cercamos, dando tapinhas em suas costas, dizendo que estava tudo bem, que estávamos todas em segurança, que tudo ficaria bem. Acho que nenhuma de nós acreditava nisso. Dez minutos depois, a brincadeira do Halloween, de pedir doce de porta em porta, tinha sido cancelada. Em vez disso, combinamos fazer uma festa na casa de Carol, nos despedimos, entramos em nossos carros equipados com air-bags e aço reforçado e levamos nossos filhos de volta para casa.

[1.](#) Para onde foi o vovô?, tradução l i vre. (N.T.) [2.](#) Anti ga canção popul ar cuj a l etra contém gí ri as de conotação sexual . O tí tul o pode ser traduzi do, l i vrement e, como “Não aperte a mi nha buzi na”. (N.E.)



CAPÍTULO 4

MEU CELULAR TOCOU QUANDO EU estava jogando dois pacotinhos de arroz instantâneo no micro-ondas.

— Alô?

— Birdie? — a voz do outro lado da linha era hesitante e baixa. Meu pai, Roger Klein, sempre fora mais confiante com seu instrumento do que com palavras. Quando ele tocava oboé, seu tom era o mais puro que eu já ouvira, mas sua voz poderia ser a de um garoto de 14 anos apaixonado. Ele ainda me chamava pelo meu apelido de garotinha, e isso sempre fazia meu coração derreter um pouquinho.

— Oi, pai. — Bati a porta do micro-ondas, apertei os botões, peguei os pratos no armário e guardanapos de papel da gaveta, olhei na sala, onde as crianças estavam alegremente vidradas em *Bob, o Construtor*, e torci para que ainda faltassem dezoito minutos.

— Como vai você? — ele perguntou. — Já pegaram alguém?

Abri um saco de comida pré-pronta. — Não que eu saiba.

— Às dez e dez passou uma reportagem na rádio WINS. O nome dela era Kiky?

— Kitty — eu disse, quebrando ovos com uma das mãos. — Kitty Cavanaugh. E quer saber mais?

Ela era ghost-writer da Laura Lynn Baird!

— Quem?

Eu suspirei e peguei um pacote de frango. — Você sabe, uma daquelas louras conservadoras que sempre estão gritando com alguém na CNN. Ela tem uma coluna na *Content*, chamada “A Boa Mãe”, e Kitty era quem escrevia, na verdade.

Roger não se impressionou. — Você está tomando cuidado? — perguntou ele. — Está usando o alarme e trancando as portas?

Eu coloquei o frango no forno, chutei a porta, tirei o arroz do micro-ondas e inspecionei a geladeira à procura de algum legume que meus filhos talvez comessem. — Estamos sendo cuidadosos, pai. Estou bem.

— A polícia tem algum suspeito?

— Até onde eu sei, não. Talvez tenha sido alguém que estivesse atrás da Laura Lynn. As pessoas a detestam.

Na volta do parque, depois que tínhamos chegado em casa, coloquei as crianças na frente de um DVD, engoli minha culpa e passei dez minutos na internet. Minha primeira busca no Google não rendeu menos de dez mil links para Laura Lynn Baird. Alguns eram postagens de aprovação, de fãs linha-dura. Outros — muitos outros — eram de blogs e revistas cujos autores vinham a público desejar sua morte. — Ou talvez Laura Lynn seja a assassina. Toda vez que eu a via na TV, ela parecia prestes a morder o calcanhar de alguém. Talvez Kitty tenha ficado soberba — eu imaginei. — Talvez ela tenha dito que traficantes de drogas devem ser julgados antes de serem mandados para a cadeira elétrica.

Meu pai riu. Pensei num saco de minicenouras, empanadas crocantes. Se eu colocasse bastante molho em cima, talvez tivesse sorte.

— Ouça, Kate — disse meu pai. — Tenho um concerto esta noite, mas eu poderia alugar um carro e ir até aí depois.

E fazer o quê? Eu me perguntei, colocando a louça suja na pia. *Usar seu oboé para bater nos assassinos que aparecerem na porta dos fundos?* — Não, estamos bem. O Ben está voltando amanhã à tarde.

— O papai está voltando para casaaa! — Jack e Sam gritaram, entrando na cozinha correndo, de jeans e camisas listradas da liquidação da Old Navy, acenando espadas plásticas um para o outro.

— Você deveria ligar para sua mãe — disse meu pai.

— E onde eu posso encontrar Reina estes dias?

Ele limpou a garganta. — Ainda está em Turim. Eu passei um fax para ela, com os recortes do assassinato, e sei que ela também está preocupada.

Então, por que ela não ligou? Eu pensei, mas não disse. Em vez disso, prometi tentar ligar para ela na Itália quando tivesse um momento livre. Eu me despedi, desliguei, pausei *Bob, o Construtor* diante dos gritinhos e protestos dos meninos e supervisionei a lavagem das mãos para o jantar.



CAPÍTULO 5

A PRIMEIRA COISA DE QUE TENHO lembrança é os meus pais cantando juntos. Meu pai ficava no piano, que tinha por cima um xale de renda coberto de porta-retratos de suas divas: Callas, Tebaldi, Nellie Malba e minha mãe, é claro. Eu ficava deitada de bruços embaixo do piano, no tapete rosa e bege de franjas, com meus livros de colorir e meus lápis de cera. Minha mãe se postava em pé atrás dele, com uma das mãos pousada em seu ombro. Ela cantava árias de Mozart, com suas pálpebras pesadas meio fechadas, *pianíssimo*, um tipo de vocalização, ela me disse, que era a mais difícil para uma soprano dominar. Mesmo quando Reina cantava baixo, sua voz era maior do que eu jamais poderia ser, imensa, rica e empolgante, algo vivo que empurrava as paredes e o teto e tomava todo o espaço da sala.

Eu podia sentir sua voz e a admiração do meu pai: amor e cobiça. Eu não sabia distinguir, aos 4 anos, ou 6, ou 8, mas até fazer 10 já sabia o suficiente para sair da sala depois da primeira música.

Trancava a porta do meu quarto, colocava o fone nos ouvidos e ligava a Blondie e a Pat Benatar no último volume, e ainda dava para ouvi-los: as notas vibravam no ar quente, depois o silêncio, mais íntimo do que se eu os flagrasse fazendo aquilo. *Mi Chiamano Mimi*, ela cantava — a ária predileta dela, uma que ela nunca apresentou, obra para uma soprano lírica, não uma *coloratura*, a que canta as partes mais agudas e algumas das mais ostentosas. Ainda assim, eu sabia que minha mãe sonhava interpretar Mimi, morrer lindamente no palco, todas as noites. *Il perchè non só*.

Minha mãe, Reina, nasceu Rachel Danhauser, em Kankakee,

Illinois. Ela assumiu um novo nome quando se mudou para a cidade de Nova York, aos 21 anos, com nada além de duzentos dólares e todos os discos que Maria Callas já gravou. (Ela também tinha uma bolsa integral na Juilliard, mas esse é bem o tipo de detalhe que minha mãe tende a deixar fora da história de sua vida, ainda mais quando está contando aos repórteres.) Meus pais se conheceram na Juilliard. Meu pai lecionava e minha mãe era aluna de graduação. Eu imaginei a cena muitas vezes: meu pai, um solteiro de 36 anos, cabelos já ralos, óculos eternamente tortos sobre seus olhos doces, tendo chegado à fama e à fortuna que um instrumentista de oboé pode conseguir, pois, embora haja superastros cantores, violinistas virtuosos, pianistas milionários que tocam em apresentações-solo esgotadas, em muitos salões mundo afora, nunca houve, na verdade, um instrumentista de oboé de sucesso, a menos que você conte o Kenny G, mas meu pai não conta. E lá estava Reina, com seu 1,78 metro realçado por saltos altos, os cabelos cacheados castanhos; altiva, magnífica Reina, segurando as folhas das músicas junto ao peito, fechando o punho de unhas vermelhas para bater na porta da sala de ensaio, perguntando, com ternura, se ele poderia acompanhá-la. (Posso até imaginá-los consumando o amor embaixo de uma placa em que se lê: POR FAVOR, NÃO ESVAZIE SUA VÁLVULA. SALIVAR AQUI, mas só depois que eu tomo alguns drinques.) Eu nasci no verão depois do primeiro aniversário de casamento dos meus pais, e, depois de quarenta e oito horas no Lenox Hill Hospital, eles me levaram para casa, para o prédio de antes da guerra, de locação controlada, na Amsterdam Avenue, que desde sempre foi habitado quase que apenas por músicos. Os contratos de locação eram repassados como herança. Um fagotista deixando a Sinfônica de Boston deixava seu apartamento de dois quartos para o novo segundo violoncelista; um tenor partindo para Londres entregaria seu estúdio para o novo assistente de contramestre no Met.

O ar em nosso prédio era repleto de música. Fugas e concertos

transbordavam pelas saídas de ar, arpejos e glissandos enchiam os corredores. Quando você andava de elevador, ouvia o toque da flauta, ou um meio-soprano trabalhando na frase de uma ária; o *uáúá* de bronze dos trompetes, as notas pesarosas do violoncelo... Mas fazia anos que não se ouvia o choro de um bebê acompanhando o coro.

Os vizinhos deviam se aglomerar à minha volta, olhando o bebê embrulhado num cobertor rosa, à procura de sinais de talento que eu sem dúvida possuía. *Esses dedos*, a Sra. Plansky, clarinetista, deve ter dito. *Uma pianista, quem sabe?*

Olhem para esses lábios, meu pai exclamaria. *Instrumentos de sopro. Talvez o clarinete francês.*

Não, não, Reina diria, me segurando, com muito orgulho. *Vocês já a ouviram chorar? As notas que ela consegue alcançar? Acima do dó sustenido, eu juro!* E ela me olharia radiante, tremulando os cílios postiços (de alguma forma, eu sei que dois dias depois de dar à luz, Reina estava usando cílios postiços). *Minha filha vai cantar*, ela diria, e todos eles concordariam, quase que de modo inconsciente.

Uma cantora, eles repetiriam, como duas dúzias de fadas madrinhas, dando sua bênção. *Uma cantora.*

Teria sido mais fácil se eu não conseguisse cantar nada, se eu fosse completamente surda às entonações, se não conseguisse nem cantar no chuveiro. O inferno é que eu era boa, só não era boa o bastante. Eu tinha uma voz boa para o coro do ensino médio e os clubes de canto da faculdade, de vez em quando ganhando cinquenta pratas em drinques, cantando no caraoquê do bar local. Eu tinha o ambiente ideal e a melhor instrução que poderia ser comprada ou negociada. Contudo, para eterna decepção de minha mãe, eu não tinha voz de ópera.

Minha carreira de canto, do jeito que foi, terminou quando eu tinha 14 anos, duas semanas antes de quando eu teria feito um teste para a High School of Performing Arts.

— Você pode pedir a sua mãe que suba aqui um minuto? — pediu

a Sra. Minheizer, ao fim de uma aula. Alma Minheizer tinha 72 anos, era miúda, com bochechas rosadas, cabelos brancos e uma parede repleta de fotografias emolduradas de suas apresentações ao redor do mundo. Ela tinha sido uma das professoras de minha mãe, 15 anos antes, logo que Reina se mudara para Nova York. Eu desci para ir buscar minha mãe, que, uma vez na vida, estava em casa. Ela tinha feito questão de dizer que recusara *Queen of the Night*, em São Francisco, para estar presente no meu teste.

— Do que se trata? — ela perguntou, de onde estava, no sofá, com batom perfeito, sobrancelhas tiradas com um efeito arqueado dramático e os cachos brilhosos presos ao alto, com o colo cheio de folhas musicais e sua agenda. Ela estava papeando com seu agente — em italiano, sem dúvida — e não ficou feliz por ser interrompida. Eu balancei os ombros, caminhando com ela até o elevador, segurando a porta da Sra. Minheizer e deixando-a aberta, para ouvir a maior parte do que elas falavam. Fiquei caída junto à parede, depois sentei no chão, tentando me tornar invisível. Mais fácil falar do que fazer. Eu tinha 1,72 metro, com o porte da minha mãe — seios grandes, que eu disfarçava embaixo de suéteres largos e moletons, quadris avantajados que nenhuma dieta ou qualquer quantidade de exercício aeróbico diminuiriam, os lábios fartos da minha mãe e cabelos com cachos grossos. Ela usava os dela esvoaçantes, caindo sobre os ombros, ou em penteados presos complicados. Eu usava os meus caindo no rosto, pois ajudavam bastante a disfarçar as espinhas na testa. Tinha a aparência de Reina (ou teria, quando minha pele melhorasse), mas minha sonoridade não chegava nem perto. Eu sabia disso e a Sra. Minheizer também.

— ... Ela jamais será melhor que adequada — eu a ouvi dizer. Afundei mais no carpete do corredor, agitada e mole, com uma mistura de vergonha e alívio. Alguém tinha enfim dito a Reina o que eu desconfiava, o que outra dúzia de professores já tinha dado a entender, mas não havia tido coragem de dizer... E, como era a Sra.

Minheizer que, em sua época, havia sido uma das maiores *soubretes* do mundo, Reina teria de ouvir.

— Alma, isso é um absurdo — minha mãe disse. Eu podia imaginá-la erguendo o queixo num gesto impetuoso, as pulseiras de ouro e rubis tilintando no punho rechonchudo.

— ... Eu sei o quanto a vida pode ser dura. Se eu tivesse uma filha...

— Bem, mas você *não tem, eu tenho*. — Mesmo naquela época, ela falava primordialmente com ênfase.

— Se eu tivesse uma filha — minha professora continuou, com a voz suave e tranquila, e séria em absoluto — e ela soubesse fazer qualquer outra coisa escrever, pintar, lecionar, ou trabalhar num banco, eu lhe diria que fizesse isso. Você sabe como é a nossa vida! Há centenas de cantoras aguardando uma vaga no coro, que dirá para os vocais principais. Se você não é a melhor das melhores, não há lugar para você.

Houve uma pausa. Algum murmúrio. — Então, ela vai ensaiar — disse minha mãe.

— Mas ela ensaia — retrucou a Sra. Minheizer. — Eu nunca tive uma aluna mais dedicada do que Kate.

Eu podia até ver minha mãe descartando minha dedicação com um aceno. — Ela pode ensaiar com mais afinco. — Ela bateu a porta da Sra. Minheizer com mais força que o necessário e veio andando com rapidez pelo corredor, com as mangas de renda branca esvoaçantes, a saia lilás de chiffon farfalhando, numa nuvem de perfume e indignação.

— O que ela quer? — eu perguntei, me forçando a levantar.

Reina fez um ruído de repúdio, no fundo de sua garganta estimada — Você precisa ensaiar com mais afinco — disse ela.

— Mãe... — respirei fundo para me equilibrar, enquanto ela apertava o botão do elevador. — Eu não quero mais cantar.

Ela ficou me olhando, com as sobrancelhas pretas erguidas, como

se nunca tivesse ouvido essas palavras e não soubesse o seu significado. — Perdão? — Seus cílios rijos tremularam. — Perdão, não entendi.

— Mãe, eu detesto — eu disse. Isso não era bem verdade. Eu gostava de cantar músicas de Bessie Smith e Billie Holiday, na privacidade do meu quarto. O que eu não gostava era do ciclo interminável de subidas e descidas e do esforço para tentar de novo, da forma como eu finalizava uma canção, e de ver a Sra. Minheizer recompor o rosto e parar, antes de dizer qualquer coisa. Nessa pausa, eu sentia que ela pesava as palavras, analisando a diferença entre o que ela queria me dizer e o que ela diria. Eu tinha vivido com o melhor que há por tempo suficiente para saber que eu era uma farsa. Eu já tinha ouvido minha mãe. Também tinha ouvido suas alunas, garotas *cadeirudas*, de queixo duplo, até abrirem a boca e soltarem aquela voz etérea, tão transcendente que, como mágica, se tornavam bonitas.

— Eu não sou boa — murmurei.

— Kate, nem quero ouvir isso.

— Você sabe que eu não sou — eu disse, as palavras escapando enquanto eu falava alto e displicentemente no corredor de teto alto. — Eu não tenho o que é preciso. Se eu for ao teste de seleção do Performing Arts, eles vão rir de mim, e se eles me aceitarem será apenas porque sou sua filha.

O rosto de minha mãe abrandou por um instante, talvez porque eu lhe tenha feito um elogio. Então, ela apertou com força o botão do elevador, com a ponta do dedo cuja unha estava pintada de vermelho.

— Nós encontraremos outra professora para você.

— Mãe, eu já passei por todos os professores do prédio!

— Há outros prédios — ela disse, melancólica. As portas do elevador se abriram. Ela entrou. Eu fiquei no corredor.

— Kate.

— Não.

— Kate, você está sendo...

— Não.

Ela deve ter visto algo em meu rosto que a convenceu de que eu não estava brincando. As portas se fecharam diante de sua decepção, mas, até que eu tivesse descido pela escada, Reina já estava recomposta. Ela estava na porta, me deu um sorriso trêmulo e segurou algo para mim, como uma oferta de paz. Eu não sabia se ria ou chorava quando olhei abaixo e vi o terceiro melhor oboé do meu pai nas mãos dela. — Você tem talento — disse ela, para as minhas costas, depois que eu passei direto e meio que corri pelo corredor até o meu quarto, onde caí na cama e abri minha edição de *As Brumas de Avalon*. — Kate, você tem! E talvez não venha a ser cantora, mas não deveria desistir da música!

Ganhei a batalha, mas perdi a guerra. Cancelei meu teste na Performing Arts, com a promessa de que continuaria com minhas aulas de voz, até ir para a faculdade. Ressentidos, Reina e Roger me inscreveram na Pimm, uma escola só de meninas, no Upper East Side. Depois eu soube que a escola foi escolhida porque era a única da qual já tinham ouvido falar (e o único motivo para que eles tivessem ouvido era um aluno do último ano ter sido morto numa farra de sexo e cocaína no Central Park e isso ter aparecido em todas as manchetes no ano anterior). A Pimm estava cheia de garotas elegantes, com dinheiro de sobra, garotas que iam para os banheiros de mármore todos os dias vomitar o talo de aipo que tinham almoçado. Todas elas se conheciam desde o jardim de infância, e não tiveram pressa em acolher uma morena, sem dinheiro, que usava tamanho G e nunca participava dos dois passatempos prediletos que elas tinham — roubo em lojas e bulimia.

Eu fingia não ligar, mas ligava, é óbvio, ainda mais quando via meus pais fazendo música juntos.

Eu fingia não me importar que minha mãe ficasse mais tempo fora do país do que dentro, mas é claro que eu sentia sua falta, mesmo

quando eu tinha 15 anos e era obrigada a olhar com escárnio para tudo o que saía da boca de minha mãe.

— Eu voltarei até junho — Reina me disse, numa tarde, quando cheguei da escola e a encontrei no quarto, com seus baús de couro, com as travas de bronze abertas, aprontando-se para uma temporada de três meses na Staatsopera.

— Viena? — eu perguntei, odiando o som da minha voz, detestando a forma como eu me parecia com ela, e parecia uma piada tão cruel que, no instante em que eu abria a boca para cantar, minha melhor esperança era ser “adequada”.

— Viena — ela confirmou. Suas covinhas surgiram quando ela sorriu e seus cabelos reluziam: ela tinha retocado a pintura naquela tarde, como sempre fazia antes de uma longa viagem. — Eles me deram um contrato para três óperas, e você sabe como isso é raro!

— Três meses é bastante tempo — eu disse, com a voz falhando. — Você vai perder o musical da escola. — Nós estávamos fazendo o *West Side Story*, com garotos trazidos da Episcopal, e eu tinha ganhado o papel de Anita, uma sorte, pela falta de contraltos na Pimm. Mas, de alguma forma, a blusa decotada e a peruca preta longa tinham me dado uma confiança que eu nunca havia sentido em todos os meus anos de lições de canto. Eu tinha imaginado a noite de estreia, minha mãe me dando uma dúzia de rosas vermelhas, seus olhos arregalados de aprovação e surpresa. *Kate, você é muito boa!*, ela diria.

Reina sentou-se na colcha de cetim de sua cama, esfregou um risco no bico da bota preta brilhosa, depois pegou minhas mãos.

— Vou sentir muita falta de você, você não faz ideia, mas preciso fazer isso agora. — Ela se levantou, continuou fazendo as malas, o salto das botas batendo no chão de madeira, a saia revoando ao redor, enquanto ela empilhava roupas, livros e CDs dentro de seus baús, explicando sobre biologia, sobre o tempo e sobre como uma cantora tem um número limitado de anos até começar a perder seu tom e controle. — Primeiro eu vou perder minha flexibilidade, depois... —

Ela estremeceu, fazendo uma careta de aversão, fechando os lábios pintados de vermelho. — Papéis para angariar fundo de caridade.

— Talvez você possa voltar por um fim de semana — sugeri. — Para *West Side Story*.

— Você sabe o que os voos fazem à minha voz — disse ela. Eu baixei a cabeça. Nada de Reina na estreia, nada de Reina no Baile da Primavera, para o qual eu até tinha um par.

Ela travou as trancas fechando o baú, depois pegou seus vidros de perfume sobre a cômoda, as unhas tilintando nos frascos. Então, ela afastou minha franja dos meus olhos. Eu me retraí, afastando-me. Queria que ela me abraçasse. Não queria que me tocasse. Não queria que fosse embora. Queria que ela nunca mais voltasse.

Na manhã seguinte, eu a ignorei quando ela bateu à porta do meu quarto, às seis da manhã, e fingi não ouvir quando ela sussurrou meu nome. Fiquei deitada na cama, com o rosto no travesseiro, uma edição de *Lace* embaixo da minha bochecha esquerda, e pensei se as coisas poderiam ser diferentes.

Se eu tivesse usado a maquiagem que ela comprou para mim, as botas de couro macio e o casaco de couro, em vez de jeans largos e moletoms, será que ela teria ficado? Se eu dissesse que meu nome é Maria Katerina, em vez de Kate, se eu tivesse ensaiado até que a força de vontade tivesse transformado a minha voz, meu instrumento, em algo raro e belo, será que isso a teria mantido no mesmo continente que eu e meu pai?

Eu me forcei a sair da cama e olhei para baixo, na rua, com a testa encostada no vidro frio da janela, os joelhos sobre os engradados de leite, onde eu guardava meus livros, mastigando a ponta do meu rabo de cavalo, enquanto uma limusine encostava junto à calçada e minha mãe saía andando pela porta. Fiquei olhando enquanto o motorista passava quinze minutos colocando toda a bagagem dela no portamalas. Eu vi meu pai beijá-la, depois dar um passo atrás, entrando na sombra da pequena entrada do prédio, entregando-a ao motorista e ao

seu futuro: outro avião, outro país, outra ópera, outros três meses morrendo a cada noite. O motorista segurou a porta, minha mãe protegeu os olhos e olhou para cima, para minha janela. *Eu amo você*, ela disse. Eu mordi o cabelo com força, enquanto ela me mandava um beijo.



CAPÍTULO 6

NO DIA SEGUINTE, QUANDO SAÍ para a varanda, em mais uma tarde perfeita de Connecticut, para pegar os jornais, ouvi o motor de um carro roncando, descendo nossa rua sem saída. Meu coração se exaltou quando vi o Porsche Boxster vermelhão manobrando e subindo a entrada de nossa garagem. Era um carro perfeito para uma mulher que só dirigia uma vez por mês. E mal.

— Janie!

— Já era a segurança no subúrbio — disse minha melhor amiga, fazendo uma careta por trás dos óculos de grife. Ela estava vestindo uma saia de camurça marrom que batia pouco acima dos joelhos, um suéter de caxemira e botas vermelhas no estilo caubói. Seus cabelos estavam compridos, castanhos-claros com mechas cor de mel e âmbar, a boquinha pintada de rosa cintilante, os olhos caprichosamente realçados com delineador e rímel, e bolsa e brincos que deviam custar mais que o meu primeiro ano de faculdade.

Ela subiu os degraus desfilando e olhou para dentro da casa. — Olá, ratinhos de tapete.

— Tia Janie! — disse Sam, que adorava Janie.

— Janie! — ecoou Jack, vindo com os bracinhos estendidos. Jack adorava Janie até mais que Sam.

— Olá — disse Sophie, dando beijinhos no ar, ao lado das bochechas de Janie, como fazem as colunáveis por aí. Ela adorava Janie mais do que os dois irmãos juntos, mas, mesmo aos 4 anos, era sofisticada demais para efusão. Levei Janie e as crianças para a cozinha, onde estávamos trabalhando numa faixa de “Bem-Vindo ao Lar, Papai”, para pendurar em cima da porta da frente.

— Eba, hora da arte! — disse Janie, pegando um lápis de cera e olhando como se fosse um objeto de outro planeta. Ela espanou a purpurina de uma cadeira e se sentou. — Será que vocês conseguem adivinhar quem trouxe presentes?

— *Tia Janie!* — as crianças deram um gritinho.

— Vocês sabem quem os ama mais do que sua mãe e seu pai juntos?

— *Tia Janie!* — elas gritaram.

— Adivinhem quem vai jantar no Per Se, na sexta-feira à noite, com um cara com quem ela já saiu três vezes e desconfia que ele use peruca?

— *Tia Janie!* — disseram Sam e Jack. Sophie torceu o nariz. — O que é uma *peruga*?

— Reze para que você nunca tenha que descobrir. — Janie deu uma batidinha no nariz de Sophie com o lápis de cera e tirou três caixas de presentes de sua bolsa de grife.

Os meninos ganharam carros de corrida com controle remoto, que logo puseram para correr no chão da cozinha. Sophie ganhou outra roupa feita sob medida para sua boneca Uglydoll. A Uglydoll era um retângulo de pelo azul, dentuça, olhos amarelos e orelhinhas pequenas e protuberantes. Janie dera a boneca a Sophie quando ela nasceu. Eu fiquei olhando, admirada, enquanto Sophie desembrulhava o chapéu de caubói em miniatura, um laço, bandana, botinhas de caubói e um calção de couro de vaqueiro. — Capítulo duzentos e trinta e sete — Janie disse, arrastando a voz, fazendo o sotaque sulista que ela atribuíra ao brinquedo, anos atrás. — No qual eu monto num touro mecânico para a glória.

Sophie deu uma risadinha de deleite e subiu a escada correndo para vestir a boneca com a roupa nova.

— Tem alguma coisa para beber aqui? — perguntou Janie, remexendo no freezer, em meio às ervilhas e pedaços de frango congelados, até encontrar a garrafa de vodca que ela havia deixado

em sua última visita. Na geladeira tinha uma caixa vazia de suco de laranja — uma caixa que eu jurava estar pela metade até aquela manhã. Eu esperei até que Janie estivesse de costas, fiz um drinque com sua vodca e Pedialyte e a levei para a sala.

— Então, vamos rever — disse Janie. Ela afundou no sofá. (A decoradora que Ben tinha contratado acabou tendo uma visão bem diferente da minha em relação ao significado da palavra *estofado*. Eu havia pensado em algo confortável, em tecido nodoso e lavável. Acabei ficando com um sofá de quase três metros, com almofadas de tom cinza-amarronzado, tão largas e fundas que você quase precisava nadar para sair delas.) Janie deu uma golada no drinque e se retraiu, mas, por sorte, não me perguntou o que tinha dentro. — Você me abandona em Manhattan para ficar neste fim de mundo.

— Ah, dê algum crédito — eu disse, alisando os pingentes de uma almofada. — É um fim de mundo com escolas excelentes.

— As mulheres daqui são um bando de idiotas que não conseguem parar de reproduzir e de falar sobre isso — Janie continuou, dando uma estremecida —, como se o mundo inteiro quisesse ouvir falar de seus mamilos doloridos.

Eu sabia por que minha amiga estava tão apavorada. Em sua primeira visita a Upchurch, Janie tinha sido encurralada na feira de artes da creche por Marybeth Coe, que lhe descrevera em detalhes como estava criando seu filho recém-nascido, sem fraldas, “entrando em contato com seus ritmos naturais”

e o colocando em cima do que antes era uma saladeira quando sentia que ele estava pronto. Janie se proclamou marcada pelo resto da vida por essa experiência. Ela me disse que levou semanas até voltar a comer salada.

— Você está a pelo menos trinta quilômetros da Saks mais próxima, sem mencionar uma boa delicatessen — ela continuou. — Ah, isso me lembra... — ela remexeu na bolsa e me jogou um *knish* embrulhado para presente. Eu abri e dei uma imensa mordida, em

total deleite, enquanto a ladainha continuava.

— Você me abandona por este lugarzinho bucólico de merda, este suposto porto seguro, mas, de repente, está tropeçando em cadáveres.

— Eu não tropecei nela. Eu a encontrei.

— Grande diferença — disse Janie, com os lábios brilhosos apertados de descontentamento.

Eu balancei os ombros. Era tão bom ter Janie por perto que encontrar um cadáver quase nem parecia um preço tão alto a pagar.

— Você pode ficar?

— Bem, eu acho que devo — Janie proclamou, dando outro gole em seu drinque. — Acho que vocês não estão seguros aqui sozinhos.

— E você vai nos defender?

Ela enfiou de novo a mão na bolsa. — Spray de pimenta — disse ela, me mostrando a lata. — Chapinha para alisar o cabelo. Batom de longa duração. BlackBerry. Se o assassino aparecer, basta eu copiá-lo em todos os meus memorandos e matá-lo de tédio.

— Parece um bom plano.

Janie e eu havíamos nos conhecido nove anos antes, quando as duas estavam fazendo entrevista para a vaga de verificadora de fatos na *New York Review*, proeminente revista literária nacional (pelo menos era o que o cabeçalho dizia).

— Aqui — sussurrou a mulher com cara de rato que estava supervisionando o teste. Havia duas mesas na salinha abafada. A mais próxima da porta estava ocupada por uma garota esguia, com um terninho preto chique, que não devia ter vindo da liquidação da Century 21, como o meu. Ela estava debruçada sobre as folhas, então só dava para ver a ponta de seu nariz e seus belos cabelos com mechas.

A mulher me entregou cinco folhas presas num clipe, dois lápis azuis, um dicionário comum e um de sinônimos. Use a marcação padrão para a correção, por favor — ela sussurrou. — Você tem trinta minutos.

Eu sentei atrás da mesa, numa poltrona forrada com tecido cinza manchado, guardei na bolsa o romance que estava lendo no metrô e tentei não ficar decepcionada. Tinha me formado em inglês na Universidade de Columbia, e depois, como isso não bastava para me sentir inútil para o mercado de trabalho, havia escolhido um mestrado em literatura americana em busca de um Ph.D. Desde que deixei Columbia, eu já havia tentado trabalhar em escritórios de advocacia, vivendo na casa dos meus pais, mandando currículos para qualquer revista que eu achasse que poderia me contratar, sonhando escrever meu próprio livro, sem de fato escrever nada. Nas noites de sexta-feira eu ia até a biblioteca e pegava uma dúzia de lançamentos de romances, para durar a semana toda. Nas noites de domingo, meu pai, Reina e eu, se ela estivesse em casa, pedíamos comida chinesa. Eu saía com algum cara de vez em quando — um professor particular de vestibular que eu conhecera na videolocadora, um candidato a MBA cuja mãe tocava fagote com meu pai. Era uma existência tranquila, não infeliz, mas não especialmente empolgante. Às vezes, à noite, eu apagava meu abajur e ficava deitada, imóvel, em minha cama, no escuro, ouvindo o som dos ônibus e táxis na rua, o som das vozes chamando e rindo, e eu pensava: *estou esperando que minha vida de verdade comece.*

Passei as mãos na saia e olhei em volta do escritório da *Review*. Eu tinha esperado algo mais marcante da revista que havia publicado algumas das matérias de ficção mais importantes da minha vida: um santuário aconchegante e pouco iluminado, com mesas de mogno e nichos secretos, cantos escondidos e poltronas gastas, em que *gênios sentavam, com seus pensamentos profundos e seus copos de uísque*. Em vez disso, encontrei uma carrocinha de sanduíches na porta da Forty-Four Street e, no sétimo andar, luzes fluorescentes e mesas baratas, de madeira clara, que davam ao local todo o romance e mistério de um consultório de podologia.

O teste acabou sendo um ensaio sobre geografia e clima de um

lugar chamado Pago Pago. Será que isso era um lugar de verdade? Será que essa história era algo que a *Review* publicaria? Ou havia publicado?

A garota do cabelo bacana empurrou a cadeira para trás, afastando-se da mesa. — Em *A Bela e a Fera* — perguntou ela —, a Bela chegou a dormir com a Fera?

Fiquei confusa. — Seu teste é sobre isso? *A Bela e a Fera*?

— Não. Pago Pago. Eu só estava imaginando. Você sabe?

Eu pousei o lápis. — O conto de fadas ou a série de TV?

— A série. — Ela era miúda, eu vi, com olhos castanhos e um narizinho no qual reconheci o trabalho do Dr. Kornbluth, cirurgião plástico do Upper East Side que tinha feito plásticas de nariz em pelo menos meia dúzia de membros da minha turma de formatura do ensino médio. O nariz estava posicionado num rosto vivaz e inteligente, com um sorriso que prometia aprontar.

— Desculpe, eu nunca vi.

— Ah, tudo bem — ela suspirou. Ela tirou as sapatilhas de couro de crocodilo e estalou todos os dedos dos pés. Eu lhe dei uma olhada que torci para transmitir cordialidade e *por favor, fique quieta e me deixe me concentrar*. Ainda não acreditava que tinha conseguido essa entrevista e não me permitiria distrações. Alguns minutos se passaram. — Em Pago Pago — eu li —, a temperatura média é de 22°C. — *Média ou mediana*? Fiquei imaginando, pegando meu dicionário. *E isso era diferente de habitual*?

— Se você tivesse um bar gay — disse a outra garota, em voz alta —, que nome daria?

— Eu. É... Precisaria pensar um pouco.

Ela enroscou um cacho com mecha cor de mel em seu lápis azul. — Eu chamaria o meu de Os Pickles Reluzentes — disse ela.

— Boa.

— Ou o Bigode Envergado. — Esse também seria bom. Ou...

— Tudo bem! — eu disse, amável. — Bem, olhe, isso é muito

interessante, mas eu realmente preciso me concentrar.

— Por quê?

Eu pousei meu lápis e respirei fundo. Talvez isso fosse parte do teste. Talvez houvesse câmeras escondidas no teto. Talvez essa doida tivesse sido plantada e em algum lugar, no fim do corredor, os editores da *Review* estivessem observando para ver minha reação. Se eu conduzisse a situação com dignidade e firmeza, seria levada por uma passagem secreta até o escritório verdadeiro, onde John Updike e Philip Roth me ofereceriam uísque e me dariam os parabéns, além de duas passagens para Pago Pago.

— Porque eu quero muito esse emprego — eu disse, falando devagar, com distinção, caso o teto estivesse ouvindo.

— É mesmo? — perguntou ela, como se o conceito de querer um emprego fosse uma novidade para ela.

— Sim. Você não quer trabalhar aqui?

— Acho que sim — ela suspirou, enroscando mais cabelo no lápis.

— Meu pai acha que eu devo encontrar algo. Ele diz que é uma desgraça que meu único trabalho tenha sido esse nariz novo — disse ela, tocando o nariz. — Mas, em meu ponto de vista, qualquer emprego que eu consiga é apenas um emprego que foi tirado de alguém que precisa de verdade. — Ela sorriu para mim, radiante. — Como você!

— Sim. Certo. Bem... — Eu me debrucei outra vez sobre os meus papéis. *Fábricas de enlatados de atum são a principal fonte de emprego de Pago Pago.*

— Ele é o Rei do Carpete — disse a garota.

Ergui os olhos com os punhos fechados.

— Meu pai — disse ela, estalando de novo os dedos dos pés. — Sy Segal. O Rei do Carpete.

Minhas mãos se abriram quando eu assimilei o nome. — Ele não é o dono da revista?

— Acho que sim — disse ela. Ela enfiou as mãos nas sapatilhas e

ficou fazendo uma dancinha com elas em cima da mesa. — Ou talvez seja dono da empresa que é dona dessa revista. É difícil acompanhar o que acontece.

— Então, não bastaria ele dizer a eles para lhe darem um emprego?

— E para você também! — ela sorriu, tirou as mãos dos sapatos e empurrou a cadeira de rodinhas até minha mesa, para que nós pudéssemos apertar as mãos. — Sou Janie Segal.

— Kate Klein — eu disse. — E eu preciso voltar ao trabalho.

— Ah, certo. É claro. Vá em frente.

Silêncio. Peguei mais uma vez o meu lápis. *A Enseada de Tutuila é cercada por montanhas impactantes, cravadas diretamente no mar.*

— Mas, primeiro, posso lhe fazer uma pergunta? — Janie recomeçou. — Por que você quer trabalhar aqui?

— Por favor! Você está brincando! É... — eu disse o nome ofegante, com a reverência incutida pelos nove anos em Columbia e o mesmo período de tempo matutando em cima de sua Edição de Ficção Jovem, com ondas alternadas de inveja e admiração. — É a *Review*!

— É... — disse Janie. — Eu prefiro ler a *People*. Na verdade, eu iria preferir trabalhar na *People*.

— Ela fixou seus olhos castanhos em mim. — Você acha que eles estão contratando?

— É...

— Espere! — Ela apontou o dedo no ar. — Tive uma ideia! — Ela atravessou a sala até minha mesa e pegou o telefone, exibindo unhas feitas e compridas. — Sim, na cidade de Nova York, escritório editorial da revista *People*. — Enquanto esperava, ela pegou um bloco de anotações. — Escreva seu telefone — ela sussurrou. — Editor-chefe, por favor — ela disse ao telefone, depois esperou. — Secretária eletrônica — ela sussurrou para mim.

— Sabe, eu acho que nós não devemos mesmo...

Ela me silenciou, erguendo uma das mãos. — Sim, alô. Estou

ligando do escritório da *New York Review*. Estive trabalhando com duas ótimas pesquisadoras que, lamentavelmente, não poderemos contratar. Ambas são especialistas em cultura popular e celebridades modernas, e, como vocês sabem, nós, na *Review*, nos orgulhamos de jamais escrever sobre qualquer celebridade que não seja um político ou um transcendentalista morto.

— Ai, meu Deus — gemi, segurando Pago Pago junto ao peito.

— Seus nomes são Jane Segal e Kate Klein, e seus telefones residenciais são... — Ela recitou nossos números. — Agradeço, desde já, sua ajuda — disse ela, e desligou o telefone. — Pronto! — disse ela, satisfeita consigo mesma. Pegou a bolsa e o casaco.

— Você não vai terminar? — perguntei, apontando para Pago Pago. Uma frase aleatória saltou da folha. *Até 1980, era possível apreciar a vista do cume, pegando um teleférico acima da enseada urbana*. Teleférico era uma palavra ou duas? Eu não sabia. Eu nem sabia se me importava.

Janie me lançou um olhar de pena que englobava a tinta desbotada das paredes, o carpete marrom-claro infame, o filtro de água gelada no canto, gorgolejando como um velho com indigestão. — Acho que eu prefiro morrer a trabalhar aqui.

— Mas... — eu disparei. — Norman Mailer! Tom Wolfe! Saul Bellow! Jerzy Kosinski!

Havia uma cópia emoldurada das duas primeiras folhas de *A Letra Escarlate*, na parede, o único toque literário na sala. Janie estava nas pontas dos pés e usou seu reflexo no vidro para retocar o brilho labial. — Da última vez que ouvi, todos eles estavam casados.

— Na verdade, Jerzy Kosinski está morto.

— Está vendo? Isso é até pior. — Ela alisou o cabelo e pegou meu casaco e minha bolsa. — Venha, gafanhoto, vamos botar para quebrar.

Ela estendeu a mão até a maçaneta. Eu recostei, desafiadora, peguei meu lápis azul e circulei a palavra *teleférico*. — Não — eu disse. — Não, obrigada. Vá você. Eu vou terminar isso.

— Kate — disse ela. Sua voz tinha um tom de impaciência, mas seus olhos eram bondosos. — Olhe em volta. Cubículos horrendos, pretensão e nada de homens solteiros. Você tem certeza de que quer trabalhar aqui?

Eu pensei a respeito. Todos os meus professores tinham falado sobre a *Review* da forma como os crentes falam do céu, do jeito como os fãs de música country falam de Branson, da maneira como minha mãe descrevia o Met. Meu pai teria ficado animadíssimo se eu conseguisse o emprego. Mas será que eu queria trabalhar na verificação de fatos? Eu nem tinha certeza se havia considerado essa questão, e, quando fiz, a resposta me surpreendeu.

— Não. Na verdade, não. Não quero.

— Então venha!

— Não posso.

— Ah — ela disse. — Tudo bem. — Ela abotoou o casaco devagar e começou a cantarolar.

— Boa sorte — eu disse.

— Boa sorte para você também — respondeu ela, cantarolando mais alto. Então, começou a cantar — *When I was young... I never needed anyone. And making love was just for fun...* — Ela balançou a cabeça com tristeza. — *Those days are gone.*

— Perdão?

— *All by my-sellllf* — ela cantava. Nada suavemente. — *Don't wanna be... Alll by my-self.*

Não pude evitar. Comecei a rir. A voz dela era mais que terrível, e ela cantava alto, alto, alto. — Janie...

— *All! By! My! Self!* — ela cantava, no volume máximo. Alguém bateu devagarzinho na porta. Eu duvidava que fosse John Updike ou Philip Roth. — Com licença. Vocês poderiam manter o tom baixo aqui?

— *All by myself* — Janie cantava, pesarosa. Eu soltei o lápis, peguei meu casaco e saí pela porta, atrás dela.

Em minha sala de estar, anos depois de termos deixado, juntas, a *Review*, Janie me olhava com uma expressão familiar de malícia. — Então, onde está o Ben?

— Na Califórnia — eu disse. — Viagem de negócios. Volta amanhã. — Peguei seu copo e dei uma golada. Janie ergueu a sobancelha. Olhei para ela, provocadora, e bebi um pouco mais.

— Isso é nervoso pós-descoberta de assassinato ou outra coisa? — perguntou Janie.

— É... — eu limpei a garganta. — É... Evan McKenna.

A expressão de Janie ficou sombria. — Achei que nós tivéssemos jurado, tocando o mindinho, que nunca mais falaríamos o nome dele.

— Nós juramos, e, para mim, embora seja doloroso quebrar um juramento de mindinho, o negócio é que... — Eu segurei minha almofadinha junto ao peito e contei tudo para ela, que havia encontrado o nome de Evan na cozinha de Kitty e que a polícia tinha achado o número dele no identificador de chamadas de Kitty.

Janie ficou tão empolgada que saiu do sofá num solavanco e começou a pular com suas botas vermelhas. — Ah, meu Deus! E se ele for o assassino?! Então, ele vai pegar pena de morte! — Ela arrancou o celular da bolsa. — Será que este estado ridículo tem pena de morte?

— Não tenho certeza. Mas, Janie...

Ela me mandou ficar quieta e começou a discar. — Sy conhece alguém no gabinete do governador.

— Ela parou de discar e olhou pela minha janela. — Na verdade, eu acho que é o governador. Talvez a gente possa apertar o botão ou dar a injeção letal nele!

— Janie! — arranquei o telefone dela. — Ouça! Eu não acho que o Evan a tenha matado.

— Ah. — Ela franziu o rosto. — Então, quem foi? — Ela se sentou de volta no sofá. — Talvez tenha sido aquela tal de Marybeth. — Ela assentiu, parecendo satisfeita consigo mesma. — Uma mulher que cria uma criança sem fraldas é capaz de qualquer coisa.

Sam e Jack entraram correndo na sala, com Sophie choramingando atrás. Eu vi que os meninos amarraram a Uglydoll com o laço de seu traje caubói em cima de um dos carrinhos. — Capítulo duzentos e trinta e oito — disse Janie —, no qual eu sou raptada por bandidos em miniatura.

Soltei a Uglydoll, consolei Sophie, mandei os garotos para o cantinho do castigo e dei uma olhada no relógio. De qualquer maneira, eram cinco e meia da tarde e eu tinha me esquecido do jantar.

— Tem mais. Kitty era ghost-writer de Laura Lynn Baird.

Os olhos de Janie se arregalaram. — Você está brincando comigo!

Balancei a cabeça. — Saiu na internet hoje de manhã.

— Mas ainda não saiu nas revistas, certo? — Ela procurou outra vez o celular. — Eu não deveria estar surpresa — disse ela. — Está todo mundo dizendo que de jeito algum a Laura Lynn poderia estar fazendo tudo o que tem feito a menos que tivesse um clone de si mesma. Cada vez que eu ligo a TV, lá está ela, tagarelando sobre alguma ação positiva ou algo assim. Eu sempre imaginei que ela andava terceirizando suas colunas a alguém de vinte e poucos anos, em algum grupo de pesquisa, em Madras, não a uma mãe do subúrbio. — Ela recuperou o fôlego.

— Porque nenhuma mãe do subúrbio chique consegue ligar duas frases — eu disse, de um jeito seco.

— Com exceção da minha companhia atual — disse Janie. — Deus, essa é uma história fabulosa.

Fabulosa. — Ela enrugou o nariz empinado quando a secretária eletrônica de seu editor atendeu. — Segal. Me liga. — Janie se levantou, já flexionando os dedos para o teclado. — Onde fica seu computador?

— Janie, me escute. — Eu a puxei de volta ao sofá. — Você acha que pode me conseguir uma entrevista com Laura Lynn Baird?

— Hã? — ela ficou me olhando boquiaberta. — Por quê?

— Porque... — eu respirei fundo e tentei pensar no que dizer a ela para conseguir o que queria. — Porque, se o Evan estiver envolvido nisso, de alguma forma...

— Ah, não — Janie ergueu a mão e balançou a cabeça. — Ai, mas que droga, não. Você já desperdiçou o suficiente de sua vida com aquele bostinha em forma de homem. Se, no fim das contas, tiver sido ele, eu é que vou tocar a parada. E eu estou promovendo você a marechal. — Ela parou pensativa. — O marechal é quem tem o melhor chapéu.

Eu tentei de novo. — Talvez Laura Lynn saiba de algo que não tenha contado à polícia. E Kitty era minha amiga.

Ela me olhou fulminante. — Você me disse que não tinha nenhuma amiga aqui. — Ela fungou. — Você disse que eu era sua única amiga!

Segunda bola fora.

— É minha comunidade — eu afinal disse. — Meu bairro. É onde meus filhos moram.

Janie colocou a mão no meu ombro. — Quando os invasores tomaram seu corpo — perguntou ela —, doeu?

— Está bem, sabe por quê? Porque tem um assassino solto por aí, algo que, até você tem que admitir, é meio assustador, e sabe o que mais? Eu estou entediada. — Eu olhei para ela, provocando, sabendo que tinha acabado de dizer a palavra mais obscena do mundo no dicionário de Upchurch. No que dizia respeito às minhas colegas mães, dizer que você estava entediada era admitir que estava a dois passos de afogar seus bebês na banheira, algo tão pecaminoso e proibido que você jamais poderia confessar. Entretanto, ali estava eu, confessando. — Estou entediada, e esse assassinato, apesar de horripilante, é a coisa mais interessante que aconteceu por aqui desde que os Langdons, da casa ao lado, começaram a obra para a casa de hóspedes e furaram a fossa. É interessante e eu quero saber mais.

Janie se recostou, parecendo enfim satisfeita. — Essa é a minha

garota — disse ela.



CAPÍTULO 7

ERA UMA VEZ UMA MULHER que morava na cidade de Nova York, que depois se mudou para Connecticut, com seu bebê e seu marido — uma mulher que não era muito diferente de mim ou Kitty Cavanaugh. Só que Laura Lynn Baird era famosa e não precisava lidar com o tédio. Quando seu filho nasceu, ela continuou trabalhando (embora, paradoxalmente, muito desse trabalho parecesse consistir em voar pelo país, ou aparecer na televisão, para dizer a outras mulheres que elas eram mães ruins se tivessem empregos que as tirassem de casa).

Estacionei minha minivan diante do número 734 da Old Orchard Lane, em Darien, Connecticut, verifiquei meu batom no retrovisor e preendi a franja atrás das orelhas. Janie tinha feito sua mágica, colocando Laura Lynn Baird para falar comigo ao telefone. — O-olá — eu gaguejei. Fazia anos que não entrevistava ninguém, exceto uma candidata a babá. Eu falaria o básico: estava trabalhando numa homenagem à minha vizinha e colega falecida, e agradeceria muito se Laura Lynn, tão ocupada como devia ser, pudesse ceder...

Laura me cortou. — Dez horas, amanhã de manhã. Posso lhe dar vinte minutos. — Clique.

O relógio do painel do carro marcava 9h54. Tirei uma porção de papéis da bolsa. Eu tinha imprimido cada uma das matérias da coluna “A Boa Mãe” e marcado as passagens importantes na noite anterior, depois de colocar as crianças na cama. “A Grande Mentira do Feminismo é uma Hydra de duas cabeças, uma serpente que sussurra nos ouvidos da mulher moderna que sua própria felicidade é primordial, que é possível ter tudo, e que tudo pode ser conseguido

sem que seus filhos sofram, ou sequer percebam”, escreveu Laura Lynn Baird/Kitty Cavanaugh. “A verdade, como qualquer mulher honesta consigo mesma sabe, é que as crianças devem ser criadas por suas mães.

Nesse caso, e por um número limitado de anos, a biologia é de fato o destino. É uma vergonha a mulher que troca seu papel de doadora de abraços de boa-noite, beijos consoladores e cantigas de ninar por prazeres transitórios, a credibilidade das festas e coquetéis, da melhor sala no escritório e do título elegante. E pobre da provedora da creche da classe trabalhadora que não percebe que o verdadeiro vilão de sua vida não é o porco sexista estereótipo, mas a mulher que usa roupas de fibras recicladas, come legumes orgânicos e se diz sua irmã enquanto lucra em cima de seu trabalho árduo sem registro, ganho por baixo dos panos.

Papo barra-pesada. Era difícil imaginar Kitty, com seu sorriso agradável e conversa inofensiva, escrevendo isso. Coloquei as folhas de volta na bolsa, liguei para casa, querendo ter certeza de que nada estava pegando fogo nem quebrando, e saí do carro, subindo pela calçada da casa de Laura Lynn, que tinha a entrada de veículo em forma de lua crescente. Cheguei à varanda com pilastras e bati na porta verde. Às dez em ponto uma mão ossuda e bronzeada saiu da fresta de um palmo e me puxou pela manga.

— Você é Kate Klein? — Laura Lynn Baird estrilou.

— Sim.

Laura Lynn parecera esguia, mas imponente, todas as vezes que eu a vira na televisão, toda feliz malhando algum congressista democrata ou advogada feminista. Pessoalmente, ela era miúda, de peito chato e andrógeno, como uma aluna faminta de quinta série, trajando um conjunto rosa Chanel, com viés bege na bainha da saia e nos bolsos do blazer. Ela estava de sapatilhas bege, colar de pérolas cor-de-rosa e brincos de ouro e pérolas. Seus cachos louros obrigatórios, tingidos de cor de palha, tinham sido escovados e borrifados com laquê até que

sua cabeça inteira parecesse ter sido colocada numa chapa.

— Venha — instruiu ela, segurando meu braço com mais força, me arrastando para dentro de uma nuvem de laquê e um hálito de café azedo, e me conduzindo até a sala de estar, um espaço de pé-direito alto com poucos móveis de couro e metal, tão radicais quanto ela. — Sente-se. — Ela apontou, e eu me sentei na beirada de um sofá de dois lugares, de camurça branca. Havia um trio de telas penduradas na parede compondo a TV, como se fossem quadros. Eram flanqueados por estantes de livros que iam do chão ao teto, cheias de volumes encadernados. Todos os conservadores linha-dura estavam ali: Ann Coulter e Peggy Noonan, Bill O'Reilly e Sean Hannity, os Michaels (Medved e Savage) e suas xarás Lauras (Ingraham e Schlessinger).

Olhei os títulos, piscando para os post-its colados nas lombadas de cada um deles, todos mostrando dois números e as palavras “Que posição” e “Por quanto tempo”.

— A lista de best-sellers do *The New York Times* — disse Laura. — Eu gosto de acompanhar.

Olhei em volta, à procura da parafernália de bebê — as cadeirinhas, o *Exersaucer*, um estofado de móvel manchado de golfadas —, mas não encontrei nada. No entanto, vi uma foto emoldurada de seu pai, o barão “Bo” Baird, posando na frente de uma bandeira americana. Bo Baird, com cabelo grisalho escuro e olhar de aço, havia sido proprietário de vinte e oito jornais nação afora no auge de seu poder, cada um deles mais de direita que o outro. Ele havia jantado com presidentes e aconselhado senadores antes de cair morto, aos 78 anos, na cama que estava dividindo com uma mulher que, lamentavelmente, não era sua esposa. Eu estava na escola quando aconteceu, mas me lembrava dos apresentadores de programas noturnos como pintos no lixo. Os boatos — nunca confirmados, mas bem persistentes — eram de que Bo não só havia morrido em cima de outra mulher, como estava usando os saltos altos dela quando aconteceu.

— Tenho vinte minutos — disse Laura Lynn, fazendo questão de olhar o relógio de ouro em seu pulso magrinho. — E, antes de começarmos, eu quero deixar uma coisa clara: Kitty Cavanaugh não era minha ghost-writer. Nós trabalhávamos juntas. Esses blogueiros malditos já estão divulgando errado, grande surpresa, e o *Times* também divulgou errado esta manhã, e meu advogado está fazendo um requerimento de cessação e impedimento... — Ela parou para respirar e pegou uma lata de Diet Coke de um balde de gelo com monograma LLB, no vidro da mesa de centro cromada. — Você viu o óbito? — ela disparou.

— Eu... É... — remexi no fundo da minha grande bolsa, encontrando lápis de cera quebrados, guardanapos sujos de suco, e tirei um caderno com uma capa cintilante com a Hello Kitty. Era da Sophie, a única coisa que eu tinha conseguido encontrar em cima da hora.

— O o-bi-tu-á-ri-o — disse ela, pronunciando cada sílaba, como se falasse com alguém que tinha acabado de sair de uma lobotomia. “No assim chamado jornal de referência.” Ela arrancou as páginas ofensivas da mesa de centro e as jogou para mim. “Mãe de Connecticut e escritora, assassinada”, dizia a manchete em duas colunas, da página B-6. “Katherine Cavanaugh, uma mulher de Connecticut, que trabalhava no departamento editorial da revista *Content*, escrevendo a coluna “A Boa Mãe”, sob a assinatura da crítica social conservadora Laura Lynn Baird, foi encontrada morta em sua cozinha na tarde de sexta-feira. A Sra. Cavanaugh, de 36 anos”, foi tudo o que consegui ler antes que Laura Lynn arrancasse o jornal da minha mão.

— Não leia — disse ela, com o maxilar contraído e os olhinhos cintilando. — É tudo mentira, mentira e conversa fiada, o típico lixo liberal. Meu advogado já falou com o ombudsman deles. Ah, perdão — continuou, com sua voz rouca carregada de sarcasmo —, a pessoa-ombuds. Hoje em dia é preciso ser neutro em relação ao sexo, certo?

Certo? — Ela jogou a cabeça para trás, mostrando um pescoço esquelético e enrugado, e fez um ruído que deve ter sido o som de seu riso quando ela estava na TV.

— Por quanto tempo a Kitty é... trabalhou com você?

— Cinco, seis anos, algo assim — disse ela.

Eu escrevi. — Como a conheceu?

— Nós fomos apresentadas. Joel Asch, seu editor-chefe na *Content*, havia sido seu professor em Hanfield. Ele falou muito bem dela, eu a entrevistei, ela pareceu inteligente e capaz o suficiente, e foi isso. Pronto. — Ela dava umas batidinhas com o pé no piso de madeira. — O que mais? O que mais?

Disparei a primeira coisa que pude pensar. — Onde está seu filho? Tirando um cochilo?

— Ele está no parque com minha mãe. Ela cuida dele quando estou trabalhando — Laura Lynn ergueu o queixo e estreitou os olhos para mim, me desafiando a chamá-la de hipócrita.

— Ah.

— E quando eu viajo. Eu costumava levá-lo comigo. Ele era mais fácil de carregar quando era pequenino, mas agora ficou demais. No ano passado eu viajei uma noite a cada três. E é por isso que a Kitty era tão perfeita — disse Laura Lynn. — Eu supria a política, a ideologia, a interpretação. Ela provia os detalhes. Você sabe. Toda aquela bagunça do conteúdo doméstico. Fraldas sujas e babá. — Ela passou a mão de unhas feitas pelo cabelo. Eu imaginei poder ouvir o ar zunindo com o movimento.

— Então... — eu queria perguntar *quem escrevia*, mas sabia que não podia. Então, eu disse: — Como vocês dividiam o trabalho? — Pronto, eu pensei. *Bem melhor*.

Laura Lynn balançou a cabeça, frustrada. Nem um único fio de cabelo se mexeu. — Nós falávamos ao telefone ou por e-mail. Eu lhe dava as ideias, nós conversávamos, depois ela me mandava o produto final. Se você parar para pensar, eu estava prestando um verdadeiro

serviço a ela — disse Laura Lynn.

Diante dessa, eu não pude evitar erguer as sobrancelhas e tentei disfarçar minha aversão como profundo interesse. — Ah, é?

— Acredito em igualdade conquistada — disse ela. Reconheci a frase de efeito de suas participações na TV. — E, ao contrário das chamadas feministas — ela fez aspas com os dedos magros e retorceu o lábio com desdém —, eu, na verdade, apoio as mulheres.

— Ah, é?

— Com toda a certeza — disse ela, assentindo com vigor. — Sabe, uma mulher como a Kitty, mãe de dois filhos... — ela tamborilou os dedos no joelho, parecendo desconcertada, até aborrecida, pela primeira vez, em nossa conversa. — Ela tinha dois filhos, certo?

Eu assenti.

— Dois filhos, no subúrbio, que outro trabalho ela poderia fazer? Ela não podia ir a um escritório, não podia voltar a estudar. Eu dei a ela o luxo de ficar em casa com seus filhos, e uma chance de ter uma voz no mundo! — ela concluiu, triunfante.

Ter uma voz no mundo, eu rabisquei, mantendo os olhos fixos em minha página, sabendo que, se eu arriscasse olhar para Laura Lynn, meu rosto iria me entregar. — Então, ela trabalhava de casa?

Laura Lynn assentiu, suspirou alto e olhou o relógio mais uma vez. — Isso mesmo. Depois daquela primeira vez em que nos encontramos em Nova York, era simplesmente mais fácil para nós trabalhar por telefone ou e-mail.

— Isso estava bom para o seu editor? Como... — eu olhei meu caderno. — Joel Asch?

— Qualquer coisa estava boa para ele. Ele amaaaava Kitty. Talvez até estivesse transando com ela, não sei — ela acrescentou, com uma repentina crueldade na voz. *Já era a camaradagem*, eu consegui evitar dizer.

— Ela concordava com seu ponto de vista? Sua abordagem sobre a maternidade?

Laura Lynn me olhou de cara feia. — Bem, claro que sim. Por que não concordaria?

Eu escrevi, sem responder. Nisso eu não ia tocar. Talvez fosse verdade. Uma mulher que dizia a alguém quase estranho que “Eu nunca deixo minhas filhas”, com os olhos e rosto radiantes, como se fosse uma paixão religiosa, ou insana, era provável que fosse comprar o que Laura Lynn estava vendendo.

— Olhe — Laura Lynn prosseguiu, inclinando-se para a frente e pousando a mão no meu joelho, para dar ênfase — Eu ficaria perfeitamente feliz com uma assinatura em dupla nos artigos. Juro por Deus. Mas os editores achavam... — ela deu uma pequena sacudida nos ombros — que meu nome era o atrativo e que compartilhar o crédito turvaria o negócio. E Kitty não se importava com isso. De verdade. Ainda mais depois que fechamos o negócio do livro.

— Negócio do livro?

Ela voltou a exalar com impaciência e abriu outra lata de refrigerante. — Nós vendemos nosso manuscrito há três semanas — disse Laura Lynn. — Em um leilão. Seis editoras estavam dando lances. — Ela segurou a lata de refrigerante como um microfone. — Uma coleção de ensaios sobre a natureza contestada da maternidade na América da era moderna. Conseguimos um adiantamento de sete dígitos.

— Já tinha o título? Eu gostaria de mencionar na missa em homenagem a ela.

Ela piscou, me olhando, enquanto eu me parabenizava pelo raciocínio veloz. — *A Boa Mãe*, é claro.

É claro.

— E nós duas assinaríamos a autoria! — concluiu Laura Lynn, como se apenas esse fato já a levasse à metade do caminho da santidade. — Não deixe de mencionar isso. Bem, você sabe. Eu diria “Por Laura Lynn Baird, com Kitty Cavanaugh”.

Assentindo, eu me lembrei de uma frase que tinha lido em

centenas de histórias de detetive: *siga o dinheiro*. Um número de sete dígitos significava que havia dinheiro de sobra para seguir. — Não quero parecer invasiva, mas se importaria em me dizer como pretendia dividir o adiantamento e os royalties?

— Bem... — Laura Lynn pousou sua lata de refrigerante e remexeu em suas pérolas. — Nós ainda não tínhamos concluído isso. — Ela me lançou um olhar de olhos arregalados. — Mas seria justo.

Pode ter certeza disso. Sabe, eu acredito no tratamento justo às mulheres, e no pagamento justo a elas.

Eu concordei e também escrevi isso, depois continuei assentindo enquanto Laura Lynn expunha suas visões sobre ser mãe (pró), feminismo (contra) e o impacto de uma mulher no mundo (significativo e favorável, desde que ela primeiro cuidasse dos filhos, causando, dessa forma, uma mudança em micro nível, porém de pequenas sementes florescem grandes carvalhos, e não haveria necessidade de controle de armas, nem reforma na campanha de finanças, ou regulamentação governamental na internet, se as mães do mundo apenas fizessem seu trabalho).

— Jane Segal disse que você encontrou o corpo — disse Laura Lynn. — O corpo estava... Ela estava... — Ela entortou a lata de refrigerante de um lado para o outro, depois levou as mãos ao colar.

— Ela sofreu? — ela por fim perguntou. Suas pérolas tilintavam entre seus dedos.

— Não sei — eu disse.

Ficamos em silêncio por uns dez segundos antes que Laura Lynn engolisse o restante do refrigerante e pousasse a lata. — Preciso ir — disse ela, limpando os lábios com as costas da mão. — Vou pegar um trem até Washington.

Reconheci a dica. — Kitty chegou a mencionar alguém chamado Evan McKenna? — O nome dele pareceu pairar no ar, como um móbile. Se olhasse para cima, eu o veria flutuando acima da minha cabeça.

— Não — disse Laura. — Por quê? Quem é ele?

— Ninguém — eu disse. — Não é ninguém. — Como sempre, o nome dele revirava meu coração.

Ninguém. Como eu gostaria que isso fosse verdade.

Ela se levantou. — Bem, ouça, eu lamento por sua perda. Kitty era uma de suas boas amigas?

Balancei a cabeça. — Eu não a conhecia tão bem. Só do playground, do supermercado ou de jogos de futebol.

Essa admissão pareceu relaxar Laura Lynn. — É uma pena. Ela era legal — disse. — Muito confiável. Muito atenta. — Ela parou, talvez percebendo que o que ela dissera era mais parecido com uma referência de um serviço de limpeza do que um tributo a uma colega falecida. — Sabe o que a Kitty era? Ela era uma boa mãe. Exatamente como dizia a coluna.

Cheguei em casa às onze e cinco, o que me dava quinze minutos para falar com Janie, quinze minutos para pesquisar e dez minutos para chegar à Red Wheel Barrow para pegar as crianças, às onze e quarenta e cinco.

Ao digitar “Laura Lynn Baird”, “Boa Mãe” e “acordo literário”, meu site predileto de busca mostrou uma dúzia de histórias. Laura Lynn tinha, de fato, feito um negócio que “estava folgadoamente na casa dos sete dígitos” por uma coletânea de ensaios sobre maternidade, já publicados na *Content*, além de “material adicional original”. Todos os artigos mostravam seu nome certinho, e alguns deles até ressuscitaram o escândalo da morte de seu pai, mas eu não consegui encontrar nenhuma menção a Kitty Cavanaugh, ou qualquer coautora, ghost-writer ou outra assistência, em lugar algum. Anotei o nome do agente e do editor, procurei seus telefones no Google e dei uma olhada no relógio: onze e vinte e oito. Meus dedos pairaram acima do telefone. *Dane-se*, eu pensei, e disquei.

Dafna Herzog, agente literária de Laura Lynn, tinha uma risada rouca que durou metade do meu discurso sobre ser vizinha de Kitty

Cavanaugh e que havia falado fazia pouco tempo com Laura Lynn Baird. — Ah, Deus — disse ela, e riu. — Minha nova cliente favorita.

— Não quero ser intrometida.

— Pode se intrometer à vontade — disse ela, ainda rindo. — Eu já recebi umas vinte ligações de repórteres esta manhã. A ghost-writer que morreu. Que história!

— Então, você sabia sobre Kitty?

— Digamos o seguinte: eu tive o palpite educado de que Laura tinha auxílio para aquelas matérias da *Content*. Ela era uma defensora e tanto... Você sabe? ... E claro que ela é ótima na TV, mas, quando se trata de colocar a caneta no papel, ou os dedos no teclado... — Ela riu de novo. — Ela consegue soar bem, mas não faz parágrafos ou capítulos, Deus me livre.

— Não tem talento? — arrisquei.

— Não tem tempo — disse Dafna. — Portanto, eu calculei que houvesse alguém, mas não sabia ao certo até que vi no *Times*.

— Laura nunca lhe contou que estava trabalhando com outra escritora?

— Acho que era uma suposição não dita da minha parte — disse Dafna. — O que significa que eu não perguntei e ela não disse.

— E, em termos de situação financeira... — eu parei, mas Dafna esperou mais tempo. Afinal, eu perguntei: — De quanto foi, em termos exatos, o adiantamento dela?

— Sete dígitos, com bônus — disse Dafna. — É o máximo que posso dizer.

Justo. — Laura Lynn me disse que ela e Kitty iam dividir o dinheiro.

— Isso — disse Dafna — teria sido entre Laura Lynn Baird e sua amiga. Nosso negócio foi apenas com a Laura.

Negócio apenas com a Laura, eu escrevi. — Sabe, eu acho que sua cliente mentiu para mim — arrisquei.

Dafna praticamente explodiu de rir. — Bem, *mazel tov*! Você

acabou de perder sua virgindade! — ela riu. — Ouça, Laura Lynn era... É... Uma escritora. Pelo menos ela adoraria ser. Escritores mentem.

Eles enrolam. Eles dissimulam. Para não diminuir muito, eles inventam coisas. E o que Laura Lynn iria lhe contar? Eu sou uma monstra gananciosa que ia ficar com tudo? Pobrezinha — ela disse —, agora ela está mesmo numa saia justa. Ela talvez precise providenciar um fundo para os estudos universitários dos filhos de ghost-writers. Posso lhe ajudar com mais alguma coisa?

Onze e trinta e dois. Eu decidi ir fundo. — Você acha que Laura Lynn Baird pode ter matado Kitty?

Eu me preparei para outra explosão de riso. Mas ela não veio. — Pelo dinheiro, você quer dizer?

— perguntou Dafna. — Se ela achasse que Kitty a processaria, ou poderia expô-la de alguma forma?

Acho que posso dizer que há pessoas que já mataram por muito menos dinheiro do que estamos falando. — Ela fez uma pausa. — Nossa, mas seria uma história e tanto, hein?

— História e tanto — repeti. — Então, agora, o que acontece com o livro?

— É difícil dizer. Agora que foi revelado que tecnicamente Laura não escreveu aqueles textos sozinha, sua amiga morta sem dúvida receberá o crédito como autora. Isso vai aumentar o interesse.

Por causa de... É... Dos acontecimentos recentes. De qualquer forma — ela concluiu —, ligue de volta se precisar de mais alguma coisa. — Clique.

Eram onze e trinta e quatro. O serviço de informações me deu o PABX da *Content*, e a recepcionista me passou para o escritório de Joel Asch. — Do que se trata? — ela perguntou, duvidosa, depois que eu me apresentei como Kate Klein, de Upchurch, Connecticut.

— Kitty Cavanaugh. Ela era minha amiga. — Eu parei, pensando, e decidi, ah, *por que não?* — Fui eu que encontrei o... que a encontrei. Seu

corpo.

— E, portanto... Do que se trata?

Boa pergunta. — Bem, eu sei que ela escrevia para a *Content* e que Joel Asch foi quem a contratou... — eu parei.

— Sim — disse a mulher do outro lado da linha. Sua voz ficou mais aguda. — Mas do que se trata?

O que você deseja?

— Só falar com ele — eu disse, sem graça. — Falar com ele sobre Kitty.

— Eu darei o recado.

— Obrigada — eu disse, dando meu nome e telefone. Onze e trinta e sete. Desliguei o telefone e disparei para a minivan. Se chegasse atrasada de novo, eu teria outro sermão e mais uma multa de dez dólares por criança da diretora, Sra. Dietl, que tinha cabelos grisalhos encaracolados e olhos azuis ternos, como uma vovó de caixa de biscoitos, mas o coração e a alma de um caixa eletrônico.

Suspeita, eu pensei, saindo da garagem feito uma bala e quase acertando a caixa de correio, imaginando o pescoço enrugado de Laura Lynn e seus dedos magros estrangulando a lata de Diet Coke. Eu tinha uma suspeita do tipo *juro por Deus*.

Saí da Liberty Lane, entrei na Main Street e passei voando por cima de um montinho polpudo cinza e vermelho vivo, que teria sido um esquilo. *Frankie and Johnny were lovers. Oh, Lordy, how they did love*, eu cantava. *They swore to be true to each other. Just as true as the stars above. He was her man, but he done her wrong.* Eu não tinha percebido que estava cantando alto, nem que minha boca devia estar escancarada, até que passei chispando por uma viatura da polícia, estacionada na esquina da Folly Farm Way, e notei o policial de rosto rosado me olhando. Ops. Fechei a boca e peguei o celular, que tinha começado a bipar de modo insistente. Uma chamada perdida. Eu não tinha ouvido tocar, mas isso não era surpresa. A recepção de celular em Upchurch era ruim, como já se sabia, porque as mães e os pais da

cidade tinham se recusado a permitir uma torre em qualquer lugar próximo ao pequeno paraíso rural. Eu digitei os números da caixa postal e senti a mão apertar o volante, um aperto mortal, quando ouvi meu nome. — Kate — disse uma voz que eu não ouvia fazia sete anos. Houve uma descarga estática, ruídos altos ao fundo... — É o Evan McKenna. Nós precisamos conversar.



CAPÍTULO 8

JANIE E EU NÃO CONSEGUIMOS SER contratadas pela revista *People*, porém, graças à persistência de Janie, às minhas boas notas e, eu desconfio, a manobras por baixo do pano de Sy Segal, arranjamos emprego como revisoras, pretensas repórteres, na *New York Night*, uma revista semanal, quase um tabloide, cujo pão com manteiga — ou gin com tônica — era o comportamento incomum, movido a drogas e álcool, de jovens celebridades. Não que tivéssemos a chance de conhecer essas jovens celebridades, se bem que, se Sy não tivesse sido tão insistente quanto a Janie se empregar, ela teria passado as noites nas festas com os jovens em vez de trabalhar com eles, de dia.

Nós nos sentávamos num par de mesas surradas, com queimaduras de pontas de cigarro em cima e ratoeiras embaixo. Nossa função era garantir que os repórteres escrevessem corretamente os nomes dos astros e transmitissem direito as histórias sobre suas dependências. — Charlie Sheen! — um repórter do fechamento gritava, e cabia a nós duas verificar nome e idade corretos do ator, seu local de nascimento, os títulos, colegas de produção e renda (internacional e doméstica) de seus três últimos filmes e/ou programas de televisão e, mais importante para os propósitos da *New York Night*, com quem ele andava saindo, que droga vinha tomando e onde iria se tratar.

Depois de alguns meses no emprego, cada uma de nós tinha estabelecido suas próprias fontes confiáveis. Janie tinha um relacionamento telefônico quase sexual com o zelador de uma clínica de reabilitação exclusiva, em Minnesota: ela o chamava de Loverboy, ligava para ele todo dia na hora do almoço, mandava presentes caros,

caixas de chocolate e prometia que eles passariam a eternidade juntos assim que o divórcio dela saísse.

Eu não tinha o talento de Janie como escritora, nem sua espontaneidade para convencer assessores de imprensa durões a abrir o jogo. Eu tinha Mary Elizabeth. Ela havia sido uma das mais abusadas — para não dizer inebriada — das minhas colegas de turma na Pimm. No terceiro ano, ela grudou um absorvente na minha cadeira na aula de geometria, e me deixou andar o resto do dia com o troço colado na bunda. No ano anterior, ela tinha me falado que Todd Avery, acadêmico, havia pedido meu telefone. Passei um mês sem me afastar mais de dois metros do telefone, esperando a ligação dele.

Dois meses antes da formatura, ela foi expulsa, com mais uma garota, por batizar as garrafas de água das meninas do time de basquete com vodca, e por atos inconfessáveis com um dos professores de educação física, no compartimento de produtos de limpeza. Mary Elizabeth acabou entrando na linha o suficiente para obter seu diploma do ensino médio, mas foi reprovada e deixou a Wesleyan. Foi convidada a se retirar de Penn e torrou todo o dinheiro do seu fundo estudantil antes dos 23 anos, quando fugiu para se casar com um dos dançarinos de clog da companhia Lord of the Dance. Aos 28, ela tinha caído em si e ingressado nos Alcoólicos Anônimos. Na semana em que eu entrei na *New York Night*, ela me ligou do nada para praticar o passo nove (fazer reparações diretas às pessoas a quem ela tinha prejudicado). Sentindo a possibilidade de assinar um artigo, eu a envergonhei para convencê-la a me ligar uma vez por semana e me confirmar detalhes de pessoas famosas que ela tivesse visto em spas e clínicas de reabilitação que frequentou.

Nossa chefe era uma mulher chamada Polly, que usava óculos de armação tão grossa que serviria de escudo para balas, e parecia morar no editorial. Ela estava lá quando nós chegávamos, de manhã.

Ela estava lá quando íamos embora, à noite. Nunca a vimos deixar o prédio, mas também nunca a vimos no banheiro. Janie e eu tivemos

longas discussões sobre isso com Sandra, uma crítica literária com cara de ameoba que tinha grande prazer em classificar como “ridículo” qualquer livro em que a garota ficasse com o cara. Sandra tinha um cabelo castanho que parecia picotado com cortador de unhas, um mestrado de uma prestigiada universidade e um manuscrito de quinhentas páginas — que, supostamente, não incluía um final feliz —, guardado numa caixa de sapatos, embaixo de sua cama, com trinta e seis cartas de agentes literários que o haviam recusado. Nós três enfim concordamos que, quanto menos pensássemos nos hábitos de evacuação de nossa chefe, melhor.

O chefe de Polly, editor-geral, era um homem chamado Mark Perrault, que só era notável porque uma vez por mês, quando os caras do layout o faziam perder um prazo mais uma vez, ele saía de seu escritório e tentava arremessar uma cadeira nas mesas dos fotógrafos. Infelizmente, Mark, embora não fosse uma pessoa que se pudesse chamar de pequena, tinha perto de 1,5 metro e pesava menos que a cadeira. Ele se atracava com a cadeira, segurava-a junto ao peito, o tempo todo esbravejando “Quanto tempo *mais* eu vou ter que *aturar* essa *porra dessa incompetência*”, pegava impulso com alguns passos, então, com um terrível “Arr!”, lançava a cadeira, que caía um palmo à sua frente, enquanto Janie e eu ficávamos junto à máquina de refrigerantes morrendo de rir.

— Sabe o que devemos fazer agora? — Janie perguntou, numa noite, enquanto tomávamos sundae de chocolate na Serendipity 3, quando ela insistiu em comemorar o divórcio mais recente de seu pai.

— O quê?

— Mudar!

Ergui as sobrancelhas. — Você já não tem seu canto? — Janie, como eu sabia muitíssimo bem, morava na própria suíte, no apartamento do pai, na Park Avenue, um palácio de dezoito cômodos, com elevador próprio, que já tinha sido fotografado para a *Metropolitan Home*.

— Ora, vamos — disse ela. — Não podemos morar com nossos pais para sempre!

— Eu acho que você vivendo com o seu pai é ligeiramente diferente de como eu vivo com o meu.

— Mesmo assim — disse Janie, pegando uma edição do *Village Voice* em sua bolsa que tinha custado a vida de vários filhotes de crocodilo. — Olhe, dois quartos em Murray Hill por mil e oitocentos por mês! Nós podemos pagar isso! — Ela circulou com um lápis de contorno labial, depois ficou olhando a folha, estreitando os olhos. — Onde fica Murray Hill? — Seus olhos se arregalaram de susto. — Não é no Brooklyn, é?

Eu me esforcei para encontrar um ponto de referência que ela pudesse entender. — É meio perto da Grand Central Station.

— Ótimo! Vamos ver! — Ela pegou o celular.

— Bem, primeiro nós temos que ver se ainda está disponível, depois precisamos marcar um horário...

Janie ergueu a mão pedindo silêncio. — Sim, alô, com quem estou falando? Achmed? Achmed, aqui é Janie Segal, dos Segals do carpete.

Eu balancei a cabeça, embora soubesse que resistir era tolice. Durante os meses em que nós trabalhamos na *Review*, eu tinha me tornado sua acompanhante em todos os eventos fabulosos que ela frequentava. Durante seis meses de funções de gala nos museus e casas de concerto de Nova York, e nos drinques subsequentes, em bares e boates pela cidade afora, ela nunca fez com que eu me sentisse como a gorda, desmazelada que ela mantinha ao lado para afastar os caras que viviam perguntando se ela queria uma cerveja, se queria dançar ou se poderia dar seu telefone. Nós nos divertíamos juntas, fosse comprando brincos de cinco dólares no mercado de pulgas da Sixth Avenue com a Twenty-fifth Street ou jantando uma vitela grelhada num evento beneficente no MoMA, depois cantando no caraoquê em Chinatown, ainda com nossos vestidos longos.

Janie terminou de falar com Achmed e desligou o telefone,

triunfante. — Podemos ver no sábado à tarde!

Eu lambi minha colher e a coloquei sobre o guardanapo. — Na verdade, eu tenho planos.

Ela pousou o telefone. — Você tem um encontro? — ela perguntou. — Posso ir?

Fiquei olhando para ela. — Se você pode ir? — eu repeti.

— Eu poderia fingir que sou sua conselheira de sobriedade!

— Janie...

Ela empurrou de lado o resto de seu sundae de nove dólares. — E, quando trouxerem a carta de vinhos, eu vou dizer algo do tipo “Não vamos precisar disso!” E vou falar que você nem deveria estar namorando, mas sua terapeuta deu uma permissão especial. Então...

— Janie! — Eu ergui as duas mãos. — Não, você não pode ir comigo e fingir que é minha conselheira de sobriedade. — Parei para respirar. — Na verdade, eu não tenho nenhum encontro com um cara.

— Ah. Então, o que você vai fazer no sábado?

— Eu vou... — Ai. Isso ia parecer patético em voz alta, mas fui em frente, mesmo assim. — Eu vou pedir comida chinesa, alugar um filme e ajudar meu pai com suas contas.

— Ah — disse Janie. — Bem, isso parece legal. — Eu vi sua expressão saudosa, e vi também que, se eu não agisse depressa para impedir, ela começaria a cantar *All by Myself*.

— Você quer vir?

Janie se inclinou para a frente. — Posso?

— Bem, claro.

— E, no domingo, nós vamos empacotar as coisas!

— Primeiro a gente precisa encontrar um lugar...

— Ah, certo, certo — disse ela, escrevendo as palavras “use sapatos confortáveis” na margem do *Voice*. Ela ficou batendo com o lápis labial na folha, pensou, depois escreveu “comprar sapatos confortáveis”.

— Eu vou emprestar uns tênis para você — eu disse. Na semana

seguinte, nós duas estávamos apaixonadas pelo imenso apartamento de dois quartos, em West Village... — Na Jane Street! — disse Janie. — Portanto, é porque tinha que ser! — Tinha um banheiro e um lavabo, lavadora de louça, uma cozinha grande o suficiente para caber duas pessoas em pé, vista para o leste e janelões que inundavam o local de luz.

Nós nos mudamos num sábado, numa manhã ensolarada de abril, o primeiro dia quente da primavera. Eu tinha arrumado as minhas caixas e etiquetado Cozinha, Banheiro, Quarto e Livros.

Janie tinha seguido meu exemplo, implorando por caixas gratuitas na loja de bebidas, e até arrumando e etiquetando ela mesma. Nas três pilhas de caixas na frente do prédio tinha sido escrito Cosméticos, Papel de Embrulho e Pulseiras. Não era perfeito, mas era um começo.

Arrastamos as caixas para dentro do elevador, ao longo do corredor e para dentro do nosso novo canto. Janie tinha trazido um CD com os maiores sucessos do Abba. Ela ligou meu som e colocou o Abba estrondando, para que o prédio todo pudesse desfrutar.

Eu tinha levado quase todas as minhas coisas para o meu quartinho em meia dúzia de viagens, então estava ajudando os carregadores a arrastar as caixas de Janie da calçada, enquanto ela, vestida com um macacão especialmente comprado para a ocasião, botas de trabalho e uma camiseta escrito “Você Quer”, se instalou na cozinha. Dali, ela podia ficar de olho nos caras que estavam desempacotando seu jogo de porcelana chinesa para dezoito pessoas, esperar o pessoal do colchão e supervisionar a instalação dos eletrodomésticos de inox que tinha encomendado, embora nós só estivéssemos alugando e Janie já tivesse confessado que só sabia cozinhar pipoca de micro-ondas e torrada com queijo emmental em cima.

Era uma tarde perfeita. O céu estava azul e o filete de vista do Rio Hudson que eu via entre os prédios estava cintilando. Parecia que todo mundo na cidade de Nova York, ou pelo menos no Village,

estava circulando pela rua, carregando balões, empurrando carrinhos de bebê, tomando sorvete de casquinha, e muitos pareciam se sentir instigados a comentar sobre nossas coisas.

— Dia de mudança! — uma dúzia deles disse. Ou “Olá, vizinhas!” “Não vai se machucar, hein”, enquanto eu me esforçava para levantar uma caixa que Janie tinha etiquetado com Outras Caixas e pensei comigo que dizer a alguém para não se machucar não chegava a ser uma oferta de ajuda. Até as cinco horas daquela tarde eu tinha jurado que a próxima pessoa a dizer algo imbecil ia ouvir.

Então, quando uma voz masculina e profunda disse “Você está se mudando para o 4B?” no meu ouvido, endireitei minhas costas doloridas e disse, sem me virar para olhar o dono da voz: — Não.

Na verdade, estou cometendo o crime do século. Mas não conte a ninguém, tá?

— Seu segredo está seguro comigo — prometeu a voz. — Conheço um cara na Eleventh Avenue que pode carregar esses troços para nós. Podemos dividir os lucros e fugir para A.C.

— A.C.? — perguntei.

— Atlantic City, benzinho — disse o homem.

Eu coloquei as mãos sobre os quadris e virei, sorrindo, mesmo sem querer, ao pensar em fugir para Nova Jersey. O homem sorrindo para mim era alto, com cachos escuros, olhos verdes vivos e um furinho no queixo. — Nunca vão encontrar a gente — ele prometeu. Senti meu rosto corar quando ele se ajoelhou e começou a olhar os CDs de um dos engradados que eu tinha desenterrado do meu quarto antigo. Ele pegou um da Billie Holiday, *Commodore Master Takes*, depois o *The Essential Ida Cox*. — São seus?

Assenti. Então, limpei a garganta. — Sim.

Ele me olhou mais de perto. — Você tem *Blues for Rampart Street*?

Assenti de novo. — Tenho tudo — eu disse, desejando ter encontrado tempo para ter vestido algo como Janie, em vez de uma camiseta velha, do Spoleto Festival, e meu pior jeans.

— Você gosta de blues.

— Gosto de cantoras — eu disse. — Todas aquelas canções antigas... — Minha voz foi sumindo enquanto ele rapidamente olhava os CDs e assoviava, gostando, antes de tirar um e me mostrar. Meu coração murchou quando vi o rosto da Debbie Gibson me olhando.

— *Electric Youth*? — ele perguntou.

— Eram os anos oitenta! — protestei.

Ele balançou a cabeça e pôs a caixa embaixo do braço.

— Vamos, eu vou ajudar você.

Peguei uma caixa de Janie, na qual estava escrito Caixa de Caixas, e o segui até o elevador. Ele tinha ombros fortes, braços musculosos e uma faixa de pele branca na nuca, como se tivesse acabado de cortar o cabelo.

Apertei o botão para o quarto andar. — Ei, nós somos vizinhos — ele disse. Seu sorriso aumentou.

Ele estava me olhando como se me conhecesse a vida inteira... Ou, eu pensei, sentindo meu rosto esquentar outra vez, como se já tivesse me visto nua e gostasse do que viu.

Ai, Deus. Ergui os olhos, estudando os números acesos com atenção, enquanto ele começava a assoviar *Wild Women Don't Get the Blues*. Eu me imaginei apertando o botão de emergência e, quando o elevador parasse, a luz diminuindo como que por mágica, e então meu vizinho ia me abraçando, deslizando os dedos em minha blusa. — Vem cá — ele iria dizer, com sua voz profunda, em um tom que não permitiria recusa, e eu cairia em seus braços, colaria o rosto em seu peito, inalando o cheiro doce de sua pele, enquanto ele deslizaria as mãos pelas minhas costas, dando beijinhos no meu pescoço, dizendo...

— Ei.

Pisquei, balancei a cabeça e vi a porta do elevador aberta, e o cara bonito me olhando. — É o nosso andar.

— Ah, é! Isso mesmo! Quatro-B, é o nosso! — Na porta do

apartamento, nós dois pegamos a maçaneta ao mesmo tempo. Eu quase caí para dentro do foyer e na cabeceira de ferro da cama de Janie.

— Então, qual é o seu nome? — ele perguntou.

— É Kate. — Eu engoli com força. Minha garganta parecia empoeirada e, por incrível que pareça, eu tinha esquecido o resto do meu nome.

— Kate — ele disse, e assentiu, como se tivesse gostado. — Eu sou Evan McKenna. Quatro-A.

— Prazer em conhecê-lo. — Pronto. Eu tinha conseguido dizer uma frase inteira, sem tagarelar, nem me envergonhar. Progresso! Coloquei a caixa no armário do corredor e enfiei as mãos nos bolsos.

Ele ergueu uma sobrancelha vendo a bagunça, as malas e caixas transbordando com jornal amassado e bolinhas de isopor pelo chão, os carregadores suando e xingando enquanto arrastavam a cabeceira pelo corredor até o quarto de Janie.

— Então, quantas de vocês estão se mudando para cá?

— Hã? Ah, é... Só duas. Eu e minha amiga, Janie. Janie Segal, dos carpetes Segal. — *Merda. Por que eu disse isso?*

— Janie Segal, dos carpetes Segal — ele repetiu.

Concordei. Concluí que a velocidade não era minha amiga.

A sobrancelha se ergueu ainda mais. — Ela teve algum revés?

— Ah, não, não — eu disse, negando com a cabeça com mais força do que pretendia. — Ela só gosta de se manter na realidade, sabe? Com o pessoal do Village. Bem, o pessoal de West Village, he, he.

Evan. Evan! Será que já existiu um nome mais bonito que esse? Ele ficou inspecionando os montes e as pilhas dos pertences de Janie. — Vocês precisam de mais ajuda?

— Ah, não, não, estamos bem, está tudo em cima... — Nessa hora houve um estrondo na cozinha, seguido por uns palavrões ainda mais ruidosos. Evan e eu corremos até lá, onde Janie estava de quatro.

— Droga! — disse ela, pegando os pedaços de uma sopeira — Já

era o jogo de jantar para dezoito.

— Cuidado com isso — falei, ajoelhando ao lado dela, enquanto ela catava os cacos. — Ei, Janie, esse é o Evan McKenna. Ele é nosso vizinho.

Ela ergueu a cabeça, passou os dedos indicadores embaixo de cada olho, depois olhou para ele...

Depois para mim... Depois de novo para ele, enquanto algo em seu quarto se espatifou no chão, com uma batida que sacudiu as paredes.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse Janie, dando um rápido aperto de mão em Evan e saindo.

— Ei — disse Evan, olhando-a se retirar.

— É, ela é... Um pouquinho... — Meu Deus, como ele era lindo! Do tipo Rick Springfield, de *General Hospital*, só que sem o cabelo comprido. Nessa hora, como se eu tivesse desejado ou Janie tivesse lido minha mente, o Abba foi substituído pelas notas de *Jesse's Girl*. Evan sorriu. — Vocês são fãs de Rick Springfield?

— Adoro essa música — tagarelei. — Eu escrevi uma carta de fã para o Rick Springfield quando tinha 12 anos, eu acho, e ele me mandou uma foto autografada. Minha mãe sempre o chamou de Rick Springsteen.

— Rick Springsteen — ele repetiu.

— É. Ela é cantora de ópera. Não gosta de nenhuma música que tenha sido composta nos últimos cinquenta anos — disse. — Bem, acho que eu deveria, você sabe, voltar à arrumação.

— Deixe-me colocar algo melhor.

Eu fiquei olhando enquanto ele ia. Então, abri uma caixa com a etiqueta Laquê e, como não era de espantar, tinha duas dúzias de latas de laquê. Eu tinha começado a varrer os cacos da vasilha quebrada quando Rick foi substituído por Bessie Smith cantando, cortesia de Janie, dando uma de DJ, na sala.



— *Comes a rainstorm, get your rubbers on your feet. Comes a snowstorm, you can get a little heat.*

Comes love, nothing can be done.

Meu coração inflou e disparou no peito enquanto Evan cantava junto. Isso significava algo, tinha de ser.

— *Comes a fire, then you know just what to do. Blow a tire, you can get another shoe.*

Eu cantava baixinho, virando a pá na lixeira. — *Comes love, nothing can be done.*

— Ei. — Eu olhei para cima. Evan estava me olhando... olhando mesmo, com aquele sorriso fixo nos lábios. — O quê?

— Fique parada — disse ele. Estendeu dois dedos e tirou algo do meu rabo de cavalo. — Isso estava colado.

Olhei para baixo, na palma de sua mão, onde havia uma pena rosa enroscada. — Nossa. De onde será que veio isto? — Meu palpite era de uma das echarpes de plumas de Janie, que eu tinha tirado de uma caixa etiquetada com Echarpes de Pluma, mas não dava para falar nem se eu quisesse. Ele estava me olhando, eu olhava para ele, minha boca estava seca, e meu coração estava disparado e...

Evan tirou um bip do bolso. Eu não tinha notado que estava tocando. — Ops — disse ele. — Compromisso. Preciso correr.

— Ah. Claro! Certo, foi... legal conhecer você...

Ele acenou para mim, contornou a selva das coisas de Janie e saiu pela porta, me deixando ali, em pé, olhando por trás dele, com o coração na boca e uma pena na mão.

Os carregadores tinham deixado o espelho de Janie, de mais de dois metros, com uma moldura dourada barroca, encostado na parede. Meu coração se apertou quando me vi, duas horas depois. Por que eu não tinha colocado um pouquinho de base, pensei, olhando para minhas bochechas coradas e minha testa brilhosa... Ou um pouquinho de batom... Ou um saco na cabeça? Um saco teria

resolvido todos os meus problemas, embora fosse dificultar para arrastar as caixas.

Puxei a bainha da minha camiseta e suguei as bochechas. O professor de cursinho que eu tinha namorado era meio dentuço e tinha uma tendência infeliz a falar cuspiando. O candidato a MBA era bonito, mas era mais baixo que eu. Um cara como Evan McKenna jamais me daria uma segunda olhada — se não tivesse notado primeiro a minha música.

Puxei meus cabelos rebeldes, ainda úmidos do banho que eu tinha tomado de manhã, e os preendi num coque. Ele deve ter visto alguma coisa em mim, mesmo que eu não enxergasse.

— Comida vietnamita ou tailandesa? — perguntou Janie, agitando um monte de cardápios de comida para viagem. — Senegalesa? Laotiana? Cubano-chinesa? — Ela fechou a boca quando me viu no espelho. — Ah, então, é assim, é?

— O quê? — perguntei, de um jeito inocente, mesmo enquanto tentava lembrar onde eu tinha guardado meu suéter preto da sorte.

— Não se faça de boba comigo, irmã — disse Janie. — Você está de quatro.

— Não sei do que você está falando — eu disse. — E cubano-chinesa parece ótima. — Passei por ela e entrei na cozinha. Nós tínhamos cerveja na geladeira, seis caixas de seis latas cada, que daríamos aos carregadores, além da gorjeta, quando eles voltassem com os móveis de sala de Janie no dia seguinte. Peguei a mais gelada, do fundo, penteei o cabelo, achei meu suéter e peguei o batom, o rímel e uma das pulseiras de Janie emprestados, e segui para o corredor, até o 4-A. Respirei fundo, lambi os lábios e sorri quando a porta se abriu.

— Ei... — O comentário espirituoso que eu tinha preparado morreu na minha garganta quando olhei para a mulher mais linda que eu já tinha visto. Ela tinha cabelos ruivos ondulados que batiam quase nos quadris, olhos azul-escuros amendoados, maçãs do rosto que pareciam esculpidas e lábios grossos como almofadas.

— Sim? — ela perguntou, educadamente, quando piscou uma vez, me olhando de cima a baixo com um olhar de pena, me descartando de imediato: *ameaça zero*.

— Desculpe, eu devo estar no apartamento errado.

Olhei o número na porta e estava pronta para fugir quando Evan apareceu. — Oi, Kate!

Estendi a cerveja para ele. — Oi. É... Eu queria agradecer por... É... Nos ajudar.

— Você não precisava trazer nada para a gente — respondeu ele.

— Ah, não é nada. — *Não entre em pânico, pensei. Talvez ela seja irmã dele. Ou só uma amiga. Ou uma lésbica, uma daquelas que gostam de se maquiar e usar minissaia, que há pouco foram descobertas pela revista do New York Times . Ou...*

Evan me olhou, com simpatia. Com algo que eu torcia para que não fosse pena. — Kate, esta é Michelle — disse ele, colocando as mãos nos ombros dela com a expressão de um homem que acabou de tirar um bilhete premiado. — Minha noiva.

— Prazer em conhecer você — eu disse, e tentei sorrir. Michelle ignorou meu empenho.

— Hum — ela disse, arrastado, tirando a cerveja de minha mão inerte.

— Diga obrigada, Michelle — disse Evan.

— Obrigada, Michelle — disse ela, e deu meia-volta. Evan balançou os ombros, se desculpando.

Deu para ouvir música ao fundo. Não era Billie nem Bessie, mas um som alto e repetitivo, como um CD arranhado pulando.

— Foi muito legal da sua parte. — Quando ele sorriu, seus olhos se enrugaram nos cantos. — Então, acho que vejo você por aí.

— Claro — eu disse. — Com certeza.

— Kate — ele chamou, quando eu fui seguindo pelo corredor. Quando virei, ele ainda estava sorrindo. — Atlantic City — ele sussurrou. — Não esqueça.

De volta a nosso apartamento, a sala estava cheia de caixas, e Janie estava pendurando seus casacos no armário da frente.

— Então? — ela perguntou.

— Então, o quê? Só fui levar uma cerveja para o vizinho.

— É assim que se diz hoje em dia? — perguntou ela, pendurando um casaco longo de pele num saco plástico, ao lado de alguma coisa que ela dissera ser pelo de castor.

— Janie, é só um cara legal!

— Arram — disse ela, tirando uma estola branca de outro saco plástico.

— E — suspirei, tirando mais casacos da caixa e pendurando — ele mora com a mulher mais linda do mundo. E ela é meio nojenta.

— Ai, Deus. — Ela balançou a cabeça. Tinha prendido o cabelo com dois pauzinhos chineses. — Bem, olhe. É melhor você descobrir isso agora do que ficar cheia de esperança.

— Eu não estava cheia de esperança.

— Ah, gafanhoto — disse ela, e me deu um abraço, quase furando meu olho com o pauzinho chinês. — Como você mente mal.



CAPÍTULO 9

— COMO EU DISSE, SENHORITA, não quero interrogá-la — Stan Bergeron explicava pacientemente, na frente de casa, na manhã seguinte, quando eu desci a escada com meu robe de banho. — Isso não é oficial. Só estou verificando.

— Sem um advogado, não — disse minha melhor amiga, na minha porta, de braços cruzados, pose que intimidaria mais se ela não estivesse de pijama rosa de seda e pantufas em formato de guaxinim, com meus filhos espiando por trás de suas pernas.

Eu bocejei. Eram dez da manhã, mais de quatro horas além do horário em que eu costumava acordar, mas até às duas eu ainda não tinha conseguido dormir. Eu queria ligar de volta para Evan, mas não conseguia pensar numa desculpa para sair de casa sem as crianças, e de forma alguma ligaria para o ex-amor da minha vida debaixo do teto que eu dividia com meu atual marido. Quando afinal peguei no sono, tive sonhos horríveis, pesadelos de estar perdida numa biblioteca em que todos os livros eram assinados por Kitty Cavanaugh e as páginas em branco aos poucos se enchiam de sangue conforme eu os abria. — Estou procurando algo diferente — eu disse à bibliotecária, que era a Sra. Dietl, da Red Wheel Barrow. Ela dava uns tapinhas no visor do relógio e estendia as mãos para pegar os livros. — Atrasada mais uma vez — disse ela.

Esfreguei os olhos e observei a situação. Janie parecia estar com as coisas sob controle, com pequenas exceções: as crianças ainda estavam de pijama (e, a julgar pelos rostos e pelas mãos, elas tinham desfrutado de um café da manhã exclusivamente doce) e havia um carro da polícia estacionado na entrada da minha garagem. — E aí,

Stan?

Ele me cumprimentou, temeroso, quando passei por Janie. — Bom dia, Kate. Eu só vim lhe dar uma atualização dos fatos.

— É... Perdão? Ad-vo-ga-do? Alguma das sílabas não está fazendo sentido para você? — perguntou Janie.

— Está tudo bem — eu disse a ela.

— Não está, não. Se você falar com a polícia, precisa de um advogado. — Ela revirou os olhos e se virou para Sophie. — Será que eu assisti a dez temporadas de *NYPD Blue* para nada?

— Sem chance! — respondeu Sophie. Ela estava com a Uglydoll embaixo do braço, vestida com seu uniforme de polícia (“Capítulo cento e oito: No qual eu entro para a polícia”).

— Você não precisa dizer nada! — Stan disse. — Pode apenas concordar.

Eu concordei. — O que está havendo, Stan? Você descobriu quem foi?

— Não. — Então, ele se animou. — Mas nós encontramos Evan McKenna!

Meu coração deu um salto como um peixe diante do som de seu nome. — Bom! — eu consegui dizer. — Que bom para você!

— Ele é suspeito? — perguntou Janie, esperançosa.

— Não saberemos até interrogá-lo. Ele estava em Miami.

— Diz ele — Janie completou, baixinho. Elevou a voz — E quanto ao marido?

— O marido? — Stan repetiu.

— Ele é suspeito? — perguntou Janie.

— Nããão... — respondeu Stan, arrastando a palavra. — Não, ele tem um álibi. Passou o dia todo em Nova York.

Janie jogou o cabelo por cima do ombro. — Bem, aí está. Parece que você eliminou todo mundo.

Talvez tenha sido o mordomo.

Eu lhe dei um olhar fulminante.

— O Sr. McKenna entrou em contato com você? — perguntou Stan.

Eu ia responder quando vi o gesto de Janie, passando o dedo, como quem corta a garganta, e balancei a cabeça. Stan ficou me encarando. — Avise-nos se tiver notícias dele — ele falou e desceu até o carro. Fiquei olhando enquanto ele dava ré por cima das minhas hortênsias.

— Hum... — disse Janie. — Se esse é melhor exemplo da lei em Connecticut, talvez eu possa sugerir alguns corretores.

Mandamos as crianças lá para cima, para se vestirem. De volta à cozinha, comecei pela pia cheia de louça, enquanto Janie se servia de café.

— Então, Sherlock — disse ela. — E agora?

Balancei os ombros, da melhor maneira que pude, com as mãos cheias de talheres.

— Ligar de volta para o Evan, eu acho.

— Na minha presença e não da sua casa — disse Janie. — Vamos encontrar um telefone público tranquilo em algum lugar.

— Por que um telefone público?

— Para não existir nenhum registro seu de conluio com criminosos depois que o prenderem.

— E por que você quer estar presente?

Ela revirou os olhos. — Alô! Eu tenho que estar junto, para que você não jure amor eterno a ele, o que, aliás, não deu muito certo da última vez, e fuja, me abandonando aqui com os ratinhos de tapete.

— Não finja que não gosta deles, secretamente — retruquei, mesmo lembrando da última vez que jurei amor a Evan McKenna, sentindo uma pontada no coração. Eu me abaixei para colocar os talheres na lava-louça, enquanto Janie folheava o jornal.

— Quem eram os amigos de Kitty na cidade? — ela perguntou.

Esfreguei uma frigideira e fiquei pensando a respeito. Eu sabia com quem Kitty andava, mas não tinha certeza se eram mesmo

amigas. Eu nunca tinha ouvido nenhuma delas falar sobre coisas que amigos falam: seus casamentos, os pais, o que faziam antes de se mudar para cá, como era antes de ser mães. Na verdade, a maior parte da conversa parecia girar em torno de tópicos brilhantes como se o leite orgânico que vendiam na loja de conveniência local era de fato orgânico.

— Eu não sei — respondi, devagar.

— Você não sabe quem eram as amigas dela?

— Não sei se ela tinha alguma de verdade. Talvez todas as outras tivessem medo dela. Deus sabe que eu tinha. — Coloquei sabão na lavadora. — Eu deveria falar com a babá. — Se ela trabalhava, tinha que ter uma babá. Alguém que ficava na casa. Alguém que a via, que via o marido e os filhos.

— Babá. Excelente. — Janie me arremessou o telefone e eu liguei para Sukie Sutherland, que parecia saber tudo, para perguntar se ela sabia o nome da babá.

— Lisa DeAngelis — disse Sukie, e me deu os telefones residencial e celular. — Por quê?

— Bem... — eu não tinha pensado que Sukie iria querer saber o motivo de eu querer falar com a babá de Kitty.

Por sorte, ela deu uma risadinha. — Não fique com vergonha. Você é simplesmente a terceira pessoa que me liga para pedir o telefone dela. Ouça, uma boa babá é difícil de encontrar.

Eu vi o salva-vidas e o agarrei. — Você acha que ela ainda tem tempo livre? Estou desesperada para conseguir uma ajudinha.

— Se eu fosse você, não esperaria muito para ligar.

— Ótimo. Obrigada. Vejo você no parque!

— Até lá — Sukie desligou.

— Bom trabalho — disse Janie, assentindo em aprovação, por trás da seção de negócios do jornal.

— Ligue para ela. Veja se está livre. Eu fico com as crianças.

— Você não precisa voltar para Nova York? E trabalhar?

Ela abanou a mão, como se afastasse uma mosca. — Eu tenho que escrever uma matéria sobre tendência. Cinza é o novo preto, preto é o novo rosa, umbigos são os novos mamilos. — Ela tamborilou as unhas na mesa. — Hum... Mostrar o cofrinho é o novo decote?

— Para mim, dá certo — eu disse. — Fechei a lava-louça, apertei os botões para uma lavagem intensa e limpei as mãos no roupão.

— Excelente. Só que, Kate? Sem querer ofender, talvez você possa me deixar ajudá-la a escolher sua roupa.



CAPÍTULO 10

NA MAIORIA DAS CIDADES DA América, a abertura de uma nova cafeteria não é grande coisa. Quando a Starbucks quis vir para Upchurch, isso rendeu nada menos que três reuniões na cidade, que abarrotaram o auditório municipal, um mês de cartas indignadas para o editor da *Upchurch Gazette*, censurando a “degradação do centro de nossa cidade”, e um protesto na Main Street, onde os manifestantes seguravam cartazes com canecas riscadas de vermelho e as palavras “Nada de Café Corporativo”.

Sem dúvida eles estavam para lá de satisfeitos com o Tea and Sympathy, onde você podia comprar chá lapsang souchong por quatro dólares a xícara, pãezinhos farelentos e doces que mais pareciam pesos de porta.

Os membros do conselho municipal por fim decidiram que a Starbucks poderia ser aberta, mas não poderia ter uma placa na fachada porque comprometeria a personalidade singular da Main Street.

Dessa forma, seria a Starbucks Secreta, na esquina da Maple com a Main, com nada além do aroma de House Blend para entregar o jogo. Era como um lugar que vendia bebidas clandestinas; só faltava a senha para passar pela porta metálica.

Entrei discretamente, com as botas de camurça e salto fino de Janie, e um suéter azul-claro de caxemira — tamanho médio, que não me vestiria bem nem antes de amamentar três bebês — e uma calça limpa de brim, que havia sido reformada para mostrar o final das minhas costas e cerca de dois centímetros do meu cofrinho (“Eu preciso testar minha teoria!”, Janie dissera. Concordei, depois entrei

escondido no banheiro para trocar de calcinha; então, agora a calça mostrava parte de minhas costas e dois centímetros de minha calcinha cinza estilo samba-canção, da Hanes Her Way.) Janie havia seguido minha minivan em seu Porsche. Nós tínhamos encontrado três telefones quebrados até achar um que funcionasse, mas o telefone de Evan só chamou e caiu na secretária eletrônica, e Janie desligou antes que eu dissesse uma palavra. — Nada de deixar recados comprometedores — alertou. Ela se sentara ao volante da minivan para levar as crianças de volta para casa, havia jogado a chave de seu carro e pedido para ligar para ela quando eu terminasse de interrogar a babá.

Depois que fiz o meu pedido na Starbucks, dei uma olhada no salão à procura de — vou admitir — uma loura peituda, porque essa era a imagem que “babá de 24 anos” tinha incitado: o pesadelo de toda mamãe do subúrbio; o sonho feliz de todo papai do subúrbio.

Em outras circunstâncias, Lisa DeAngelis, com seus imensos olhos azuis e seus cabelos alourados, talvez tivesse se encaixado na descrição. Mas, quando ela me deu um aceno indiferente da mesa do canto, não parecia alguém que seria assediado para posar de lingerie.

— Kate? — ela perguntou, inexpressiva.

— Oi — eu disse, e fui meio cambaleante até sua mesa, com as botas de Janie. — Posso pedir algo para você?

Lisa apontou para um copo plástico à sua frente, que parecia estar cheio de chantili. Seus olhos pareciam vidrados, ou por falta de sono ou pelo efeito de algo químico, não dava para saber. Seu cabelo estava puxado para trás num rabo de cavalo sem graça. Ela tinha uma ferida no canto da boca e uma espinha no meio da testa, e o brinquinho preso à sua narina esquerda estava cercado de pele inchada, que parecia estar infeccionada e vermelha. Talvez até tivesse um corpo de matar, mas, como estava de calça larga de moletom e suéter cor de aveia, era impossível saber.

— Obrigada por vir — eu disse. Ela balançou os ombros.

— Estou com um tempo livre agora, sabe? — disse ela. Tinha um hábito que me lembrou de quando eu era mais nova e transformava toda afirmação em pergunta. — Agora que... — Ela suspirou e olhou para a xícara de café. Ainda bem que ela não estava olhando para mim da forma como os três caras do bar e seis clientes pareciam olhar. O suéter e as botas tinham sido um equívoco, eu pensei, tristonha.

— Bem, se você está à procura de crianças, eu tenho! — Ai. — Tenho a Sophie, de 4 anos, bom, ela é bem madura, e meus gêmeos, Sam e Jack, que têm 3 anos... — Fechei a boca quando uma lágrima escorreu pelo rosto de Lisa. — Você está bem?

Dei a ela um guardanapo. Ela limpou os olhos, depois assoou o nariz. Empurrei mais guardanapos para outro lado da mesa.

Lisa piscou, limpou as bochechas, depois inclinou a cabeça para trás e abanou os cílios. — Ainda não consigo acreditar, sabe? — disse ela.

Era exatamente a introdução que eu estava esperando. — É inacreditável — murmurei.

Ela girou seu copo. — Ela era legal, sabe? Ela conversava comigo. E nunca vinha com *Ah, será que você podia, por favor, esvaziar a lavadora de louça?* Ou *Ah, se as crianças tirarem um cochilo, você poderia dobrar um pouco de roupa?* Eles tinham canal a cabo digital e TiVo, sorvete de verdade no freezer. Sorvete só para mim — ela disse. — As meninas tinham um negócio sem açúcar, com fruta integral.

Era de imaginar. Eu me lembrava de Kitty, no playground, descascando tangerinas para as crianças.

Quando os meus pediam um petisco, eu era obrigada a dar uma pastilha de menta para cada um.

— Eu deveria ter... — Lisa parou e limpou os olhos — sido mais grata a ela, sabe?

— Quanto tempo você ficou com ela?

— Três anos, sabe? — ela fungou. — Desde que as meninas estavam no jardim. Eu ia três vezes por semana, segundas, quartas e

sextas, de uma às seis e meia. Quando ia a Nova York, ela pegava o trem das 13h22 e quase sempre estava de volta em casa às seis, e sempre ligava avisando se fosse se atrasar.

— Com que frequência ela ia até lá?

Lisa mexeu um pouco mais no copo. — Depende. Às vezes, bastante. E às vezes ela só ficava em casa. Ela tinha um computador no quarto. Trabalhava nele. — Eu olhei para as mãos dela e vi que as unhas estavam roídas até o talo, as cutículas feridas.

— Você sabe o que ela ia fazer em Nova York?

Lisa balançou a cabeça. — Ela nunca me disse. Eu nunca perguntei. *Nunca disse. Nunca perguntou.* Muito interessante. Segundo Laura Lynn Baird, Kitty trabalhava de casa. Elas trabalhavam em conjunto, por telefone ou e-mail — o trabalho perfeito, em turnos flexíveis, para uma mãe que fica em casa e que me disse que jamais deixava as crianças. Então, se Kitty não ia a Nova York a trabalho, o que ela ia fazer lá? Eu fazia ideia, ou, pelo menos, tinha um palpite.

— Ela se vestia como se fosse trabalhar ou... — *Encontrar um homem misterioso num hotel de Nova York, por algumas horas de paixão ilícita e bebida excessivamente cara do frigobar?* — fazer outra coisa? — eu concluí.

— Não sei — disse Lisa, depois de parar um longo tempo para olhar meu traje com a calcinha aparecendo. — Ela só usava roupa comum. Saias e suéteres. Coisas normais.

Ah, sim. Coisas normais. Eu me lembrava muito bem delas. — Aposto que você tem intuição — eu disse, usando uma das técnicas de Janie: na dúvida, lisonjeie. — Qualquer pessoa que seja boa com criança, e eu ouvi falar muito bem de você, costuma ter sensibilidade em relação às pessoas.

Lisa deu de ombros, mas, pelo ligeiro rubor em seu rosto, deu para ver que ela ficou satisfeita. Ou talvez não. Talvez só estivesse com alguma reação alérgica.

— Qual era sua impressão sobre a Kitty? Ela era feliz, ou ansiosa,

ou entediada? Você acha que ela poderia estar... — eu parei, me recompondo. — Eu não sei. Talvez, tendo um caso?

O rubor de Lisa aumentou. — Eu não sei — disse ela. — Não faço a menor ideia. — Ela ficou beliscando a cutícula do polegar esquerdo até tirar uma gota de sangue. — Quantas horas semanais você está querendo? — ela perguntou.

Levei um minuto para lembrar o motivo de tê-la convidado para o café. — Ah, é... Dez? Quinze, poderia ser? Seria de fato o básico. Você só teria que olhar as crianças. Não precisaria fazer nenhum trabalho doméstico, nem atender o telefone. — Eu parei para dar um gole no meu café e reorganizar as ideias, da forma mais casual — Você costumava atender o telefone de Kitty? — *Boa, Kate*, eu pensei. Sutil. Como um peido no elevador.

Ela balançou a cabeça... E eu vi que estava começando a ficar intrigada. — Ela dizia para deixar que a secretária eletrônica atendesse, então, era o que eu fazia. Você não tem secretária eletrônica?

— Bem, temos, claro, mas às vezes eu acho que um toque pessoal é bacana. — Minha nossa senhora, isso estava indo por água abaixo. Já era a minha carreira como Kate Klein, a investigadora do subúrbio, de oito e meia às onze e quarenta e cinco, segundas, quartas e sextas. Encarei Lisa nos olhos, tentando prendê-la com meu olhar, para que ela não saísse correndo, ou, pior, voltasse a falar do serviço de babá.

— Sabe, eu era babá quando tinha a sua idade — eu disse. A lisonja não tinha dado certo; empatia talvez desse. — Eu adorava, exceto quando os pais achavam, você sabe, que tinham direito de dar em cima de mim. — Claro que isso foi uma invenção absoluta. Eu até fiquei de babá algumas vezes, quando estava no ensino médio, mas nenhum dos pais sequer apertava minha mão por muito tempo, talvez porque todos eles fossem músicos e Reina teria arruinado as carreiras deles só com um olhar.

E também porque eu duvidava de que minha pele ruim e meus

moletons largos fossem uma combinação muito excitante. — Acho que os tempos mudaram — completei, antes de dar uma boa olhada em Lisa e ver que seu rubor tinha se acentuado e suas mãos estavam tremendo.

— Eu... — ela sussurrou. *Ela tinha um computador no quarto*, ela disse, sobre Kitty. Como ela sabia disso, a menos que a dona da casa tivesse mostrado? A dona ou o dono da casa?

Eu me debrucei na mesa de madeira polida e baixei o tom de voz. — Aconteceu alguma coisa entre você e o marido de Kitty?

Ela balançou a cabeça sem dizer nada e apertou os lábios, enquanto duas lágrimas grandes pingavam em sua blusa cinza.

— A polícia conversou com você? — perguntei.

Ela assentiu, fungando.

— Você precisa de um advogado?

— O Phil, o Sr. Cavanaugh, ele me arranjou um. Kevin Dolan, sabe? É amigo deles. — Ela assoou o nariz no guardanapo reciclado.

— Eu não deveria ter... — ela sussurrou.

— Não deveria ter o quê?

Seu pescoço era um talo branco por baixo do rabo de cavalo espalhado conforme ela pousou o rosto nas mãos. Eu me debrucei mais sobre a mesa e consegui derrubar a bebida dela no chão com meu peito direito. — Não deveria ter o quê? — perguntei de novo, ignorando o gelo picado escorrendo na bota de camurça de Janie.

Ela balançou outra vez a cabeça e se levantou tão rápido que sua cadeira caiu para trás, batendo no chão da Starbucks Secreta com um barulho que assustou os três caras que trabalhavam no bar. Então, ela girou em seus tênis e saiu correndo pela porta. *Bem*, eu pensei, tirando os resíduos da bebida de cima de mim. *Bem, Kate, isso se desenrolou de um jeito incrível.*



CAPÍTULO 11

— PERGUNTA PARA VOCÊ, MEU AMIGO — Janie disse a Evan numa noite, durante o jantar. Havia seis meses que nós estávamos em nosso apartamento na Jane Street, e tínhamos transformado em projeto experimentar todas as cozinhas do mundo, ou pelo menos as que são representadas pelas que têm serviço de entrega em Nova York. Naquela noite era comida grega, e nós estávamos nos banquetecendo com pasta de souvlaki, folhas grelhadas de parreira e taramasalata em pão pita grelhado. Janie se serviu de mais azeitonas e queijo feta e perguntou: — Você tem um emprego ou algo assim?

Evan sorriu e engoliu a última garfada de moussaka. — Ela acha que eu sou um mandrião parasita — cochichou para mim, do outro lado da mesa.

— Isso não é um passarinho? — perguntou Janie.

— Não, o nome do pássaro é mandrião-parasítico — respondi.

Janie nos encarou. — Por favor, não tente me educar. E não mude de assunto.

— Eu nem sonharia em fazer isso — disse ele, levantando-se para tirar nossos pratos e empilhar com jeitinho as embalagens de isopor com as sobras dentro da geladeira. — Sabia — ele perguntou, tirando os farelos do jogo americano de Janie — que mordomo vem de mordomia?

— Sabia — Janie perguntou, com ternura — que noiva vem de noivado? E, falando nisso, você e Michelle já marcaram a data?

Evan fez que não com a cabeça. — Nós não concordamos nem com o lugar. Nem com a estação.

Ela quer Malibu no verão, eu quero Nova Jersey no outono. — Ele

sorriu para ela. Michelle estava fora, em Miami, numa sessão de fotos de moda praia para um catálogo, e Evan era meu — bem, nosso — pelo fim de semana. Isso tinha se tornado nossa rotina. Michelle partia e, em sua ausência, Evan nos adotava. Nós chegávamos do trabalho com os braços cheios de pesquisa (ou seja, tabloides) e o encontrávamos marcando ponto perto das caixas de correio.

— Olá, moças — ele dizia. — O que há de novo? Quais são as novidades? — Janie revirava os olhos e fazia caretas, enquanto eu contava sobre quais celebridades tinham sido detidas/encarceradas/mandadas para a reabilitação, e o que elas tinham feito para merecer isso. Ele vinha atrás da gente até o elevador, falando com um sotaque que eu acho que tinha a intenção de parecer cockney, dos bairros pobres de Londres — Carrego as malas, madam? Posso lustrar seus sapatos? Levar o pacote? Precisa de ajuda? — Quando chegávamos ao nosso apartamento, ele se esparramava no chão, ou em qualquer peça de móvel que estivesse vazia (nosso sofá, minha cama), e, como num passe de mágica, recuperava a habilidade de pronunciar corretamente a letra h. — Então — ele dizia, alegre —, o que tem para o jantar?

Nós pedíamos comida, às vezes cozinávamos. A especialidade de Evan era refogado, eu fazia massas e ensopados e Janie preparava sua velha torrada com queijo. Evan e eu tentávamos superar um ao outro com canções de blues cada vez mais obscuras, trocando fitas e CDs e discutindo o significado do exílio autoimposto por Nina Simone e se a capa de seu disco *Need a Little Sugar in My Bowl* era, como Evan insistia, superior a todas as outras.

À meia-noite Janie o expulsava, exceto naquelas noites preciosas quando ele adormecia no sofá e eu a convencia de deixá-lo ficar. Depois que ela ia para o quarto, eu o cobria carinhosamente com um edredom e afastava seus cabelos da testa. Uma vez — e só uma vez — eu ousei me abaixar e encostar os lábios no rosto dele, sabendo que o que eu estava sentindo era a exata definição de não correspondida.

Assim que Michelle voltava, ela o tomava de volta como se fosse uma mala perdida que tinha deixado na esteira de bagagem. Ele ia andando devagar pelo corredor, com um aceno amistoso de “até mais, companheiras”, e pronto.

Naquela noite, Evan voltou à mesa trazendo um saquinho de papel. — Baba au rum! — ele anunciou.

Janie olhou para o dela, desconfiada. — Não vá pensando que vai se safar dessa. Eu ainda quero saber o que você faz para ganhar a vida e não posso ser comprada com doces.

— Eu posso — eu disse, dando uma mordida.

Evan me deu guardanapos limpos e deu a Janie o que teve a intenção de ser uma olhada indecifrável. — Eu sou um homem de tristezas constantes — disse ele, com o copo de vinho na mão.

— Tristezas constantes pagam as contas?

— Sou um homem de muitos talentos — disse Evan. — Habilidoso para qualquer tarefa.

— Habilidoso com dinheiro aplicado na poupança? — perguntou Janie. — Não há nada de errado nisso — ela garantiu. — Eu tenho um fundo de aplicação! — Como se ele não tivesse deduzido. — Mas eu trabalho — disse ela, depois repetiu. — Eu trabalho. — Como se nós duas passássemos o dia em minas de sal, e não sentadas em cadeiras ergométricas, num escritório climatizado, digitando coisas do tipo Chris Farley E piranhas E cocaína em nosso banco de dados LexisNexis.

— Eu também trabalho — Evan respondeu, com calma. — Sou freelance.

— É escritor freelance, músico freelance, revisor freelance...? — perguntou Janie.

— Isso — disse Evan, sorrindo — é para eu saber e vocês, moças adoráveis, tentarem descobrir.

— Ele terminou sua sobremesa, deu um selinho ruidoso no rosto de Janie, depois se abaixou rapidamente e me beijou na testa,

permitindo uma brisa do cheirinho provocante de sua pele. Ele é tão perfumado, pensei. — Preciso ir — concluiu ele, virando o copo na pia e saindo pela porta.

Janie acompanhou sua saída, estreitando os olhos, esfregando o osso do nariz reduzido. — Ele está vendendo drogas — ela afinal falou.

— Não — retruquei. — Sem chance.

— Bem, de que outra maneira você explica? — ela perguntou. — Nós chegamos à noite, ele está aqui. Saímos de manhã, ele está aqui. Cheguei em casa para almoçar, semana passada...

— Almoçar? — perguntei, impassível.

— Tudo bem, transar — disse Janie. — Estávamos caminhando de volta para o elevador e quem põe a cabeça para fora da porta? Ele está sempre aqui, exceto quando tira três dias seguidos de folga e diz que está de férias, ou quando estamos jogando palavras cruzadas e o bip dele dispara e ele tem que sair do prédio para atender. Ele sempre tem dinheiro no bolso, e eu sei que não frequenta um escritório...

— Então, basta isso para você concluir que ele está vendendo drogas?

— Bem, isso explica muitas coisas — disse ela. Ela estava de novo apertando o nariz. — Embora eu possa pensar em outra possibilidade.

— E qual é? — perguntei, embora não tivesse certeza se queria saber. Para mim, Evan era charmoso, meigo, engraçado, sincero e, o melhor de tudo, interessado de verdade em mim, além de me manter abastecida de gravações piratas da Diana Krall. Exceto pelo pequeno obstáculo de ser noivo de outra pessoa, ele era perfeito... E eu não estava pronta para ouvir notícias que estourassem minha bolha.

— Talvez ele não esteja vendendo drogas — disse Janie. — Talvez ele esteja vendendo... — ela fez uma pausa dramática e arregalou os olhos — ... ele mesmo!

— Ah, espere aí — eu disse e comecei a limpar a mesa perfeitamente limpa.

— Esse tipo de coisa acontece! — disse Janie.

— Tenho certeza de que há outra explicação. Sabe, uma explicação racional — eu disse, jogando a esponja na pia. Enquanto isso, na mesma hora elaborei em minha mente um anúncio para Evan, algo que seria veiculado nas últimas páginas do Village Voice: Bonito, charmoso, belo porte, 28 anos, disponível para diversão e jogos, talvez mais...

— Então, por que ele faz tanto mistério sobre isso? — Janie perguntou. — Se fosse algo lícito, por que ele não contaria para a gente?

Abri a torneira para abafar o som das perguntas dela, porque sabia que estava certa. Se Evan tivesse um emprego de verdade, não havia motivo para que ele não nos contasse a respeito.

Michelle chegou em casa no dia seguinte e Evan desapareceu. Eu tentava passar o mais rápido possível pela porta do apartamento deles, certa de que, se diminuísse o passo, ouviria coisas que não queria ouvir. Dois dias depois, surgiu uma batida lenta em nossa porta, e, quando abri, Michelle estava ali, resplandecente, de calça de couro e espartilho — exatamente a mesma coisa, pensei, amarga, que eu usaria para ficar à vontade em casa.

— Hola, Michelle — disse Janie.

Michelle franziu o rosto. — Nos últimos tempos ela vinha adotando um estilo Mi-xéu. Janie fazia questão de pronunciar seu nome do velho jeito americano, ou, pior, a chamava de Micky.

— Vou dar uma festa de Halloween — Michelle anunciou.

— Que divertido! — disse Janie.

— Ótimo! — acrescentei.

— Por volta de oito e pouco, no próximo sábado — disse ela. — É uma festa à fantasia. Vocês podem trazer um pouco de cerveja? E alguma coisa para comer? E ajudar com os casacos?

— Sabe, tem gente que você pode contratar para isso — Janie foi dizendo.

Eu a cortei. — Nós vamos ajudar.

— Ótimo — respondeu Michelle. — Oito e pouco. Eu já disse isso?
— Ela tocou nos brincos pingentes de turquesa e prata e saiu andando pelo corredor.

Janie fez cara feia. — Mas que presunçosa essa cadela.

Pousei o livro de Ruth Rendell que estava lendo e fiz a pergunta que vinha me atormentando desde meu primeiro encontro com Michelle. — Por que ele está com ela? Será que é só porque ela é bonita?

Janie endireitou a blusa, passou a mão no cabelo e assumiu uma postura profissional. — Não é só porque ela é bonita. É porque ela também é inteligente.

— Inteligente? — debochei. Eu não tinha passado tanto tempo no apartamento de Evan quanto ele no nosso, mas o único material de leitura da Michelle-cêntrica que vislumbrei foi uma revista chamada Estilo Mensal de Cabelos. Michelle não assistia a nada na televisão além de vídeos da Madonna não ouvia nenhum tipo de música exceto músicas da Madonna e não falava em nada além de si mesma, seu cabelo, sua pele, e, mais recentemente, um tratamento facial com oxigênio que ela estava fazendo, como se fosse seu ídolo. — Ela passou três semanas em Paris e ainda acha que Bain de Soleil se escreve da mesma forma como se pronuncia.

— Não inteligente, inteligente. Inteligente com os homens — disse Janie. — Ela nunca deixa Evan pensar que ela está garantida. Está sempre partindo. Assim, ele está sempre atrás dela. Enquanto ela se mantiver inatingível, ele vai continuar tentando pegá-la.

— Mesmo ela sendo chata?

— Mesmo assim, a perseguição é excitante — Janie explicou. Esfregou o nariz. — Ela também deve ter as juntas bem flexíveis.

Gemi e joguei meu livro nela. Janie o pegou, depois me olhou, séria. — Pode esquecê-lo — ela disse.

— Eu não...

Ela levantou a mão. — Kate, eu vejo o jeito como você olha para ele. Você está querendo ficar arrasada. Ela o fisgou, e ele não está interessando em terminar. Encontre alguém que mereça você.

— Ela não o merece — murmurei, embora soubesse que Janie estava me dizendo a verdade.

— É bem provável que não — disse Janie. — Mas, como afirmaram as quatro ex-esposas do meu pai, geralmente diante de um juiz, a vida não é justa. — Ela passou o braço ao meu redor e me levou ao quarto dela. — Venha, vamos arranjar uma fantasia para você.

— Então, me diga — Michelle falava arrastado, inclinando seu rosto ossudo, em seu ângulo mais fotogênico, e fazendo um biquinho dramático. — Como foi a faculdade? — Michelle estava fantasiada de bruxa sexy, com muito batom vermelho-escuro, botas pretas altas de cadarço, embaixo de um vestido preto de tule e cetim, e um chapéu pontudo, inclinado. Como havia uma sala cheia de modelos, colegas de Michelle, e todas elas estavam fantasiadas de algo sexy (uma enfermeira sexy, com uniforme branco minúsculo; uma policial sexy, com algemas penduradas na calça apertada; uma empregada francesa sexy, com meia arrastão e um microavental), eu tinha decidido nem tentar competir, ignorando as sugestões de Janie, e fui de pirata. E não era uma pirata sexy, a menos que você ache que botas, um tapa-olho, um gancho de plástico e um papagaio de pelúcia (que eu preguei no ombro com fita-crepe) significassem “Me coma”.

— Foi ótimo — eu disse. — Eu de fato adorava minhas aulas e de ter tempo para simplesmente ler.

Michelle não pareceu impressionada. Mas, também, acho que eu nunca tinha visto Michelle expressar outra coisa além de tédio. Tédio e beleza, claro. — Talvez eu faça, algum dia — disse ela, tirando uma lasquinha de rímel de seus cílios extralongos. — Quando eu estiver velha demais para trabalhar como modelo. Onde você estudou?

— Columbia.

Ela ficou me olhando com seus olhos azul-escuros. — Talvez você

possa ligar para alguém de lá e eu também possa entrar.

— Bem, não é assim que costuma funcionar. Talvez você possa falar com um funcionário admissional.

Michelle sorriu, um sorriso malicioso e satisfeito. — Desde que seja um funcionário homem — disse ela, e afagou meu braço. — Eu não terei problemas. — Ela me olhou de cima a baixo. — O que você é, exatamente?

Antes que eu pudesse responder, ela avistou alguém mais interessante, acenou e saiu desfilando.

Dei uma golada em minha sidra com uma pitada de rum.

— Arr — eu disse, e olhei em volta. O apartamento estava abarrotado de corpos, todos muito mais bonitos que o meu. À minha esquerda, uma loura deslumbrante, com um minivestido psicodélico e botas brancas estilo go-go, gesticulando com seu Marlboro e reclamando que seu agente tinha passado a mão na sua bunda outra vez. À minha direita, uma morena atordoante, com pele café-com-leite, uma cabeleira de cachos brilhosos e uma teia de aranha desenhada na bochecha, dizia a todos que nos últimos dez dias não comia nada além de sopa de repolho. Eu, por cautela, saí da reta do vento e olhei para a porta. Estava imaginando como fugir quando duas lindas pernudas, com uns seis caras de braços dados, entraram pela porta. Elas tiraram os casacos, revelando trajes combinando de Daisy Duke (shorts jeans mínimos com camisas de mangas cortadas amarradas com um nó, para mostrar barrigas perfeitas, e nada mais), e empilharam os agasalhos em meus braços. Fui passando em meio à turba até o quarto, pensando em jogar os casacos na cama de Evan e Michelle.

— Ei! Um pouco de privacidade, por favor!

Pisquei no escuro, conforme um emaranhado de braços, pernas e cabelos se revelou duas pessoas atraentes fazendo sexo vigoroso, numa posição que eu nunca tinha acreditado ser possível.

— Desculpe, desculpe — eu disse, olhando pelo tempo suficiente

para ter certeza de que o cara com as pernas enlaçadas no pescoço da mulher não era Evan. Então, logo dei ré, voltando à sala, com o rosto vermelho e o papagaio de pelúcia oscilando em meu ombro.

— Michelle — eu chamei, acima da mixagem da Madonna, esbravejando no som. — Vou deixar esses casacos aqui ao lado.

Ela acenou, me dispensando. Quando fiquei livre, enfim, me apressei pelo corredor e trombei em Janie, que estava saindo do nosso apartamento vestida de papa sexy (um chapelão, um rosário e pouca coisa mais).

— Ah, não — disse ela, balançando a cabeça. — Na-na-ni-na-não. Lá tem... — ela balançou a cabeça e bateu no meu quadril com seu incensário, mandando um sopro de incenso ao corredor — um, dois, três, quatro, cinco solteiros elegíveis.

— É... e umas trinta modelos elegíveis.

— Deixe elas para lá — disse Janie. — Você não vai se esconder no seu quarto a noite inteira.

— Posso só deixar esses casacos lá?

— Trinta segundos — respondeu ela, batendo no pulso. — Vou ficar de olho. Você viu meus coroinhas?

Balancei a cabeça e esperei que ela desse as costas para virar e entrar no meu quarto, um espaço pequenininho, que mal tinha lugar para uma cama, uma mesinha com meu abajur de vidro rosa e todos os meus livros. Ah, que alívio. No escuro, tirei as botas, arranquei o papagaio, joguei os casacos no canto e estava pronta para me esconder embaixo do meu edredom listrado de rosa e bege, com meu livro, quando notei uma forma humana embaixo do lençol. Um corpo de homem, murmurando. Identifiquei algumas palavras — “excêntrico” e “rua” e “Chaplin”. Certo, pensei, recuando. Algum cara sem teto entrou com o contingente da Daisy Duke. Nada que eu não pudesse resolver. Peguei uma lata de mousse de volume caso eu precisasse me defender, pensando que simplesmente fecharia a porta, ligaria para a polícia e...

O corpo sentou. — Alô, marujo — ele disse. Acendi a luz e vi Evan em minha cama. — Desculpe se eu assustei você.

Pousei a lata de mousse, sentindo meu coração disparar. — O que você está fazendo aqui?

— Não aguentava mais a música — ele respondeu, fazendo uma careta, como se tivesse mordido algo amargo. — Coloquei Elvis Costello. Coloquei Clash. Então, o pessoal da festa chegou e... — Ele começou a cantarolar sua melhor versão de Vogue. — Só consigo lidar com isso em pequenas doses.

Então, vem cá — chamou ele, dando um tapinha no edredom. — Fique à vontade.

Tirei o meu gancho e me sentei ao lado dele.

— Você gostou da minha fantasia? — perguntou.

— Bem, vejamos. — Eu o encarei, feliz pela desculpa para poder fazê-lo. Ele estava vestido com uma calça jeans e camiseta de mangas compridas. — É...

Evan balançou a cabeça tristonho. — Achei que justamente você fosse entender. Ora, vamos! — disse ele, arrumando os óculos de armação grossa. Balancei os ombros, me desculpando.

— Eu sou o Robert Downey Jr. — explicou. — Passei a noite desmaiando e você foi a primeira a me encontrar. Minha fantasia — disse ele. — Minha fantasia tão brilhante.

— Pobrezinho — falei, me acomodando, de pernas cruzadas, encostada na parede. Meu quarto, apesar de pequeno, era meu lugar predileto no apartamento. Eu tinha tudo de que precisava: uma cama larga e confortável, coberta com o lençol de algodão com a maior quantidade de fios que eu pude pagar, uma mesinha com meu abajur e dois porta-retratos de prata: uma foto de rosto da minha mãe, do ano em que nasci, com sua pele de marfim, os cachos negros e perfil perfeito, e uma foto de nós três, em Tanglewood, quando eu tinha cinco anos. Antes de nos mudarmos, eu tinha planejado empilhar meus livros em chapas de compensado e blocos de concreto, como eu

tinha na faculdade, mas Janie me disse que o Sy estava redecorando e havia me dado três lindas estantes de mogno, de 1,80 metro de altura, com portas de vidro. Meus livros surrados de segunda mão e capa mole ficaram meio ordinários dentro das estantes, mas meu salário não dava para comprar muitos livros de capa dura.

Evan recostou-se e acendeu as velas ao lado da minha cama, as sombras tremulando em seu rosto.

— Você deveria ter ido de Margot Kidder — falei, recostando de volta na cabeceira da cama. Ele tinha aberto uma fresta na janela, e o ar fresco noturno passava em meu rosto. O brilho da lua penetrava de leve pela minha cortina, e eu sentia o cheiro dos gravetos queimados, da primeira lareira acesa da estação.

— De que você acha que eu fui no ano passado? — ele perguntou.
— Não posso me repetir, Katie!

— Claro que não — retruquei, saboreando o calor que eu sentia ao ouvi-lo dizer meu nome. Ele tinha começado a me chamar de Katie algumas semanas antes, e toda vez que falava me dava um impulso de prazer. Eu já tinha sido Kate e Katerina, mas nunca Katie.

Ele se remexeu na cama e eu senti seu hálito junto ao meu rosto quando ele esticou o braço e puxou meu tapa-olho por cima da minha cabeça. Então, ele o colocou, virando o rosto para a esquerda e a direita para me inspecionar.

— Muito bom — elogiei. — Fiquei surpresa em ouvir como minha voz parecia normal. — A pirataria lhe caiu bem.

— Então, o que você está fazendo aqui?

— A conversa estava ficando intensa demais — respondi, em tom solene. — Há um limite de papo sobre física das partículas que uma garota pode suportar.

Ele balançou a cabeça. — Eu sei. — Elas são horríveis, não são?

— Mas bastante decorativas — falei, recostando em meus travesseiros.

— Eu gostava de festas — continuou ele. — Meus pais davam

festas ótimas. Eu servia os drinques, e depois, quando as coisas já estavam embaladas, eu passava recolhendo os copos vazios e, se não estivessem todos vazios, eu os bebia. Uísque, rum com coca, vinho branco... — Meus pais nunca descobriram por que eu ficava tão rabugento no dia seguinte. Acho que eles nunca viram um garoto de nove anos de ressaca. E você?

— Meus pais iam às festas — contei. — Minha mãe costumava me arrastar para eventos beneficentes... — Me sentei, mostrando o gesto de Reina, o jeito como seu olhar infalivelmente me encontrava, mesmo que eu estivesse me escondendo atrás de um monte de contrabaixos do tamanho de navios de guerra, ou de um vaso de planta, o gesto dramático que ela fazia. — “Por favor, diga olá para minha linda filha Katerina”, entoei minha melhor voz de Reina.

— E o que há de errado nisso?

Eu não podia dizer a ele o que havia de errado nisso — centenas de pares de olhos virados em minha direção, quando eu era uma gorducha aos oito anos, uma garota desajeitada aos doze, uma garota curvada e espinhenta aos quatorze, e pensando, tanto que podia quase ouvir: linda? Puxei um travesseiro para o meu colo e o abracei forte.

— Bem, para começar, eu não sei cantar e todo mundo nesses eventos queria saber se eu cantava.

Eles esperavam que eu soubesse. E ela cantava... — Parei, por um momento, me lembrando de uma dúzia de festas, em salões dourados, de mármore. “Reina, uma música!” alguém gritava. Minha mãe fazia alguns minutos de objeção obrigatória, abanando os pedidos com sua mão rechonchuda e cheia de joias. Então, ela cantava por vinte minutos. Mais o bis.

— Mas você sabe cantar — disse Evan.

— Ah, não. Eu, não. Não.

— Sabe, sim.

Agora eu estava ficando tão vermelha que tinha certeza de que estava reluzindo. — Não, eu não canto.

— Canta, sim — repetiu ele. Sua voz era baixa e provocativa. — Eu já ouvi você cantarolando no elevador.

Eu me retraí. — Bem, cantarolar. Isso não é cantar.

— E você canta no chuveiro.

— O quê?

— As paredes são finas — admitiu ele. — Não fique com vergonha! Eu também gosto de Bon Jovi!

Ai, Deus. — Era a Janie — menti.

— Era nada — Ele se virou de lado, apoiando a cabeça na mão, me olhando com o olho sem tapa-olho. Tinha um cabelinho espetado para cima na sobrancelha direita, e meus dedos coçavam de maneira desesperada para alisar. — Cante alguma coisa para mim — pediu.

Se o quarto não estivesse tão pouco iluminado, se ele não estivesse em minha cama, se não tivesse rolado o rum com sidra, eu teria dito não, esquece, e encontrado um jeito de mudar de assunto. Mas que diferença fazia? Ele nunca seria meu, eu pensei, olhando seu rosto sob o brilho rosado das velas, e eu poderia fazer papel de tola ou impressioná-lo totalmente, e ele ainda iria dormir com Michelle no fim da noite.

— Faço um trato com você — falei. — Eu canto alguma coisa se me disser o que faz para ganhar a vida.

Ele afofou o travesseiro. — Você quer mesmo saber?

— Você não quer mesmo me contar?

— Tudo bem — concordou, e sorriu para mim. — Fechado. Mas primeiro você.

Eu me sentei, arrumando a postura e a echarpe vermelha que tinha amarrado na cabeça. Então, eu pensei, por que não? Eu nunca mais teria uma chance como essa. Tirei a echarpe e soltei o cabelo, deixando os cachos úmidos caírem em meu rosto e em minhas costas. Eu podia ouvir a voz suave da Sra. Minheizer em minha cabeça me dizendo como usar a voz, como usar a boca e a língua para moldar o ar que conduziria o som, como deixar que a música viesse através de mim,

não de mim.

Segurei o papagaio na mão como um microfone. — Bem-vindo ao Salão do Papagaio Empalhado — entoei. — Meu nome é Katie Klein e eu estarei aqui a semana toda. Dê gorjeta às suas garçonetes.

Elas trabalham duro. — Então, respirei fundo e comecei a cantar.

— My funny Valentine — eu cantava, baixinho. — Sweet comic Valentine. You make me smile with my heart... — De canto de olho, eu podia ver Evan me olhando de modo arrebatador, com toda a sua atenção, imóvel por inteiro, enquanto minha voz alta, ligeiramente aguda, mas limpa e doce, ecoava pelo quarto.

— Is your figure less then Greek? Is your mouth a little weak? When you open it to speak, are you smart? Don't change a hair for me. Not if you care for me. Stay, little valentine, stay. Each day is Valentine's Day. — Deixei a última nota pairar no ar. Adequado, minha mãe teria dito se estivesse generosa. Evan me puxou para o seu lado pela bainha solta da minha blusa. Então, começou a aplaudir.

— Nossa — disse ele. — Mas nossa mesmo. Você é incrível, sabia?

Balancei a cabeça, corando de novo. — Não sou incrível.

— Você é cheia de onda, isso sim — disse Evan. — Por que não participa de testes, ou canta numa banda, ou algo assim? Você estudou música na faculdade?

— Não sou tão boa assim.

Ele não estava ouvindo. — Não posso acreditar que você canta desse jeito. Eu não acredito que você... — Ele estendeu a mão e tocou meu peito, logo acima do meu coração — carregue isso por aí.

— Está certo — respondi, torcendo para que ele não visse que eu estava vermelha. — Agora, é sua vez. Conta.

Ele de repente ficou bem interessado em brincar com seus óculos de armação de chifre, que ele tinha tirado para colocar meu tapa-olho. — Bem, é meio que segredo.

— Drogas?

— Não, não, nada de ilegal. Eu trabalho meio período. Faço

investigação freelance. Tipo, se alguém entra com uma ação trabalhista e a empresa desconfia que a pessoa está de armação, eu a sigo por alguns dias, vejo o que está fazendo, se está mesmo usando uma coleira ortopédica o dia todo, ou se está se encontrando com as moças na boate de merengue. Ou direito de família. Pré-nupcial, acordos de custódia, essas coisas.

— É mesmo? — Isso sem dúvida explicava as ausências estranhas e as conversas telefônicas sussurradas.

— Também administro um pequeno portfólio de investimentos.

— Então, você tem um fundo de poupança!

— Na verdade, não — respondeu ele. — Ganhei algum dinheiro na TV.

— Fazendo o quê?

Ele murmurou a resposta em meu edredom. — Os Vídeos Mais Engraçados da América. — Então, ergueu a cabeça. — Mas não conte à Michelle que eu disse a você. Ela acha isso sem classe. Ela quer que eu finja que foi na Roda da Fortuna.

Comecei a rir. Não pude evitar. — Os Vídeos Mais Engraçados da América? Não é aquele programa em que tem sempre alguém tomando uma tacada de golfe no saco?

— Katie, Kate, Kate — disse ele, balançando a cabeça. — Você está sendo muito injusta. Às vezes é alguém tomando uma bolada no saco.

— Mas sempre tem o saco no lance, não é? — ele não disse sim, mas também não disse não. — Então, você deu ou tomou a bolada?

— Nenhum dos dois. Eu fui o sortudo, na primeira fila do casamento da minha irmã, quando seu buldogue começou a se atracar com a perna do padre.

Olhei para ele. — Eu sei que você está brincando.

— Não estou — disse ele. — Pode procurar. O nome é “Buldogue pervertido”. E, só para você saber, o padre mereceu. Ele criou muitas dificuldades para minha irmã, só porque ela era lésbica na faculdade.

— Essa era sua matéria menos importante, ou algo assim? —

perguntei. A porta foi escancarada, deixando entrar um fecho de luz inoportuno.

— Evan?

Estreitei os olhos até conseguir identificar a ponta do chapéu de Michelle.

— Ah, oi gata — disse ele, com tanta ternura que eu senti meu coração encolher.

Ela sacudiu o dedo apontado para ele, fazendo bico. — O que está fazendo escondido aqui? O

peçoal está dançando.

— Eu vou num minuto.

— Então, tchau. — Ela fechou a porta, nos deixando na semiescuridão.

— Bem — disse Evan.

— Bem — repeti. — De volta à física das partículas. E não se preocupe — eu disse —, seu segredo está seguro comigo.

— Eu vou lhe trazer uns petiscos — falou ele, girando as pernas para fora da cama. — Ou um guia de estudo.

Ele colocou meu tapa-olho de volta, por cima da minha cabeça, e o arrumou em cima do olho. — Divirta-se — eu disse.

— Você também. — Ele fechou a porta devagarinho ao sair.



CAPÍTULO 12

— É DEVASTADOR... — DISSE Philip Cavanaugh. Ele estava afundado numa poltrona, em sua sala lotada de arranjos de flores brancas que impregnavam o ar com o cheiro enjoativo de lírios. Enquanto eu o observava, ele lentamente ergueu a mão e tocou os lábios com o dedo indicador. Depois abaixou a mão, passando pela caneca de café e a pousando no colo.

Eu tinha ligado para Janie assim que saí da cafeteria, para contar meus percalços com Lisa DeAngelis.

— E ele, hein, pegando a babá — disse Janie, acima dos sons de Sam, Jack e Sophie cantando *Cinco Macaquinhos*. — Mas que clichê revoltante. E agora?

— Ligamos para a polícia? — eu disse.

— Por que não bater um papo com o viúvo alegre antes? — sugeriu Janie.

Olhei para minha roupa. — Acho que não estou vestida para uma visita de condolências.

— *Au contraire!* Você vai levantar o astral dele! Vá em frente. Estou com tudo sob controle por aqui. As crianças dormem à tarde, certo?

— Certo.

Imaginei que não seria legal aparecer na casa do viúvo de mãos abanando, então dei um pulo no Super Shopper, na Route 9, e comprei uma torta de maçã e uma toalhinha xadrez. De volta à van, tirei a torta da embalagem plástica, embrulhei no paninho e dirigi até a cena do crime. Eu até teria passado em casa, para dar uma esquentada e ficar parecendo uma torta ainda mais caseira, mas alguém — é bem provável que eu mesma — tinha deixado uma tábua

de plástico dentro do forno. No mês passado eu tinha ligado o forno no preaquecimento e não percebi o que tinha acontecido até que o alarme de fumaça disparou e eu abri a porta do forno, revelando uma maçaroca derretida e enfumaçada. Desde então, eu já tinha ligado a função autolimpante duas vezes, mas, mesmo assim, tudo o que eu assava ficava com gosto de plástico queimado, incluindo a carne que eu preparei para meu cunhado e a namorada quando eles vieram jantar.

Meus joelhos tremeram quando eu ergui o batedor de bronze dos Cavanaughs. Eu já tinha tudo decorado para conseguir passar pela porta — *Eu só queria transmitir minhas condolências, por essa tragédia, uma coisa tão terrível* —, mas me vi tão perdida nas lembranças do que havia acontecido, na última vez que aquela porta foi aberta, que, quando Philip Cavanaugh atendeu às minhas batidas, eu não conseguia dizer nada. Sem problemas: ele simplesmente assentiu, pegou a torta e me levou até a sala.

— Devastador — ele repetiu, e piscou seus olhos claros lacrimosos, um movimento que parecia tirar toda a sua energia.

Concordei, olhando ao redor da sala, uma sala gêmea da minha, que Kitty tinha transformado num espaço acolhedor, limpo, o tipo de sala em que você quer passar um tempo. Suas paredes eram pintadas de um tom de marrom cappuccino cremoso, e ela tinha escolhido sofás de couro cor de chocolate, mesinhas cor de manteiga e cestos de palha queimada para os brinquedos, livros e revistas.

Havia um tapete oriental vermelho e dourado que até meu olho destreinado conseguia reconhecer como verdadeiro, não um daqueles produzidos em massa, das lojas de departamentos, como os que enfeitavam meus pisos, e imensas pinturas com molduras douradas nas paredes, paisagens do mar, num estilo primitivo, com o sol amarelo-limão, o mar azul-turquesa e a praia pontilhada de barracas vermelhas que pareciam papoulas.

Philip seguiu meu olhar. — A mãe da Kitty que pintou.

— São lindos.

— São em Cape Cod. Ela é de lá — disse ele, com a voz rouca. — Nós levávamos as meninas até lá todo verão para passar duas semanas. Não posso... — A voz dele falhou e ele piscou novamente. — Não posso... acreditar... — Ele nem conseguia juntar forças para terminar a frase. Desviei o olhar enquanto ele limpava os olhos, focando as fotografias em molduras de madeira pintada, perfiladas em cima da lareira. Tinha uma de Kitty com as meninas, cada uma delas segurando uma fatia de melancia e sorrindo, e uma foto do casamento, com Kitty linda, por trás de seu véu, e Philip radiante ao seu lado.

Meu plano era bem simples: fingir que eu e Kitty tínhamos mesmo sido amigas. Fingir que ela tinha se aberto comigo e talvez Philip fizesse o mesmo.

— Sempre adorei essa foto — murmurei, apontando para lareira, percebendo que, enquanto eu estava olhando as paredes e as fotos, Philip Cavanaugh estava olhando para mim. Mais especificamente, para o meu peito, num decote de arregalar os olhos, no suéter pequeno de Janie.

Cruzei as pernas, desejando estar com a calça de moletom de Lisa. Quando ergui o olhar, os olhos lacrimosos de Philip tinham desviado para minhas coxas. Ele estava de boca aberta e eu o ouvi respirando pela boca. *Irc.* Philip não era um cara feio. Todos os componentes estavam ali: os olhos azuis acinzentados, o cabelo louro prateado, maçãs do rosto rijas, boa altura, quadris estreitos e ombros largos, mas era tudo meio molinho, um pouco fora de foco, meio embaçado. Ele deve ter passado a vida ouvindo: *Nossa, como você se parece com o Robert Redford!* Mas, de perto, não parecia. Ele se parecia com um primo mais jovem e não muito inteligente, de segundo grau, do Robert Redford, que teria bebido demais na festa de aniversário do avô, achando que o cúmulo da graça seria enfiar um cubo de gelo em suas costas na hora de dançar.

Será que eu podia imaginá-lo pegando a babá no carro ou a caminho de casa? De fato, eu podia.

Será que eu podia imaginá-lo sussurrando no ouvido da babá: *Se a Kitty não estivesse por perto, nós poderíamos ficar juntos*, e perguntando se ela conhecia alguém com tempo livre e pouca moral que fizesse o serviço? É possível. O que eu não conseguia imaginar, em primeiro lugar, era por que alguém tão legal, situada e linda como a Kitty tinha se casado com esse respirador bucal.

Philip limpou a garganta de um jeito ruidoso e eu apliquei outra tática — paquerar descaradamente. Lambi os lábios e tentei lembrar como era ter um visual provocante para um homem que não a tivesse visto esparramada numa mesa, suando e xingando, tentando pôr para fora um bebê de quatro quilos. Era como pedir a alguém que passou os últimos anos fritando nuggets congelados para fazer um faisão assado *en papilote*.

— Você teve alguma notícia da polícia? — perguntei, com minha vozinha doce, sedutora.

Ele balançou a cabeça.

— Quando eu estava na delegacia... — alisei minha calça e brinquei com um cacho de cabelo, baixando um pouco o tom de voz já baixo — você disse... Quer dizer, eu entreouvi você dizendo que era culpa sua.

Ele piscou os olhos lacrimosos outra vez. — *Content* — ele falou, rouco. — Aquela colunista com quem Kitty trabalhou recebia cartas odiosas... Ameaças de morte. Tem gente desequilibrada por aí.

Doidos. Ela falou que ninguém a conhecia. Escritora... Ghost-writer. Ninguém sabia. — As lágrimas escorriam por suas bochechas com a barba por fazer. — Ela gostava. Gostava... De voar sob o radar.

De ser... Invisível. Mas eu acho... — Ele esfregou as mãos nas laterais do rosto, preenchendo a sala com um som raspado, de lixa. — Que alguém descobriu.

Algo que, é claro, eu acho que ele diria se estivesse tentando

despistar a mim ou à polícia.

— Alguém em particular? — perguntei.

Ele ficou me olhando, boquiaberto, tentando decifrar a frase. Eu tentei de novo, me inclinando para a frente, tocando a mão dele com a minha. — Havia alguém que a incomodasse ou que ligasse aqui para sua casa ou que já tenha vindo aqui?

Ele negou com a cabeça.

— Culpa minha... — disse ele. — Eu deveria... Ter insistido.

Tirei um guardanapo da Starbucks do bolso e dei a ele. Em câmera lenta, ele o dobrou, depois passou nos olhos.

— Eu lamento muito — murmurei. — Por sua perda. — Eu queria perguntar uma dúzia de coisas: *O que sua esposa estava fazendo em Nova York? Era a trabalho ou outra coisa? Kitty estava tendo um caso? Você estava pegando a babá?* Em vez disso, me inclinei para a frente e puxei a bainha do meu suéter, esticando ainda mais o tecido já apertado nos meus peitos. — Conte de novo como você conheceu a Kitty.

— No... escritório — disse ele. — Ela entrou... — Seus olhos se encheram de lágrimas, fixos no meu decote. — Ela era tão...

Linda, eu completei.

— Viva — disse ele. — Curiosa sobre tudo. Fazendo perguntas... Olhando em volta.

Fazendo perguntas, repeti em minha cabeça. *Olhando em volta*.

— Eu a amava — afirmou ele. Seus olhos estavam se fechando outra vez.

— Lamento muito — levantei-me, pensando no que Lisa me dissera. — Preciso ir para casa. — Passei as mãos na calça. — Da última vez que estive aqui... — Ops. — Quer dizer, não da última vez, mas no começo deste mês, Kitty e eu estivemos lá em cima, e eu acho que talvez tenha deixado cair o meu brinco no banheiro. Teria algum problema se eu desse uma corrida até lá para dar uma olhada?

Ele balançou os ombros, depois concordou. Agradei e caminhei inebriada, de volta ao foyer.

Minha respiração estava acelerada conforme eu disparei lá para cima, passei pelo banheiro e abri a porta da suíte principal. Paredes verde-limão, um edredom branco, duas dúzias de almofadas na cabeceira, do tipo que teriam que ser tiradas toda noite e recolocadas de manhã. Atravessei o quarto, sorrateira, até a penteadeira, pensando que Kitty tinha mais bom gosto que eu, e também era bem mais caprichosa. Havia um espelho pesado, com moldura de ferro, uma porção de vidros de perfume de cristal numa bandeja espelhada e uma cadeirinha curva com estofamento de pelúcia. Seu pente e escova estavam lado a lado, junto com um pote de pó de arroz, um pincel, uma caixa de palha para lenços de papel, uma fivela rosa de cristal, que parecia ser de uma de suas filhas. Nada de laptop.

Talvez a polícia o tivesse confiscado.

Sua cômoda era coberta com mais fotografias em porta-retratos dourados. Vi Kitty e Philip, radiantes, olhando um para o outro, em seus trajes de casamento; Kitty com um roupão de hospital, com uma pulseira plástica no pulso, um sorriso exultante no rosto e dois bebês embrulhados em cobertores em seus braços; Kitty com as filhas, de novo, na feira anual da Red Wheel Barrow, cada uma delas orgulhosamente segurando uma torta.

Tirei o cabelo dos olhos e abri devagar a primeira gaveta da cômoda. Não tinha certeza do que esperava encontrar — uma pilha de cartas de amor amarradas com uma fita, com o código postal de Nova York e uma assinatura que não fosse de Philip? Um livro etiquetado “Meu Diário”, com um registro de outubro contendo o nome do assassino, ou, talvez, com uma descrição física detalhada e uma foto Polaroid? Fui olhando as coisas da gaveta, descobrindo uma cartela de pílulas anticoncepcionais, um frasco de aspirina, brilho labial, creme de mão, mapas dobrados de Nova York e Washington e, por fim, uma fotografia, numa moldura igual às da parede. Virei ao contrário e vi Kitty e uma bela mulher de cabelos escuros, ambas com vinte e poucos anos, com os braços ao redor dos ombros uma da outra,

sorrindo para a câmera, enquanto o vento soprava seus cabelos. Tentei duas vezes antes de conseguir deslizar a foto para fora da moldura e ler o que estava escrito atrás: “K e D, verão de 1992, Montauk”.

Coloquei a foto de volta na moldura e voltei à gaveta, remexendo até encontrar outra folha do mesmo bloco claro no qual ela havia escrito o telefone de Evan, com as palavras *Stuart, 1968*. O que era isso? Um lugar? Um nome e um ano? Dobrei outra vez o papel e o coloquei de volta.

Para terminar, perto do fundo da gaveta, tirei um cartão-postal da Estátua da Liberdade, endereçado a uma caixa postal em Eastham, Massachusetts. “Querida Bonnie”, ele dizia. “A cidade de Nova York é tudo o que eu poderia querer e mais. Agora estamos juntos. Mais feliz do que eu jamais poderia acreditar. Todo o meu amor, sempre. — Sem assinatura, sem selo. Quem escreveu o cartão nunca o postou.

— Achou o que estava procurando?

Girei para trás e vi Philip em pé, na porta, segurando a maçaneta, como se fosse cair sem o apoio, com uma expressão de lobo nos olhos vidrados.

— Seu brinco — disse ele. — Você encontrou?

Balancei a cabeça, notando de repente a cama king que parecia crescer a cada minuto, ocupando cada centímetro do quarto.

Philip tentou um sorriso lascivo, que ficou hesitante em seu rosto, como salsinha num prato de salada oleoso. — Gosto dos seus sapatos — disse ele. No instante em que as palavras saíram de sua boca, seu olhar de esguelha sumiu e foi substituído pelo pesar e espanto. Ele parecia velho, cansado e muito, muito triste.

— Eu sei o caminho da saída — eu disse, colocando o cartão-postal de volta na gaveta e dando um passo hesitante em direção à porta. — Só quero que você saiba o quanto lamento...

Philip se deslocou numa velocidade que eu nunca suspeitei para um homem tomado pelo pesar. Em três passos rápidos ele atravessou o quarto, caiu de joelhos e passou os braços em volta de minha

cintura, pressionando o rosto em minha barriga. — Diga-me uma coisa — pediu ele, as palavras saindo velozes, uma por cima da outra. — Ela era feliz? — Eu sentia o calor molhado das lágrimas junto a minhas pernas. — Você era amiga dela. Você a conhecia. Ela era feliz?

Coitado do cara, pensei, esquecendo por um momento que, se minha teoria estivesse certa, Philip Cavanaugh vinha se consolando com a babá enquanto a esposa talvez estivesse viajando para suas atividades extracurriculares em Nova York. Ele parecia tão desesperado. Eu me lembrei do meu pai, perambulando pelo nosso apartamento, com seu oboé na mão, como ele fazia toda vez que minha mãe viajava.

— Você era amiga dela — Philip disse outra vez. Naquele momento, eu me vi desesperada, desejando que fosse verdade. Pousei as mãos em seus ombros, limpei a garganta, olhei para baixo, para sua cabeça loura curva, enquanto suas mãos afrouxaram e desviaram para minha bunda.

— Fique comigo — ele chorava. — Fique comigo, por favor. Não quero ficar sozinho.

Certo, Kate, pensei. Afaguei de leve o alto da cabeça dele, como se ele fosse um cachorro grande que eu desconfiasse que pudesse me morder. Não entre em pânico. Fique calma. Faça a si mesma a pergunta que sempre a livrou de situações mais difíceis que essa: OQAJF? O que a Janie faria se estivesse com um viúvo desolado e, quem sabe, drogado, aos prantos — ai, Deus —, puxando sua calça?

— Philip — eu disse, girando o tórax, primeiro para a esquerda, depois para a direita, até que ele foi afrouxando as mãos. — Preciso ir agora — falei e afaguei de novo a sua cabeça. — Preciso voltar para meus filhos.

— Desculpe — ele murmurou.

Ele abaixou as mãos, que ficaram penduradas junto a seus joelhos.

— Ah, tudo bem. — Peguei minha bolsa e meu casaco. — Se houver algo que eu possa fazer... — Rabisquei meu telefone num pedaço de papel, torcendo para que ele não interpretasse mal o meu

gesto, e desci a escada o mais rápido que pude.

De volta ao carro, liguei o aquecedor, segurei no volante até minhas mãos pararem de tremer e alonguei o pescoço algumas vezes. Quando meu coração desacelerou, peguei o caderninho de Sophie e escrevi o que me lembrava da foto e do cartão-postal. Depois procurei uma página em branco e escrevi: “Fazendo perguntas. Olhando em volta”. O que será que a Kitty queria saber? O que ela fazia em Nova York três dias por semana? E quem ela havia sido antes de conhecer Philip, ter seus bebês e se transformar na mulher mais incrivelmente perfeita de Upchurch?



CAPÍTULO 13

ESTACIONEI A MINIVAN NA GARAGEM e enfiei a cabeça na sala. As crianças estavam brincando de *Candy Land* e Janie estava jogada no sofá. Sua blusa rosa de seda estava para fora, com dois botões faltando, e seu jeans de cintura baixa tinha um rasgo na bainha.

— Obrigada por cuidar deles — agradei, depois olhei melhor. — Você está bem?

— Esses bastardinhos me fecharam dentro da barraca — disse Janie, forçando-se a ficar de pé, passando as mãos no cabelo embaraçado.

Dei um olhar fulminante para as crianças. — Vocês fizeram isso, gente?

Sophie deu uma risadinha. Sam e Jack ficaram olhando para o tabuleiro do jogo.

— Peçam desculpas.

— Desculpe — eles disseram, em coro, enquanto Janie abanava a mão e cambaleava rumo à escada. — Talvez... Eu precise... De uma... Transfusão... Nunca... Vou... Ter... Filhos... — Já era o meu plano de botar todo mundo na van e procurar um telefone público para ligar para Evan outra vez.

Mande as três crianças se sentarem no cantinho do castigo e fui preparar o jantar: nuggets de peixe e batata-doce frita congelada, numa assadeira, no forno, ervilha e cenoura congelada fervendo no fogão. Sam e Jack me olhavam do canto, discutindo qual dos dois ia ficar com o prato vermelho; depois que eu passei cinco minutos procurando no armário até achar um segundo prato vermelho, eles decidiram comer nos pratos brancos. Sophie torceu o nariz para sua

refeição, até que eu tirasse um prato de wasabi e gengibre da geladeira, desse a ela um par de palitinhos japoneses e dissesse que era sushi frito.

Às oito e meia, quando Janie e os três estavam dormindo, preparei um prato de nuggets de peixe e batata-doce frita e servi Chardonnay num copo de plástico. Arrumei meu jantar na mesinha de centro, tirei o caderno Hello Kitty da bolsa e me encolhi para ler. “Agora estamos juntos”. O que isso significava? Quem era a morena da foto? Será que eu poderia arranjar uma viagem até Montauk para descobrir?

Quando abri de novo os olhos, eram dez horas. Havia um par de malas com rodinhas ao lado da porta e meu marido — alto, magro e intenso, com a barba por fazer e a gravata puxada para o lado — estava cafungando em meu pescoço. — Você sabe que tem uma estranha desmaiada em nosso quarto de hóspedes?

— É o seu dia de sorte — eu disse, bocejando.

— Não se levante — ele sussurrou, beijando mais uma vez o meu pescoço. Passei a mão em seus cabelos pretos cheios, toquei de leve seu rosto, depois passei a ponta do dedo na fivela do cinto. Janie e as crianças estavam dormindo, ou, pelo menos, quietos, a lavadora de roupa e a de louça estavam ligadas, o que iria disfarçar meus gemidos e sussurros, nós dois estávamos acordados e eu não estava menstruada, portanto, sim, havia uma chance de podermos fazer sexo pela primeira vez em... Fiquei pensando. E pensando. E pensando mais. Cruzes. E se eu tivesse esquecido como era?

— Eu me senti péssimo por não poder estar aqui com você — disse ele. Não o bastante para evitar a ereção pulsando por trás da braguilha da calça de risca de giz. Bocejei de novo, depois abri o zíper.

— Deve ter sido horrível.

— Foi assustador — falei, enquanto ele deslizava a mão por baixo do meu suéter apertado. — Eles ainda não prenderam ninguém, e eu fui ver o Philip Cavanaugh e...

— Ah. Ah, meu bem. — Ele tinha desabotoado meu sutiã e estava

com uma das mãos apertando cada um dos meus seios. Primeiro o esquerdo, depois o direito, depois os dois ao mesmo tempo, como se estivesse comparando, fazendo compras. Suguei o ar.

— Ela era ghost-writer — revelei, enquanto ele arrancava minha calça.

— Pegue em mim — ele disse, ofegante, levando minha mão direita e pressionando na frente de sua calça, caso eu estivesse confusa quanto ao local em que ele queria ser tocado.

— Para a Laura Lynn Baird, sabe, a loura assustadora... — Ele apertou os lábios nos meus, ou de paixão e desejo ou para me calar, eu não tinha certeza. Retribuí o beijo, enquanto ele se esticava e colocava a mão em meu pescoço. A pressão era leve, mas inegável. Suspirei, me inclinei e caí dentro.

— Ai — ele dizia, ofegante. — Ai, Kate, que gostoso.

Ele erguia e abaixava a cabeça, com minhas mãos nos quadris dele. — Sabe — disse ele, sem ar —, eu ouvi, uma vez, algo sobre Phil Cavanaugh, uma vez.

— Humm?

— Uma mulher. Ele e outra mulher. Ah, não para.

Ergui a cabeça e respirei rápido. — Quando?

— No verão passado — disse ele. Sua cabeça estava balançando para a frente e para trás nas almofadas do sofá. — O cara me disse... Denny Simon, do banco, lembra? Ele disse que eles estavam pegando pesado no verão passado. Ai, assim. Bem assim.

Verão passado, eu pensei, enquanto Ben me erguia de volta ao sofá. *Interessante.*

— Anne alguma coisa. Ou Nan alguma coisa. Ou... Kate — sussurrou Ben, puxando o suéter pela minha cabeça, arrancando dois botões. — Preciso entrar em você. — Os botões quicaram no chão e eu fiz uma anotação mental para pegá-los antes de subir para a cama. Sophie e Jack já sabiam que não deviam colocar objetos estranhos na boca, mas Sam ainda não estava cem por cento, e eu já tinha ido parar

na emergência este mês, quando ele enfiou uma framboesa no nariz.

Ben subiu as mãos pelas minhas coxas. Fechei os olhos.

— Ah, ah. — Então, não era a babá, mas uma Anne ou Nan alguma coisa. E talvez a babá também.

Eu tinha que admirar a energia de Phil. Então, fiquei imaginando se isso teria sido ele dando o troco.

Talvez Kitty estivesse transando escondido em Nova York quando deveria estar trabalhando como ghost-writer, e enquanto Kitty estava fora...

— Ah... — resfoleguei quando ele abriu minhas pernas. — Ah, querido, espera. Meu diafragma...

— Vou tirar — ele disse, ofegante.

Da última vez que eu tinha caído nessa, nós tivemos Sam e Jack nove meses depois. — Só vou levar um segundo. — Ele gemeu, mas se recostou no sofá. Eu embrulhei um xale na cintura e subi a escada correndo. O diafragma estava lá onde eu tinha deixado, no armário do banheiro, eu me senti incentivada: pelo menos não estava visivelmente empoeirado. Encontrei metade de uma bisnaga de espermicida, espremi uma camada dupla na beirada e enchi o diafragma com o gel transparente.

Melhor prevenir do que remediar, pensei, com um dos pés em cima do vaso. Coloquei o diafragma devagar, peguei o xale e desci correndo, até onde meu marido estava. Ele tinha tirado a camisa e a gravata, e seu corpo claro estava todo nu, exceto pelas meias pretas e uma edição de *The Economist* no colo. Joguei a revista para o lado, passei a mão nos pelos ralos do seu peito e me acomodei em cima dele, pensando em como era parecido com andar de bicicleta: por mais tempo que você fique sem andar, nunca esquece como é.

— Ah — ele suspirou. — Ah.

— Não fale — eu disse, balançando o quadril e pousando os dedos em seus lábios.

— Por que não? — ele perguntou, prendendo meu dedo indicador

entre os dentes e dando uma mordidinha.

Peguei seus ombros e fechei os olhos. — Porque está interferindo na minha habilidade de fingir que você é aquele médico gatinho do *E.R.*

— Muito engraçada — disse ele, me deitando de barriga para cima. Eu suspirei pela sensação boa, tão completa. Percebi que era a primeira vez, desde que eu havia encontrado o corpo de Kitty, que não ficava com a mente totalmente ocupada com pensamentos sobre o assassinato. E, claro, com isso, voltei a pensar em Kitty e Philip. A respiração de Ben acelerou. Eu agarrei suas costas. — Ah, Deus! — ele disse, num sussurro estrangulado. Ele mordeu o lábio para não gritar, segurou meus quadris com força, enquanto estremecia.

— Está vendo? — Eu disse, me retorcendo para sair de debaixo dele, alguns segundos depois — Coisas boas acontecem quando você volta para casa, e eu ainda estou acordada.

Ele pousou seu rosto suado junto ao meu. — Eu sei. E lamento. Faz tanto tempo.

— Acho que o programa de entrevistas do Chevy Chase durou mais que você. — Eu me encolhi num canto do sofá, ainda vermelha e respirando ofegante.

— Você pode arranjar coisa melhor — brincou ele, me puxando para perto. Eu o senti sorrindo junto ao meu rosto, enquanto passava as pernas compridas e finas em volta das minhas, nem tão compridas, nem tão finas.

— A campanha presidencial de Al Sharpton?

— A campanha de Al Sharpton, na verdade, até que durou um bom tempo — ele me disse, virando-me de barriga para cima e acariciando devagar entre as minhas pernas. — Sua esperança de ganhar a presidência pode ter durado pouco, mas a campanha durou para sempre.

— Não para — murmurei, enquanto meus olhos se fechavam. Era tão bom, tão bom...

— Mamãe?

— A mamãe está ocupada — meu marido gritou, por cima do encosto do sofá. Tarde demais, eu pensei, embrulhando o xale ao meu redor e levantando, cambaleando. Nada corta mais o clima que uma criança de quatro anos que não consegue dormir.

— Mamãe, o Sam disse que precisa beber água — disse Sophie, descendo a escada. — Mas eu falei para ele: “Nada de água depois de ir dormir, porque depois você molha a cama”, mas depois o Sam disse... — Ela olhou as gotas de suor na minha pele nua, aparecendo nos buracos do xale. — Cadê a sua calcinha?

— Espere um instante, Sophie — eu disse, amarrando o xale mais apertado em volta de minhas pernas nuas, depois a peguei nos braços. — Vejo você em breve — sussurrei para Ben. Mas, até Sam tomar sua água, ir ao banheiro e voltar, e Sophie ouvir uma canção de ninar para voltar a dormir, meu marido já estava apagado, de cueca, ressonando por cima da colcha.

Azar meu. Escovei os dentes, dobrei o xale e olhei desejosa para o chuveiro. Era tarde e eu estaria exausta de manhã, mas ainda estava muito excitada para dormir.

Com três filhos e sem tempo nenhum, eu tinha transformado a masturbação numa ciência. Uma ciência rápida, eu pensei, cinco minutos depois, encostada nos azulejos da parede do box, ofegante e tremendo, com o chuveirinho sacudindo como se fosse uma serpente possuída onde eu o deixara cair no chão. Era triste, eu concluí ao fechar a água, mas acho que me divertia mais com o chuveiro do que com Ben. Na verdade, eu tinha quase certeza de que, desde que nos mudáramos para Upchurch, a maioria dos meus orgasmos tinha sido do tipo faça você mesma. Uma crítica à vida no subúrbio, se é que existe alguma vida ali. Será que havia algum casal casado com filhos que ainda tinha sexo satisfatório? Ou será que todas essas mãezinhas perfeitas de Upchurch no íntimo eram como eu, sentindo que estavam interpretando um papel, como se tivessem entrado no quarto de um

estranho, dormindo de vez em quando com o marido, obsessivamente cobiçando o instrutor musical das criancinhas e ainda adormecendo pensando em seus ex?



CAPÍTULO 14

— DIGA QUE NÃO HÁ ESPERANÇA — eu implorava à minha melhor amiga, numa manhã de segunda-feira, enquanto Janie e eu estávamos em nossas mesas metálicas surradas na *New York Night*. Nosso espaço de trabalho estava transbordando com os jornais do dia, os tabloides da semana e dúzias de tralhas promocionais (canecas de café, camisetas, um porco de pelúcia que gritava o título de um filme quando você apertava sua barriga).

— Não posso — respondeu ela, assertiva, apertando “enter” e “enviar”, despachando para alguém da equipe de redatores seiscentas palavras sobre celebridades que fizeram sexo em banheiros públicos. — Sempre há esperança.

— Tipo o quê? Michelle poderia perder todos os membros num acidente em alguma máquina?

Mesmo que ela só tivesse o dorso, ainda seria mais bonita que eu. Mesmo que só tivesse a cabeça.

— Não é verdade — disse Janie. — Apesar de que ela seria consideravelmente mais portátil. E, mais uma vez, eu lembro: A, você é bonita, B, a beleza física é passageira e não é a questão aqui. A questão é a Michelle ser inatingível e, eu desconfio, o medo que o Evan tem de compromisso, que se manifestou ao ficar noivo de uma mulher que nunca vai entrar na igreja com ele.

Fiquei olhando para ela. — Você acha que ela vai dar o fora nele?

Janie abriu a boca e depois fechou, aí balançou a cabeça, tristonha. — Eu desisto — disse ela.

Suspirei, depois pousei a cabeça no meu teclado e fiquei batendo de leve sobre as teclas. Ninguém pareceu notar. O editor musical não

perdeu uma palavra de sua conversa; Sandra, a crítica literária, não ergueu os olhos do manuscrito para o qual olhava de cara feia. Cinco minutos depois, Polly passou e soltou uma fotografia em meu teclado. — É com você — avisou.

Observei a foto. Era para ser veiculada em nossa contracapa, com uma seção com um título muito sagaz, “CONTRACAPA”, e sempre mostrava uma celebridade flagrada tirando a calcinha da bunda ou coçando o traseiro sem a menor delicadeza. A foto dessa semana era de um bando de pessoas com pinta de bêbadas, uma delas com a mão dentro da parte de trás da calça, além de garotas de jeans e saltos finos dançando em cima de uma mesa. Minha função seria descobrir quem era cada um e escrever uma legenda espirituosa e precisa. Certo, pensei, estreitando os olhos, vendo os rostos.

Rapper, rapper, modelo, modelo, celebridade, assessor de imprensa, assessor de imprensa de celebridade... Meu coração deu uma cambalhota em meu peito. Havia um cotovelo na foto, um cotovelo e um pedacinho do braço. A lateral de um quadril, um vislumbre de bochecha e uma linda e longa cabeleira ruiva.

Eu conhecia aquele braço. Conhecia aquele cabelo. Eu não tinha passado meses fantasiando que a dona morreria num acidente trágico, me deixando o campo livre para consolar e, por fim, casar com seu noivo?

— Ei, Polly — chamei, me esforçando para manter a voz equilibrada. — Quando essa foto foi tirada?

— Ontem à noite — ela berrou de volta. — Na Mercer Kitchen.

Eu me debrucei de novo sobre a foto, com o pulso retumbando em meus ouvidos. Michelle deveria estar fora da cidade. Foi isso que Evan nos dissera. Lá em New Hampshire, remando numa canoa e escalando montanhas para um catálogo de roupa esportiva. Eu me endireitei, segui até os fundos da redação, onde os fotógrafos ficavam, com a foto na mão. — Isso foi recortado? — perguntei. Na mosca. A versão sem cortes da foto, que o prestativo fotógrafo imprimiu para

mim, revelou que aquele braço magrinho e branco estava firmemente ao redor da cintura de um belo homem de cabelos castanhos que batiam no queixo. O homem estava fungando no pescoço da ruiva e com certeza não era Evan McKenna.

Voltei correndo até a mesa de Janie, sacudindo a foto em seu rosto.
— Olhe — eu disse a ela. — Olhe para isso.

Ela olhou. — Deus — murmurou. — Alguém devia avisar esse cara para não coçar a bunda em público.

— Não é o rapper — eu disse, apontando. — Aqui. Este braço. Bem aqui. Quem é?

Ela ficou me olhando. — Ah, que divertido! É tipo onde está o Wally para adultos ou algo assim?

— Olhe — eu disse outra vez, e mostrei a versão sem cortes da foto.

Janie olhou com atenção. — Minha nossa — disse ela. — Ai, meu Deus. — Ela colocou a foto de lado e me levou de volta à minha mesa.
— Você precisa me ouvir.

Mas eu não conseguia. Eu estava agitada, dando pulinhos, nas pontas dos pés. — Ela está traindo o Evan! — eu disse. — E quando ele descobrir... E eles terminarem...

Janie balançou a cabeça. — Como ele vai descobrir? — ela perguntou.

Olhei para ela. Eu não tinha pensado nessa parte. — Eu vou contar para ele?

— Não, não vai. Você nunca ouviu a expressão “Não atire no mensageiro”?

Eu assenti.

— Sabe quem você é se contar para ele? Você é o mensageiro. — Ela apertou as mãos juntas e ergueu os polegares, mirando meu coração. — Pou!

— Mas... Mas alguém tem que contar para ele. Não podemos deixar que ele se case com alguém que o está traindo!

Ela balançou a cabeça, triste, pressionando os lábios recém-retocados de batom. — Não é nossa função — alertou ela.

— Então, o que fazemos?

Janie pegou a foto e tamborilou com ela na mesa. — Esperamos — ela disse afinal. — Consideremos a possibilidade de que ele talvez já saiba.

— Por que ele ficaria com alguém que o está traindo?

— Lembre-se do que eu disse. É a empolgação da perseguição. Do inatingível. E não nos esqueçamos do sexo de reconciliação.

Tirei a foto da mão dela e olhei com cautela. Talvez eu estivesse errada. Muitas garotas têm quadris estreitos e cabelos ruivos. Mesmo que aquele braço magrinho fosse o de Michelle, o fato de estar de volta a Nova York, sem que seu namorado soubesse, e numa festa com outro cara não significava nada, necessariamente, embora parecesse sugerir muito. Talvez ela só tivesse voltado para casa mais cedo. Talvez Evan até soubesse. Talvez não fosse grande coisa. Ainda assim, eu tinha que ter certeza.

— Não, desculpe, ela ainda está em New Hampshire — disse Evan quando eu liguei para perguntar se sua pretendente estaria disponível para me ajudar a escolher uma roupa para a festa de lançamento de um produto. — Eu posso dar o celular dela. — Agradei e desliguei.

Dez minutos depois eu estava no telefone com a agência de Michelle, dizendo que estava ligando da *New York Night* e que nós estávamos fazendo um encarte de novas tendências de lingerie. — Tenho uma loura e uma morena, só preciso de uma ruiva — eu disse. — Com mais ou menos 1,75 metro, tamanho quarenta...

— Quarenta? — perguntou a agente, parecendo duvidosa.

— Trinta e oito! — eu disse. — Ah, e... Não sei bem como dizer isso, mas não estamos procurando uma cientista espacial. Na última seção que fizemos, a modelo não parava de falar sobre um livro de Thomas Pynchon que ela tinha acabado de ler.

— Um e setenta e cinco, tamanho trinta e oito, não precisa ser um

gênio — repetiu a agente. — Vou lhe passar meia dúzia de contatos esta tarde.

— Que ótimo. E as fotos são amanhã de manhã, portanto, seja lá quem você for mandar, tem que estar disponível e em Nova York agora.

— Entendi — respondeu ela, e desligou. Uma hora depois, eu estava folheando uma pilha de fotos de ruivas altas, deslumbrantes, disponíveis e não literárias. Michele era o cartão número três.

Calma, eu dizia a mim mesma, embora estivesse suando e vermelha e começando a ficar com dor de cabeça. Mandeí três comprimidos de Advil para dentro com uma golada de café morno, enquanto Janie enviava as palavras “Não atire no mensageiro!” para minha tela dezenove vezes.

Meu próximo passo era descobrir quem era o Sr. Cabelo Ondulado. Uma ligação para o assessor de imprensa respondeu. — Travis Marx. Ele é o homem da Pantene.

O dia começava a parecer meio irreal. — Perdão?

— Xampu e condicionador Pantene, sabe? Ele é o modelo deles, de cabelo. O Sr. Pantene.

Melhores cachos do mercado. Por quê? Vocês querem contratá-lo?

— Talvez algum dia — respondi. — Quem é o agente dele? — Engoli mais café e fiz mais duas ligações. O agente ingênuo ficou tão contente que me deu o endereço residencial do homem da Pantene, para que eu pudesse enviar os clippings das propagandas da *New York Night*. Então, chegou a hora de ir para a rua.

Nos últimos meses, desde que Evan revelara seu trabalho de investigador, ele de vez em quando pedia nossa ajuda. Ele aparecia em nossa porta nas manhãs de sábado com um boné de beisebol e um caderno na mão. — Preciso de você no lobby do Algonquin — ele dizia, me dando óculos de sol e a fotografia de um homem. — Esse sujeito charmoso diz que passa seus sábados fazendo trabalho voluntário numa cozinha de sopão. A futura quase ex-esposa não tem

tanta certeza. — Eu ficava sentada no lobby, bebericando Coca Diet e procurando o homem; quando ele foi conferir, olhando furtivamente por cima do ombro, com as mãos trêmulas ao puxar um pacote de notas do bolso, tirei alguns fotos, liguei para o celular de Evan e nós saímos para o brunch.

Ou Equinox, ele diria. — Não posso acreditar que ele tenha encontrado um jeito de trabalhar ainda menos — Janie reclamava, mas depois a gente acabava vestindo nossas roupas de malhar (calça de moletom larga para mim, calça de lycra apertada para Janie) e ficava fofocando na esteira, até uma mulher que dizia sofrer de hérnia de disco aparecer para fazer aeróbica de alto impacto de macacão pink. Ou Dalton. Naquele dia, ele chegou ao escritório da *New York Night* na hora do almoço, com um saco plástico contendo um sanduíche de carne, sapatos de duas cores e uma saia xadrez. — Você vai procurar uma garota chamada... — Ele consultou seu caderno e fez uma careta. — Lockhart.

Cruzes. Por que esse pessoal rico coloca esses nomes imbecis nos filhos? A babá vai encontrá-la; a mamãe acha que ela está deixando Lockhart voltar para casa de metrô sozinha.

Olhei para a saia, em dúvida, imaginando minhas coxas brancas de inverno embaixo dela. — Não bastaria eu fingir que sou uma das mães?

— Até bastaria — disse Evan, sorrindo para mim, com os olhos brilhando por baixo das sobrancelhas grossas. — Mas seria muito menos divertido para mim. — Então, comi o sanduíche e fui até o banheiro. (— Será que eu quero saber? — Janie perguntou, enquanto passava outra camada de rímel.) Meia hora depois, eu estava perambulando do lado de fora da escola. Às três e quinze, a pequena Lockhart passou por mim, com uma mochila quase do tamanho dela, rumo ao metrô, sem a babá.

Pensei em perguntar a ele por que Michelle não podia ajudá-lo, por que ela não podia estar na esteira, ou no lobby, ou de saia xadrez,

do lado de fora da escola. Mas a resposta era óbvia. Michelle era o tipo de mulher que você notava e de quem se lembraria. Quanto a mim, bem, eu tinha um talento para a invisibilidade, desenvolvido ao longo dos anos em que morei com Reina. Sabia me fundir às sombras, ficar quietinha num canto, abrir um jornal e me tornar totalmente imperceptível. Apenas diga as palavras mágicas... *Minha linda filha, Katerina...* E eu sumia.

Naquele dia, às cinco da tarde, enfiei a foto de Michelle e do Homem Pantene num envelope e fui alugar um carro no centro da cidade. Às seis eu estava estacionada na frente de um prédio de pedras, no Upper East Side, afundada atrás do volante de um Neon comum, olhando para a porta do apartamento do Sr. Pantene. Eu estava com um gorro de tricô puxado em cima da testa, meu casaco de inverno para me manter aquecida, e tinha trazido um lanchinho, um sanduíche de peru com queijo, um saco de batata frita e duas garrafas de água, uma câmara descartável e um jarro plástico vazio para fazer xixi, se fosse preciso.

Não foi. Eu estava preparada para esperar durante horas — a noite inteira, se tivesse que ficar —, mas essa foi moleza, um tiro certo, um gol de placa. Às nove da noite, Michelle e Travis chegaram, desfilando pela rua, de braços dados, jogando a cabeça para trás, gargalhando. Ela estava com um vestido curto listrado em preto e branco colado em suas coxas perfeitas, sem chapéu, nem casaco ou luvas, apesar do frio. Talvez a culpa a mantivesse aquecida. O Sr. Pantene vestia uma blusa de gola rolê, item fashion de todo descolado, e jeans preto. Fiquei olhando enquanto Travis segurou a porta aberta para Michelle e cochichou alguma coisa em seu ouvido, antes que eles entrassem. Fotografei tudo, incluindo a mão dele na bunda dela.

Duas horas depois, eu tinha dois conjuntos de fotos reveladas. Devolvi o carro e voltei ao nosso apartamento. Janie estava me esperando com um pote de pipoca e uma vodca com suco de pomelo.

— Tudo verdade — eu disse, empurrando as fotos para o outro

lado da mesa da cozinha.

— Você não pode contar para ele.

— Eu não...

— Você não pode, Kate. Aqui. — Ela me deu o copo. — Beba. — Ela me levou para o sofá. — Pense no que eu falei para você. Espere a sua hora. — Assenti, anestesiada, enquanto dava um gole em meu drinque. — Se tiver que ser, vai ser.

— E se não?

Janie balançou os ombros, enfiou as fotos numa gaveta e me deu um sorriso gentil. — Você terá a mim.

Janie e eu tínhamos grandes planos para o Ano-Novo em Nova York, aperfeiçoados ao longo de semanas de planejamento e discussão. Restaurantes chiques ficavam lotados demais, comida para viagem era patético, e a vez em que eu a acompanhei até a casa de Sy para passar a meia-noite me senti tão deslocada (sem mencionar que eu parecia ter o dobro do tamanho e era infinitamente mais dura que as outras convidadas) que fiz amizade com a garota que guardava os agasalhos e passei a noite ajudando a pendurar e entregar casacos de pele.

Por isso, neste ano nós iríamos ao Big Wong, em Chinatown, comer pato à Pequim e tomar sopa.

Depois do jantar, seguiríamos para o Lo Kee Inn, na Mott Street, cantar no caraoquê até que a bola caísse na Times Square. — Com a sua voz e a minha coreografia, é bem provável que consigamos um contrato! — disse Janie. (Eu tinha concordado em aprender seus passos de dança, mas tive que vetar a peruca da Tina Turner.) Depois de muita hesitação, eu havia ligado para Evan, na semana anterior, para convidá-lo. — Parece divertido — ele disse, mas ele e Michelle tinham planos: jantar e dançar no Windows on the World.

— Divirtam-se — falei. Janie e eu fizemos cópias de todos os nossos arquivos de computador e ligamos para desejar feliz Ano-Novo aos nossos pais. Depois, Janie me puxou até o quarto e me deu

um suéter rosa e um par de sandálias rosa-choque cintilante salto-agulha. — Sabe qual é a minha resolução de Ano-Novo? Fazer você transar.

Franzi o rosto para o suéter. — Você não pode decidir perder peso como todo mundo?

Ela balançou a cabeça. — Já sou perfeita — disse ela, e colocou as sandálias em minhas mãos. — Sy me emprestou o carro e o motorista.

Passei o suéter por cima da cabeça, lembrando que, da última vez que Sy lhe emprestara algo (para ser mais espec í fica, o apartamento de Miami Beach, por um fim de semana), ele mesmo só soube depois do fato.

— Não, é sério! Eu pedi! — reclamou ela, me levando até o banheiro.

Emprestei um colar para ela, miçangas de vidro de Murano, que minha mãe tinha trazido para mim da Itália. Ela me emprestou uns brincos, argolas de platina e diamante, cujo preço eu nem queria imaginar. Nós borrifamos perfume uma na outra, fizemos um brinde com uma garrafa de champanhe barato que os donos da *New York Night* tinham nos dado em vez de um bônus de fim de ano, e saímos rumo ao frio.

Até as onze horas já tínhamos concluído nossa miscelânea de Tina Turner (*Proud Mary*, com *Private Dancer* completo em seguida, com Janie de minivestido de franjas prateado e peruca) e descemos do palco, suadas e ofegantes, cinquenta dólares mais ricas, sob o aplauso entusiasmado de duzentos farristas calibrados na biritá. — Eu falei que a gente ia ganhar! — Janie disse, enquanto passávamos por entre a aglomeração, retribuindo os cumprimentos das mãos espalmadas ao alto, e taças de champanhe, no caminho de volta até nossa mesa.

Sorri para ela, depois me virei, olhando feio. — Alguém acabou de beliscar a minha bunda — gritei.

— Fui eu — Janie gritou de volta, sacudindo os dedinhos, alegremente. — Feliz Ano-Novo! Vou passar um pó no rosto!

Dei tchau para ela e fui abrindo caminho, em meio à multidão, de volta à nossa mesa, onde havia duas vodcas com suco de framboesa esperando.

— São do cavaleiro que está no bar — disse a garçonete, apontando. Segui seu dedo e meu coração parou. Se meus olhos não estavam me traindo, ou se eu não estivesse tendo uma alucinação de Ano-Novo movida a desejo, Evan McKenna estava sentado no bar, sem gravata. Sozinho.

— Evan! — o nome dele escapou da minha boca, muito mais alto do que eu pretendia. Ali estava ele, como se eu tivesse imaginado e feito tudo aquilo se materializar. Só que em meus sonhos ele não estava bêbado, pensei eu, quando ele se levantou, cambaleou e se recostou na banqueta do bar para se equilibrar, puxou a faixa na cintura do smoking e chegou, enfim, à nossa mesa. No palco, uns caras que nem pareciam ter idade para beber começaram a cantar *Ninety-Nine Luftballoons*, enquanto Evan emborcou, depois se endireitou.

— Kate — disse ele, tentando sorrir, enquanto despencava numa cadeira. Sem dúvida ele havia passado uma longa noite, bebendo em algum lugar, e eu duvidava que tivesse sido no Windows of the World. Ele estava usando um boné de beisebol. Pelo cheiro, tinha ficado de molho no uísque, e parecia profundamente infeliz. — Achei que fosse encontrar você aqui.

— E aqui estamos nós — Alisei o suéter rosa de Janie no peito. — Você não deveria estar num jantar?

— Deveria — disse ele. Seus olhos verdes estavam vermelhos e suas palavras não saíam tão emboladas, mas ele com certeza falava meio mole. — Gostei da sua blusa. — Ele estendeu a mão e passou um dedo ao redor do decote.

Meu coração disparou. — Você está bem? — Ele olhou para a mesa. — Evan? — Estiquei o braço, hesitante, e coloquei a mão sobre a dele. — Aconteceu alguma coisa? — Seus lábios tremeram e ele os

fechou.

— Ei! Você! — gritou um cara sorridente, de smoking, com uma garrafa grande de Coors na mão.

— *Proud Mary!* — disse ele, e me fez um sinal de positivo, com os dois polegares para cima. Dei um sorriso rápido e não soltei a mão de Evan.

— Vai lá — pediu Evan, levantando-se. — Não quero estragar sua noite.

— Não, não, tudo bem, já terminamos. Fizemos nosso show. Já acabou. O que você está fazendo aqui?

Ele afundou na cadeira outra vez. — Michelle e eu deveríamos nos encontrar no apartamento dela às seis. Ela não voltou para casa — disse ele. Engoli em seco e quase não consegui evitar que um grito de *Obrigada, Deus!* saísse da minha boca. Meu coração parecia que ia sair do peito, ficando cada vez maior e mais leve, até me erguer da cadeira e me fazer sair flutuando acima do salão enfumaçado, cheio e barulhento, acima das cadeiras remendadas com fita-crepe, do carpete puído, acima do palco ladeado por duas telas de televisão e uma máquina de fumaça, passando pelo telhado, rumo ao céu limpo noturno.

Eu me abaixei para murmurar em seu ouvido, o fiel retrato da amiga de verdade. — Você acha que ela está bem? Faz ideia de onde ela está?

— Eu sei. — Ele pegou um dos drinques e virou tudo em duas goladas. — Eu sei. — Sua voz falhou no fim da frase, e ele nem pareceu notar quando pousei a mão entre seus ombros, afagando de leve, fazendo barulhinhos acima do som do caraoquê. *Lembre-se disso*, eu disse a mim mesma, sentindo o calor de sua pele por baixo da camiseta de algodão, inalando o ar enfumaçado do bar, memorizando cada espelho e luz de neon, o cheiro de bolinhos fritos e champanhe barato, o cheiro adocicado da fumaça falsa que eles lançavam no palco, enquanto uma garota asiática miúda cantava, de vestido azul

de cetim. *Once upon a time, I was falling in love, now I'm only falling apart.*

— É... Bem... — Ele balançou a cabeça. As palmas das minhas mãos estavam formigando e o meu coração batia depressa demais. Ele tinha vindo até o centro da cidade para me encontrar. Igual ao Daniel Day-Lewis em *O Último Moicano*.

Evan me encarava com seus olhos vidrados e vermelhos. — Bonita — disse ele, num tom que eu só tinha ouvido sonhando acordada. Suas pálpebras estavam caídas. — Você está tão bonita hoje.

Nós dois olhamos para cima quando Janie limpou a garganta. — O que temos aqui? — perguntou ela, sentando-se em sua cadeira e arrumando a peruca.

— Oi, Janie — cumprimentou Evan.

Ela ficou olhando para ele. — Nossa. Anotaram a placa do caminhão que atropelou você?

Desviei os olhos para ela, torcendo para transmitir os fatos pertinentes (que Michelle tinha dado um bolo nele na noite de Ano-Novo, que ele parecia ter descoberto a presença do Sr. Pantene).

Infelizmente, Janie não era adivinha. — O que está acontecendo? — perguntou ela, remexendo na alcinha de seu minivestido de franjas.

Evan se retraiu, depois se levantou. — Com licença — disse, embolado, e avançou em direção à aglomeração.

Fiquei olhando enquanto ele ia cambaleando. — O que aconteceu? — perguntou Janie. Conte o que ele havia me falado.

Janie segurou minhas mãos e me olhou nos olhos. — Certo, Kate. Você precisa me ouvir.

Eu sabia o que ela ia dizer — outra versão daquela merda de sermão de não atire no mensageiro —, e não queria ouvir.

— Ele está de coração partido — ela começou. — Está solitário. Está sofrendo. É vulnerável. E, pela cara, talvez esteja tomando muito remédio para dor. Não, eu repito, *não* durma com *ele*.

— Eu não ia dormir com ele — repliquei, embora, claro, isso fosse

na medida exata o que eu estava planejando. Era a minha chance. Em condições normais, eu jamais poderia competir com uma modelo ruiva de 1,80 metro com o atrativo de ser inatingível. No entanto, se Michelle tinha partido o coração de Evan e fugido com o garoto do xampu, se ele estava bêbado, desanimado e talvez até drogado, então havia uma possibilidade de eu ter chance.

Levantei. — Já volto.

— Kate... — Janie me encarou, com seus olhos castanhos suplicantes. — Estou falando sério!

— Vou ao banheiro! — respondi, e saí andando, cada vez mais rápido, com meus saltos deslizando no carpete. Virei a esquina, e então senti alguém segurar meu sutiã. Dedos firmes me puxaram para trás com força, depois soltaram a alça, que estalou de volta, doendo em minhas costas.

— Ai!

— Desculpe se machuquei você — disse Janie —, mas, Kate, eu vou tocar fogo na cidade para salvá-la.

Fiquei olhando para ela, boquiaberta. — Hã? Eu sou a cidade dessa analogia?

Janie arrumou a peruca. — Espere... Deixe-me ver. Sim. Você é a cidade. Sim. Agora, me ouça. Dá um tempo. Não se jogue em cima dele. Seja paciente.

— Tenho que ir — sussurrei, pensando que ser paciente era algo para garotas com a aparência de Janie, e oportunidades como essa eram feitas para garotas como eu. Evan estava caído, do lado de fora do banheiro, no fim de um corredorzinho. Peguei a mão dele e puxei pela porta sinalizada como saída de emergência, que estava presa com uma cadeira, saindo num beco e adentrando a noite.

Nós saímos numa rua cheia de festeiros de Ano-Novo, turistas com enfeites de isopor da Estátua da Liberdade na cabeça, mulheres de vestidos apertados, oscilando em cima de saltos altos, bandos de caras berrando e se escorando uns nos outros, segurando garrafas,

garrafas de cerveja, garrafas de vinho, mais champanhe. Evan me puxou em direção a uma rua lateral perfilada de lojas de importados, com toldos vermelhos e luminárias douradas de papel balançando ao vento. Parecia que todos pretendiam passar a noite abertos. — Onde está o seu casaco?

— Eu não trouxe — respondi, me aproximando de seu rosto, para que ele pudesse me ouvir. Eu deveria estar com frio, mas não estava, embora nossa respiração estivesse saindo em nuvens de fumaça, condensando no ar gélido, enquanto falávamos. — Janie está com o carro do pai dela... Nós não íamos andar a pé e teríamos que ficar carregando o casaco a noite toda...

Ele me arrastou para dentro do saguão de uma loja chinesa de doces e ali, embaixo da luz da janela de vidro, na frente de uma porção de bandejas cheias de pães folheados, ele tirou o casaco e o colocou nos meus ombros. Ele me puxou para junto dele, e ali estávamos nós, olho no olho, peito com peito, quadril com quadril.

— Katie — ele sussurrou.

— Evan — sussurrei também. Quando ele me beijou, eu senti seu coração batendo junto ao meu.

Recostei-me na janela, embaixo das luminárias, os sininhos batendo ao vento, acima de nossa cabeça.

Foi como se eu o estivesse inalando, bebendo, e todas as visões e sons daquele Ano-Novo em Nova York sumiram enquanto ele me abraçava.



CAPÍTULO 15

QUANDO ACORDEI, BEN ESTAVA, na frente do armário, olhando de cara feia para a fileira de cabides e coçando a barriga. Sentei na cama, bocejando.

— Quem você acha que ia querer matar Kitty Cavanaugh? — perguntei.

Ele balançou os ombros, sem se virar. Janie estava supostamente ainda dormindo no quarto de hóspedes, e as crianças deviam estar lá embaixo, destruindo a cozinha, procurando o café da manhã.

Ele tirou uma camisa, um terno e uma gravata. — Não sei — respondeu, vestindo a calça. — A polícia é que tem que se preocupar com isso.

— Você acha mesmo que Stannie Bergeron vai desvendar esse caso? Ele mal conseguiu decifrar nosso sistema de alarme.

Ben vestiu a camisa, colocou a gravata, olhou no espelho e arrumou o nó para a esquerda. — Bem, nem você.

— *Touché* — resmunguei, jogando as cobertas para o lado. — A que horas você chega hoje?

— Tarde — disse ele. — Desculpe. Tenho uma reunião na prefeitura de Massapequa.

— Antes você do que eu — eu disse. — Então, você não tem nenhuma teoria? Insights? Algo que possa compartilhar comigo antes de partir para a selva de Long Island?

Ele meneou a cabeça, depois tirou um pedaço de papel higiênico que estava colado num corte da barba no queixo. — Eu nem a conheci e só o vi uma ou duas vezes, no trem.

— Bem, o trem. Aí está. Qual era o trabalho dele?

Ben se virou de volta para mim, jogando a camisa de ontem no armário, junto com uma pilha de roupas da altura do seu joelho que eu vinha pretendendo levar ao tintureiro fazia duas semanas.

Talvez três. — Estou ficando sem camisas. — Essa observação foi dita bem baixinho, para que só eu ouvisse.

— Vou ao tintureiro hoje de manhã. — Pulei da cama, me abaixei, peguei a pilha de camisas sociais, torcendo para que o visual o instigasse a ficar mais alguns minutos.

— Seguros — disse Ben. Primeiro ponto para minha calcinha preta. — O pai dele tem uma empresa de seguros marítimos. Eles trabalham com barcos, propriedades no litoral, acampamentos de verão com lagos. E Philip trabalhava para o pai. O que ouvi dizer é que ele não era muito impetuoso para trazer novos negócios. Gostava das vantagens do emprego e do cargo, mas não era muito bom no trabalho. Parece que a empresa não vai muito bem.

— Ah. — Imaginei Philip num terno impecável de alfaiate, entrando no escritório depois das dez, saindo para almoçar às onze e meia e passando a tarde no campo de golfe.

— Preciso ir — disse ele, abaixando-se para me dar um beijo. — Você e as crianças, tenham um dia maravilhoso.

— Até — eu disse para suas costas.

A Red Wheel Barrow estava fechada naquela manhã — reunião de professores, eu acho —, então, relutante, eu me despedi de Janie, que estava voltando para Nova York. Depois dei comida para as crianças, ajudei todo mundo a trocar de roupa e fui com eles de carro para o parque, onde as mães já estavam reunidas, juntinhas, sob um céu cinzento medonho.

Por um instante, pareceu um daqueles jogos infantis em que você tem que adivinhar o que está faltando no desenho. Lá estavam Carol Gwinnell, com seu ponche de franjas e brincos de argolas, e Lexi Hagen-Holdt, de lã e lycra Nike dos pés à cabeça, e Sukie Sutherland, com seu batom vermelho-escuro e luvas de couro, em pé ao lado do

banco em que Kitty costumava se sentar.

Eu me aproximei devagar. As moças estavam ouvindo Marybeth Coe discorrer sobre as teorias comentadas pela cidade. Kitty Cavanaugh tinha sido vítima de um ataque estilo submundo do crime.

Kitty Cavanaugh havia sido atacada por terroristas. Kitty Cavanaugh tinha sido estrangulada com seu BabyBjörn e caíra dura no chão da cozinha.

— Ainda acho que foram as feministas — disse Sukie Sutherland. Ela tinha sentado no banco e mexia no celular, entre goles de seu shake diet de spirulina. Estava usando calça de lã de cintura baixa, expondo sua barriga reta forrada de caxemira. Suas botas de couro macio e o casaco forrado eram um contraste doloroso com meus tênis e moletom. — E não me interessa o que diz a Constituição: eu acho que qualquer um que tenha ameaçado pela internet tem que ser preso.

— Na verdade, é a Declaração de Direitos — murmurei. Ao contrário do murmúrio do meu marido, o meu não era alto o suficiente. Carol Gwinnell se aproximou de Sukie. Lexi Hagen-Holdt se virou, ficando quase de costas para mim. — Vamos usar o sistema de segurança ativado por movimento — ela anunciou.

— Nós instalamos portões eletrônicos hoje de manhã — disse Marybeth Coe. Ela baixou o tom de voz. — E eu ouvi dizer que os Raglins contrataram um segurança. — Surgiu um barulho no aglomerado de mães, e não foi do tipo uma fungada de incredulidade. Foi o som das mulheres remexendo as bolsas de fralda de seda, em busca de papel e caneta, ou Palm Pilots, para escrever onde o segurança tinha sido contratado e se havia mais disponíveis. Suspirei e enfiei as mãos nos bolsos, enquanto o círculo de mães se formava, comigo sempre do lado de fora. Eu pretendia esticar meu mandato de rainha por um dia, até pelo menos o fim de semana, mas Sukie sem dúvida tinha me usurpado. Tanto o canal seis quanto o canal dez transmitiram o noticiário das seis com entrevistas, nas quais Sukie (que, eu notei, não parecia tão debilitada com o choque e pesar, pois

tinha conseguido dar uma fugida até o salão do Sr. Steven para fazer uma escova) recitava suas frases feitas: *Kitty era gentil, Kitty era brilhante, Kitty era uma mãe maravilhosa e que perda terrível para todas nós.*

— Mamãe. — O pequeno Peyton puxou o braço de Marybeth Coe.
— Estou com fome!

Dez segundos depois, meia dúzia de mães abriram meia dúzia de saquinhos de lanche a vácuo e tiraram meia dúzia de verdadeiros estudos sobre alimento saudável. Peyton mordiscava vagem cozida no vapor tirada de um Tupper-ware. Charlie Gwinnell mastigava bolinhos de legumes, enquanto Tristão e Isolda comiam pão de nove grãos com pasta de castanha e soja. Meus três filhos vieram correndo e ficaram me olhando, na expectativa. Disfarcei remexendo na sacola, como se realmente tivesse me lembrado de colocar algo ali dentro, ou como se a Fada Madrinha do Petisco tivesse feito uma visita durante a noite. Só achei pastilhas para tosse e metade de uma barra de chocolate derretida.

— É...

— Aqui — disse Sukie, rapidamente distribuindo sanduichinhos.
— Eu trouxe a mais.

Quando as crianças estavam comendo, eu me aproximei de Carol, torcendo para que a única mãe do playground que não usava tamanho 38 talvez tivesse alguma afinidade comigo, e dei um tapinha em seu ombro.

— Você conhece um bom advogado aqui na cidade?

Ela fechou seu saquinho Ziploc com cubinhos cortados de pimentões e entregou ao filho Charlie um guardanapo de papel. — Que tipo?

— Alguém que faça testamentos. — As mentiras vinham com facilidade depois que eu pegava embalo. — Ben e eu fizemos um depois que as crianças nasceram, mas, agora... Com tudo o que aconteceu... Quer dizer, não quero ser mórbida, mas há coisas que já vínhamos pensando em atualizar e eu acho que agora...

Ela assentiu, com os olhos azuis sérios.

— Você conhece um cara chamado Kevin Dolan? — perguntei, bem casualmente, ao mencionar o nome do advogado de Lisa, a babá, e amigo de Philip Cavanaugh.

— Kevin, claro — disse ela, ajudando Charlie a subir no balanço. — Ele tem escritório naquele antigo prédio vitoriano, na esquina da Elm com a Main. É um cara legal. — Carol lambeu o lábio ressecado e se aproximou de mim. — Sukie me disse que você conversou com a babá de Kitty.

Balancei a cabeça, despreocupada.

— E você falou com o Philip?

— Passei para deixar uma torta. Queria dizer o quanto eu lamentava — respondi, decidindo por enquanto deixar de fora o desespero de Philip para saber se a esposa morta era feliz, enquanto tentava me levar para a cama de casal.

As pulseiras de Carol tilintaram acima das vozes baixas das mães murmurantes, falando sobre que canal estava dando a melhor cobertura sobre a morte de Kitty e sobre como muitos repórteres haviam ligado para a casa delas. De vez em quando, a voz de alguém aumentava de repente. — Peyton! Fique onde eu possa vê-lo! — Tate! Não coma terra!

— Ele tentou algo? — ela cochichou.

Fingi ficar chocada. — Quem? O Phil?

A pele clara de Carol ficou vermelha enquanto ela lambia mais uma vez os lábios. — Ele meio que tem fama.

Arregalei os olhos e baixei o tom de voz. — Ele já tentou alguma coisa com você?

O rubor de Carol aumentou. Ela balançou a cabeça uma vez, enquanto pegava uma sapatilha roxa de balé no piso emborrachado, embaixo do corredor. — Ele já tentou algo com todo mundo.

Aumentei minha incredulidade. — Lexi? Marybeth?

Carol balançou os ombros, depois passou os dedos pelos cabelos

ruivos finos. — Ele tentou me beijar numa festa de Natal, há três anos. Mas nós estávamos embaixo do pé de visco, então...

— Nossa. Coitada da Kitty.

Ela assentiu com vigor e deu um empurrão no balanço de Charlie, com um impulso mais enfático.

— Muito triste. Simplesmente muito triste.

Sophie veio correndo e pegou minha mão. — Mamãe, Sam e Jack estão bloqueando o escorrega para todo mundo.

Até a hora em que consegui convencer os meninos a descer do escorrega, Carol já tinha se juntado à coletiva de mães. Passei vinte minutos sozinha, empurrando Sophie no balanço, enquanto ela cantava *Peggy's pie parlor polka* seis vezes seguidas. Por fim, induzi Sam e Jack a saírem da gangorra, coloquei todo mundo na van, passei no mercadinho mais próximo e comprei caixinhas de suco e um biscoito de manteiga de amendoim tão encharcado de conservantes que uma rápida olhada nas informações nutricionais deixaria qualquer mãe de Upchurch desmaiada.

Então, a cidade toda sabia que Philip Cavanaugh tinha olhos e língua errantes e não causava muita sensação no mundo dos seguros marítimos. Saí do estacionamento sentindo um frisson de prazer que logo foi seguido por uma onda de culpa. O prazer era por me dar conta de que a vida da bela Kitty Cavanaugh não havia sido tão bela e centrada como me parecia. A culpa era pelo prazer. Ela estava morta, eu pensei, virando na Main Street. Ela estava morta e suas filhinhas cresceriam sem uma mãe, e só uma pessoa horrível ficaria feliz por isso.

Kevin Dolan, advogado, trabalhava num lindo prédio branco vitoriano com janelões de ferro envidraçados e uma placa discreta de madeira, na esquina da Elm com a Main. Passei um pouco de batom, torci o cabelo e o preendi num coque e me assegurei de que o curativo de O Gato que eu tinha no tornozelo estava coberto pela meia, antes de sair do carro.

— Posso ajudar? — perguntou a recepcionista, enquanto eu entrava com Sam, Jack e Sophie no local que antes devia ter sido um salão, coloquei todos sentados nas cadeiras com almofadas bordadas, de frente para uma lareira com cornija de mármore, e lancei meu olhar para que eles se comportassem.

— Olá, eu sou Kate Klein Borowitz — falei, acrescentando o nome de Ben, torcendo para dar mais peso, junto com as sílabas extras. — Eu era amiga de Kitty Cavanaugh.

— Uma tragédia — a recepcionista murmurou, de trás da mesa, que parecia uma peça autêntica de antiguidade. Ela tinha cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos bem arrumados, um blazer marrom e uma saia xadrez em marrom e branco.

— Sei que Kevin era amigo da família — eu disse. Então, lancei a desculpa que arranjei no caminho, vindo do playground, e que sem dúvida ia garantir minha entrada: — Eu queria saber se ele teria um instante para falar comigo sobre um discurso que estou preparando para a missa.

Ela assentiu, solidária, apertou um botão no telefone, murmurou rapidamente e disse: — Ele vai recebê-la.

Dei um afago nas crianças e lancei um olhar dizendo que haveria sérias consequências se eles não ficassem quietas, ou se atacassem o pote de vidro com chocalinhos Hershey's numa das mesinhas delicadas. — Comportem-se — ordenei, animada, num tom que não faria a recepcionista achar o contrário. — A mamãe volta num minuto.

Virei em direção à porta do escritório. A recepcionista colocou a mão no meu antebraço. — Só quero que saiba que ele já se aborreceu bastante por isso — ela disse, baixinho. — *E, se você o aborrecer mais, eu vou jogar seus filhos no meu forno e assá-los para o jantar*, seu olhar prometia.

Assenti, entrei no escritório e encontrei Kevin Dolan, baixinho e ombros arredondados, com uma camisa Oxford apertada demais e uma gravata comprida demais, sentado atrás de uma mesa pesada de

carvalho.

Ele tinha cabeça em formato de ovo e corpo em forma de ameixa, bochechas rechonchudas, olhinhos miúdos castanhos e um sorriso meigo. Não era um ídolo da matinê, mas era bem atraente: um cara que receberia os votos para palhaço da turma ou teria, ao menos, alguns diplomas de ciência política e contrataria meu marido para ajudá-lo a concorrer ao Senado. Dava para ver por que a recepcionista queria protegê-lo. Havia algo meigo em Kevin Dolan, algo que me lembrava os meus meninos.

— Olá! — disse ele, levantando-se de sua cadeira, apertando a minha mão, puxando uma cadeira de madeira para mim e esperando até que eu estivesse sentada para voltar a sua mesa.

— Obrigada por falar comigo. Sou Kate Klein.

— Fico feliz em ajudar. Ouvi dizer que foi você que... — ele baixou o tom de voz e parou o joelho que estava quicando. — Deve ter sido terrível.

Concordei e decidi que a honestidade (honestidade relativa) seria a melhor política com esse homem meigo e prestativo. — Eu não a conhecia tão bem, mas nossas amigas, as outras mães, gostariam de fazer algo em sua homenagem.

Ele tamborilou os dedos na mesa, cruzou as pernas e ficou sacudindo um pé. — É uma ideia maravilhosa.

— Então, me diga — eu disse, pegando meu caderno. (Kevin ergueu as sobrancelhas para a purpurina da capa, mas não disse nada.) — Como você descreveria Kitty? Se pudesse escolher três palavras para se lembrar dela, quais seriam?

— Dedicada — disse ele. Enfiou uma das mãos no bolso e começou a sacudir as chaves. Mas não parecia nervoso. Talvez fosse um desses tiques naturais, o tipo de cara que fica se contorcendo na cadeira quando os créditos do filme estão passando, e que precisa se levantar pelo menos duas vezes para esticar as pernas durante o filme. — Ela era a mãe mais dedicada que eu já vi.

Dedicada, escrevi, tentando conter a pontada de decepção. Bem, o que eu esperava? Que o primeiro de seus três adjetivos fosse “infiel”?

— Dedicada aos filhos? — perguntei.

— Dedicada aos filhos, ao casamento, à casa — disse Kevin, batendo com a borda de uma pasta de arquivo na mesa e depois colocando-a numa gaveta. — A casa dela era... é linda.

Casa linda, escrevi. — Eu sei.

— Três palavras não são suficientes. Kitty era inteligente, bonita, ela era... — A voz dele parou de repente. Ele passou rapidamente a mão em seus cachos curtos. — Bem, você a conheceu. O que diria?

Que palavras usaria para descrevê-la?

— Intimidativa — respondi. Foi um risco, mas valeu a pena. Os cantos dos lábios dele se curvaram quando ele sorriu.

— Você achava? — perguntou ele.

Ela me matava de medo, eu quase disse antes de perceber como isso soaria. — Bem, é como você estava dizendo. Ela era dedicada aos filhos, tinha uma casa linda. Para o restante de nós... Quer dizer, algumas manhãs eu só me esforço para ter certeza de que meus filhos estão de roupa limpa, sem ligar se as roupas combinam, sem ligar se minha casa parece arrumada...

A cadeira dele rangia conforme ele balançava para a frente. — Acho que Kitty não tinha a intenção de intimidar ninguém. Mas ela levava muito a sério o seu papel de mãe.

— Você sabe por quê?

Ele me deu um sorriso amistoso. — Bem, acho que a maioria dos pais daqui leva isso muito a sério.

— Eu sei, quero dizer... — Arrisquei um palpite. — Teria acontecido algo com uma de suas filhas para que ela ficasse tão... rigorosa? Eu sei que em algumas ocasiões isso pode ser um despertar... — Minha voz foi sumindo à medida que o sorriso de Kevin foi se transformando numa expressão intrigada. — Quer dizer, uma vez um dos meus gêmeos rolou da cama... — Agora ele não me

olhava só intrigado, estava preocupado também. Mais um minuto e ele ligaria para o Departamento de Proteção à Família. — Mas deixa para lá! — eu disse. Minha voz estava alta demais para o pequeno escritório acolhedor com bordados antigos emoldurados nas paredes e a luz do outono entrando pelas janelas limpas. Tentei de novo. — Pode me dizer algo sobre o trabalho dela na *Content*?

Ele balançou a cabeça. — Ela era bem reservada quanto a isso. — Ele se recostou na cadeira, enlaçou as mãos sobre a barriga e ficou olhando para o teto, depois se balançou para a frente. — Eu a conhecia desde que ela se casou com Phil, mas, agora, com tudo o que veio à tona, eu me pergunto se a conhecia de fato.

— Você e Phil eram amigos fazia muito tempo?

— Desde o ensino médio — disse ele, assentindo. — Somos aqui da região. Nós dois crescemos aqui e, depois da faculdade, voltamos para ficar.

Assenti e escrevi, e dei outra olhada para Kevin. Seus olhos castanhos eram luminosos e interessados, por trás de óculos de armação de tartaruga, e seu queixo duplo caía suavemente por cima do colarinho. *Um cara tão legal*, é como as garotas deviam achar no colégio. De Phil Cavanaugh, elas deviam dizer *Ele é um sonho*.

— E como ela conheceu Philip? Foi em Nova York? — Eu torcia para que ele me jogasse um osso, alguma informação sobre a vida de Kitty antes de ter filhos, de sua vida anterior a Upchurch, algo que me desse uma noção de quem ela era de verdade além de uma mãe perfeita, com cabelos perfeitos e uma casa perfeita.

— Não. Aqui. Ele se deparou com ela no escritório, logo depois que começou a trabalhar com o pai dele.

— E antes de conhecer Philip? — perguntei. — Sabe algo da vida dela antes de vir para Upchurch?

— Sei que ela escrevia e morava em Nova York — respondeu ele. — Estava tentando fazer a carreira decolar. Acho que ela fazia artigos como *freelance*, editava o informativo de um hospital. — Perguntei

qual. Ele balançou a cabeça, se desculpando.

— Lembra-se de onde ela morava? Que bairro? — perguntei. — Eu morei no Village.

— Ela nunca falou muito sobre isso. — Ele se remexeu na cadeira, descruzou e cruzou as pernas.

Eu lhe dei uma variação da pergunta que Phil me fez. — Ela era feliz lá? Ou era mais feliz aqui?

Será que isso, sabe, filhos, casa, playground, revezamento de caronas era o que ela queria?

Ele me deu um sorriso e balançou para trás na cadeira de novo, com as mãos na barriga. — Não sei se ela adorava Nova York — disse ele. — Acho que era o habitual. Namorados ruins, chefes ruins.

Não há uma porção de livros de capa rosa sobre coisas assim?

— Então, nada fora do comum.

Ele sorriu. — Não que eu saiba. Ela nunca cumpriu pena numa prisão tailandesa por tráfico de drogas ou algo assim. Quanto a Connecticut... — Ele se balançou para a frente e para trás, parecendo triste, eu concluí. Não, nostálgico. Saudoso.

— Não sei — ele afinal falou. Sua voz engrossou — Eu acho... Eu gostaria de acreditar... Que ela era feliz aqui.

As rodinhas de sua cadeira rangeram sobre o quadrado de plástico rijo. — Ela era uma das minhas pessoas favoritas — ele soltou, numa voz que pareceu bem diferente de seu tom inicial bondoso de *como posso ajudá-la*. — Simplesmente não consigo acreditar que algo assim pudesse acontecer. Em Nova York, talvez, você até espere. Mas aqui?

Um rubor me subiu do pescoço até o maxilar. *Ela era uma das minhas pessoas favoritas*. Arrá! Eu até imaginava como foi isso — o belo Philip e seu assistente comum e rechonchudo, o belo Philip e sua linda esposa, e Kevin alimentando uma queda secreta e não correspondida por ela todos esses anos. Será que Kitty o incentivava? Será que eles teriam trocado olhares apaixonados ao longo dos anos, seus olhos castanhos e meigos cruzando com os surpreendentes olhos azuis, por

cima do braseiro do churrasco de Quatro de Julho, da vasilha de ponche da festa de Halloween, no *eggnog* natalino? Será que eles consumaram seu amor? Será que essa teria sido a vingança de Kitty por Phil enfiar a língua na garganta das vizinhas embaixo do pé de visco todos esses anos? Teria Kevin implorado para que ela deixasse Philip, dizendo que o marido não servia nem para beijar o chão que ela pisava? Teria Kitty recusado, sabendo que um divórcio mancharia seu esplendor de mãe perfeita?

E teria Kevin aparecido em sua casa, numa manhã de outubro, para tentar convencê-la, uma última vez... Depois pegou a faca de açougueiro na bancada de Kitty, dizendo: *Se eu não posso tê-la, ninguém mais terá?*

Kevin piscou, balançou para a frente e olhou para o relógio, no canto. — Não quero apressá-la — disse ele, levantando-se.

Levantei, pegando meu casaco. E, ao me inclinar para a frente, para pegar minha bolsa no chão, vi a fotografia na mesa dele e senti o ar congelar em minha garganta. Ali estava a mulher miúda, de cabelos escuros, na praia, com um maiô preto cavado. Seus pés descalços estavam plantados na areia fina como açúcar e as ondas do mar turquesa quebravam ao fundo, mas eu não estava tão interessada no cenário quanto estava interessada no sorriso dela, seu rosto em formato de coração, um dente canino ligeiramente torto. Era a mesma mulher da fotografia escondida no fundo da gaveta de Kitty.

K e D, Verão de 1992, Montauk.

— Essa é a sua esposa? — perguntei, me esforçando para parecer casual. — Ela parece tão familiar. Eu já devo tê-la visto em algum lugar. Diana?

— Delphine — disse Kevin. — Ela dá aula de pilates. Tem um estúdio no centro da cidade.

— Será que ela teria feito uma demonstração na Red Wheel Barrow? — disparei. — Eu sei que já a vi em algum lugar.

— Não tenho certeza — respondeu ele, olhando além de mim, para

o relógio.

— Ela e Kitty eram amigas? — tagarelei, enquanto ouvia o som que eu temera: um berro, depois algo quebrando e o grito de Sophie: — Bebê imbecil!

Acho que o vi se retrair um pouco, mas sua voz estava equilibrada quando ele falou: — Todos nós éramos amigos. — Senti a dica para me mancar, apertei a mão dele, agradeci por seu tempo e prometi manter contato.



CAPÍTULO 16

— TALVEZ EU ESTEJA PENSANDO DEMAIS — eu disse a Janie quando consegui falar com ela ao telefone, uma hora depois. Eu e as crianças estávamos de volta em casa, em nossa cozinha. Depois do fiasco na sala de espera de Kevin Dolan, eu tinha catado os cacos de vidro e os chocolates Kisses, fiz um cheque pela *bombonnière*, dei um almoço tardio para as crianças, depois as acomodei na mesa, com uma vasilha cheia de mirtilos e o tabuleiro do jogo *Candy Land*.

— Você? — disse Janie, de sua mesa na *New York Night*. Eu estava ouvindo seus dedinhos digitando no teclado. — Jamais. Nem quero ouvir.

— Mas eu acho — eu disse, girando o pião e andando três casas no jogo — que ela talvez estivesse tendo um c-a-s-o com esse advogado, que era o melhor amigo de seu marido.

Janie teve a cortesia de parecer interessada. — Sim, conte. Só não solete. Demora demais.

Levei o telefone para o banheiro e fiz um relato cochichado da minha conversa com Kevin, cujo olhar tinha ficado todo lacrimoso quando falamos sobre a felicidade de Kitty, e cuja esposa parecia conhecer a falecida, lá atrás, em 1992. — Ele disse que Kitty era uma de suas pessoas favoritas.

— Bem, você é uma das minhas pessoas favoritas — disse Janie. — Isso não quer dizer que eu quero dormir com você e depois matá-la.

— Mesmo assim, é alguma coisa. Mais do que a polícia tem. — Fui contando os suspeitos nos dedos enquanto falava. — Pode ter sido a babá, já que ela estava dormindo com Phil.

— Ou o Phil pode ter contratado alguém para fazer o serviço,

assim ele ficaria livre para uma vida feliz com a babá — concluiu Janie.

— Laura Lynn Baird tinha motivo. O dinheiro do adiantamento do livro — eu disse. — Ou talvez tenha sido Kevin Dolan, por estar apaixonado por ela e não tê-la.

— Você descobriu isso só de falar com ele?

— Bem, é um palpite — eu disse. — E pode ter simplesmente sido algum doido qualquer da internet.

— Continue investigando — recomendou Janie. — Não fique frustrada. Preciso ir — ela avisou, desligando quando a outra linha tocou.

— Mamãe — Sophie perguntou quando eu voltei ao jogo — quem fez a Sra. Cavanaugh morta?

Ai, Deus. — As crianças estavam falando sobre isso no playground?

Ela estreitou os olhos para mim. — Não, mamãe, você estava falando sobre isso no telefone com a tia Janie, a Fabulosa.

Sorri, mesmo sem querer. — A tia Janie lhe pediu para chamá-la assim?

— Ela disse que esse é o seu nome.

— O Tristão falou sobre isso — disse Jack, em sua voz rouca, sempre parecendo áspera, pelo pouco uso.

Tentei puxar Sophie para meu colo, da maneira carinhosa que as mães fazem, como nos filmes de Norman Rockwell. Sophie me lançou um olhar do tipo *you só pode estar brincando* e se soltou.

Limpei a garganta. — Sim, bem, a Sra. Cavanaugh... É... Bem, ela morreu e a polícia está procurando a pessoa que fez isso.

— Alguém fez ela ficar morta — disse Sam, com a voz indistinguível do irmão.

— Por quê? — perguntou Jack, embaralhando as cartas do *Candy Land*.

— Bem... — Respirei fundo outra vez, e senti meus olhos

pinicarem com lágrimas. *Ela era feliz?*

Philip Cavanaugh perguntou. — Ninguém sabe ainda. — Passei rapidamente a mão nos olhos, torcendo para as crianças não notarem.

— Por que você está chorando? — perguntou Sophie.

— Porque o que aconteceu é muito triste.

Sam me entregou seu guardanapo, depois ficou me olhando com seus imensos olhos castanhos. — Por quê?

— Bem... — Minha voz foi sumindo enquanto os três me olhavam de baixo para cima. — Ela era mãe de alguém — eu enfim disse. Meus lábios tremeram, e ao mesmo tempo mais lágrimas minavam em meus olhos. *Não importava o que eu pensasse de Kitty, de sua política, seu casamento, as escolhas que ela havia feito, essa parte era verdade.*



CAPÍTULO 17

NAQUELA NOITE DE ANO-NOVO, depois que nós fugimos do Lo Kee Inn, manobrei Evan escada abaixo para entrar no metrô, depois para subir a escada, entrar em nosso prédio e no elevador. A jornada toda foi um embaçado de beijos deliciosos e declarações ditas em fragmentos. *Você é tão... Não posso acreditar...*

Eu quero... Preciso... Ele passava as mãos embaixo do meu suéter. Eu passava os lábios na faixa de pele clara atrás de seu pescoço, aquele pedacinho em que eu tinha reparado da primeira vez que o vi.

Ele mergulhava as mãos em meu cabelo, puxando até cair sobre meus ombros. A gente não conseguia parar de se pegar. Toda vez que eu via essa frase num livro revirava os olhos, mas agora eu sabia exatamente o que significava.

— Sabe há quanto tempo eu penso em tocar em você? — ele sussurrava, beijando meu pescoço no elevador. Parecia que eu ia desmaiar. Outro clichê. Senti meu coração se abrir como uma flor. Ele tinha pensado em me tocar. Se o mundo acabasse naquela mesma noite, eu morreria feliz só por saber disso.

Seguimos cambaleando pelo corredor, o braço dele em meu ombro, enquanto eu remexia a bolsa, procurando a chave. — Acho que você está tentando me seduzir — brincou ele, ao tropeçarmos porta adentro. Então, tirei o casaco dele e os meus sapatos, e nós estávamos nos agarrando, no caminho do meu quarto, escorregando, quase caindo, batendo contra as paredes, sabendo que teríamos hematomas de manhã, mas nem ligando.

Sim, eu pensei quando ele despencou em minha cama e mergulhou o rosto em meu travesseiro.

Deitei a seu lado, esperando que ele virasse para o meu lado e dissesse meu nome, que me olhasse com olhos risonhos, me beijasse de novo e dissesse *Só quero você*. Em vez disso, por um bom tempo eu não ouvi nada... E, quando a figura emborcada ao meu lado começou a fazer ruídos, não eram sussurros de amor. Eram roncos.

— Evan? — eu o cutuquei devagarzinho. Não aconteceu nada. Sacudi seu ombro. Seus roncos ficaram mais fortes. Eu me inclinei para baixo e beijei seu rosto. Então, mordi de leve o lóbulo de sua orelha. Depois mordi com mais força. Ele não acordou.

Fiquei deitada a seu lado, abri os dois primeiros botões de sua camisa engomada de preguinhas, fechei os olhos e tentei dormir. Em um espaço de minutos, Evan se remexia na cama, virando de um lado para o outro, quase me desalojando. Levantei e sentei ao seu lado, de pernas cruzadas, olhando seu peito subindo e descendo, os olhos revirando por baixo das pálpebras. — Eu amo você — eu disse baixinho, na escuridão. Às três da manhã, a bexiga cheia venceu meus planos de ficar ao lado dele a noite toda, sonhando com nossa felicidade futura, olhando enquanto ele dormia. Saí do quarto, pé ante pé, segui pelo corredor e quase soltei um berro quando senti uma mão em meu ombro.

— O que está rolando? — Janie sussurrou. Sua peruca da Tina Turner estava torta e sua máscara de dormir com estampa de leopardo estava no alto da testa.

— Ele está dormindo — sussurrei de volta.

— Ele apagou — disse Janie. — O que em geral acontece quando você tenta beber New Jersey.

Enquanto isso, estou acordada metade da noite, morta de preocupação!

A porta do quarto se abriu e um cara asiático, usando boné de beisebol saiu, dando um aceno envergonhado para Janie, antes de passar por nós. Ergui as sobrancelhas.

— Morta de preocupação?

— Eu estava, sim, morta de preocupação — disse ela. — Onde é que está escrito que você tem que ficar morta de preocupação sozinha? Você me abandonou, e o público queria um bis. O que eu deveria fazer?

— Você cantou com esse cara?

— É... — Janie mordeu o lábio quando a porta de seu quarto se abriu de novo, e dois outros caras olharam, envergonhados, e saíram pela porta.

— Janie. Seu quarto parece um carro de palhaços. — Fiz um estardalhaço, virada para a porta, de olhos arregalados. — Tem um anão aí dentro?

— Deixa pra lá. Eu precisava de *Ikettes*. Não dá para cantar *Nutbush* sem eles. E a questão nem é essa!

Passei por ela e fui até o banheiro. Quando voltei, Janie me chamou do sofá. Suspirei, sabendo que ela não aceitaria um não. Ela me jogou um cobertor — um negocinho de lã tibetana que Sy tinha mandado de presente para a casa nova — e eu cobri as pernas.

— Então?

Respirei fundo e não pude evitar sorrir. — Ele gosta de mim.

— Claro que ele gosta de você, Kate. A questão nunca foi essa. A questão é: ele pretende terminar com a Michelle?

Meu sorriso sumiu. Não tínhamos falado sobre Michelle. Pensando bem, não falamos sobre quase nada. Estávamos ocupados demais nos beijando. Mas atitudes não falavam mais alto que palavras?

— É melhor eu voltar lá para dentro.

Janie balançou a cabeça, reprovando. — Vire-o de lado — disse ela, e me deu um abraço. — Assim ele não vai se asfixiar no próprio vômito.

Devagarzinho, abri a porta do quarto. Evan estava sentado, curvando-se, no meu edredom rosa e bege, com cara de infeliz e exausto, sob a luz da rua, que entrava por baixo da cortina.

— Kate — ele disse, com a voz rouca, me dando um aceno

lamentoso.

Engoli em seco, subitamente tonta, fazendo uma tentativa desesperada de continuar nossa conversa tranquila de antes. — Bem — comecei. — Isso é estranho. — Sentei ao lado dele, estendi a mão, hesitante, e toquei o local macio atrás de seu pescoço. Ele estremeceu. *Não, eu pensei. Isso não foi um arrepio. Ele se retraiu.*

Ele esfregou as mãos no rosto, depois passou no cabelo, tudo sem me olhar. Eu o ouvi respirar fundo. O tempo pareceu desacelerar, para me dar a chance de gravar para sempre cada detalhe da cena em minha cabeça, para tê-la nas pontas dos dedos e repassá-la, repetidas vezes, pelo resto da vida. Vi as sombras do meu abajurzinho lançadas na parede, e o jeito como a luz da rua dava um tom prateado em sua barba por fazer. Vi que a faixa de seu smoking estava enroscada e que ele mantinha os olhos nas mãos quando começou a falar.

— Kate — ele disse, outra vez. Eu me arrastei para a frente, levantando-me da cama. Pensei em minha mãe, como ela me dava sermões por causa da postura: *Ombros para trás, Kate! Peito estufado!*

Não se curve! Isso faz você parecer mais baixa! Então, joguei os ombros para trás. Estufei o peito.

Contraí os músculos do meu abdômen, que tinha trabalhado tanto quando cantava, me estabilizando por dentro, e me preparei, já sabendo o que ele ia dizer antes que abrisse a boca, e o quanto ia doer.

— Desculpe — ele falou, parecendo arrasado, quase tão arrasado quanto eu. — Eu não tive a intenção de que isso acontecesse. Você é minha amiga e eu... — Ouvi um estalo em sua garganta quando ele engoliu. Ele esfregou as mãos no rosto outra vez. — Não sou o tipo de cara que faz coisas assim.

Olhei para ele, sabendo que eu poderia ter facilitado: *Ah, está tudo bem, não tem nada de mais, era Ano-Novo, a gente bebeu, sem crise, pode voltar para a sua noiva e não se fala mais nisso.* Fiquei imóvel por completo, me recusando a deixar que ele me visse tremer, mas não consegui evitar que as lágrimas escorressem dos meus olhos.

— Achei... — minha voz falhou e eu parecia uma garotinha triste.
— Eu achei que você...

Ele me olhou, infeliz. — Ah, Katie. Você é maravilhosa. Mas Michelle e eu... Bem, você sabe. Se eu fosse solteiro... Se tivesse conhecido você antes...

Ela trai você! Eu queria gritar . Ela trai você com um modelo de xampu e eu tenho provas! Ela nunca vai amar você como eu amo! As palavras ficaram presas em minha garganta.

— Nunca tive a intenção de magoá-la. — Ele se virou na cama e levou uma das mãos à testa, esfregando devagar. — Você merece alguém maravilhoso... — Ele lambeu os lábios.

— Você é maravilhoso. — Meus lábios pareciam anestesiados, minha língua estava grossa. *Somos maravilhosos juntos.* Mas eu sabia que, se dissesse isso, começaria a implorar, e, se eu não ia sair desse quarto com Evan como meu namorado, pelo menos ia sair com meu orgulho.

— Katie, você vai ficar legal?

— Ah, claro. — Forcei-me a dizer as palavras e dar um tom leve.

Ele esfregou a testa. — Melhor eu ir. Talvez a Michelle tenha deixado um recado em casa...

Ou talvez seja melhor você começar a ligar para modelos de xampu, eu pensei, mas não disse. Em vez disso, segurei a porta aberta para ele, deixando a luz do corredor entrar no quarto. Ele se levantou da cama devagar e eu o segui pelo corredor. Na porta da frente, virou-se para mim e começou a dizer algo. Eu me ocupei na pia da cozinha, para não ter que olhar para ele, e abri totalmente as duas torneiras, para não ter que ouvir o que falava.

Durante as três horas seguintes, limpei meu armário, enfiei todas as roupas que não usava em sacos de lixo, fazendo isso como se fosse uma punição por ter pedido demais ao universo.

Às seis horas, tomei banho, me vesti e joguei um punhado de roupas e calcinhas limpas numa mochila. Peguei meu casaco no

armário, meu chapéu, cachecol e luvas. Verifiquei para ter certeza de que estava com a minha carteira e o celular, peguei meu passaporte, numa caixa de sapatos, no armário, onde eu o deixava escondido.

Saí do apartamento, segui pelo corredor e parei na frente da porta de Evan, com os punhos fechados e as mãos trêmulas, e contei até dez, dando a ele uma última chance de vir até mim, dizer que estava errado, se desculpar e falar que me amava mais do que jamais poderia amá-la e que nós deveríamos ficar juntos, e que eu era sua escolhida. A porta continuou fechada. Eu me forcei a caminhar até o elevador, apertar o botão e sair no frio da rua escura.

Peguei um táxi na esquina da Greenwich com a Jane. — Para onde, querida? — perguntou o motorista. — JFK — eu respondi. Encostei a cabeça no vidro frio da janela e fiquei olhando a cidade passar: ônibus e táxis, lixeiras transbordando de garrafas vazias de champanhe, serpentinas e tiaras de Feliz Ano-Novo amassadas pelas sarjetas. O balcão da British Airways estava aberto. Usei meu cartão de crédito para comprar um bilhete no primeiro voo para Heathrow. Minha mãe estava em Londres e, mesmo que ela não pudesse falar comigo ou me consolar, Londres foi o primeiro lugar em que pensei e o mais distante para onde eu podia correr.



CAPÍTULO 18

NA TARDE SEGUINTE, DEPOIS DE DAR almoço às crianças e colocá-las para tirar uma soneca (para os meninos, um sono de verdade; para Sophie, ficar deitada quietinha em sua cama, folheando uma edição da *Vogue* que ela me convencera a pegar na biblioteca), fui dar uma navegada em DieLauraLynn.com (morra Laura Lynn), um dos mais de 1.700 sites, blogs e revistas eletrônicas dedicados a propor que a mais recente queridinha loura conservadora da mídia era equivocada, errada, tola, estúpida, narcisista, ambiciosa demais, perigosa para mulheres do mundo inteiro e responsável tanto pela morte pós-milenar do feminismo quanto pelas disfunções alimentares das meninas. Esse site era o que tinha dado o furo da notícia de que Kitty Cavanaugh havia sido a ghost-writer de Laura Lynn Baird. Tinha uma foto nada lisonjeira de Laura Lynn na página principal, com chifres de diabo saindo de sua juba loura e chamas animadas saindo de sua minissaia. As palavras “Mentirosa Cascadeira: revelada a ghost-writer de Laura Lynn!” ficavam passando no rodapé da tela, escritas em letras vermelhas, fonte tamanho 18.

Cliquei no link para entrar no site e fui levada a uma coleção de todos os artigos escritos sobre a morte de Kitty Cavanaugh e a revelação de que ela vinha escrevendo a coluna “A Boa Mãe”. Fui passando devagar, fazendo anotações, dados biográficos — o nome de solteira de Kitty (Verree) e sua cidade natal (Eastham, Massachusetts, como no cartão que eu tinha visto no postal). No pé da página tinha outro link. “Imprensa, clique aqui.” Quando cliquei, surgiu um e-mail, pré-endereçado a tara@radicalmamas.com, com “Solicitações de Mídia” escrito na linha de assunto. Recuei, apagando “de Mídia”,

deixando apenas “Solicitações”. Eram três e quinze, o que significava que eu tinha quinze minutos até que Sophie acordasse os irmãos e os três descessem pedindo um lanche ou um passeio no parque, ou, Deus me ajude a suportar, outro jogo de *Candy Land*.

“Olá”, digitei. “Sou...” meus dedos pararam. O que sou, exatamente? *Uma mulher casada e mãe de três filhos, presa num subúrbio chique de Connecticut, com tempo de sobra nas mãos, que acaba de encontrar o cadáver de sua vizinha* veio à minha cabeça.

“Sou universitária e estou cursando estudos da mulher”, digitei, imaginando que isso teria sido verdade em determinado ponto da minha vida. “Estou trabalhando num texto que faz uma crítica feminista à escrita das ghost-writers, como um ato publicamente sancionado de autoanulação feminina.” Pronto. Isso parecia insensato o suficiente para parecer verdade. “Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre Laura Lynn Baird e Kitty Cavanaugh. Posso ser encontrada nesse número entre oito e meia e onze e quarenta e cinco, segundas, quartas e sextas-feiras”. Acrescentei meu telefone, digitei meu nome e apertei enviar antes que perdesse a coragem.

Sophie desceu a escada com sua Uglydoll embaixo do braço, e os irmãos dois degraus atrás. — Lêti — pediu ela, com sua linguagem de neném para pedir leite. Eu a peguei nos braços, fungando em seu cabelo, buscando aquele cheirinho doce e inocente de Johnson & Johnson’s Chega de Lágrimas.

Em vez disso, senti o cheiro de algo caro, que devia ser francês, já que Sophie gostava de arrancar as amostras de perfume das revistas.

O telefone tocou. Eu o prendi entre o queixo e o ombro e segurei Sophie na lateral do quadril. — Alô?

— Segundas, quartas e sextas-feiras, entre oito e meia e onze e quarenta e cinco? — uma voz divertida de mulher jovem perguntou. — Eu tive que ligar, para saber se você estava na cadeia.

— Na cadeia, não — eu disse. Ajudei Sophie e os meninos a sentarem em seus cadeirões e fui até a geladeira encontrar um petisco.

— É que eu sou... uma aluna de meio período, com três filhos, e aqueles são os horários em que eles estão na creche — falei, pegando três pudins e colocando na mesa.

— Três filhos na creche — disse a voz. Era uma voz irônica, uma voz de mulher jovem com sotaque de (dei uma espiada no identificador de chamadas enquanto abria os pudins) um prefixo 212, de Manhattan. — Piedade. Bem, eu sou Tara Singh, da Radical Mamas.

— *Manhêêê!* — Sophie gritou, enquanto Jack lambia a tampa da embalagem de seu pudim. Eu a encarei, séria, e respirei fundo.

— Nossa — disse Tara Singh. — Parece que você está bem atarefada.

— Sim — eu disse, tirando o pudim de Sophie das mãos de Jack e distribuindo colheres. — Ouça, se estiver disposta a falar comigo, eu vou sempre a Nova York.

— Vai nada — resmungou Sophie, enfiando a colher em seu pudim. Dei um olhar fulminante para minha filha e segurei o telefone mais perto. Tarde demais. Tara Singh deu uma risadinha.

— De qualquer forma, existe alguma chance de podermos nos encontrar para um café ou um drinque?

— Com certeza. Deixe-me ver minha agenda... — Eu podia até imaginar essa mulher, uma mãe muito mais moderna do que eu jamais seria, usando um top de alcinhas, jeans de cintura baixa, botas de solado grosso, com o cabelo preso, uma bolsa do Exército pendurada no ombro, um broche do emblema de paz.

— Que tal amanhã?

Amanhã era sexta-feira. As crianças iam para o colégio de manhã. Depois, os meninos tinham uma consulta semestral com a fonoaudióloga. Eles haviam feito um ano de fono, começando quando fizeram dois anos, e só falavam um punhado de palavras. Depois de nove meses, a terapeuta cara e muito bem credenciada me disse que eles sabiam falar, mas preferiam que Sophie falasse por eles.

Eu poderia ver se Gracie tomaria conta deles e talvez Ben pudesse vir para casa mais cedo, para dar o jantar a eles. Eu poderia vestir uma roupa de gente grande e encontrar Tara Singh para uns drinques, e depois jantar com Janie. Ou com meu pai, a quem, depois eu percebi, com uma pontada de culpa, eu estava negligenciando.

— Vamos a algum lugar fabuloso — sugeri. Tara riu disso, um riso meio condescendente de uma nova-iorquina lidando com uma suburbana cujo conhecimento total da cidade vinha de assistir a reprises de *Sex and the City* no pacote básico de TV a cabo.

— Então, um lugar fabuloso será — disse ela, tagarelando um nome e endereço. — Pastis... Nona Avenida, número nove — repeti, rabiscando num saco de papel com um lápis de cera roxo.

— Ei, você não mencionou onde estuda.

— Upchurch Community College — saiu da minha língua, como se eu tivesse dito isso a vida inteira. Desliguei bem na hora de evitar que Sophie jogasse seu pudim comido pela metade em seus irmãos. — Comportem-se.

Sophie ficou me olhando. A marca do pudim em volta de sua boca parecia lápis de contorno labial.

— Mamãe, você está mentindo — disse ela.

Eu me abaixei e cobri suas bochechas de beijos, surpreendendo-a. Ela riu, depois me afastou. — Mentindo, não — expliquei, recolhendo os copinhos abandonados de pudim e jogando no lixo. — Não exatamente. Só estou contando uma história para ela.

Eu não estava muito certa quanto a Tara Singh, mas não tinha errado tanto. O jeans de cintura baixa que eu havia imaginado estava ali. O top de alcinhas, num tom bonito de pink, tinha uma jaqueta de veludo cotelê cor de café por cima. Nada de aliança. Só um pequeno *bottom* decorava o bolso do lado esquerdo do peito. “Mamães são gente”, ele dizia.

— Muito obrigada por vir me encontrar — agradei, sentando numa das mesas de madeira, numa cadeira de vime, no Pastis.

Estávamos de volta ao meu velho bairro, bem mais fabuloso do que quando eu havia morado ali, ou seja, quente, barulhento e apinhado de gente bonita, ninguém parecendo comer algo que eu classificaria como refeição. Uma gazela, com um corte de cabelo curtinho, a duas mesas da nossa, olhava para um prato de vagem.

— O prazer é meu — disse Tara, abrindo o cardápio. A mulher da vagem franziu o rosto para seu prato, cutucou o legume com o dedo e chamou o garçom. — Isso está com manteiga? — eu a ouvi perguntar.

Eu me remexi de novo, concluindo que ficar confortável numa cadeirinha não seria possível nesta vida. Quando o garçom veio, pedi uma taça de Chardonnay e, desafiando a mulher da vagem sem manteiga, um cheeseburger com batata frita. — O mesmo para mim — disse Tara Singh. — Com uma Coca Diet. — Ela pousou o menu. Eu peguei meu caderno. Tara sorriu ao vê-lo, depois balançou a cabeça, com uma tristeza debochada.

— Então, Laura Lynn Baird tinha uma ghost-writer — ela falou, triunfante com a desgraça alheia.

— Uma ghost-writer morta. É como se o Natal tivesse chegado mais cedo este ano!

— Como você conseguiu a história?

Ela me deu um sorriso misterioso e alisou o guardanapo em seu colo. — Na verdade, foi uma dica anônima. Um e-mail. Mas, quando liguei para a *Content* para verificar, eles não negaram.

— Quando você recebeu o e-mail?

Tara brincava com seu garfo. — Na verdade, no dia em que Kitty morreu.

— E você não tem nem ideia de quem o mandou?

— Eu guardei o e-mail, é claro, e o repassei à polícia, mas até agora... — Ela balançou de novo os ombros. Eu anotei.

— Você vem acompanhando a carreira de Laura Lynn Baird há um tempo, certo?

Tara concordou, ainda sorrindo, com seus lábios cor de ameixa

abertos, mostrando dentes brancos e quadrados. Não havia uma única ruga em sua pele cor de café. Fiquei imaginando que idade ela teria: — vinte e três? Vinte e quatro? Jovem demais para ser mãe. — Eu sei o que você está pensando — disse ela.

Ergui minhas sobrancelhas e esperei.

— Você acha que Laura Lynn poderia ter matado Kitty Cavanaugh? A resposta é talvez.

Talvez, eu escrevi.

— Eu não descartaria nada daquela cadela — disse Tara. — Inclusive homicídio. Ela era maluca...

E não só porque maluquice dá audiência na TV. Ela era... — Ela abriu ainda mais o sorriso e fez um gesto que eu não via desde os meus dias de playground: apontou o indicador para a cabeça e girou.

— Doida — eu disse.

— De carteirinha — completou Tara. — Pouco antes da morte do pai, ela se internou numa clínica da Pensilvânia por um mês. O pessoal dela dizia que era esgotamento. Por favor — ironizou ela, revirando seus olhos expressivos. — Se você está esgotada, vai dormir, *não* se internar em Happy Meadows.

Rabisquei as palavras *Happy Meadows* e fiz uma anotação mental de perguntar à minha antiga informante, Mary Elizabeth, se ela tinha ouvido algo a respeito.

— Bem, na verdade, o artigo que estou escrevendo é sobre anulação como subversão. Sabe, mulheres escritoras, ao longo da história, que optaram por utilizar pseudônimos, ou nomes masculinos, ou escrever anonimamente, como meio de minar o patriarcado... A dominação hierárquica... — Merda. Sete anos atrás eu poderia jogar uma baboseira dessas para cima de gente importante. — De qualquer forma, você acha mesmo que Laura Lynn poderia ter feito isso? Ela seria uma suspeita bem óbvia.

— Embora ela fosse uma suspeita para lá de óbvia, embora estivesse matando a galinha dos ovos de ouro. Estou dizendo: a

cachorra é ma-lu-ca. — Ela bateu com o canudo na mesa até estourar a embalagem de papel branco. — Ouviu dizer sobre a vez que ela jogou uma lata de Diet Coke na cabeça do Chris Matthews?

— É...

— Sei que parece uma lenda urbana, mas não foi. Aconteceu. Temos um vídeo no site.

— Então, acho que a pergunta é: ela tem um álibi?

— Claro — disse Tara. — Claro que tem. No dia em que Kitty foi morta, ela estava falando no Women United for America's Future, em Washington.

— Humm — murmurei, escrevendo.

— Também tenho um álibi, caso esteja interessada — afirmou ela, fazendo uma cara azeda. — Deus sabe que os policiais se interessaram.

— Bem, se você tem um site chamado Morra Laura Lynn ponto com...

As gargalhadas de Tara ecoaram pelo salão, fazendo a moça da vagem olhar de cara feia para nós.

— Por favor. — Você acha de verdade que eu seria tão óbvia?

Bom argumento.

— E, só porque Laura Mentirosa tem um álibi, não significa que não esteja envolvida.

— Mas por quê?

— Talvez a Kitty quisesse o que era dela — disse ela, remexendo o papelzinho do canudo até ficar esfarelado. — Talvez ela tenha pedido uma parcela do salário de Laura Lynn... Ou uma assinatura.

Talvez tenha ameaçado vir a público... Dizer ao mundo que, além de não escrever a coluna infame, o máximo que Laura Lynn fazia para cuidar do filho era abraçá-lo durante as sessões de fotos.

— Então... — eu juntei os pontos. — Você acha que Laura Lynn poderia ter contratado alguém para matar Kitty?

Tara sorriu de novo. — Claro. Ela podia abanar dez mil dólares,

livres de impostos, na frente de algum falido Jovem Republicano cheio de dívidas no cartão de crédito. Por que não? — Ela recostou, parecendo satisfeita, conforme a garçonete entregava nossos hambúrgueres. — E Laura Lynn era uma defensora do direito à vida. Ah, perdão, ela era uma defensora dos americanos pré-nascidos.

Não é demais? Americanos pré-nascidos. Fico me perguntando no que isso nos transforma. Pós-nascidos? De qualquer forma. Direito à vida e malucos por armas: um bocado de sobreposição, nesses diagramas de Venn, e Laura Lynn era a santa padroeira deles. — Ela balançou a cabeça ao pegar seu cheeseburger. — Eu até podia imaginá-la entrando em contato com um desses malucos, mostrando a foto de Kitty e dizendo *Essa mulher é inimiga dos pré-nascidos*. Ou que ela tivesse ameaçado Laura Lynn. Ou que ela estivesse fazendo sexo com contraceptivos. — Ela caiu na gargalhada outra vez. — Claro, eu posso ver totalmente que é esse o rumo.

— E quanto a Kitty Cavanaugh? — perguntei.

— Você está escrevendo sobre anulação? — perguntou Tara, e eu assenti. — Bem, ela é a sua garota. Ela não tem muito rastro documental — disse Tara. — Nasceu em Cape Cod. Formou-se pela Hanfield, em 1991, depois não achei mais nada até 1995, quando ela começou a escrever para o informativo de um hospital. Ela fez alguns artigos para revistas femininas, *Redbook*, *Cosmo*, nos anos noventa. Mais coisa relativa à saúde, histórias sobre jovens com câncer de mama, “Dez Dicas de Dieta para Ossos Fortes”, coisas assim. Nada de política, até onde eu sei. Ela se casou em 1999, mudou-se para Connecticut, depois começou a escrever para Laura Lynn. — Ela deu uma mordida em seu cheeseburger, limpou os lábios e me olhou. — Você a conheceu? Ela acreditava naquelas merdas ou só escrevia?

— Não sei — falei, pousando meu lanche e sentindo que eu sabia menos sobre a misteriosa Kitty Cavanaugh do que quando achava que ela fosse apenas outra supermãe de Upchurch, causadora de complexo de inferioridade.

— Quer saber o que é mais estranho? — perguntou Tara. Ela se remexeu em sua cadeira, alisando as lapelas da jaqueta. — Ela parece... legal nas fotos. Não é como Laura Lynn, que sempre parece pronta para dar uma cuspidinha. Kitty parecia alguém com quem se podia fazer amizade, sabe?

Concordei, pensando em minhas visões de Kitty: Kitty no parque, Kitty no supermercado, Kitty cumprimentando no campo de futebol ou cuidando da mesa decorada de biscoitos na feira de artesanato da Red Wheel Barrow, com uma palavra gentil para cada criança. E ela sempre foi amistosa comigo... E meus filhos. Sempre sorriu. Agora eu me lembro disso. Eu achava que ela estivesse rindo de deboche das minhas roupas baratas e desajeitadas, meus filhos rebeldes, de como nossa vida parecia tão caótica comparada à dela, mas talvez seus sorrisos tivessem sido apenas sorrisos. Talvez minhas inseguranças tivessem sido um obstáculo para que nós de fato nos conhecêssemos; talvez até tivéssemos nos tornado amigas.

— A Kitty morou em Nova York, certo?

— Numa porção de lugares — disse Tara. — Park Slope por um tempo, depois Chelsea, e West Village.

Folheei uma página do meu caderno e ouvi a voz de Kitty ao telefone. *Temos um amigo em comum...*

— Você alguma vez cruzou com o nome Evan McKenna ligado à Kitty? Ou Laura Lynn Baird?

Tara balançou a cabeça. — Por quê? Quem é ele?

— Ninguém — respondi, fechando o caderno. — Não é ninguém.

Depois de terminar meu cheeseburger, mostrar a Tara as fotos dos meus filhos e admirar os dela, agradeci por seu tempo e seus insights, saí do restaurante, peguei o celular e afinal retornei a ligação de Evan McKenna. Meu recado foi curto e meigo: “Evan, é Kate Klein. Preciso falar com você”.

Depois disse o número do meu celular. E “tchau.”

Coloquei o telefone no bolso e olhei em volta, bandos de gente

andando nos paralelepípedos da Gansevoort Street. Todo mundo parecia vinte anos mais jovem do que eu, com a conversa animada ecoando, subindo com flocos de neve em reverso, no céu negro, sem estrelas. Os garotos de toucas de tricô com pompons — mais uma moda nova que eu perdi — e todas as garotas com echarpes tricotadas listradas, com voltas duplas ou triplas ao redor do pescoço. Olhei para mim: um casaco marinho de lã de três anos, suéter da Janie, sacola de lona, botas pretas surradas. Então, suspirei e segui para encontrar meu pai em Uptown.



CAPÍTULO 19

— BIRDIE — DISSE MEU PAI, ABRINDO a porta dos fundos do Met e me abraçando com seu cheirinho de naftalina. Ele me segurou com os braços esticados e me olhou de cima a baixo, enquanto eu sorria sob sua inspeção. — Você está ótima. Venha — chamou ele, pendurando o estojo do oboé enquanto caminhávamos para o metrô. Ele passou seu cartão do metrô no sensor, depois passou de novo, para mim. — Está com fome? Já jantou?

— Já, mas faço companhia a você — respondi. De volta ao apartamento, eu cuidadosamente tirei da mesa as lâminas que ele usava para fazer suas palhetas de sopro e pendurei meu casaco no encosto da cadeira que sempre foi minha. Nada mudava ali. O piano ainda estava enfeitado com o lenço de seda, com os mesmos retratos em cima; as paredes da sala pouco iluminada ainda estavam forradas com fotografias de minha mãe — fotos de divulgação, ou dela no palco, com os trajes de apresentação. Joguei meu casaco no sofá duplo cor-de-rosa, de pelúcia. Juntei um bolo de jornais de dois meses e cardápios de entrega, enquanto meu pai colocava a mesa. Esvaziei a lava-louça e dei uma olhada na geladeira, para procurar o básico que me deixaria satisfeita por ver que ele estava se alimentando. Tinha um pacote de peru fatiado esturricado, uma embalagem de azeitonas com uma nata de mofo, duas fatias de pão petrificado e uma caixa de bicarbonato de sódio.

— Tenho comido no restaurante — disse ele. Tirou o casaco e a gravata-borboleta, e os suspensórios ficaram pendurados, batendo nos joelhos. — E tem leite. Está vendo? — Ele chacoalhou a caixa para mim e eu assenti, aprovando. O porteiro interfonou, meu pai foi até a

porta e, depois de alguns minutos, a mesa da cozinha estava coberta de embalagens fumegantes com costelinhas, bolinhos, frango com brócolis, vagem apimentada e arroz frito.

— Como está a investigação? — ele perguntou, jogando uma castanha na boca.

— A polícia ainda não pegou ninguém — respondi. Dei um gole no meu copo de água e, enquanto ele comia, contei tudo, desde meu cheeseburger com a Tara para trás, até a pergunta desesperada de Philip. — Ele queria saber se ela era feliz.

Os olhos do meu pai estavam arregalados e ternos por trás dos óculos. — Ela era?

Abri um biscoito da sorte, quebrando-o com uma só mão. — Não sei. Ela sempre parecia tão centrada quando eu a via. Agora, acho que talvez estivesse tão perdida quanto eu em Connecticut.

Talvez estivesse tendo um caso. Pode ser que o marido estivesse tendo um. Muito mistério.

Meu pai espetou só um palitinho japonês no arroz frito e, quando ergueu os olhos, parecia preocupado. — Por que você está tão interessada? É porque você a encontrou?

— Bem, tem isso. — Juntei os pedacinhos do biscoito quebrado na palma da mão. — Não sei.

Talvez ela me lembre de mim um pouquinho. Ela era escritora, morava em Nova York. — Abri outro biscoito e contei a ele o que Tara Singh tinha me falado. — Ela morava no meu antigo bairro. Acho que ela talvez tenha conhecido Evan McKenna.

— Seu amigo Evan? — perguntou ele.

Levantei sem responder e comecei a fechar as embalagens de comida, achando que, de alguma forma, ouvir o nome dele em voz alta, de alguém que me amava de verdade, doía ainda mais do que pensar. — É provável que não tenha nada a ver. Talvez eles só sejam velhos amigos. Ou talvez ela o tenha contratado para descobrir se o marido a estava traindo. — Cheirei a caixa de leite que ele

orgulhosamente me mostrara, me retraí e despejei na pia. — Como vai a mamãe?

— Ela logo estará em casa — ele disse. — Vai lecionar numa turma máster na primavera.

Palavras amargas — *que bom para ela* — me vieram à garganta. Fechei os lábios apertados e respirei. — Que legal. Tenho certeza de que você sente falta dela. Eu sei que as crianças sentem.

Ele me olhou cauteloso. Virei-me de costas e empilhei as embalagens de comida na geladeira. Eu estava me lembrando de como me deparei com ela em Londres, torcendo, eu acho, para que, num passe de mágica, ela se transformasse no tipo de mãe que eu tinha visto no cinema e na TV — amorosa e prestativa, oferecendo solidariedade e um chá inglês forte. Em vez disso, ela me lançou um cardápio do serviço de quarto e saiu correndo para entrar no carro, no qual o chofer esperava para levá-la a um almoço com executivos do escritório europeu de sua gravadora.

Ele balançou a cabeça. — Você sabe que isso não será eterno. Ela só quer cantar pelo máximo de tempo que puder. Algum dia nós a teremos de volta.

— Algum dia — eu repeti. — Ouvi isso a minha vida inteira. *Até o verão eu volto... Estarei em casa para o Natal... Claro que estarei na sua formatura, meu bem, eu não perderia por nada!* Mentiras. Não que ela tivesse a intenção de mentir, mas sempre acontecia alguma coisa: outra apresentação, uma oportunidade de gravação, dificuldades na viagem. Alguma coisa sempre fazia com que ela não cumprisse a palavra.

Meu pai pegou minha mão. — Ela a ama muito.

— Eu sei que sim.

Ele ficou me olhando, intrigado. — Birdie, o que há de errado?

— Além de ter encontrado um cadáver? — Dei uma risadinha amarga. — Não sei, Connecticut, eu acho.

— O que é que tem? — perguntou ele. Ele encheu a chaleira e

acendeu o fogo. — Chocolate quente? — Eu assenti.

— O lugar faz Stepford parecer o berço da revolução. — Conte sobre a festa de aniversário que eu tinha dado, sobre Marybeth Coe e a vida isenta de fraldas de seu bebê, sobre a incrível gangue do playground. Não contei o resto: que Ben quase não vinha em casa, e quando vinha ficava quase o tempo todo ao telefone ou na internet; que eu fazia mais sexo com meu chuveirinho do que com meu marido; que todas as outras mães pareciam contentes em passar as horas jogando *Candy Land*, ou fazendo artesanato com os filhos, enquanto eu tinha vontade de gritar e sair correndo de casa depois de quinze minutos de qualquer uma dessas atividades, o que me levava à conclusão de que ou havia algo errado com todas elas ou, como é mais provável, algo errado comigo.

— Essas mulheres — eu disse. — Elas têm os jardins mais lindos que eu já vi... Planejados, perfeitamente cuidados e regados. Penduram guirlandas nas portas, não só no Natal. Elas têm guirlandas para a primavera, a Páscoa e Ação de Graças, e talvez tenham uma para o último dia de aula. As casas podiam aparecer numa daquelas revistas: *Casa Tradicional*, *Casa Colonial*, *Casa Sei Lá o Quê*. Todas já trabalharam, tiveram carreiras, mas nenhuma delas nunca fala do emprego, muito menos comenta que sente falta. Elas nunca querem falar de nada além de seus jardins, do cômodo que estão redecorando, dos filhos, e eu... — limpei a garganta. — É como se fosse o ensino médio de novo. — Só que dessa vez, eu pensei, ninguém colou um absorvente na minha bunda. Ainda.

Meu pai colocou o chocolate quente à minha frente. Passei as mãos em volta das notas musicais da caneca de porcelana lascada. Dei essa caneca para ele no Dia dos Pais, há mais de vinte anos.

— Então, você está sondando a morte de Kitty Cavanaugh?

Dei um gole no chocolate quente, depois pousei minha caneca. — Na verdade, estou mais interessada na vida dela — eu disse. — Estou tentando decifrar quem ela era antes de se mudar para Upchurch.

- Tome cuidado — meu pai disse, sério.
- Ficarei bem — respondi, com mais confiança do que sentia.



CAPÍTULO 20

ERA PERTO DE UMA HORA DA manhã quando o trem chegou à estação de Upchurch. Fui a única a descer. Puxei o casaco segurando bem fechado e deixei a plataforma apressada. O estacionamento estava vazio, exceto pela minha minivan, reluzindo em prateado sob a luz de sódio. Meus saltos faziam tanto barulho que mais pareciam tiros conforme eu corria atravessando o asfalto, desejando ter me lembrado de trazer um cachecol. Tinha alguma coisa tremulando, presa no limpador de para-brisa da minha minivan. Uma multa? Eu nem tinha certeza se davam multas em Upchurch.

Não era uma multa. Era um bilhete, num envelope, com meu nome na frente. Um bilhete escrito numa folha de papel pautado que parecia ter sido arrancada de um caderno. As palavras em letras pretas grossas diziam: “Pare de fazer perguntas, ou você será a próxima”.

Girei, assustada, com o coração disparado, como se quem tivesse colocado o bilhete no meu carro talvez tivesse ficado por ali, para ver minha reação. Não havia um único carro, nenhuma pessoa, mas eu achei — ou imaginei — ter ouvido passos se aproximando, primeiro devagar, depois cada vez mais depressa.

Peguei minha chave, destranquei o carro, sentei ao volante, bati a porta e a tranquei. Depois fiquei olhando o retrovisor, paralisada de terror, imaginando ver uma silhueta curvada no banco traseiro, de braços estendidos. Não. Eram só as cadeirinhas das crianças. — Certo — sussurrei para mim mesma. — Certo. — Minhas mãos tremiam quando peguei o celular. Para quem eu ligaria primeiro?

Ben? O que ele poderia fazer à uma da manhã? Acordar as três

crianças e vir me buscar?

— Calma, Kate — sussurrei. Peguei o cartão de Stan Bergeron na sacola e liguei para o seu bipe.

Depois de apertar o número, desliguei e segurei o volante até minhas mãos pararem de tremer, virando a cabeça para a esquerda e para a direita, depois de novo à esquerda, imaginando ter ouvido passos se aproximando ou ter visto alguém vindo em minha direção, ou ter ouvido algo mexendo no banco traseiro.

O delegado parecia sonolento. — Aqui é Stan Bergeron retornando uma mensagem.

— Stan, é a Kate Klein. Estou no estacionamento da estação de trem. Alguém deixou um bilhete no meu carro. “Pare de fazer perguntas, ou você será a próxima.”

— Parar de fazer perguntas sobre o quê?

Meu coração murchou. — Se o pré-escolar da Montessori, em Greenwich, é bom — estrilei.

Houve uma pausa.

— Sobre Kitty Cavanaugh — eu disse, ouvindo meu tom de voz se elevar para um gritinho.

Stan suspirou ao perceber que não voltaria a dormir. — Encontre-me na delegacia. Traga o bilhete.

— Peguei no bilhete — expliquei.

— Perdão?

— Para ler. Eu o peguei. Então, minhas digitais estão nele.

Stan conteve um bocejo. — Nós vamos olhar. Vá até lá.

Stan me ofereceu café, mas não conseguia descobrir como programar a cafeteira. Eu liguei na tomada, medi a água e o pó e me afundei atrás da mesa na qual eu tinha ficado sentada no dia em que encontrei Kitty.

— Você não é a única — disse ele, sem grosseria, empurrando um caderno e uma caneta para o outro lado da mesa, para que eu escrevesse exatamente o que tinha acontecido.

— Hã?

— Alexis Hagen-Holdt esteve aqui esta tarde. Ela achou que alguém a seguiu quando estava correndo, e quase a pôs para fora da estrada.

— Ai, Deus.

— É. Seu vizinho de rua tem um filho de dezesseis anos que acabou de tirar a carteira de habilitação. Temos quase certeza de que ele é o culpado. — Ele se sentou na cadeira à minha frente, com um suspiro. — Todos estão nervosos.

— E alguém pode nos culpar por isso? — Passei as mãos trêmulas nos joelhos e comecei a escrever um relato, listando todos com quem eu havia falado, desde as moças do playground a Laura Lynn Baird e Tara Singh, e até meu pai, em Nova York. Passava das três da manhã quando fui para casa, com Stan me seguindo em sua viatura. Ele me acompanhou até a porta da frente. Com todo o cuidado, apertei os números do sistema de alarme e abri a porta.

Stan passou a lanterna no foyer. O foco de luz iluminou as pilhas de brinquedos e sapatos de criança abandonados, fazendo com que cada tênis chutado e cada Barbie jogada lançassem sombras tremulantes. — Quer que eu entre? — ele sussurrou. Balancei a cabeça.

— Está tudo bem.

Fechei a porta, tranquei e programei o alarme. Subi devagarinho pela escada rangendo, prendendo a respiração ao passar pelo quarto de Sam e Jack, depois pelo de Sophie. Mais seis passos e eu estaria a salvo. Cinco... Quatro... Três... Dois...

— Mamãe?

Merda.

— Durma — sussurrei para minha filha.

— História — ela sussurrou de volta, tirando um livro da pilha na mesinha ao lado da cama.

Sentei em sua caminha. Sophie estava de camisola rosa de flanela.

Seus cabelos castanhos finos caíam ao redor de suas bochechas. Ela chegou para o lado para me dar espaço, depois se recostou em mim. — “No imenso quarto verde” — comecei.

— Tinha um telefone — disse Sophie. Embaixo do braço, ela prendeu a Uglydoll, que também estava de camisola rosa, depois folheou as páginas.

— Boa noite, pente, e boa noite, escova, e boa noite, estranho, boa noite, mingau.

— Mamãe, quem é estranho? — perguntou Sophie, apontando para a página em branco.

Eu, pensei. Eu estava pensando nos casais que tinha visto em Nova York, os cachecóis em volta do pescoço, as risadas na escuridão. Estava pensando em Janie, com suas luzes no cabelo, suas bolsas, dedilhando o teclado, esperta e competente, tocando a vida, em vez de ser o contrário. Pensei em minha mãe, em Londres, jogando o cardápio do serviço de quarto para mim, dizendo que tinha de sair, sem nem perguntar o que me levaria até lá, e por que meus olhos ainda estavam vermelhos e inchados de tanto chorar durante o voo. Pensei em Ben, na porta, me olhando, não olhando para mim, enquanto eu estava de joelhos, na frente da banheira, não olhando para mim, mas através de mim.

Então eu disse: — Não sei, meu bem. — E terminei a história. — Boa noite, estrelas, boa noite, ar, boa noite barulhos de todo lugar. — Dei um beijo em minha filha e, por sua insistência, dei outro beijo em sua boneca, e segui pelo corredor de tábuas corridas até meu quarto. Se Ben acordasse, eu poderia contar a verdade. Eu teria de contar, de qualquer jeito. Se alguém estava deixando bilhetes ameaçadores no para-brisa de nosso carro, se eu ou as crianças estivéssemos em perigo, meu marido tinha de saber. Mais três passos. Mais dois. Um...

Meu celular vibrou em meu bolso. No fim do corredor, um dos meninos gritou dormindo. Peguei o celular e quase deixei cair, depois levei ao ouvido. — Alô?

Eu sabia o que ouviria em seguida: uma voz baixa, rosnada, a voz de todos os monstros que moram debaixo da cama, e ela diria: “Deixei o bilhete em seu carro, Kate. Você achou que suas trancas e seu alarme a mantinham segura, mas você não está segura. Estou dentro da sua casa. *Estou na sua casa neste momento. ..*”

— Kate?

Mesmo depois de todo esse tempo, depois de todos esses filhos, sua voz baixa e terna ainda me dava um nó na barriga. Eu o via como ele estava, naquela noite de Ano-Novo em Nova York, com os olhos meio abertos e as mãos em meu cabelo.

— Evan, onde você está? — perguntei, baixinho. Voltei até o banheiro das crianças, fechei a porta e me sentei no vaso, no escuro. — A polícia precisa falar com você.

— Kate...

— Kitty Cavanaugh está morta, e ela tinha uma anotação com seu nome, ao lado do telefone, e a polícia sabe que você foi a última pessoa a ligar para ela, e agora alguém deixou um bilhete no meu carro, “Pare de fazer perguntas, ou você será a próxima”.

— Kate, desacelere.

Respirei fundo e fechei os olhos no escuro.

— Onde você está?

— No aeroporto de Newark. Acabei de chegar de Miami.

Outro nó na barriga. Imaginei os coqueiros, a areia branca, Michelle de tanga.

— Estive em contato com a polícia de lá — ele explicou. — Estarei aí, em Upchurch, amanhã à tarde. Posso vê-la?

— Estou casada — disparei.

— Eu sei. — Evan fez uma pausa, e, quando falou de novo, era no tom baixo e provocador que eu lembrava de todos aqueles jantares que pedíamos para entregar, dos jogos de Scrabble (e, mais recentemente, de minhas muitas sessões com o chuveirinho). — Mesmo assim, eu posso vê-la, não posso?

Eu me inclinei para a frente, no vaso, segurando o telefone com a mão suada. Mas, antes que eu pudesse responder, Evan disse: — Você está bem, Katie? Não parece você.

— Preciso ir. Meus filhos estão dormindo — disparei, sem pensar em como isso pareceu ridículo.

Estávamos no meio da noite; é claro que meus filhos estavam dormindo, e o que ele queria dizer falando que eu não parecia eu? Como ele podia saber quem eu era? Desliguei, desci outra vez, pé ante pé, para verificar se o alarme estava funcionando e se todas as portas e janelas estavam trancadas.



SEGUNDA PARTE - Ghost-writer



CAPÍTULO 21

ERA UM VOO DE SEIS HORAS, de Londres para Nova York, e eu tinha ficado meio doida na loja do free-shop, comprando dois romances de capa cor-de-rosa, com heroínas britânicas comicamente desnorteadas e a promessa de um final feliz, na página 375; quatro revistas; três barras de chocolate Cadbury; e meia garrafa de vinho tinto, que eu estava preparada para beber no banheiro. Eu tinha uma máscara de dormir e um par de plugues de ouvido. Por fim, em caso de emergência ou de acesso de choro, levava comigo dois comprimidos de analgésico, que eu havia guardado do verão anterior, quando meu dente do siso foi extraído.

No avião, tirei os sapatos, puxei uma manta até o queixo, desembrulhei a primeira barra de chocolate e abri uma das revistas quando um homem alto, com um rosto agradável e estreito, se curvou e se sentou ao meu lado.

— Oi.

Ele tinha quase a minha idade. Pela voz e pelos dentes perfeitos, sem dúvida era americano. Dei um leve sorriso, assenti e me virei para a janela, com a revista aberta no meu colo. “Respondendo às Suas Perguntas Mais Íntimas Sobre Saúde”, dizia o título. É claro que os editores da *Cosmo* britânica achavam que muitas de minhas perguntas íntimas sobre saúde envolviam coceiras em lugares que eu não podia coçar em público.

O cara não se intimidou com minha frieza e as palavras “infecção vaginal”, em imensas letras cor-de-rosa, no alto da página. Guardou o laptop embaixo da poltrona da frente, retorceu-se para tirar a jaqueta de couro e perguntou: — Essa revista é boa?

— Estou aprendendo muito. — Virei outra página solenemente e fiquei imaginando se teria de me coçar para ele me deixar em paz.

Ele travou o cinto de segurança. — Você é de Nova York?

Fiz um barulhinho indiferente. *Por quê, meu Deus? Por que eu?* Tirei um dos comprimidos do bolso.

— Você parece tão familiar — o cara continuou. Virei-me para olhar para ele: olhos castanhos, sobrancelhas pretas grossas. Nariz bicudo e rosto fino, um sorriso até que agradável, ombros estreitos e punhos ossudos. Ninguém jamais o confundiria com um astro pop.

— Acho que tenho um rosto comum. — Coloquei o comprimido na boca e engoli, com um gole da garrafa d'água.

— Sabe, uma coisa com que nunca me acostumo aqui é com água sem gelo.

Assenti de leve e me virei para a janela. Dez dias com minha mãe tinham rendido muitos truques de diva — o bocejo para dispensar, o olhar vago, a troca súbita para outro idioma.

— Você tem que pedir se quiser água com gelo — ele continuou. — Você sai para comer e eles servem um copo de água quente. Quem vai querer beber aquilo?

— Olhe — eu disse, concluindo que, se não tomasse uma atitude proativa, ficaria ouvindo esse papo tolo sobre suas bebidas preferidas até o remédio fazer efeito.

Ele não entendeu meu movimento, achando que era amistoso, sorriu e estendeu a mão. — Ben Borowitz.

— Tenho um revólver — eu respondi e abri a bolsa para mostrar.

Ele recuou, erguendo as mãos no ar como se eu fosse uma policial que tinha acabado de mandar que ele as erguesse. Claro que, no instante em que as palavras saíram de minha boca, eu me senti culpada. Toquei seu punho com delicadeza. Ele deu um pulo na poltrona.

— Ei.

Ele me ignorou, pegando a revista de bordo e abrindo numa

matéria sobre churrasco em Memphis.

— Na verdade, não tenho um revólver — eu disse, abrindo mais a bolsa. — É só um pó compacto.

Minha mãe comprou para mim na Portobello Road. — Reina e eu passamos uma tarde fazendo compras, com minha mãe andando a passos largos pelas ruas chuvosas, com uma saia até o tornozelo e um colar de pérolas do tamanho de bolas de chiclete, esperando ser reconhecida; eu, de jeans e casaco pesado, andando atrás dela, torcendo para que, se a reconhecessem, ela não me apresentasse.

Ele arriscou uma olhada de canto de olho e eu tirei o pó compacto para mostrar. — Está vendo?

— Vejo que você não quer ser incomodada — respondeu ele, fixando o olhar na revista.

— Sim, mas eu não deveria ter assustado você. Desculpe. É que...

— Ai, Deus. Senti minhas pálpebras pinicando e minha garganta começando a fechar. — Estou passando por um momento difícil.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um lenço. Um tecido de verdade, com cheiro de limpo, que pareceu engomado quando o passei nos olhos.

— Desculpe se a incomodei — disse ele. — É que você de fato parece conhecida.

Balancei os ombros e funguei, me preparando para um jogo de geografia judaica, ou locais de Nova York aonde você vai ou que conhece. — Nasci no Upper West Side e frequentei a Pimm no segundo grau.

— Você morou na Amsterdam Avenue?

Assenti, virando para ele.

— Já fez aulas de saxofone?

— Não. De canto. — Dei mais um gole na água, imaginando que eu já estava começando a me sentir grogue. — Mas havia professores de saxofone no meu prédio.

— Eu fiz aulas de sax — disse ele. — Talvez eu a tenha visto.

— Pode ter visto. — Tentei devolver o lenço.

— Não, pode ficar. É seu — ele sorriu. — Mas terá que devolver. Quer jantar comigo?

Eu concordei. Ele tinha um belo sorriso, eu pensei... Ou talvez fosse o remédio. Então, fechei os olhos e, quando acordei, nós estávamos no solo, no aeroporto Kennedy, e minha cabeça estava no ombro de Ben Borowitz. Ele tinha prendido meu cobertor à minha volta e estava se consultando, baixinho, com a bela comissária inglesa sobre a melhor forma de remover baba de sua jaqueta, a qual ele havia embolado e colocado embaixo do meu rosto. — Desculpe — murmurei. — Não, não — disse Ben. — Não se preocupe. — Ele tinha um carro esperando. Eu queria uma carona?

Deixei que ele me colocasse no carro. Uma semana depois, saímos para comer sushi. Fiz as perguntas certas sobre sua vida, seu emprego, seus amigos e seus hobbies, assenti e sorri nas horas certas, e só dei uma fugida até o banheiro duas vezes para verificar meus recados de casa e ver se Evan tinha ligado. *Adequado*, pensei, me debruçando sobre a mesa, para tilintar os copos de saquê e brindar com o homem que, dois anos depois, seria meu marido. Ele é um homem adequado. Teremos uma vida adequada juntos. Eu sabia que o que eu sentia por Ben não chegava nem perto da paixão que eu tinha sentido por Evan. Mas olhe só no que deu a paixão. *Adequado*, eu pensei, *seria adequado para mim*.

Ben e eu passamos a lua de mel em Saint Lucia, e nos mudamos para o apartamento dele, de dois quartos, na Sixty-Fifth com a Central Park West, e durante três anos fomos felizes. Eu me sentia contente até certo ponto, com meu emprego e com Janie. Ser casada era bem parecido com ser solteira, com o acréscimo de um diamante bem grande e a exclusão de poder sair com outros caras.

Não que eu visse muito o meu marido. Ben parecia passar todo o tempo livre me paparicando. Agora que tinha sacramentado o negócio, ele trabalhava à noite, nos fins de semana e no verão inteiro,

exceto por um fim de semana ocasional, quando ele ia de carro, num sábado, até Bridgehampton, para visitar Janie e eu na casa de Sy. Ele passava o dia na piscina e voltava no domingo, com o rosto todo queimado, com uma marca branca em volta da orelha, onde tinha ficado segurando o celular.

Então, veio Sophie. Ben voltou a trabalhar dois dias depois que ela nasceu. Não reclamei, mas foi difícil não notar que Janie e meu pai tiraram mais tempo de folga do que meu marido (Reina pegou um avião, passou o tempo suficiente para beijar o bebê e voou de volta para Roma). Depois de dez dias, meu pai voltou para a orquestra, Janie voltou para a *New York Night* e eu fiquei sozinha, exausta e desnorteada, com uma máquina de choro de quatro quilos e uma babá supercompetente que, lamentavelmente, só falava russo .

Quando Sophie estava com doze semanas, fui visitar o Sr. Morrison, para meu check-up pós-parto, adiado duas vezes.

— Como vai? — ele perguntou, alegre, assim que coloquei os pés nos estribos da mesa ginecológica.

— É... — Para ser honesta, entre lidar com um bebê ranzinza, um marido que nunca estava em casa, uma mãe que estava sempre prometendo voltar e mudava de ideia e Sveta, a babá que se comunicava com grunhidos, gestos e acenando a cabeça zangada, eu estava tendo dificuldade para falar duas palavras seguidas.

— Joelhos separados, por favor. O que está planejando usar como contraceptivo?

Dei uma risadinha fraca. — Que tal nunca mais fazer sexo?

Ele riu duas vezes enquanto me examinava por dentro. Então, suas sobrancelhas se juntaram. — Hum.

— Hum o quê? — perguntei. Eu sabia que deveria estar mais preocupada, mas, com sinceridade, deitada de barriga para cima, com meu bebê cheio de cólicas a trinta quadras de distância, era a experiência mais sossegada que eu tivera desde a chegada de Sophie. Eu tinha que tentar não pegar no sono.

— Acho que devemos dar um pulo na sala de ultrassom.

Eu me esforcei para pensar. — Por quê? Há algum... É... Ainda tem alguma coisa aí dentro?

— Venha comigo — chamou ele. Cinco minutos depois, o Dr. Morrison tinha espalhado um gel gosmento em minha barriga e pressionava o bastão de ultrassom, localizando... não um, mas dois batimentos cardíacos. — Parabéns, mamãe! — a enfermeira teve a ousadia de dizer. Sorte dela por ter bons reflexos. O sapato que eu joguei no monitor passou raspando pelo ombro dela. Saí correndo do consultório, de calça, mas sem fechar o zíper, sem abotoar, depois de enfiar os tênis, mas sem amarrar, com o avental de exame revoando e colando no gel da barriga.

Ben atendeu o telefone após o terceiro toque. — Ben Borowitz falando.

— Seu filho da puta! — berrei tão alto que um bando de pombos na esquina saiu voando e um mendigo que remexia o lixo, murmurando, olhou para mim e disse, bem lúcido: — Moça, a senhora é doida.

— O quê?

— Estou grávida — eu disse, e comecei a chorar. — De novo. De gêmeos!

— Você engravidou... — a voz dele foi sumindo. — Achei que não pudesse engravidar quando...

Quer dizer, tão rápido!

— Nem me diga — eu funguei.

Ele limpou a garganta. — Então, o que vamos fazer agora?

Puxei o cabelo do rosto e ajustei o avental nos ombros. — Ter três filhos, eu acho. Mas você vai me ajudar.

— Vou — ele prometeu.

— Não basta você dizer que vai chegar em casa cedo e não vir para casa, ou que vai lavar a roupa e não fazer. Eu... — limpei as lágrimas com a bainha do avental. — Meio que não conseguindo fazer as coisas

por aqui.

— Eu vou ajudar você, Kate. Prometo que vou.

Dessa vez ele estava sendo sincero. Pelo menos foi nisso que eu me agarrei depois que os meninos chegaram e a babá voltou, e minha mãe, mais uma vez, sumiu. Dez dias depois de minha cesariana, Janie e meu pai voltaram de novo ao trabalho e eu estava sozinha no apartamento, com uma filha de onze meses bem chata e dois recém-nascidos. Conforme Ben me explicava, repetidas vezes, o problema era que ele estava montando um negócio, construindo sua reputação, se preparando para a calma futura, quando não precisaria mais trabalhar todos os dias, muitas noites e quase todo fim de semana. — Estou fazendo isso por nós — ele dizia, e eu assentia e respondia: — Eu entendo.

Contanto que eu tivesse Nova York, meu pai e Janie, achei que ficaria bem. As crianças iam acabar crescendo. Iriam para a creche, depois para a escola. Algum dia eu poderia falar com elas e elas responderiam. Eu poderia trabalhar meio período. Poderia recuperar minha vida anterior aos bebês e voltar a ter algum tipo de equilíbrio.

Então, me deparei com um ladrão de carrinhos.

As crianças e eu estávamos voltando do Museu de História Natural, onde tínhamos passado vinte minutos educacionais inspecionando a exposição sobre a vida marinha, um tempo igual trocando fraldas e quarenta e cinco minutos na loja de presentes. Fazia um calor incomum para fevereiro, com céu claro e azul, e uma brisa que prometia as alegrias da primavera. Sam e Jack, que tinham saído do meu útero bem-humorados e tranquilos, não tinham mudado muito nos últimos tempos e estavam no carrinho, dormindo profundamente. Sophie, que havia saído do meu útero vermelha e chorando inconsolável, e também não havia mudado muito, estava bem acordada, em pé, numa placa que eu havia pregado atrás do carrinho.

— Mamãe, por que as rodas são redondas? — ela perguntou,

enquanto passeávamos pelo Central Park West.

— Porque se fossem quadradas não poderiam girar!

Sophie analisou isso. — Por quê?

— Bem, elas viram porque é o que as rodas fazem! Assim é que elas levam você aos lugares!

— Mas por quê...

Antes que Sophie pudesse terminar, um homem com um boné de beisebol manchado pulou detrás de uma caçamba, agarrou o manete do carrinho e o manobrou rapidamente até um beco escuro, que eu nunca tinha notado.

— Ei! — Gritei, enquanto Sophie pulou e passou os braços em volta de minhas pernas.

— Fica fria, fica fria — disse ele, empurrando o carrinho contra a caçamba e remexendo no bolso.

Meu coração gelou quando vi a arma.

— Me dá a bolsa.

Soltei Sophie de minhas pernas, segurei-a junto a mim e me abaixei para catar a bolsa de fraldas, embaixo do carrinho.

— Não, a sua bolsa.

— Não tenho bolsa! — eu disse. — Não ando de bolsa, só coloco minha carteira na bolsa de fraldas. — Joguei a bolsa para ele, me sentindo tonta e enjoada. — Por favor, não machuque meus bebês.

Ele virou a bolsa de fraldas no chão. Lenços umedecidos, fraldas e caixas de passas caíram, junto com minha carteira, que ele enfiou no bolso. — Joias. — Entreguei meu relógio e a pulseira e tentei arrancar minha aliança, enquanto me forçava a olhar para ele, seu rosto, seu corpo. Ele tinha 1,80 metro, ou mais, uns 70 quilos, era um cara claro, com cabelo louro-escuro, de jeans desbotado e jaqueta de couro.

— Agora me dê o carrinho.

— O quê?

Ele me olhou fulminante. — Tire os pestinhas daí e me passe o carrinho.

— Fique quietinha — eu disse baixinho a Sophie. Ela se agarrou outra vez as minhas pernas e eu me abaixei para soltar os meninos, com as mãos trêmulas, ainda sem conseguir acreditar no que estava acontecendo.

Peguei os meninos nos braços. O ladrão apertou o botão vermelho embaixo dos manetes. Nada aconteceu. Ele olhou o impresso na lateral.

— Aqui diz “fácil de dobrar”.

— É, bem...

Ele apertou de novo o botão e sacudiu o carrinho, para cima e para baixo. Nada. Deu um chute nas hastes cruzadas.

— Não, não é assim — falei, tentando ajustar quase trinta quilos de crianças nos braços. — Não, mama, não! Sophie gritou quando o pé de Jack bateu em seu ombro. — Não me toca mais, bebê!

— Você tem que apertar e empurrar para cima, naquela barra de baixo, ao mesmo tempo.

— Essa? — ele perguntou, apontando com o revólver.

— Não, não, a que está embaixo. — Apontei com meu queixo. Jack e Sam, inacreditavelmente, ainda estavam dormindo, mas Sophie parecia ter entendido o que estava acontecendo.

— Mama, por que home pega carrinho?

— Acho que ele precisa — eu disse, ajeitando os meninos em meus braços. Sophie gritou num volume que teria deixado sua avó orgulhosa.

— Uglydoll!

Merda. *Capítulo quarenta e três*, pensei comigo. *No qual sou vendida como escrava e Sophie fica inconsolável.*

— É... Senhor, com licença?

— *Uglydoll!!* — Sophie berrava, e os dois meninos abriram os olhos, olhavam a irmã e começaram a chorar. O ladrão tinha enfim conseguido fechar o carrinho e erguê-lo sobre o ombro.

— Posso só pegar o brinquedo da minha filha no cesto?

— Compre outro para ela, cadela rica!
— *Uglydoll é especial!* — Sophie berrava.
— *Uglydoll é especial!* — eu repeti. — Quer dizer, não posso comprar outra!

Ele deu um suspiro e parou. Corri o mais depressa que pude, com Sophie ainda agarrada à minha perna, soltei uma das mãos e remexi no cesto embaixo do carrinho dobrado, o mais rápido que consegui. Caixa de suco, bolinha de basquete murcha, pote cheio de biscoitos de queijo.

— *Uglydoll!*

Por fim, consegui achar a boneca e a dei para Sophie. Ela enfiou o polegar na boca e agarrou a boneca, olhando feio para o assaltante, que ergueu uma sobrancelha para todos nós.

— Mais alguma coisa?

Eu me recostei na caçamba. — Não — eu disse, vendo meu carrinho alemão de quatrocentos dólares sumir da minha vida para sempre. — Não, só isso.

Cadela rica, eu pensei, balançando a cabeça. Enfiei o que pude de volta na bolsa de fraldas, carreguei as crianças até a calçada, parei um táxi e liguei para meu marido.

Às três da tarde, Ben tinha ido nos buscar na delegacia. Ele estava com as sobrancelhas franzidas, os lábios em bico, os olhos furiosos. — Chega — disse ele. — Chega desta cidade. Nós vamos embora assim que eu conseguir que a gente saia daqui.

Abri a boca para reclamar e vi que estava exausta e abalada demais para arranjar argumentos coerentes de por que deveríamos ficar. Às quatro horas, Ben estava no telefone com corretores. Na semana seguinte ele colocou o apartamento à venda, uma semana depois ele me acompanhou, entrando em nossa nova casa Montclair, e me deu a chave. Adeus, cidade de Nova York; olá, Upchurch, Connecticut.

Mesmo antes de ter me mudado para cá, mas sem dúvida mais desde a mudança, eu me via pensando em como minha vida poderia

ter sido diferente. E se eu tivesse tentado, com mais afinco, com Evan? E se eu tivesse me segurado pelo grande amor em vez de me contentar com um homem de quem eu só gostava?

Não fazia sentido ficar imaginando, eu pensei, me arrastando para fora da cama, cedo demais, na manhã seguinte, enquanto meus filhos clamavam por panquecas e meu marido clamava por camisas limpas. Se eu não tivesse Ben, não teria as crianças, e eu nem podia imaginar minha vida sem elas.

Ainda assim, enquanto eu distribuía os pratos e camisas limpas, não pude evitar pensar no que teria acontecido se o computador da British Airways tivesse programado minha poltrona numa fileira à frente, ou numa atrás, ou se eu tivesse ido cuidar do meu coração partido em Paris ou Miami, em vez de Londres, ou se eu tivesse colocado minha máscara de dormir um minuto antes e Ben Borowitz nunca tivesse visto meu rosto.



CAPÍTULO 22

A PREFEITURA DE UPCHURCH, segundo a placa posicionada num pedaço de granito na frente do prédio, havia sido construída no Ano de Nosso Senhor de 1984. Mas quem fez a construção levou a história colonial da cidade a sério: em vez das poltronas de assento dobrável de auditório, com descanso de braço e estofamento, o salão de pé-direito alto era perfilado de bancos de madeira de encosto alto que teriam deixado orgulhosa uma puritana avessa ao luxo e, a julgar pela inquietação de quem não parava de se remexer no lugar, eles eram um tiquinho estreitos para o traseiro da era moderna.

Não que houvesse algum espaço para que eu espremesse e fizesse caber o meu. A missa de Kitty estava marcada para começar às dez horas, mas é evidente que todos os outros cidadãos de nossa cidade tinham recebido um memorando instruindo-os a chegar até nove e quarenta e cinco. Quando entrei no salão, no respeitável horário de nove e cinquenta e três — com meu cabelo penteado e o batom que eu tinha passado olhando no retrovisor —, todos os lugares estavam ocupados, assim como as três dúzias de cadeiras dobráveis que tinham sido colocadas no contorno do salão.

Circulei pelo salão, depois me enfiei num cantinho. Carol Gwinnell acenou para mim de seu lugar, três fileiras atrás do palanque. Ela estava vestindo uma saia cinza, uma blusa de seda branca e sapatilhas pretas, e, em lugar de suas pulseiras e sininhos, apenas um par de solitários de diamante nas orelhas. Ao seu lado estava Sukie Sutherland, com um conjunto bege claro e um colar de pérolas de duas voltas. Ao lado de Sukie estava Lexi Hagen-Holdt, com o cabelo caprichosamente preso numa trança francesa embutida, um camisetão

marrom claro e uma calça que marcava as panturrilhas torneadas.

Fiquei num canto, com minha saia preta e suéter azul, desejando ter recebido o memorando que mencionava os tons terrosos. — Oremos — entoou Ted Gordon, pastor da congregação. Todos baixaram a cabeça. Também baixei a minha, mas fiz tão depressa que escutei meu pescoço estalar. — Senhor, nós rogamos que receba nossa irmã Kitty Cavanaugh em seus braços. Pedimos conforto à sua família pesarosa, aos seus entes amados: seu marido, Philip, suas filhas, Madeline e Emerson, seus pais, Bonnie e Hugh...

Pais? Eu não me lembrava de nenhum dos obituários mencionando pais, só marido e filhas. O site de Tara Singh tinha mencionado o nome de solteira de Kitty e sua cidade natal, mas não dizia nada sobre pai e mãe... E Bonnie era o mesmo nome que eu me lembrava do postal, no quarto de Kitty.

Ergui os olhos o mais que ousei, percorrendo a multidão. Havia uma dúzia de casais com idade para serem seus pais. Olhei para a primeira fila, mas só vi Philip, as meninas, de vestidos marinho combinando, e um casal mais velho, bem conservado, cujo homem era Philip cuspidor, se Philip fosse trinta anos mais velho e tivesse passado boa parte do tempo comendo picanha e bebendo uísque doze anos.

— Senhor, nós lhe rogamos que ampare e erga o espírito desta comunidade — prosseguiu o reverendo Gordon. O reverendo tinha o cabelo enroladinho, ombros arredondados e uma expressão séria em seu rosto robusto. Achei que ele parecia fazer um esforço descomunal para não cair na gargalhada, da maneira exata como o cara que interpretava o Flounder em *Animal House*, o que dificultava um pouco levá-lo a sério. — Que sejamos luz uns para os outros, um consolo para a família que sofre — disse ele, com as bochechas tremulando de sinceridade. — Sejam pacientes e amorosos ao atravessarmos este momento terrível, como uma comunidade e enquanto a polícia prosseguir em sua busca, para trazer à justiça os culpados desse horror.

O reverendo Gordon se debruçou para a frente e segurou com firmeza na beirada do oratório. Sua aliança de ouro cintilou sob a luz.

— O que podemos dizer sobre Kitty Cavanaugh? — perguntou ele.
— Uma pensadora brilhante.

Mãe amorosa. Esposa dedicada e afetuosa.

Uma ghost-writer. Uma mulher que passava três tardes semanais na cidade de Nova York fazendo só Deus sabe o quê.

O reverendo Gordon parou e olhou para nós de um jeito terno. — O que podemos dizer — perguntou ele — sobre uma mulher de 36 anos que morreu?

Acho que minha boca deve ter ficado aberta. Eu sei que meus olhos se arregalaram. Estou certa de que sussurrei as palavras *Ah, não acredito que ele fez isso!*. É a missa de uma mulher assassinada e Flounder está citando trechos de *Love Story*? Será que Kitty não merecia coisa melhor? Olhei em volta, em busca de alguém com quem eu pudesse compartilhar essa observação, mas só ouvi o choro baixinho e as fungadas.

No fim das contas, havia muita coisa que o reverendo Gordon tinha a dizer sobre uma mulher de 36 anos que tinha morrido. Ele louvou a ternura de Kitty como mãe, suas habilidades como dona de casa, a excelência de sua torta de morango, que havia sido premiada duas vezes na Feira da Primavera. Ele falou apenas de maneira ampla sobre os “artigos que incitavam o pensamento” que ela havia escrito, deixando de fora por completo o fato de que ela os escrevia para outra pessoa, e fez uma única menção ao livro de Kitty, que “morreu junto com ela”. Tirei meu pé direito do sapato de salto alto que eu tolamente escolhera e esperei por alguma menção sobre a vida de Kitty antes de Upchurch — uma amiga de faculdade, um editor do informativo do hospital, uma colega de quarto de Nova York. Nada. Nada mais foi dito sobre seus pais, ou qualquer pessoa de sua infância ou faculdade, ou Nova York. Era como se ela não tivesse existido até se casar com Philip e se mudar para Upchurch; como se ela tivesse

escrito a própria materialização. Ou reescrito, eu pensei, calçando o sapato direito e tirando o esquerdo.

— E agora — disse o reverendo Gordon, olhando-nos com benevolência —, se algum dos amigos de Kitty quiser falar...

A imensa sala de pé-direito alto permaneceu em silêncio, exceto pelas fungadas ocasionais, ou pelo barulho das meias-calças, com pernas cruzando e descruzando. Flounder olhou para o auditório, em expectativa. Sem que esperasse, eu me vi à beira das lágrimas, enquanto os sogros de Kitty olhavam direto em frente, como garotos-propaganda da sociedade da temperança, e Marybeth e Sukie murmuravam baixinho, uma com a outra, mas sem se mexerem para ir ao palanque. Será que ninguém ia dizer algo? Ela não tinha nenhum amigo? Se eu batesse as botas, tenho certeza de que Janie faria um discurso matador em minha homenagem, que me faria parecer engraçada, amorosa e competente e que não mencionaria o dia que Sam rolou da cama e Jack caiu de sua cadeirinha no carro, e eu tive que ir para a emergência duas vezes em oito horas. Ao contrário de mim, Kitty tinha verdadeiros louvores que podiam ser recitados. Ali havia mulheres que viram sua devoção às filhas.

Então, por que ninguém falava?

Por fim, Kevin Dolan foi até o palco e sussurrou no ouvido do reverendo Gordon. Eu exalei, pensando que até que enfim alguém ia dizer algo em homenagem a Kitty, enquanto Kevin sussurrava e apontava para a multidão, ao fundo do salão, para mim.

— Kate Klein? — perguntou o reverendo. As cabeças viraram. Houve um furor de cochichos pelos corredores, enquanto o sangue sumia do meu rosto. Balancei a cabeça. O reverendo Gordon pareceu não notar. — Kate Klein! — disse ele, depois tentou fazer a única semipiada da manhã. — Pode chegar!

Balancei a cabeça com mais força e disse não, enquanto mantinha uma expressão apropriadamente sedada. Ele não assimilou meu não. Mãos pegaram meus braços e eu me vi sendo empurrada pelo

corredor, com meus sapatos apertados. Então, de alguma forma, eu estava no palco, com Kevin Dolan me guiando com delicadeza até o púlpito. — Desculpe — ele murmurou. — Eu devo ter ouvido errado, mas você não me disse que estava trabalhando num discurso para a missa?

Dancei, pensei, enquanto balançava a cabeça para cima e para baixo, num movimento todo independente da minha vontade. *Ah, Kate, você está muito ferrada*. Segurei nas beiradas do púlpito com uma pegada de morte e olhei para a multidão — trezentas pessoas, meus contemporâneos de Connecticut — sem a menor ideia do que eu ia dizer.

Engoli com força e comecei — Kitty Cavanaugh era...

— Mais alto! — alguém gritou do fundo.

— Não dá para ouvir! — alguém acrescentou.

Limpei a garganta e ajustei o microfone, me retraindo com o som agudo do retorno, e tentei de novo.

— Kitty Cavanaugh era uma boa mãe, uma boa esposa. Como todos já ouvimos — acrescentei, simplesmente. — E ela estava fazendo um trabalho importante — o trabalho de... *passar tardes secretas em Nova York, quem sabe traindo o marido, que, sem dúvida, a traía*. *Ai, Deus, me ajude*.

Engoli em seco. — ... investigando o que significa ser uma boa mãe, uma boa esposa e uma boa pessoa em nossa época. Talvez nem todos concordemos com o que ela tinha a dizer... — sequei a testa, quando alguém no fundo sugou o ar, com indignação. — Mas talvez todos possamos concordar que ser pai ou mãe é difícil. Mais difícil do que os livros fazem parecer, do que os filmes fazem parecer. E, no fim do dia, acho que Kitty será lembrada por sua enorme coragem de fazer essas perguntas, tentar encontrar as próprias respostas, sem dar a mínima para o fato de que podiam colidir com o que nós fomos criados para acreditar. — Passei mais uma vez a manga na testa e senti o suor escorrendo em minhas costas, encharcando meu sutiã. Eu devia estar

parecendo o Albert Brooks em *Broadcast News*. Lembranças das vezes em que eu vi Kitty — em que a enxerguei como era, de fato — passaram inutilmente pela minha cabeça. Kitty de linho rosa, sorrindo para as filhas; Kitty esparramada no chão da cozinha, morta, com a blusa de seda cor de vinho Bordeaux.

Cante, eu pensei. *Cante para elogiá-la*. — Então... Então, talvez possamos cantar uma canção. Em sua memória. — Passei o indicador em meu lábio superior e percebi que, apesar de anos de lições de canto e ouvindo todas as gravações de jazz que já foram feitas, apesar de ter crescido com uma das maiores sopranos do mundo como mãe e um dos maiores instrumentistas de oboé dos Estados Unidos como pai, eu não conseguia me lembrar da melodia de uma só canção. Nem uma única música, letra ou nota musical. Nada. Deu um branco total. Só se... Eu respirei fundo. — Se você está feliz... Bata palmas *e peça bis*... — Minha voz falhou na última palavra. O público me olhava pasmo.

O reverendo Gordon estava franzindo as sobrancelhas. O queixo de Kevin Dolan tinha caído. Lexi Hagen-Holdt e Carol Gwinnell, afinal, bateram palmas e começaram a cantar.

— Se você está feliz... Bata palmas e peça bis...

Mais algumas pessoas desanimadas se juntaram às palmas, com o rosto educadamente inexpressivo, as vozes cultas e suaves.

— Se você está feliz... Bata palmas e peça bis... Para mostrar que está feliz — o reverendo Gordon se juntou ao coro, com sua voz de barítono.

— Se você está feliz... Bata palmas e peça bis... — cantou Kevin Dolan. As últimas palmas ecoaram como pedras caindo num poço. — Obrigada — murmurei e saí mancando do palco, descendo pelo corredor lotado, que se abriu quando os outros participantes deram espaço (não, se encolheram), se afastando de mim.

Passei por eles cambaleando, encharcada de suor, e voltei para a parede em que estava encostada. A mulher ao meu lado se inclinou para tocar minha mão. — Isso foi... — ela parou de falar por alguns

segundos. — Foi demais mesmo.

Assenti, de leve. Demais mesmo. Aposto que sim.

— Para concluir — disse o reverendo Gordon —, nós vamos ouvir algumas palavras da família de Kitty.

Ah, não, pensei, com o ar preso na garganta. Philip Cavanaugh estava seguindo para o palco, hesitante, por entre a multidão, com as filhas. Uma à direita e outra à esquerda, elas o guiavam, como dois barquinhos azuis-marinhos guiando um cargueiro porto adentro. *Ah, não. Isso, não*. Remexi em minha bolsa, procurando um lenço de papel, e me contentei com um guardanapo da Dairy Queen, amassado e sujo de chocolate. Nunca liguei muito para a Lady Di, mas ainda tinha lembranças nítidas de seu funeral — o caixão com a carta em cima escrito “Mamãe”, que me fez chorar como se eu tivesse perdido minha própria mãe (que estava se apresentando em Denver na época, e perfeitamente segura). E se tivesse sido eu, e Sophie, Sam e Jack tivessem ficado só com o pai deles? Pensei na carta na van, na noite anterior, e não conseguia parar de tremer, enquanto Philip Cavanaugh parou para secar as lágrimas. Ele estava com os olhos fundos. Seus lábios estavam acinzentados e trêmulos.

Seu rosto estava murcho, com a pele mais flácida no queixo, conforme ele caminhava.

Ele subiu um degrau, depois dois. Seu calcanhar esbarrou no terceiro e ele cambaleou, quase caiu, antes de chegar ao púlpito. Ouvi Lexi Hagen-Holdt resfolegar e vi Carol Gwinnell afagar seu ombro.

A morena sentada na primeira fila, ao lado de Kevin Dolan — Delphine, eu imaginava —, chorava baixinho, num lenço. Philip esticou o dedo e tocou de leve o microfone, como se quisesse ter certeza de que ele ainda estava ali.

— Kitty foi... — sua voz era baixa, sem entonação. Ele limpou a garganta e tentou de novo. — Kitty foi...

Desta vez saiu alto demais, ou ele tinha se aproximado demais do microfone. Philip se inclinou para a frente e mergulhou o rosto nas

mãos.

— Isso é demais — murmurou uma mulher à minha esquerda. Então, o reverendo Gordon estava ali, guiando com toda a gentileza Philip de volta ao seu lugar. As duas meninas ficaram, diante do microfone, duas miniaturas de Kitty, com a postura perfeita e cabelos castanhos muito bem penteados para trás de seus rostos claros. Elas se olharam e, por fim, uma delas — Madeline ou Emerson, eu não fazia ideia — deu um passo à frente. — Nós amávamos muito a nossa mãe — disse ela.

Os segundos se passavam. Lexi Hagen-Holdt chorava. A respiração de Philip era ofegante enquanto ele se esforçava para manter a compostura e o reverendo Gordon o afagava, servil, nas costas. A outra menininha se aproximou da irmã.

— Ela era a melhor mãe do mundo.

O lobby estava congestionado. Philip, amparado pelos pais para se levantar e com o reverendo Gordon do outro lado, parecia um boneco de cera, com uma das mãos no ombro de cada filha. Fui seguindo atrás deles o mais depressa que pude, por causa da situação da minha bolha, tentando não ouvir os comentários sobre minha atuação (“Quem é aquela... Mulher grandona... E o que ela tem na cabeça?”, uma magrela chique perguntou para outra). Enquanto eu olhava, Kevin e Delphine se aproximaram de Philip. Kevin passou os braços ao redor dos ombros de Phil. Phil fechou os olhos, e Delphine Dolan, cuja maquiagem estava acabada, ficou ao lado, secando os olhos. Quando Phil estendeu a mão para pegar o braço dela, acho que a vi se retrair.

Fui abrindo caminho e passei pela porta, alcançando antes de quase todo mundo o estacionamento.

Quando cheguei lá, ignorei os rostos e me concentrei nas placas. Eastham, Massachusetts, diziam.

Eastham era para onde deveria ter sido enviado o postal que eu encontrei. Placas de Connecticut são azuis e brancas; placas de

Massachusetts são vermelhas, brancas e azuis. Vi três carros com placas de Massachusetts: um pequeno Saab verde pastilha para tosse, um Cadillac caminhonete com uma cadeirinha atrás e — fiquei na expectativa — um Honda de quatro portas, talvez de uns cinco anos, que era, de longe, o carro mais velho do estacionamento. Ele era cinza, com um amassadinho na porta do motorista e um adesivo escrito “Dê uma chance à paz”.

Fiquei a uma distância que julguei ser educada, entre o Honda e o Saab, e esperei até que — enfim — um dos casais mais velhos que eu tinha visto se aproximasse do carro cinza. O homem tinha cabelos brancos e era bem frágil, com pele clara e olhos azuis lacrimosos por trás dos óculos grandes. A mulher era miúda e magrinha, com cabelos cacheados grisalhos bem curtos, vestido verde solto, colar feito de miçangas grandes de vidro, sapatos Birkenstock e meias pretas. Ela não estava usando maquiagem nenhuma, nem mesmo o batom Sugar Maple casual da mulher de Upchurch. Com certeza ela não era da cidade.

Fui seguindo pelo estacionamento até o carro deles. — Com licença, vocês são os pais de Kitty? — Olhei para a mulher, me esforçando para lembrar o nome de solteira de Kitty. — Bonnie Verree?

Eles se entreolharam antes que a mulher respondesse.

— Sim. Sou Bonnie Verree. Kitty era minha filha.

— Sou Kate Klein — eu disse, estendendo a mão.

— Nós ouvimos falar de você — ela segurou minha mão entre as dela, que eram pequenas e mornas. Tinha os mesmos olhos azuis de Kitty, mas a semelhança terminava aí. Eu não via nenhum dos traços finos da filha no rosto amistoso, em formato de botão, de Bonnie... E Kitty era no mínimo uns vinte centímetros mais alta que a mãe.

— Você é a pintora — eu disse.

Ela ficou me olhando, curiosa.

— Estive na casa de Kitty... Aquelas lindas paisagens do mar.

— Ah — disse ela. Seu marido pousou a mão, com veias azuladas, em seu ombro.

— Precisamos ir andando — disse ele. — O trânsito está horrível na 91.

Assenti, depois disparei — Eu queria lhes dizer o quanto lamento por sua perda.

— Obrigada, querida — falou a mulher.

— Eu é que a encontrei — eu disse, depois fechei a boca, percebendo, horrorizada, que eu parecia estar quase me gabando. *Eba! Fui eu que achei o cadáver da sua filha!*

— Deve ter sido horrível para você — disse Bonnie.

Assenti rapidamente, como se desse a entender que eu era o tipo de alma sofisticada que sempre se deparava com vizinhos mortos. — Eu gostaria de ter conhecido melhor a Kitty — falei, devagar, tentando pensar em um jeito de perguntar sobre o postal. *Mais feliz do que eu jamais poderia imaginar.* — Quer dizer, sempre nos víamos no playground, e claro, eu lia a *Content*, então já vi os artigos que ela escrevia...

As palavras “os artigos que ela escrevia” tiveram um efeito chocante no casal. O rosto claro e enrugado de Hugh ficou vermelho. Bonnie afastou as mãos e me olhou, impotente. Seu marido saiu marchando até o lado do motorista e enfiou a chave com tanta força na fechadura que eu me surpreendi de não ter saído do outro lado da porta.

— Lamento por sua perda — eu disse outra vez.

Bonnie balançou a cabeça, enquanto o marido esticava o braço, acima do câmbio, e abria a porta para ela. — Você não entende — disse ela, numa voz tão baixinha que precisei me aproximar para ouvir. — Hugh e eu perdemos Kitty há muito tempo.

Fiquei tão estarecida com o que ela disse, que fiquei ali em pé, petrificada, enquanto Bonnie batia a porta e Hugh dava ré, e por um triz não passou com seu Honda por cima do meu pé. Ele pisou no

acelerador, saiu cantando pneu do estacionamento e entrou na Main Street sem nem parar para olhar se vinha carro.

Cambaleei para trás. Meu calcanhar oscilou e eu quase caí, antes que alguém me segurasse pelos cotovelos.

— Você está bem? — perguntou uma voz de homem.

Meu salto virou e eu despenquei no chão de pedrinhas. — Ai! — Quando me endireitei, meu tornozelo latejava e as palmas de minhas mãos estavam raladas, com pintinhas de sangue.

— Desculpe. Obrigada — eu disse. O homem que tinha tentado me segurar tinha cinquenta e poucos anos, era baixo e totalmente careca, de olhos castanhos, rosto estreito e bronzeado marrom.

Ele me lembrava um pouquinho uma lontra, algo pequeno e liso, mais compatível com a água do que com a terra.

— Jesus — eu disse, torcendo para que respirar fundo algumas vezes fizesse meus joelhos pararem de tremer. — Nossa, que desajeitada.

O homem balançou os ombros, perplexo, e estendeu a mão. — Joel Asch.

O nome era familiar, mas eu levei um segundo para me lembrar do que Laura Lynn Baird tinha me falado. Editor-chefe da *Content*, que talvez estivesse dormindo com a falecida.

— Você é amigo da Kitty — afirmei.

Ele concordou. — Tentei ser — disse ele, olhando, enquanto eu espanava a sujeira de minhas mãos.

— Vocês se conheciam há muito tempo? — perguntei.

Ele se virou em direção às portas da prefeitura, de onde os participantes da missa, vestidos de cinza-chumbo e cinza-claro, estavam saindo, murmurando baixinho uns com os outros. — Gostaria de tomar um café? — perguntou ele. — Tenho um tempinho antes de voltar para Nova York.



CAPÍTULO 23

DEZ MINUTOS DEPOIS, Joel Asch e eu estávamos sentados a uma mesa na Brookfield Bagels, uma casinha de telhado cinza, com toldos listrados em amarelo e branco, e meia dúzia de mesinhas redondas para duas pessoas onde seis pratas rendiam uma xícara de café aguado e morno e uma rodela com a mesma consistência da massa crua da Wonder Bread. Joel Asch deu uma mordida, retraiu-se e deixou de lado.

— É horrível, não é? — eu disse, baixando o tom de voz.

— Não... Não é bom — disse ele. Parecia estar pensando se engolia o que tinha na boca ou cuspiu no guardanapo. Finalmente resolveu continuar mastigando.

— Então, me conte — pedi. — Como é que uma mãe de Upchurch, que é do lar, acaba escrevendo para uma das revistas mais importantes da América? — Com meu elogio ainda pairando no ar com cheiro de trigo, estendi a mão para pegar meu caderno.

Joel Asch sorriu para mim, bondoso. — Você não estaria querendo o emprego dela, estaria?

Balancei a cabeça. — Sou bem ocupada por aqui — Bem — disse ele. — Fui professor da Kitty na faculdade, e nós mantivemos contato ao longo dos anos. Na verdade, foi a Kitty quem chamou minha atenção para Laura Lynn. Eu a vi algumas vezes na CNN. Suas ideias me intrigavam. A batalha entre as mães que ficam em casa e as que trabalham. O território contestado da maternidade na América.

Concordei e escrevi *território contestado*. — Como mãe, eu tenho que lhe dizer, esse é um assunto fascinante. — Como mãe, eu tinha dúvidas de que algum dia conseguiria tempo para ler a respeito, pelo

fato de estar ocupada demais fazendo isso, mas um elogio não faz mal a ninguém.

— Então, eu liguei para Laura Lynn e ela ficou bastante ansiosa para se associar à *Content*.

— Claro — eu disse, num tom que diz que você precisa ser um pederasta, ou um alienígena, para não querer se associar à *Content*.

— Mas ela estava ocupada. As exigências se tornaram tão grandes que ficou claro que ela precisaria de... — Ele girou a aliança de ouro no dedo fino e marrom. — um certo nível de assistência. E eu tinha visto muito do trabalho de Kitty na faculdade.

Tinha visto o trabalho dela, escrevi. A trama estava engrossando. Pelo menos, eu torcia por isso. — Que matéria você lecionava em Hanfield? — perguntei.

— Fui palestrante convidado por um semestre. Ministrei um curso de política e imprensa. — Ele enrolou com cuidado seu pacotinho vazio de cream cheese. — Kitty me impressionou. Sua mente me impressionou. A clareza de sua escrita. A singularidade de seu foco.

— Arram — eu disse, imaginando se *singularidade de foco* não seria papo de professor para belo peitão. Kitty devia ser uma belezinha de aluna — aquele cabelo cor de chocolate para trás, com uma faixa, aquele rosto cheio de frescor e o corpo perfeito, de jeans e moletom da Hanfield.

— Ela era muito inteligente — disse ele. — E muito dedicada. Entregava todos os trabalho no prazo. Eu a ajudei a conseguir o primeiro emprego, escrevendo o informativo do Hospital St.

Francis, em Nova York. Quando ficou claro que Laura Lynn precisava de ajuda, liguei para Kitty e perguntei se ela estaria interessada. Então, organizei um almoço para as duas se conhecerem, e foi isso.

E foi isso, eu escrevi. Meu coração estava disparado. Ele a conhecera na faculdade, admirava sua mente, manteve contato ao longo dos anos, arranjou não só um emprego mas dois no

ultracompetitivo mercado da cidade de Nova York. Se isso não significava ter um *caso*, eu não sabia mais nada... O que queria dizer que aquela horrenda Laura Lynn tinha acertado na mosca. — Tenho que dizer, eu fico impressionada que ela encontrasse tempo para escrever. As crianças exigem muito.

Ele deu uma risada indulgente. — É o que a minha esposa me diz.

Eu ri junto com ele, achando que sua esposa e eu tínhamos muito em comum — maridos poderosos que quase nunca estavam em casa, homens que gostavam do conceito de esposa e filhos, mais do que pareciam gostar da realidade dos filhos que choram com o menor insulto ou uma topada, clamam para comer porcaria e para ganhar brinquedos de plástico e nos dias difíceis choramingam sem parar na hora de dormir, na hora de tomar banho, na hora de comer e em muitas horas entre essas.

— Como elas trabalhavam juntas? — perguntei.

— Faziam muita coisa por e-mail e pelo telefone. Laura Lynn ligava para ela dos aeroportos, ou de onde estivesse. Elas falavam sobre um tema, debatiam por e-mail, depois Kitty escrevia um esboço, Laura aprovava e Kitty me mandava.

— Ela não ia ao escritório?

Ele balançou a cabeça, parecendo triste e meio desconfiado. — Bem, os outros escritores... — Ele enfiou a mão no bolso, tirou uma cartela de aspirinas e destacou duas, pensou e pegou a terceira. Eu mesma preenchi a lacuna: é provável que os outros escritores da *Content* não fizessem ideia de que Laura Lynn Baird não estava escrevendo “A Boa Mãe”, portanto Kitty aparecer no escritório seria uma surpresa desagradável.

— E quanto à política?

Ele engoliu os comprimidos e me lançou um olhar vago. Tentei de novo.

— Laura Lynn tinha opiniões muito fortes sobre mães que trabalham. — Isso me rendeu outro olhar vago, na sequência. — Ela

achava que as mães não deveriam trabalhar fora de casa.

— Essa não é uma interpretação muito sutil do trabalho dela — ele disse, reservado. Segui em frente, achando que depois haveria tempo para sutileza, depois que eu descobrisse quem tinha matado Kitty e agora estava deixando bilhetes insinuando que eu seria a próxima.

— Acho que estou imaginando se Kitty se sentia da mesma forma que as mães que trabalham.

Joel Asch desdobrou seu saquinho de papel e o alisou em cima da mesa. — Você a conhecia, não?

Não eram próximas?

Tentei provocar outra risadinha. — Bem, você sabe como é. Acabamos falando mais sobre o tipo de manteiga de amendoim que nossos filhos gostam.

Rá rá rá, Joel riu.

— E na faculdade? Hanfield tem muitos conservadores, certo? — Eu sabia que sim, pelas pesquisas que fiz e pelos meus tempos de faculdade, quando Hanfield era um criadouro de tipos como Phyllis Schlaflys e Pat Buchanans. — Kitty participou de algo?

— Não posso dizer que me lembro de modo específico.

— Então, por que ela iria querer trabalhar como ghost-writer...

— Auxiliando — disse Joel Asch, fazendo uma careta.

— Tudo bem. Auxiliando uma mulher que escrevia coisas em que ela não necessariamente acreditava?

Joel Asch deu uma mordida voraz em sua rosquinha. Fiquei olhando seus dentes mergulhando na massa. — *Entrée* — murmurou ele.

— Perdão?

— Eu lhe dei *entrée* — disse ele. — Escrever para a *Content* lhe dava um certo *cachet*, um certo *éclat*, um certo...

— Por favor, que sua próxima palavra seja em meu idioma — pedi.

Ele franziu o rosto para mim. Então, seu rosto relaxou. Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto. — Tudo bem — disse ele. — Seu

idioma. Certo. — Sua expressão ficou saudosa. — Ela também era engraçada, sabe? A Kitty. Sabe como ela chamava este lugar?

— O Brookfield Bagels?

— Não — disse ele. — Upchurch. Ela chamava de Terra dos Perdidos.

Senti meu coração apertar de solidariedade ao perceber que, por trás da máscara de mãe perfeita, Kitty estava desconcertada por sua cidade natal, assim como eu. E era engraçada. Quem podia imaginar? — Então, por que ela se mudou para cá?

Eu esperava outra sacudida de ombros, ou um olhar vago, ou alguma variação de minha própria história: *ela está aqui porque é onde o marido quis estar*. Mas Joel Asch me surpreendeu.

— Acho que ela veio parar aqui pelo mesmo motivo que tinha para trabalhar para a *Content*, e moldar a prosa com que talvez não concordasse — disse ele.

— *Cachet* — eu repeti. — *Éclat*.

Seus lábios finos se curvaram num leve sorriso. — Status. Isso e a possibilidade de entrar nos círculos certos — afirmou ele. — Não tenho certeza de qual é a palavra francesa para isso. Acesso, talvez. Ela podia ter acesso a pessoas da alta-rodas, participar de seus eventos beneficentes, dos eventos certos. Se ela pegasse o telefone e dissesse “Eu escrevo para a *Content*, estou fazendo uma pesquisa para Laura Lynn Baird”, conseguiria colocar senadores na linha. Até presidentes.

— E ela não se importava com o fato de não ter sua assinatura?

Ele sofreu com mais uma mordida no pãozinho e balançou a cabeça. Eu estava começando a me sentir desesperada, e ele começava a parecer inquieto. — Olhe — eu disse. — Não estou querendo me intrometer nem xeretar, mas estou com medo. Todas nós estamos. A polícia ainda não prendeu ninguém. Todas as mães estão pulando de susto da própria sombra. Qualquer coisa que você possa me dizer... Qualquer coisa mesmo...

— Lamento — disse Joel. Então, ele olhou para o relógio. — Eu

gostaria de ter algumas respostas para você, mas preciso mesmo ir andando. — Ele empurrou a cadeira para trás. Saí pela porta atrás dele.

— Você acha que um dos leitores de Laura Lynn poderia ter algo a ver com isso? — perguntei, conforme seguíamos para o estacionamento. Joe caminhava depressa e eu me esforçava para acompanhá-lo. Meu tornozelo estava me matando e meus pés deviam ter inchado enquanto fiquei sentada. Parecia que eu estava caminhando sobre facas. — Eu sei que ela recebia correspondência hostil.

— Laura Lynn recebia correspondência hostil — ele corrigiu. — Eu encaminhava para ela. Ela queria ver, não importava quanto o conteúdo fosse grosseiro, ou ameaçador, ou cheio de erros de ortografia.

Corri atrás dele o máximo que pude, pensando que, no que dizia respeito a Joel Asch, ameaçador e cheio de erros de ortografia era provavelmente tão assustador quanto. — Kitty via a correspondência hostil? — perguntei. — Ela sabia a respeito?

Ele coçou a cabeça, depois enfiou as mãos nos bolsos e tirou a chave. — Eu de fato não saberia — respondeu. O que eu percebi não ser bem uma resposta. Estendi a mão até o ombro dele, que se virou, exalando, impaciente. O sol lançava nossas sombras compridas no estacionamento do Brookfield Bagels. Era meio-dia, o que era apropriado — e desagradável. Eu mais uma vez chegaria atrasada para buscar meus filhos.

— Olhe. Perdoe-me se estou confusa. Talvez ficar em casa com as crianças tenha deixado meu cérebro meio nebuloso, mas isso não faz sentido. Você ajudou Kitty Cavanaugh a conseguir dois empregos, um dos quais era bastante importante, e agora ela foi assassinada. Essa mulher linda, brilhante, trabalhadora e engraçada. Morta! Você não quer descobrir quem foi?

— Claro que quero — ele disse, baixinho.

— Você estava dormindo com ela? Por isso lhe deu o emprego?

Os ombros dele se contraíram enquanto ele me encarava. Eu ouvia o barulho do tráfego da Main Street, o leve gorgolejo do riacho que corria atrás da cafeteria. A brisa fresca remexia meu cabelo.

Eu me preparei, achando que ele fosse dar uma gargalhada, ou sair apressado, ou entrar em seu carro e ir embora.

— Não — respondeu ele. — Eu não estava dormindo com ela. Pelo amor de Deus, ela tinha idade para ser minha filha. — Ele respirou fundo, jogando a chave da mão esquerda para a direita. — Aprecio que você esteja interessada nos detalhes da morte dela. Gostaria de poder ajudar mais. — Ele parou, depois prosseguiu, meio sem jeito. — Lamento que você tenha perdido uma amiga.

Ele estendeu a mão e, depois de um instante, eu a apertei e disse a ele: — Também lamento.



CAPÍTULO 24

ERA MEIO-DIA E DEZ quando cheguei à Red Wheel Barrow. Sam e Jack estavam sentados lado a lado no centro de um banco vermelho de madeira, do lado de fora da sala da diretora. Sophie estava em pé, na frente deles, com os pequenos punhos fechados, pousados nos quadris, franzindo o rosto. — Você está atrasada outra vez, mamãe — disse ela.

— Eu sei — desculpei-me, remexendo a bolsa e me preparando para mais uma batalha contra a Sra. Dietl.

Encontrei-a sentada atrás de uma mesa metálica cinza. Havia uma maçã de cerâmica pintada num canto, um abridor de cartas de prata, com monograma no outro e uma lata de café com uma abertura de moedas na tampa. — Você deve saber que é a quinta vez que se atrasa neste semestre — disse ela quando eu sorri e disse que lamentava. — Se isso continuar, precisaremos ter uma conversa séria sobre sua programação.

— Eu lamento — murmurei de novo, enquanto enfiava a multa de trinta dólares na lata de café e me virava para pegar meus filhos.

— Por favor, tente evitar!

— *Don't Mess with My Toot-Toot* — murmurei, baixinho. Sophie deu uma risadinha, mas a Sra. Dietl, que entreouviu, não gostou. Ela veio apressada atrás de nós, pelo corredor, com os óculos pendurados na corrente de miçangas, sua saia de gabardine farfalhando e seus sapatos macios rangendo no piso de linóleo.

— Se não estiver contente aqui, ou se achar que nós, da Red Wheel Barrow, como instituição, somos incapazes de atender às necessidades de sua família, há outras creches, e, com certeza, outras crianças que

ficariam felizes em ocupar o lugar das suas — atacou ela.

— Eu sei — respondi, virando de volta, para olhar nos olhos dela.
— Me desculpe. — O mais infernal é que ela estava certa. Havia outros pais, muitos, que passariam uns por cima dos outros pelo privilégio de pagar nove mil pratas por semestre para um professor bem-criado, com ótima formação, ficar vendo seus filhos pintarem com os dedos. Estampeei um sorriso no rosto, jurei pela minha vida que nunca mais voltaria a acontecer e afinal tirei as crianças do prédio vermelho com ornamentos brancos e as levei para a van.

— Estamos com fome — Sophie choramingou enquanto eu seguia para casa, descendo a rua perfilada com árvores de bordo, cujos galhos arqueavam acima do tráfego, criando uma abóboda em vermelho e dourado. O cenário era de um cartão-postal inspirador, do tipo que eu jamais compraria e nunca mandaria. Parecia algo tão distante quanto a Lua. Lá em Nova York eu conhecia cada centímetro do meu bairro: bancas de jornais, bares que serviam saladas, a cafeteria com um buraco na parede, os caras da tinturaria, as meninas do mercadinho, que salvaram minha pele mais de uma vez ao procurar na sala de estoque abarrotada mais *Pampers* quando Sam cismou de só usar as que tinham o desenho do Elmo, e até o sem-teto que me chamava de “gatona” quando eu passava com os bebês no carrinho.

— Aguentem firme — eu disse. Sophie gemeu e segurou a barriga.

— Fome — reclamou Sam, talvez Jack.

— Só mais um minuto. — Então, num desafio absoluto a tudo que é representado por Upchurch em geral e, em particular, a escola Red Wheel Barrow, entrei no McDonald’s e pedi três promoções de McLanche Feliz, distribuí as guloseimas no estacionamento e segui para casa. — Dia de brincadeira — Sophie murmurou, com a boca cheia de batata mastigada, já parecendo meio grogue pela combinação de nitratos e sódio e sei lá mais o quê que o McDonald’s coloca nos milk-shakes.

— Hã?

— A gente deveria ir à casa do Tristão e da Isi para um dia de brincadeira — disse ela.

Iiih. Liguei para Sukie Sutherland.

— Estamos atrasados, mas eu já dei almoço para eles.

— Sem problemas — disse ela, com sua voz alegre, de boa mãe. — Nós vamos fazer enfeites de mesa para o Dia de Ação de Graças e bolinhos de linhaça.

— Parece ótimo!

Na entrada de veículos dos Sutherland, limpei as manchas de ketchup das mãos e do rosto das crianças, mandei que se comportassem e as deixei na porta imaculada de Sukie. Dirigi de volta para casa, passei pelo lar dos Chamberlains, dos Langdons. Quando a minivan fez a curva, vi um homem na entrada da minha garagem, com as mãos nos bolsos e uma expressão entretida no rosto. Jeans desbotado. Ombros largos. Cabelo preto cacheado, passando dos lóbulos das orelhas. Evan McKenna, a menos de cinquenta metros da minha porta.

Meu primeiro impulso foi acelerar e seguir em frente. Meu segundo impulso foi pisar fundo no acelerador e ir para cima dele. Imaginei seu corpo voando pelo ar, como uma das bonecas de Sophie, e que eu destravaria as portas, abriria o vidro e gritaria: *Isso é o que você leva por partir meu coração!*, e sairia dirigindo pelo pôr do sol, exatamente como Thelma e Louise, só que com a minivan, em vez do Thunderbird, e sem morrer.

Em vez disso, dei uma freada barulhenta, parei junto ao meio-fio, tirei um centésimo de segundo para agradecer por ter penteado o cabelo de manhã e depilado o buço na véspera, escancarei a porta do carona e disse — Entre na van!

Evan me deu um sorriso preguiçoso. — Isso é uma encenação dramática de *O Silêncio dos Inocentes*?

— Entre logo!

Ele balançou os ombros, tirou o boné, enfiou-o no bolso traseiro e se jogou no banco ao meu lado. Assim que bateu a porta, saí cantando pneu, a ponto de deixar marcas de borracha que meu marido sem dúvida perceberia quando chegasse em casa. Meu coração estava batendo em meus ouvidos e minhas mãos tremiam quando freei na placa de PARE no fim da rua.

— Oi — disse Evan.

Arrisquei uma olhada à direita e o vi me olhando com a mesma tranquilidade doce de que eu me lembrava de todos aqueles anos atrás. Suas bochechas estavam vermelhas do frio, as sobrancelhas grossas estavam mais bagunçadas do que nunca e a boca esperta se abriu num sorriso.

— O que está fazendo na minha casa?

— Eu disse que precisava falar com a polícia e achei que, já que estava perto...

Segurei o volante com o máximo de força que pude para fazer minhas mãos pararem de tremer. — Você não pode simplesmente aparecer na minha casa e ficar perambulando no meio da rua! E os vizinhos?

— Katie. — Ele tirou os óculos escuros e teve o desaforo de dar um sorrisinho malicioso. — É uma visita inocente, de um velho amigo. Até parece que a gente estava fazendo alguma coisa no meio da rua.

Senti o rosto corar e de repente percebi que estava pressionando as coxas uma contra a outra. Elas estavam nuas por baixo da saia, porque eu não tinha conseguido encontrar uma meia-calça. Pensei estar ouvindo o forro acetinado da saia roçar minha pele quando eu me mexia. Pior, a julgar pelo sorriso dele, achei que Evan também estivesse ouvindo.

— E eu tenho informações sobre nossa amiga em comum.

— Diga — eu falei e comecei a dirigir. Certo. Isso pode dar certo. Ele despeja o que sabe e eu o largo na estação de trem. A transação toda levaria quinze minutos; vinte, no máximo. Não seria tempo

suficiente para que eu me apaixonasse outra vez.

— Nossa — disse ele —, você deve pensar que eu sou bem fácil.

— Evan... — Eu nem penso em você, eu quis dizer. Mentira. Tanto faz.

— Você já almoçou? — ele perguntou. — Porque eu até comeria algo. — Ele fungou. — Aqui dentro está um cheiro de batata frita.

— É o meu perfume. — Respondi, sem olhar para ele. Coisas ruins podiam acontecer se eu olhasse para ele. Seria como olhar para o sol.

— Ora, vamos, Kate. Faz anos que eu não vejo você. — Ele tocou meu ombro. — Senti sua falta, sabe? — ele disse, baixinho.

Virei na Main Street, mais depressa do que precisava, e não disse nada. Eu não confiava em minha voz.

Evan se virou para olhar pela janela, analisando minha nova cidade: a igreja branca, com sua torre espetada no céu azul sem nuvens; as antigas casas vitorianas com beirais desenhados que haviam sido convertidas em bancos e escritórios de advocacia; o prédio da prefeitura, de tijolinhos e vidro; a antiga drogaria da Main Street, onde o farmacêutico meio surdo o fazia gritar seu nome e sua receita, do outro lado do balcão, até que todos da cidade soubessem se você estava ali para comprar Xanax, Rogaine ou Viagra.

— Nossa — disse ele. — Não é bem Atlantic City, hein?

Fiquei imóvel e não disse nada. *Eu teria fugido com você, pensei . Se você algum dia tivesse me pedido.*

Evan continuou a avaliar o cenário. — Duas Talbots?

Ergui o queixo. — Uma delas é Talbots Petites.

— Ah. Então é isso. — Ele coçou a cabeça. E eu senti seu cheiro limpo de sabonete e sabão de lavanderia, e mais alguma coisa meio adocicada, que sempre me fez lembrar de fogueiras de acampamento e biscoitos integrais, a lembrança da doçura em minha boca, sob o céu negro, salpicado de estrelas. — Você gosta daqui?

— É bom.

— Como vai a Janie?

— Ótima. Perfeita. Nunca esteve melhor. Agora ela é uma editora importante na *New York Night*. — Parei na luz amarela. — Como vai a Michelle? — Dei outra olhada de esguelha. Evan tinha se virado de volta para a janela. — Ela chegou a casar com você?

— Nós casamos. Não durou.

Ele estava com as mãos no colo, com as palmas viradas para cima. Seu rosto estava sério. — Lamento — eu me forcei a dizer.

— Tentei ligar para você...

— Era o seu telefone que não estava funcionando ou os seus dedos? — perguntei, descontraída.

— Primeiro você estava em Londres, depois...

— Depois você tinha se mudado! Até eu desfazer minha mala e superar a diferença do fuso, você tinha sumido.

— Nós não mudamos — disse Evan, com paciência. — Fomos despejados. Você não sabia?

— Sabia o quê?

— Janie comprou o prédio inteiro e nos despejou.

Pisei no freio, num sinal de trânsito, na frente do Super Shop Mart, e fiquei olhando para ele, dividida entre o choque, a incredulidade e a admiração por Janie ter conseguido fazer algo assim. — Ela fez o quê?

— Comprou o prédio — Evan repetiu. — Depois disse que ia transformá-lo numa cooperativa e nos deu dez dias para sair.

— Jesus. Isso é legal?

— Ela disse que, se algum dia voltasse a me ver, ou soubesse que eu estava tentando entrar em contato com você, mandaria quebrar minhas duas pernas. E ela tentou mandar me deportar.

O carro atrás de mim deu uma buzinação educada. Comecei a dirigir. — Eu sei que você está brincando. Você é um cidadão americano!

— É, bem, você sabe disso, e eu sei disso. Parece que o serviço de imigração estava meio confuso com a questão. Janie encontrou outro cara chamado Evan McKenna, que estava vivendo ilegalmente, no

Brooklyn... Ah, deixa pra lá. É uma longa história. Deu tudo certo. — Ele franziu o lábio superior.

— Menos para o outro Evan McKenna. Despacharam ele de volta para County Cork.

— Tomara que você não espere que eu sinta pena de você. — Minha voz saiu áspera, mas minhas pálpebras de repente estavam pinicando pelas lágrimas. — Você nem me ligou depois do 11 de Setembro. Todo mundo ligou depois do 11 de Setembro. Saiu até um artigo no *Times*. — Limpei os olhos quando o Ranger Rover buzinou atrás.

— Eu queria — disse ele. — Eu queria ligar. — Ele puxou o cinto de segurança, afastando-o do peito, depois soltou, deixando-o bater junto a ele. — Mas vi você naquele verão. Vi você no Central Park, no zoológico. Com outro cara. Você parecia tão feliz, eu pensei, para que causar problemas?

Funguei e liguei a seta com tanta força que a alavanca quase quebrou. Lembrei desse dia: uma linda tarde de agosto. Eu tinha encontrado Ben na hora do almoço dele. E nós tínhamos comprado umas fatias de pizza, depois ficamos passeando, para comê-las e ver os leões-marinhos almoçando. Tinha sido um dia tão legal... Ainda assim, como toda vez que eu e Ben saíamos em Nova York, sempre havia uma parte de mim que não conseguia evitar varrer a multidão, esperando que Evan aparecesse, erguesse a sobrancelha para mim, abrisse os braços e dissesse: — Cometi um erro, Kate. Temos que ficar juntos.

— Que tipo... — minha voz estava trêmula. — Que tipo de problema você queria causar?

Ele não disse nada quando virei na rodovia e entrei no tráfego seguindo ao norte, em direção a Hartford, e, quando ele começou a falar de novo, sua voz estava tão baixinha que precisei me esforçar para ouvir.

— Pensei muito em você depois daquela noite — disse ele. —

Ainda penso.

Dei uma olhada para ver se ele estava com o sorrisinho malicioso. Talvez essa fosse sua ideia de boa piada, para curtir com uma mãe solitária, oprimida e deslocada, encalhada num subúrbio que ela desprezava. Nada de sorrisinho. Ele estava olhando para mim, estreitando os olhos verdes. — Você pensa em mim?

Só todo dia. — De vez em quando. Mas que diferença faz agora? — perguntei, ouvindo o desânimo em minha voz.

Ele suspirou. — “Se eu pudesse voltar o tempo” — ele cantou.

Fiquei olhando para ele, com um misto de surpresa e horror. — Você está citando a Cher?

— “Se eu achasse um jeito” — ele continuou.

— Ah, por favor. Que tal se você só pagar o meu almoço?

Ele se recostou no banco, parecendo satisfeito. — Para mim, pode ser.



CAPÍTULO 25

LEVEI EVAN PARA O LUGAR menos sexual, menos sugestivo que pude pensar, que era o Chuck E. Cheese, a duas cidades de distância de Upchurch. Era improvável que fôssemos vistos por alguém conhecido e, se fôssemos, bem, quem teria um encontro amoroso, em plena luz do dia, num restaurante temático para crianças de seis anos?

— Legal — disse Evan, segurando a porta, depois tocando de leve meu cotovelo enquanto caminhávamos até a recepcionista. — Muito atmosférico. Será que podemos brincar de pique?

— Eu sou casada — respondi, num tom seco que desmentia o jeito como meus joelhos tremiam. — Hoje em dia a única pessoa que brinca de pique comigo é o meu marido.

— Amarelinha, talvez? — retrucou ele, concordando e balançando os ombros. Arrisquei outra olhada de lado. Ele estava com umas rugas no canto dos olhos, alguns cabelos brancos nos cachos perto das têmporas, o que o tornava ainda mais atraente, e era uma injustiça celestial. Só Deus sabia o que minhas rugas e meus cabelos brancos tinham feito para melhorar meu visual.

— Bem-vindos ao Chuck E. Cheese! — cumprimentou a garota radiante atrás de um púlpito de plástico amarelo e laranja. Ela estava segurando chapéus de festa de papel numa das mãos e colares de flores na outra. — Estão aqui para o aniversário do Trevor?

— Estamos, sim — respondi e peguei os apetrechos. Coloquei o chapéu desafiadoramente e fiquei encarando Evan, até que ele colocou o dele. Agora eu poderia olhá-lo sem querer desfazer os sete últimos anos da minha vida e/ou arrastá-lo para o banheiro para dar uma

rapidinha.

Sentamos em duas banquetas de plástico, na frente de mesinhas de plástico infantis e pedimos pizza de mussarela e uma jarra de refrigerante.

— Então — começou Evan, me olhando. O chapéu de festa não estava dando certo. Joguei o colar de flores na mesa e fiquei imaginando se deveria pedir um nariz de palhaço à garçonete. Talvez ajudasse. — Afinal, como você veio parar em Connecticut?

— Meu marido — foi só o que eu disse. — Ele achou que aqui seria mais seguro.

Ele ergueu as sobrancelhas. Seus cachos caíam na testa quase até as sobrancelhas, e, como sempre, não havia nada que eu quisesse mais do que afastá-los. — E você simplesmente concordou com ele?

Deixou seu emprego? Deixou Janie? — ele balançou a cabeça. — Fico surpreso que ela não tenha comprado Connecticut para fazê-la se mudar de volta.

— Eu tive filhos. Tenho. Tenho filhos. Aqui. — Tirei minha agendinha de couro, na qual guardava fotos de dois anos atrás de Sam, Jack e Sophie. — Está vendo? Estes são os meus gêmeos, Sam e Jack. Eles são recém-nascidos nesta foto, mas agora têm três anos, e esta é Sophie... — Folheei as fotos, depois coloquei o bloquinho sob a minha mão, como uma Bíblia, para ter força.

— Eles são lindos. Você gosta daqui? — Eu não conseguia pensar no que dizer quando nossa garçonete se aproximou com o refrigerante e dois copos. Ele serviu a nós dois.

— Eu... — Peguei meu copo de plástico e bebi. — Sinto falta...

Ele reabasteceu meu copo. — De Nova York?

— Do ritmo de lá. Da energia. De poder sair de manhã e estar em algum lugar, sabe? Sem ter que entrar num carro, ou combinar um dia de brincadeiras. Sinto falta de assistir a filmes na estreia, quer dizer, não que eu tenha tempo para ir ao cinema. Sinto falta do meu emprego. Sinto falta de ficar vendo Mike tentar arremessar sua

cadeira toda quinta-feira. Sinto falta de comida para viagem, dos táxis, das amostras de produtos, do Cowgirl Café, e da Magnolia Bakery, e de ficar olhando as vitrines da Quinta Avenida, e do tênis no Riverside Park, e... — *De você*. Fechei a boca. Então, fechei os olhos. — Morar aqui é uma mudança grande — eu disse. Quando abri os olhos, ele estava me olhando, estudando meu rosto com atenção.

— Sabe, nada ficou igual depois que você foi embora.

A garçonete colocou uma pizza escaldante na mesa. Tirei um pedaço gorduroso e dei uma mordida grande, me retraindo quando o queijo derretido queimou o céu da minha boca. — Você que foi embora — sussurrei assim que consegui falar outra vez.

— Eu sei. O que quero dizer é que... — Ele se mexeu em seu banco e me entregou guardanapos. — Quando você morava no fim do corredor, quando eu ficava com você e Janie. Às vezes eu acho que foi a época em que fui mais feliz.

— Por que não? — Joguei o cabelo, fiz bico e soprei a pizza. — Você tinha tudo. Tinha nós duas, para mantê-lo alimentado e entretido, e tinha Michelle, para voltar para casa, toda noite. Que homem não adoraria isso?

Ele pegou seu pedaço de pizza. — Você não está sendo justa.

Enrosquei um filete de mussarela no dedo. — Com quem? Com Michelle?

— Não, com você mesma. Como sabe que não era para você que eu preferia voltar toda noite?

— Porque eu me joguei em cima de você! Tinha uma queda tão... Fiz tudo, até mesmo colar uma placa de bem-vindo nas minhas partes privativas...

Evan começou a rir. — Suas partes privativas?

Senti o rosto corar. — É assim que Sophie chama — murmurei. — A parte privativa.

— Ela é uma gracinha — disse Evan. — Parece com você.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas pela milésima vez no

mesmo dia. Vi Madeline e Emerson Cavanaugh, em pé, no palco da prefeitura de Upchurch. *Ela era a melhor mãe do mundo.* — Sim — eu disse, e assenti, impotente. — Minha garotinha. — Limpei as mãos, depois os olhos.

Chega, decidi. Chega disso. Não faz sentido ficar pensando nisso.

Dei um gole em meu copo e me recompus. — Você conhecia a Kitty.

Evan assentiu, amassando seu guardanapo. — De Nova York. Ela era uma cliente. De vez em quando me dava o nome de um homem e me pedia para verificar seu passado. Biografia básica — onde ele morava, quando tinha se casado, se tinha tido filhos.

— Que tipo de nome? Quantos? Era para a *Content*? O que ela estava procurando?

— Ei, ei, calma, calma — disse ele. Deu um sorriso, depois pegou um caderno do bolso traseiro.

— Acho que verifiquei cerca de meia dúzia de homens para ela, começando em 1998.

— Todos homens?

— Todos homens. A maioria morava em Nova York; um era oftalmologista no Maine; um era de Washington.

— Por que ela os investigava? O que queria saber?

— Como eu disse, ela só pedia a biografia básica, coisas prováveis de conseguir descobrir na internet hoje em dia. Quanto ao motivo... — Ele exalou, frustrado, e espalmou as mãos na mesa. — Sei que ela estava escrevendo e alguns deles eram bastante importantes, políticos, professores de faculdade, mas nem todos. O negócio é que, com clientes, com esse tipo de trabalho, nem sempre você pergunta, e nem sempre eles contam. Kitty não contava.

— Depois ela ligou para você de novo?

— Duas semanas atrás. Nós conversamos por alguns minutos e ela disse que estava chegando ao fim de sua investigação.

— Que investigação?

Evan deu outra sacudida nos ombros. — Como eu disse, eu não pergunto e eles não contam. Ela disse que estava quase certa de ter encontrado o que estava procurando, mas havia algumas pontas soltas, que ela precisava amarrar, se eu ainda estava investigando. Eu disse que sim; ela falou que iria fazer contato. Tinha outro nome, mas ela não se sentia à vontade de mandar esse nome por e-mail ou dizer ao telefone. Então, fiquei esperando. — Ele amassou outro guardanapo. — A ligação seguinte que eu recebi foi da polícia, dizendo que ela tinha sido assassinada. — Ele se inclinou para a frente.

— Eu perguntei se ela conhecia você.

O restaurante estava girando. — Você sabia que eu tinha me mudado para Upchurch?

— Eu me mantenho informado.

— Como? Eu sei que a Janie não fala com você.

— Me dê um pouquinho de crédito, Kate. Isso é o meu trabalho. E o aviso do seu casamento saiu no *Times*, então eu sabia seu novo sobrenome.

— O que você... — Respirei fundo, tentando afastar os pensamentos de Evan se importando o bastante para descobrir meu sobrenome e minha nova cidade de moradia. — O que a Kitty disse a meu respeito?

— Que ela só a conhecia do playground, mas que você parecia inteligente. Engraçada. Era boa com seus filhos.

Eu engoli com força. — Ela disse isso? — De tantas coisas que eu imaginava que Kitty dissesse a meu respeito, *inteligente, engraçada e boa com meus filhos* não encabeçavam minha lista tanto como *incompetente, sem noção e desesperadamente precisando de um personal*.

— Então ela não chegou a lhe dar o nome?

Ele balançou a cabeça.

— E quanto aos nomes que ela o fez procurar antes?

Ele arrancou uma página do caderno e me deu a folha com quatro

nomes. Um deles eu reconheci — Emmett James, crítico literário e poeta, que lecionava em Yale.

— Não consegui encontrar todos. Aqui está o que eu encontrei. Tem esse cara, um médico do Maine — disse Evan, batendo o dedo na folha. — Ele faz instrumentos — continuou ele, apontando para o nome de David Linde. — E esse aqui...

Eu me debrucei para ver as duas últimas palavras na folha e senti as coisas escurecendo outra vez.

— Bo Baird?

— Ela me fez verificá-lo dez anos atrás — falou Evan. — Antes de começar a trabalhar para Laura Lynn. Antes de Laura Lynn ser Laura Lynn, pensando bem.

Fiquei olhando para a folha. — Então, qual é a ligação?

— Não sei. Tudo o que sei, com certeza, é que Bo Baird não foi...

— Mas talvez tenha sido a Laura Lynn — sugeri, limpando as mãos suadas na saia. — Ou teve algo a ver com dinheiro, pois Laura Lynn recebeu um grande adiantamento por um livro.

Nós paramos para respirar e olhamos um para o outro. Tirei meu caderno da bolsa.

— Com quem você falou? — ele perguntou.

— Como você sabe que eu falei com alguém?

Ele sorriu. — Porque, Katie, eu conheço você. Sei como você age. Sem chance de você resistir a isso.

— Claro — resmunguei, me esforçando muito para ignorar o calor que senti na barriga quando ele disse meu nome. — Sou a mesma de sempre. Só durmo menos.

Ele bateu na folha em branco com a caneta, sorrindo seu sorriso alegre, enquanto olhava para mim. — Pode ir contando.

Abri a primeira página do caderno e contei tudo: que eu desconfiava de que Philip Cavanaugh estivesse dormindo com a babá e só Deus sabe com quantas mais do bairro; que Delphine Dolan tinha sido amiga de Kitty antes que ela se mudasse para Upchurch; e que

Kevin Dolan parecia arrastar a asa para a falecida. contei que Laura Lynn tinha me falado que Joel Asch arranjava o emprego para Kitty porque eles talvez estivessem dormindo juntos, e que minha entrevista com Joel me fez ter certeza de que era uma boa possibilidade. Falei tudo sobre meu encontro com Tara Singh e a pergunta de Philip Cavanaugh, *Ela era feliz?* Depois, após um minuto de hesitação, contei a Evan sobre o bilhete em meu carro. Seus olhos se arregalaram de forma gratificante.

— Epa. — Ele rabiscou alguma coisa, depois olhou para mim. — Então, qual é o plano?

Brinquei com um cacho do meu cabelo e bati a caneta na página em branco. — Ter certeza das infidelidades. Com quem Philip Cavanaugh estava dormindo? Com quem Kitty Cavanaugh estava dormindo?

— Bom — disse ele. — Muito bom. Nós também devemos dar outra olhada nos cavalheiros da minha lista.

Nós. Ele disse *nós*. Meu coração rugiu, depois murchou com a mesma velocidade. Não havia *nós*.

Eu era casada. Casada, com três filhos e uma casa no subúrbio. Nada de *nós*. Eu nem devia pensar nas letras *N*, *O* e *S* combinadas.

— Deixe que eu cuido dos homens — avisei. — Vou pedir ajuda à Janie. Você fica com os vizinhos.

Os Dolans, especificamente, Philip Cavanaugh e Joel Asch. Veja o que consegue levantar sobre ele.

Ele concordou e escreveu. — Qual é o seu plano? — perguntou.

Desenhei corações na margem da página enquanto pensava. Levei um minuto para perceber que já tinha a oportunidade perfeita para manipular meus vizinhos com bebida e fazer perguntas diretas sobre a vida de Kitty Cavanaugh. — Ben e eu vamos fazer uma reunião para receber o pessoal do trabalho dele no sábado. Posso convidar os vizinhos também.

— Isso vai funcionar — opinou Evan. Pude ver, ou imaginei ver,

admiração nos olhos dele. Ergui o cabelo na nuca e sacudi os cachos, depois deixei cair nas costas, notando que ele acompanhava meus movimentos com os olhos.

— O que devo vestir? — ele perguntou.

Tirei o chapeuzinho e mostrei minha melhor expressão *vá para o inferno*. — Você, meu velho amigo, não está convidado.



CAPÍTULO 26

ANTES DO DESASTRE DA FESTA de aniversário dos meninos, eu me considerava uma anfitriã bem razoável. Eu tinha dado festas quando morava com Janie, reuniões simples, com a compra de alguns sacos de gelo, caixas de cerveja e qualquer vinho que encontrássemos em liquidação que não viesse numa caixa.

As coisas ficaram mais devagar depois que eu me casei. Teve nossa festa de casamento, claro, mas aquilo foi muito mais um show da mãe de Ben do que meu. Lorna Borowitz ficara feliz em deixar que meu pai contratasse um quarteto de cordas para a cerimônia e nós passamos seis fins de semana seguidos papeando e visitando salões de recepção, mas foi reduzida a um silêncio de pavor quando Reina se ofereceu para cantar *Ave Maria* no momento em que eu entrasse. — Posso cantar algo judaico! — Reina dissera, meio tarde, numa ligação de longa distância, de Sydney. — Hava Nagila?

Kol Nidre? Algo de *Um Violinista no Telhado*?

— Obrigada, mas, não, obrigada — Lorna finalmente conseguiu dizer. Reina se contentara em cantarolar baixinho, ao som da marcha nupcial entoada pelo quarteto de cordas, até que eu olhei, fulminante, debaixo do *chuppah*, e ela calou a boca.

Depois disso, as festas em nosso apartamento tinham sido bastante discretas, ainda mais com a chegada das crianças. Nós convidávamos os sócios de Ben e suas namoradas da vez, e pedíamos comida tailandesa para viagem nas noites de domingo. Ou comprávamos salmão defumado e bagels e convidávamos Lorna, Mark, o irmão de Ben, e sua namorada, para o brunch. Na única vez em que eu tinha convidado meus amigos da *New York Night* depois que os meninos

nasceram, as coisas não correram muito bem. Meia dúzia de repórteres e verificadores de fatos apareceram depois da meia-noite, achando que iam encontrar a festa em pleno embalo. Em vez disso, encontraram Dan Zanes no som, eu com os bebês no colo, ainda acordados, e Janie passando vinho e champanhe enquanto procurava o copinho de canudo. Os convidados não se divertiram; as crianças não dormiram; e eu acordei com gritos de horror, na manhã seguinte, quando Sophie descobriu que alguém tinha feito um cocô do tamanho de um bonde em seu troninho.

Dessa vez eu fazia certo. Nada de cheetos nem de jogos de tabuleiros, só as melhores comidas e flores. Minha única preocupação era que, à medida que a semana avançava, a lista de convidados parecia virar uma bola de neve, um pouco fora de controle. Ben tinha convidado mais de vinte colegas de trabalho, para prosseguirem nos planejamentos pós-eleitorais. Eu acrescentei os Dolans e os Sutherlands, os Coes e os Gwinnells, e, quando a notícia se espalhou, todas as outras mães do playground, junto com seus maridos e alguns hóspedes que eles pediram para trazer. Então, mencionei o evento a meu pai, de modo casual, e ele ficou ansioso para participar, junto com Reina, que, por sorte, estava em Nova York. Eu tinha convidado Janie, seu pai e a nova esposa, e até estendi a bandeira da paz e convidei a Sra. Dietl, da creche.

As dúzias de detalhes — aluguel de toalhas e cadeiras a mais, fazer o pedido de flores, esvaziar a sala, tirando três sacos gigantes de lixo cheios de brinquedos — me deixaram pouco tempo para ficar obcecada pensando no assassinato de Kitty Cavanaugh, ou no ressurgimento de Evan McKenna.

Nosso único contato pós-pizza tinha chegado via e-mail, no qual ele dizia que estava pesquisando os Dolans, Joel Asch e Philip Cavanaugh. Eu poli a porcelana chinesa, aluguei uma cafeteira térmica para cinquenta xícaras e comprei quinhentos dólares de vinhos e bebidas da loja da Old Post Road.

Até sábado à noite, a casa estava brilhando (graças ao serviço de limpeza que eu contratei), a cozinha exalava o aroma de dúzias de petiscos, desde as barquinhas de creme de cogumelos batizados de xerez até os bolinhos de pato (tudo fornecido pela Glorious Foods e trazido de caminhão, de Manhattan), meus filhos estavam trajados de maneira elegante com roupas recém-passadas (por cortesia da babá Gracie, trajes finos providos pela personal shopper de Janie na Barneys).

Minha melhor amiga tinha chegado às seis horas em ponto, deslumbrante, com seu casaco de pele longo, sobre uma saia preta com uma fenda até aquele lugar, e um top acetinado azul metálico, sem dúvida de algum estilista de que eu nunca tinha ouvido falar, cuja roupa eu não podia pagar, nem conseguiria fazer passar de meus joelhos.

— Melhor amiga eterna — ela disse, ao me abraçar, depois puxou uma maleta de rodinhas, forrada de couro de bezerro, para dentro do foyer. Ela estava com um saltos extremamente altos amarrados ao redor das panturrilhas, com fitas pretas de cetim e uma grande quantidade de delineador e perfume. Seu cabelo parecia recém-pintado e seus dentes reluziam de brancos, e, como se não bastasse todo esse brilho de alto esmero, ela estava usando um par de diamantes do tamanho de um chiclete em cada orelha.

— O que tem na mala?

— Ah, só umas coisinhas para os pequenos. E eu talvez fique um tempo — disse ela. Peguei a mala e a levei lá para cima. As crianças vieram correndo para encontrá-la e se jogaram em seus braços.

— Quem os ama mais que qualquer um no mundo inteiro?

— *Tia Janie!*

— Quem trouxe presentes fabulosos?

— *Tia Janie!*

— Quem dispensou o cara do topete porque encontrou remédio para chato em seu banheiro?

— *Tia Janie!* — gritaram Sam e Jack. Sophie, que estava com um vestido de festa de veludo vermelho combinando com um laço que ficava escorregando de seu cabelo castanho e fino, enrugou o nariz.

— O chato está doente? — ela perguntou.

— Sim! — respondi, radiante, lançando um olhar assassino para Janie. — Mas tenho certeza de que agora ele está melhor! — Deixei as crianças com Gracie, levei Janie até o quarto e fechei a porta.

— Desculpe, desculpe, desculpe — disse ela, e se esparramou na minha cama, por cima do meu edredom bege. Eu estava morrendo para perguntar se ela tinha mesmo comprado o prédio inteiro só com o objetivo de jogar Evan e Michelle na rua, mas, se eu tocasse no assunto, ela saberia que eu e Evan tínhamos feito contato, e só Deus poderia saber o que ela faria com ele. Ou comigo. Ou conosco.

— Então, tudo bem se eu ficar um tempinho? — perguntou Janie.

— Como se eu pudesse impedir você.

— Que bom, porque, na verdade, estou em missão.

Vesti minha saia preta pela cabeça e comecei a remexer os sapatos desconstruídos na prateleira do meu closet, procurando umas sapatilhas de veludo que eu me lembrava de ter visto ali. — Hã?

Ela sorriu, sentou e começou a dizer as manchetes: “Medo e ódio no subúrbio!”, “Assassinato e Confusão na Terra Prometida!” — Janie parou para a *pièce de résistance*, com olhos arregalados e brilhando. “Mãemicídio!”

— Essa é a pior manchete que eu já ouvi. Você está fazendo isso para a *New York Night*? — perguntei, sabendo que a cobertura da revista quase não ia além das celebridades e o que elas andavam cheirando.

— Eles estão expandindo para notícias mais pesadas — explicou Janie, convencida. — Estão muito interessados numa matéria sobre pessoas que deixaram Nova York à procura de segurança e acabaram não ficando seguras. — Ela cruzou as pernas, admirando as sandálias, antes de fazer uma cara feia para mim. — É isso que você vai vestir?

Olhei para o meu corpo: saia preta godê até a panturrilha, suéter de caxemira cinza, sapatilhas pretas de balé. — Não está bom?

Ela me observou. — É... Você tem uma echarpe? Ou um colar? Ou uma roupa totalmente diferente?

Balancei os ombros. Janie começou a olhar meus cabides. — Sinto sua falta — ela resmungou. — Você sabe que eu não suporto esta época do ano. Tem turista demais.

Peguei o top preto de alcinhas que ela me entregou — eu esperava que ela encontrasse algo para que eu vestisse por cima — e fui até o banheiro para começar a secar meu cabelo. — Seu pai vem?

Janie não disse nada.

— Você os convidou, certo?

Ela se curvou para amarrar de novo as sandálias. — Temos um probleminha aqui.

Soprei a poeira do meu ferro de fazer babylliss e o liguei na tomada. — O que foi agora?

— Você sabe que ele se casou de novo?

Assenti. Janie suspirou. — Bem, ele e a nova esposa não estão falando comigo.

— O que você fez?

Ela remexeu os pés. — Eles estavam voltando da lua de mel, num voo, no domingo, eu liguei para a federal e disse que ela tinha maconha na mala.

— Jane Elizabeth Segal!

— Bem, era meu aniversário e meu pai sempre me leva para jantar no meu aniversário, só nós dois, e eu imaginei que, se ela estivesse sendo interrogada pela polícia, ele estaria livre!

— Eles a prenderam? — eu enroscava a franja, no ferro modelador, me encolhendo ao ouvir o barulho do cabelo que não estava bem seco, colando na pinça quente.

— Que nada, só a seguraram um tempinho — respondeu Janie, emburrada. — Por oito horas. Sy cancelou o jantar, de qualquer

maneira. — Ela revirou os olhos. — Ele disse que não se sentiria bem comendo com a esposa em cana.

— Então, o cavalheirismo não morreu! — Desenrolei o cabelo e observei o efeito. Hum. Nada mau.

— Não, mas os dois estão injuriados. Ela não tinha drogas na mala, mas tinha um monte de coisas que trouxe e não declarou.

— Iiih.

— Acho que ela é viciada em compras. É um vício de verdade, você sabe — explicou ela, e me jogou um xale preto de miçangas que eu não lembrava ter comprado e imaginei que fosse dela.

— É o seguinte — comecei, com um tom bem casual, enquanto pegava outra vez o ferro modelador. — Eu peço desculpas ao Sy em seu nome e você verifica alguns nomes para mim no LexisNexis.

— Claro — respondeu ela, parecendo aliviada. — Só não diga ao Sy que eu estive bebendo, nem nada.

— Você esteve?

— Não, mas, se ele achar que eu estive, vai tentar me despachar para aquele centro de correção na Jamaica que apareceu no *60 Minutes*.

— Acho que não mandam adultos contra a vontade.

Janie franziu o rosto. — Sy tem seus meios. Mas, quem são essas pessoas que vou investigar?

Evitei os olhos dela no espelho quando entreguei o pedaço de papel que Evan tinha me dado. — Apenas algumas pessoas sobre quem Kitty Cavanaugh pode ter perguntado.

— E onde, exatamente, você arranjou esses nomes?

Olhei de volta para o baby-liss e o espelho. — Também tenho meus meios.

Janie balançou a cabeça. — Tudo bem. Só me deixe dizer que Evan McKenna era uma fria naquela época e continua sendo agora. — Ela piscou, olhando meu reflexo no espelho. — Não entre em pânico, mas eu acho que a sua franja está pegando fogo.

Passei o pente com água no meu cabelo esfumaçado e entreguei minha escova e o ferro modelador para Janie, e então as crianças entraram no quarto e começaram a pular na cama. Coloquei a echarpe nos ombros e me olhei no espelho, pensando que havia um momento em que o peso ganho com o bebê era apenas peso. E eu provavelmente tinha passado disso depois que os gêmeos fizeram três anos. — Sophie, o que vamos fazer com sua mãe? — perguntou Janie.

— Eu não sei — respondeu Sophie, pulando. Seu laço de veludo vermelho caiu em cima do travesseiro de Ben. — Ela não tem jeito!

— Certo — disse Janie, apontando para Sophie com a escova. — Você, pode parar de pular. Vocês dois — apontando para Sam e Jack —, venham e fiquem em pé bem aqui. Vocês são meus assistentes.

Você — para mim. — Sente-se.

Sophie parou de pular e tentou prender o laço na orelha da Uglydoll. Os meninos se perfilaram ao pé da cama. Eu me sentei na frente do espelho do banheiro.

— Você de fato deveria usar seus poderes para o bem, em lugar do trivial — falei a Janie enquanto ela trabalhava no meu cabelo. — Imagine o que conseguiria no Oriente Médio.

— Você já esteve no Oriente Médio? — perguntou Janie, pegando meu queixo com as pontas dos dedos e virando meu rosto para a esquerda, depois para a direita. — Tem um clima muito seco. Não é bom para a minha pele. Lenços de papel — pediu ela, apontando a escova para os meninos, que saíram correndo para pegar. Fechei os olhos e a deixei trabalhar. Quando afinal dei uma espiada no espelho para ter certeza de que não estava ridícula, vi meu cabelo com cachos suaves ao redor da bochecha. Ficou tão bonito que me peguei imaginando se conseguiria reproduzir aquele visual.

Então, me dei conta de que a possibilidade de eu ter vinte minutos livres toda manhã era tão provável quanto alienígenas aterrissarem no meu gramado.

A campainha tocou. — Oooh, por que vocês não vão dar uma

olhada para ver quem é? — Janie sugeriu, entregando um pacote de presente a cada um, ao saírem pela porta. Os garotos dispararam escada abaixo. Janie pousou a escova e pegou a bolsa.

— Então, qual é o plano para esta noite? — ela perguntou.

— Vou conversar com Delphine Dolan, que conhecia Kitty em 1992. Você tem três tarefas — expliquei, colocando minha maquiagem de volta na gaveta da penteadeira. — Primeiro, descobrir se Philip Cavanaugh andou correndo atrás da babá, e se ele é do tipo que mataria a esposa ou contrataria alguém para fazê-lo.

— Saquei.

— Segundo, ver se consegue captar alguma fofoca sobre a Kitty estar dormindo com alguém chamado Joel Asch. Ele era o editor da Kitty na *Content*.

— Joel Asch — Janie repetiu. — Qual é a número três?

Passei brilho nos lábios, esfreguei um no outro, analisei o efeito, depois tirei a maior parte com uma toalhinha de mão. — Fique de olho no banheiro lá de baixo. Ele entope às vezes — pedi.

— A babá, o *cagador* e o editor — repassou Janie, alegremente. — Entendido. Ah, eu trouxe um presente para nós.

— O quê?

Com um sorriso conspirador, ela enfiou a mão na bolsinha de miçangas. — Adivinha!

— Não tenho ideia. Menta para depois do jantar?

Janie revirou os olhos e sorriu para mim, abrindo a mão. Havia dois pequenos comprimidos sobre a palma.

— O que é isso?

— Ecstasy! — comemorou Janie. Seus olhos castanhos estavam brilhando. Ela parecia uma criança orgulhosa que tinha trazido para casa sua primeira nota 10.

— Janie — eu disse, devagar. — Por que você trouxe ecstasy para a minha festa?

Ela fez uma careta. — Se as coisas ficarem chatas...

Abri a mão. — Pode me dar.

Janie colocou as mãos para trás das costas. — É como uma poção da verdade. Vou jogar um na bebida de Phil Cavanaugh e...

— Ele vai matá-la? — arrisquei.

Janie mordeu o lábio. — Eu estava pensando em algo mais do tipo ele me dar uma cantada.

— Janie, isso é o que ele faz quando não está desinibido. Acho que não vamos querer saber o que ele faria sob a influência desse comprimido.

— Tudo bem — disse Janie, fazendo bico, colocando os comprimidos de volta na bolsa, pegando meu braço e me puxando lá para baixo, para minha festa.



CAPÍTULO 27

MARYBETH COE E SEU MARIDO trouxeram champanhe. Carol e Rob Gwinnell vieram com uma garrafa de vinho e um vídeo de *Dora, a Aventureira* para as crianças. Jeremy e Al, sócios de Ben, trouxeram as esposas, uma caixa grande de chocolate belga e muita fofoca sobre a performance desanimada dos democratas no dia da eleição. Ted Fitch, procurador-geral do Estado de Nova York e cliente número um do meu marido para o próximo período eleitoral, chegou com o nariz avermelhado pelo frio, ou, pelo cheiro de café irlandês numa festa anterior.

— Olá, Kate! — disse ele, jogando os braços ao redor de Janie, que se soltou com delicadeza e apontou em minha direção. — Ah, Kate, claro! — corrigiu, me dando um beijo profissional na bochecha, antes de sair apressado para dar uns apertos de mão e encontrar o bar.

Kevin Dolan me apresentou a sua esposa, Delphine, que murmurou *Bonsoir* com uma voz rouca e se contorceu para tirar o casaco, revelando um vestido preto ousado, que mostrava muito decote na frente e atrás. Olhei, maravilhada, enquanto os rostos de todos os homens da festa viraram em sua direção, como se seus olhos fossem de chumbo e o rego da sua bunda fosse um ímã. *Nossssa senhora*, eu pensei, enquanto minha mãe entrava pela porta.

— Kate, querida — disse Reina, automaticamente arrumando meu xale. — Você está linda!

— Obrigada, mãe — respondi, sabendo que deveria me sentir grata. Pelo menos ela não tinha abraçado Janie. — Oi, pai.

— Olá, Birdie. Ele beijou meu rosto e me entregou um buquê de cravos vermelhos.

Reina veio do foyer até a sala, onde duas dúzias de velas acesas tremulavam em cima da lareira.

Ela jogou sua capa em cima de uma cadeira. — Onde estão as crianças? — perguntou ela, como se eu as estivesse mantendo trancafiadas, longe dela, de propósito. — Eu trouxe presentes!

— Ótimo! Eu só vou... — Minha mãe e eu relutamos um pouco com o pacote embrulhado que ela tinha nas mãos. Reina tinha boa intenção — pelo menos isso era o que eu dizia a mim mesma —, mas sua noção da faixa etária para os brinquedos era no mínimo duvidosa. Ela em geral comprava presentes caros para meus filhos com os quais eles podiam se engasgar, ou matar uns aos outros.

Dessa vez não foi tão ruim. Ela comprou *poupées* franceses de porcelana, com bochechas vermelhas e cabelos pintados. Sam ganhou um mestre de circo, Jack ganhou um adestrador de leões e a boneca de Sophie estava de maiô cor-de-rosa, e equilibrada em cima de um fio.

— São lindos! — elogiei, soltando a mão de Reina, que ergueu as sobrancelhas, indignada, tirou um minuto para cumprimentar algumas das outras mães e achou a escada. Então ela cantou em falsete para os netos, de um jeito que interrompeu todas as conversas e fez uivarem todos os cães da vizinhança.

Até a hora em que eu tinha pendurado sua capa e mais uma porção de casacos, colocado as flores de meu pai num vaso e resolvido uma crise pelo espaço na geladeira, o foyer já estava cheio outra vez. Lexi Hagen-Holdt estava com as bochechas bem coradas e um vestido que parecia um saco de veludo preto, e seu marido, Denny, mantinha uma pegada possessiva em seu cotovelo. Denny era um cara gorducho, com cabelos louros avermelhados e um aperto de mão esmagador. Ele era dono de uma revenda de carros em Darien e Danbury, que vendia Range Rovers a homens cuja experiência off road só acontecia depois que eles tomassem uns drinques a mais no jantar ou errassem o ângulo da entrada da garagem de suas casas de quatro milhões de dólares.

— Tome cuidado com essas luminárias — sussurrou Sukie Sutherland, pegando meu braço quando eu estava voltando ao closet. — Ouvi dizer que elas causam incêndios. — Do lado de fora das janelas cobertas de geada, as luminárias de sacos de papel que eu e as crianças tínhamos pendurado reluziam num tom laranja dourado, traçando o caminho de nossa entrada de carros numa curva iluminada. Os meteorologistas tinham previsto frio e neve fora de época. Olhei pela janela e vi os flocos gordos caindo preguiçosamente no chão.

— Está tudo muito bonito — disse Ben, apertando meus ombros ao passar por mim. Ele tinha ficado contentíssimo quando eu concordei em dar a festa. Além da dedução de impostos, acho que ele via isso como uma chance de redenção social depois da festa de aniversário dos meninos.

A campainha tocou e a porta abriu e fechou, abriu e fechou, e ali, enfim, estava, de chapéu na mão, e neve caindo do cachecol, o viúvo não tão alegre.

— Philip! — mesmo com o ruído de uma dúzia de convidados, pareceu que eu gritei. — Que bom que você veio!

— Obrigado por me receber — disse ele. Sua voz era contida. Seu cabelo louro estava penteado para trás e ele exalava cheiro de sândalo e limão. Estendi as mãos para pegar seu casaco de lã azul, e seu olhar desceu do meu rosto aos meus seios, na blusa, que, percebi, tinha um decote bem cavado. E

ficou ali.

— Como tem passado? — perguntei.

Ele deu aquela sacudida habitual de ombros, do tipo, *o melhor, dentro do possível*. — Vou levar as meninas para a Flórida por um tempo. Meus pais têm uma casa lá e eu acho que a mudança de cenário...

Concordei, peguei seu casaco e lhe mostrei o bar. — Eu gostaria de lhe apresentar minha mãe — concluí, conforme Reina ressurgiu, à

minha esquerda. — Philip Cavanaugh, Reina Danhauser.

Philip se virou e passou a olhar os seios dela no lugar dos meus, e inclinou ligeiramente a cabeça.

— La Reina? — ele perguntou.

Minha mãe bateu os cílios falsos. — *O-lá* — disse ela.

— Mas que honra — exclamou Philip, curvando-se um pouco, pairando acima da mão dela, como se fosse beijá-la. — É uma honra conhecê-la.

Minha mãe riu, afetada, e pareceu não notar que a curvatura de Philip o deixava bem na direção de seu decote, e que ele estava se aproveitando por completo daquela vista. Eu tinha que dar crédito a Reina: mesmo com 57 anos, suas pálpebras não tinham rugas (talvez graças à ingestão regular de embriões de ovelha e aos retoques ocasionais de Botox e colágeno), seus lábios eram fartos, sua pele marfim era perfeita sobre as maçãs saltadas no rosto e testa larga, e seu cabelo tinha sido tingido de preto brilhoso. Ela não aparentava mais que 45. E era provável que fosse assim até morrer...

Provavelmente no palco.

— Bem, posso lhe trazer um drinque? — Philip sorriu para ela, depois se virou na direção do bar.

Assim que ele saiu de perto, Reina agarrou meus ombros.

— Você viu aquele homem? — perguntou ela. — Você viu?

Eu me soltei. — Ele é o marido de Kitty Cavanaugh.

— A mulher morta? — Reina resfolegou, com uma das unhas vermelhas tremulando acima de seu colo claro. Não tenho certeza se ser o viúvo de uma vítima de assassinato aumentava ou diminuía o atrativo de Philip.

— A mulher morta — confirmei. — E não se impressione muito. Ele joga charme como a lesma joga... — hum. O que a lesma joga mesmo? — muco.

Minha mãe fechou os lábios apertados. — Eu o achei encantador.

Assenti, sorri e pedi licença, pensando que minha mãe acharia

Jeffrey Dahmer charmoso se ele tivesse comprado seu último CD.

Na sala, Janie estava recostada ao lado da lareira, com um braço acima da cornija, papeando com Philip. Enquanto eu olhava, ele pegou um cacho do cabelo dela e os dois riram. Do outro lado da sala, vi os músculos das panturrilhas de Lexi Hagen-Holdt se contraírem. Só mesmo Lexi para se exercitar enquanto está sentada.

Às oito e meia eu estava prestes a me parabenizar por ter feito um bom trabalho. A casa estava cheia, os dois bartenders estavam ocupados, o pessoal do bufê estava circulando com bandejas cheias de guloseimas e os vizinhos e os políticos pareciam estar se dando muito bem, embora todos os políticos fossem democratas, e, como eu acreditava, a maioria dos meus vizinhos não fosse. Às oito e quinze as crianças tinham descido, para um coro de *oos* e *aas*. Ben ergueu Sam no braço esquerdo e Jack no direito, dando aos meninos mais atenção do que eles tinham recebido dele no mês inteiro.

Sophie pediu sua água com gás numa taça de champanhe e se recusou a voltar lá para cima. — Estamos nos divertindo! — disse ela, sentada no joelho do avô. Então, ela jogou o cabelo para trás e deu uma risadinha, numa homenagem óbvia à tia Janie. Ela tinha até amarrado fitas em volta das pernas.

— Eu sei, meu bem, e todos gostaram de vê-la, mas agora está ficando tarde...

Sophie abanou a mão, me dispensando, num gesto imperial. — A Reina diz que nada de bom acontece antes das dez.

— Bem, esse é um ponto de vista interessante, mas sua mãezinha acha que oito e meia é um bom horário para você escovar seus dentes e pôr o pijama.

— Ah, Kate, deixe-os ficar um pouquinho mais — meu pai interferiu. Havia um abajur ao seu lado e, sob a luz, notei como seu cabelo tinha ficado ralo. — Estou com ela — ele disse, arrumando Sophie em seu colo. — Você pode se divertir!

Suspirei, falei com Gracie sobre a situação e fui circular, dando uns

goles em meu vinho tinto, experimentando os petiscos das bandejas que passavam por mim, vendo Delphine Dolan de canto de olho, esperando até que ela estivesse sozinha (apesar de que, como resultado de seu traje e da atenção masculina que ela estava atraindo, eu não tinha certeza se ela ficaria sozinha em algum momento). A comida estava deliciosa e muito forte. Depois de dar uma mordida no salmão defumado, um filete de patê, bolinhos em miniatura e três barquinhas de creme de cogumelo e xerez, eu estava começando a ficar enjoada.

Mas eu tinha uma missão. Quando Kevin beijou o rosto da esposa e seguiu para o bar lotado, era hora de agir.

Delphine estava sentada perto da lareira, sozinha numa poltrona, de pernas cruzadas. Ajeitara o cabelo num penteado para cima, seus olhos estavam carregados de sombra e ela parecia sofisticada demais para o nosso subúrbio esmerado e arrumadinho. Fiquei observando enquanto ela brincava com uma rodela de limão em seu drinque, depois pousava o queixo pontudo na mão.

— Olá — eu disse.

— *Bonjour* — ela respondeu.

— Posso lhe servir algo?

— *Non, non* — agradeceu ela, balançando a cabeça e sorrindo, de modo educado. — Está tudo *magnifique*.

Lambi o lábio, torcendo para que ele ainda tivesse pelo menos um restinho do brilho que eu já tinha limpado, e me curvei ao lado dela.

— Eu sei que você e seu marido eram próximos de Kitty.

Ela concordou. Seu rosto em formato de coração era bonito até quando ela o franzia, mas seus olhos pareciam preocupados.

— Você e Kitty passavam muito tempo juntas?

Ela me olhou, curiosa.

— Quer dizer, minha melhor amiga Janie e eu fazemos uma viagem juntas todo verão. — *Mentira*.

Todo verão nós pretendemos fazer uma viagem, mas sempre

acontece alguma coisa: um dos meus filhos fica doente, ou Ben fica ocupado demais, e eu acabo desistindo. — Embora eu agora tenha filhos e ela não, nós tentamos estar juntas. Vamos para as montanhas... Ou para a praia... Mas eu sei que Kitty não gostava de deixar as meninas.

Delphine pareceu gelar. Depois ela deu umas batidinhas com sua taça de vinho nos dentes perfeitamente brancos e miúdos. O barulho, um leve tilintar, foi como um sino na sala subitamente silenciosa. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Todos falam que Kitty era boa mãe. Ela era melhor que isso — disse ela. De alguma forma, sua voz parecia menos francesa... E muito triste. — Ela era...

Não consegui descobrir o que Delphine achava de Kitty porque uma das garçonetes, uma bela ruiva de rabo de cavalo, deu um tapinha em meu ombro. — Sra. Borowitz? Seu telefone estava tocando.

Pedi licença e levei o celular ao ouvido. — Alô?

— Mandei um presente para você — disse a voz do outro lado da linha.

Segui apressada pelo corredor, passei pelo banheiro, até a porta do porão, que fechei com firmeza ao entrar, e desci a escada, no escuro. — Você não pode ligar para cá! — sussurrei.

— Bem, eu tenho tentado telepatia, mas não parece estar dando resultado. Como está a festa? — perguntou Evan McKenna.

Apalpei a parede à procura do interruptor, e ouvi duas das três lâmpadas estourando quando acendi. — Boa.

Ele falava em tom baixo e íntimo. — Você queria que eu estivesse aí?

— Ah, você ia adorar. É a festa do século. E eu de fato preciso voltar. — Ajustei o xale nos ombros.

— Tudo bem — disse ele. — Seu presente deve chegar aí amanhã.

Suguei o ar, imaginando o que Evan McKenna poderia estar me mandando.

— Anuários de Hanfield — explicou ele. — Dois para você, dois para mim. Achei que podíamos dar uma olhada, ver se alguém parece familiar.

— Isso. Bem. — *Mas que esperto*, eu queria dizer, mas não queria encorajá-lo. — Pode me fazer um favor?

— O que você quiser — disse ele. Fechei os olhos apertados e juntei as coxas.

— Delphine Dolan — consegui dizer.

— Esposa do advogado — completou Evan. — A que estava na foto, no quarto de Kitty.

— Bem, ela está aqui, e está sendo... — eu parei, saboreando a palavra que estava prestes a usar, uma das minhas prediletas, da época em que trabalhava como investigadora assistente, sua parceira no crime... — suspeita.

— Suspeita — disse ele. — Ele pareceu bem-humorado. — Deixe comigo. Vá se divertir — disse ele. Eu desliguei, parei, tentando me recompor. O porão estava cheio de tralha descartada das crianças, as cadeirinhas do carro e roupas de neve que tinham ficado pequenas, sacos de lixo cheios de cobertores e roupinhas de bebê que eu vinha querendo levar para a Legião da Boa Vontade. Sob a luz fraca da única lâmpada, as cadeiras altas lançavam sombras nas paredes.

Afofei o cabelo e subi a escada. Meu coração estava disparado e a maçaneta estava fria em minha mão. Quando a virei, ela emperrou.

Tentei de novo. Nada. Será que alguém tinha trancado a porta depois que eu entrei? Eu bati, primeiro devagar, depois com mais força. — Alô? — Eu girava a maçaneta de um lado para o outro e batia o punho na porta. — Janie? Ben? Alô? — Algo passou correndo no chão do porão, com um barulhinho raspado, e sumiu atrás da parede. Engoli um grito e bati de novo na porta. — Ben?

Por fim, a maçaneta girou e eu quase caí no corredor. — O que aconteceu? — perguntou a garçoneite ruiva.

— Não sei. — Meu coração estava estrondando em meu peito e eu

me sentia fraca. — Alguém deve ter trancado sem querer. — Eu disse a ela que estava bem, coloquei o telefone na base, bebi meio copo de vinho em algumas goladas e voltei para a sala, na intenção de agarrar meu marido e dizer que precisávamos chamar uma dedetizadora, de preferência uma que funcionasse nos fins de semana.

Janie me puxou para um canto e sussurrou em meu ouvido: — Não precisa dar chique, mas temos um probleminha.

— O quê? É o banheiro? — Ela balançou a cabeça, séria. — As crianças estão bem?

— As crianças estão ótimas — disse ela, me pegando pela mão e me arrastando para a cozinha, onde o pessoal do bufê estava tirando a cobertura plástica dos *éclairs* em miniatura, dos *petit fours* e das frutas cristalizadas. Ela pôs a ponta rosa da língua para fora, molhou os lábios e remexeu nos brincos.

— Certo — disse ela. — Eu sei que você me disse para não usar o ecstasy, mas Philip pediu o meu número, depois queria que eu mostrasse o restante da sua casa, então eu imaginei...

— Você deu ecstasy para o Philip.

Janie começou a retorcer as mãos. — Eu esmaguei um dos comprimidos e joguei no copo dele, que estava à direita, em cima da lareira, e, de repente...

— Você deu ecstasy para o Philip. — Achei que ficar repetindo tornaria aquilo mais real, e me daria uma noção do que fazer a respeito. Até agora, nada.

Os ombros de Janie estavam tremendo e eu levei um segundo para notar que ela estava rindo, não chorando. — Janie, o que foi?

— Sua... Sua mãe... — ela resfolegou.

Senti uma onda de frio. — Ah. Ah, não. Não, não, não, não.

— Ela pegou o copo antes que eu pudesse impedi-la, e eu disse “acho que esse copo é do Philip”, e ela me lançou um olhar, como se eu estivesse tentando roubá-lo, e disse algo em italiano, que você sabe que eu não entendo... — Ela ergueu as mãos, como em rendição.

— Ai, Deus. — Engoli em seco. E parti pelo corredor. Em pânico, eu via as coisas em flashes: uma bandeja de prata cheia de guardanapos amassados e copos pela metade, uma marca preta na parede, onde Sophie tinha batido sua motinho Tiny Tykes, Sukie Sutherland e Marybeth Coe, do lado de fora do lavabo, parecendo entretidas enquanto cochichavam.

De volta à sala, Denny Holdt estava com as mãos enlaçadas atrás das costas, analisando o grupo de convidados de Ben — políticos e consultores — que se formou diante da TV. Os Gwinnell estavam no sofá, na frente da lareira, com meu pai e Sophie. Lexi, com as duas mãos em volta de seu copo de vinho, parecia desesperada para voltar a se movimentar. E no meio da sala...

— O que é esse tecido? — Reina perguntou, com os lábios vermelhos num bico, prontos para um beijo, passando uma unha vermelha ao redor do decote. Ela estava com o paletó de Philip preso entre os dedos da outra mão e, enquanto eu olhava horrorizada, pressionou a palma da mão no peito dele, afagando, como se estivesse acariciando um cachorrão dócil.

— É... Acho que é lã — disse Philip. — Talvez uma lã misturada...

— Maravilhoso — elogiou Reina, com os olhos sonhadores.

Certo, Kate, fique calma. — Mãe, pode me ajudar na cozinha um minuto?

— *Per che?* — perguntou ela, com bastante sensatez.

— Temos que tirá-la daqui — Janie cochichou em meu ouvido.

— Vamos até lá em cima colocar as crianças na cama. — Agarrei o cotovelo de minha mãe e tentei fazê-la se mexer. Nada. Era como tentar deslocar uma rocha de granito. Como em câmera lenta, eu vi a mão livre de Reina flutuar pelo ar e pousar no rosto de Philip.

— Você é um belo homem — ela anunciou.

— Muita gentileza sua — disse Philip, recuando. Não adiantou: Reina estava com sua lapela presa entre os dedos, então, quando ele recuou, ela chegou para a frente, dando um sorrisinho fantasioso.

— Mãe... — eu disse.

— Sra. Klein — Janie sussurrou.

— Você me lembra um tenor que conheci em Barcelona.

Meu pai se levantou, franzindo o rosto. — Reina?

— Ele era um lindo jovem. Cantava como um anjo. Depois das apresentações, ele me acompanhava a pé até o hotel... — Ela passou os dedos na pele do colo. *Ai, Deus*, eu pensei, enquanto meu pai empalidecia.

— Mãe — estrilei. Ela me ignorou, encarando Philip.

— Gostaria de me ouvir cantar? — perguntou ela, batendo os cílios.

— Eu... É..

Reina só precisou disso para embalar em uma de suas árias prediletas. Ela respirou fundo, fazendo o peito inchar perigosamente, depois abriu os lábios pintados. — *Sempre libera degg'io/Folleggiar di gioia in gioia...*

— *Ai, Deus* — respirei e me encolhi junto à parede. A bunda de Delphine tinha sido superada por completo. Todos os convidados da festa estavam olhando para minha mãe. A voz de Reina estava mais linda do que nunca, uma perfeição cristalina, e tão alta que eu temia pelos lustres.

— *Vo'che scorra il viver mio/Pei sentieri del piacere...*

Chamei a atenção do meu pai, fazendo gestos frenéticos para levá-la lá para cima. Ele assentiu, pegou os gêmeos nos braços e seguiu para a escada. Enquanto isso, Reina continuava a cantar, segurando o paletó de Philip. Eu olhava horrorizada, vendo a mão dela descer pela lapela e parar no peito dele. Atravessei a sala, marchando, e peguei sua outra mão, cortando-a no meio da sílaba, e a tirei da sala, sob aplausos efusivos e o pedido de Sophie por um bis de *O Mio Babbino Caro*.

— Aqui — eu disse, enchendo um copo de água. — Beba isso.

Reina me olhou, confusa.

— Vá — cochichei para Janie. — Vá arranjar alguma coisa.

— O quê? — perguntou ela, limpando as lágrimas dos olhos. — Música tecno e um chapéu *Cat in the Hat*?

— Ka-ate? — chamou Reina. — Por que você me trouxe para cá?

— Beba sua água, mãe — pedi, depois, da maneira mais casual possível — Ei, você está tomando alguma medicação?

Ela piscou. — Por quê?

— Ah, só por curiosidade!

— Reina? — eu me virei e vi Ben e meu pai entrando na cozinha. Roger parecia preocupado. Ben só parecia furioso. — Está tudo bem? — perguntou Ben.

No mundo ideal haveria algum meio fácil de dizer a seu marido e seu pai que sua melhor amiga sem querer tinha dado uma droga social à sua mãe. Na vida real eu nem podia imaginar como começar, então decidi falar de maneira genérica — Reina não estava se sentindo bem.

— Estou ótima! — minha mãe protestou. — Eu só estava conversando com aquele belo homem, Philip — ela explicou, com a fala arrastada. Os olhos do meu pai cruzaram com os meus, acima da cabeça de Reina. *Ela está bêbada?* Ele expressou com os lábios, sem falar.

Reina jogou a água na pia, e eu ouvi o copo se quebrar. Ela não pareceu notar, mas ajustou a echarpe dourada de franjas ao redor dos ombros nus e arrumou seu corpete de cetim preto. — Não estou com sede! — disse ela.

— Reina... — chamou Ben.

— Estou toda pinicando! — ela anunciou. Eu a entreguei para meu pai, com a expressão confusa, e puxei Ben para a despensa.

— Ouça — cochichei —, não entre em pânico, mas há uma pequena possibilidade de Reina ter tomado ecstasy.

— Ecstasy? — meu marido rugiu. — Onde ela arranjaría ecstasy?

— É uma história meio comprida, mas... — Eu sentia o olhar de

Ben como ácido na minha pele, e fiquei enjoada de tanta vergonha, sabendo que, além de todo o restante, eu tinha estragado outra festa.

Drogas ilegais eram até pior que um ponche açucarado e “pregue o rabo no burrinho”.

Enquanto isso, Reina abriu a porta da despensa, com a boca pintada de batom em formato de O de tanto espanto. — Eu tomei *ecstasy*? — ela deu um gritinho.

— Você deve chamar de E — recomendou Janie. — Faz você parecer descolada.

Os lábios de Ben estavam pressionados num risco de reprovação. — É melhor a levarmos para um hospital. — Ele pegou o braço de minha mãe, assentiu para meu pai e marchou com os dois pelo corredor.

O restante dos convidados se reuniu para vê-los passar, colocando a cabeça para fora da sala, com copos na mão, expressões aflitas no rosto.

— Está tudo bem? — perguntou Carol Gwinnell.

— Tudo — disse Ben, sucinto, enfiando os braços no casaco e procurando as chaves no bolso. — Kate, eu ligo quando puder. Aproveite o restante da festa, pessoal — ele gritou, e a sala ficou outra vez em silêncio, enquanto os pneus do carro de Ben cantavam, descendo a saída de veículos acesa pelas luminárias.

Caso você esteja se perguntando, quando seu marido e seus pais saem no meio de uma festa rumo à emergência de um hospital, isso tende a dar uma esfriada na reunião e restringe qualquer atividade investigativa que você possa ter planejado. As pessoas logo terminaram suas bebidas e começaram a pegar seus casacos, chapéus e cachecóis, dando apertos de mão e beijos, e saindo pela minha porta rumo à segurança de seus carros, onde, como era de esperar, ligariam seus celulares e começariam o *postmortem*.

Eu me joguei no sofá, tirei os sapatos e desejei estar morta, enquanto o pessoal do bufê recolhia os copos vazios e os guardanapos

amassados das mesas. Quando olhei para cima, Janie tinha puxado Sukie Sutherland e Marybeth Coe até o meu sofá. — Conversa de garotas! — avisou ela. — Pare de ficar emburrada, Kate. — Então, ela se virou para Sukie e Marybeth. — Eu preciso que vocês contem a Kate o que me contaram — disse ela.

As duas trocaram um olhar culpado. Marybeth se balançou para a frente e para trás nos saltos.

Sukie remexeu num botão do casaco.

— É só fofoca — ela disse, afinal. — Não sei se me sinto correta...

— Prometemos manter segredo do que você disser — Janie garantiu, séria, o que só deixou Marybeth e Sukie mais agitadas.

— Não quero que isso seja publicado — pediu Sukie, olhando para Janie, que concordou.

Sukie suspirou. — Aquele homem — ela finalmente disse. — Aquele para quem o seu marido trabalha.

Levei um minuto para descobrir de quem ela estava falando. — Ted Fitch?

Sukie assentiu. — Eu sabia que ele parecia familiar, mas não conseguia me lembrar de onde.

Eu me curvei para a frente, prestando atenção em cada palavra.

— Eu o vi na cidade — contou Sukie. — Com Kitty Cavanaugh. Eles estavam no Aquavit, juntos, almoçando... — Sukie esfregou as mãos no casaco, parecendo infeliz. — E Kitty estava chorando.



CAPÍTULO 28

SEGUNDA DE MANHÃ, QUANDO acordei, Ben já tinha saído. Um bilhete colado na cafeteira dizia que meu pai tinha ligado e minha mãe estava bem, que eles estavam descansando em casa, e eu não devia esperá-lo para o jantar.

— De verdade, não foi uma perda total — disse Janie, servindo cereal para as crianças e uma segunda xícara de café para mim, depois erguendo as sobancelhas e acenando para a garrafa de Bailey's acima da minha caneca. Gemi e balancei a cabeça, sabendo que nem um rio de álcool abrandaria a vergonha de sábado à noite. E como eu enfrentaria as outras mães na Red Wheel Barrow, ao deixar as crianças na escola? Gemi de novo, imaginando, se eu apenas largasse as crianças na esquina, se elas encontrariam o caminho da escola.

A boa notícia era que Janie tinha solucionado o mistério de Phil e a babá. As outras mães tinham preenchido as lacunas. Phil e Lisa vinham, de fato, tendo um lance, mas acabou no ano anterior, depois que Lisa foi salva, num tipo de acampamento da fé no qual se converteu a Jesus, que, como era de supor, não aprovava casos extraconjugais nem assassinatos.

— Agora — disse Janie —, o que vamos fazer com relação a Ted Fitch?

— Tenho um plano. — Eu estava começando a contar a ela quando a campainha tocou. Abri a porta e vi um entregador me olhando.

— Encomenda — ele resmungou, com uma expressão que insinuava que eu havia pessoalmente estragado a sua manhã. Estendeu uma prancheta eletrônica para mim e puxou o pelo de uma verruga que tinha no nariz enquanto eu assinava. Levei a caixa para

dentro, achando que era de esperar que em Upchurch não houvesse um entregador sexy, para deleite das donas de casa, e abri o pacote.

Dentro estavam os anuários que Evan tinha prometido. Folheei as páginas, enquanto Janie notou o nome no endereço do remetente.

— Ai, Deus — disse ela. — Ele de novo.

— Eu estava querendo fazer uma pergunta. Você tentou mesmo deportar o Evan?

Janie mexeu no cabelo e na gola de seu pijama masculino listrado. — Fiz algumas ligações.

— E comprou o prédio inteiro só para despejá-lo?

Ela colocou uma vasilha de frutinhas cortados na mesa. — Imóveis sempre mantêm seu valor.

— É bom saber. — Eu me servi de cereal e comecei a folhear um dos anuários com mais atenção.

Na página 139, encontrei uma Kitty adolescente, com o braço ao redor do ombro de outra garota.

As duas estavam sorrindo, com protetores bucais alaranjados e tacos de hóquei acima dos ombros. — Kitty Verree e Dorie Stevenson comemoram outra vitória — dizia a legenda.

Janie olhou por cima do meu ombro. — Quem é essa?

Engoli o cereal pastoso que enchia minha boca, pensando que Dorie se parecia muito com a loura alta, de conjunto rosa, que estava na missa de Kitty. — Acho que devo ver a Reina hoje.

— Ah, por favor. Um pouquinho de ecstasy nunca matou ninguém. — Janie parou, pensando. — Metanfetamina, talvez. Mas ecstasy...

— O que é metanfetamina? — perguntou Sam.

— Venha — Janie disse às crianças. — Vamos lá para cima vestir a roupa para ir à escola. A tia Janie tem que trabalhar hoje. Vocês conseguem dizer *Pulitzer*?

Limpei a mesa, enchi a lava-louça, me servi de mais café e liguei o computador. Tive sorte. O site de ex-alunos da Hanfield revelou que

Dorie Stevenson, da turma de 1991, estava trabalhando como analista financeira para a Dow Jones, em Princeton. Ela era uma analista importante, a julgar pelo número de pessoas com quem tive de falar antes que a própria Dorie atendesse a ligação.

— Kitty e eu não tínhamos contato fazia anos — disse Dorie, que tinha um tom de voz alto e meio cantarolado, que você não necessariamente associaria ao mercado financeiro. — Fiquei muito chocada ao saber o que aconteceu com ela.

— Você teria tempo para conversar comigo?

Ela parou e eu notei que estava imaginando o motivo. — Isso deve parecer estranho — eu disse. — Sou apenas mais uma das mães do bairro. Mas a polícia não prendeu ninguém e eu acho que estou tentando descobrir sobre ela, para ter a sensação de que estou fazendo alguma coisa, sabe?

— Acho que sim — respondeu Dorie. — Mas não tenho certeza se serei de muita ajuda.

— Ainda assim, eu adoraria falar com você. — Nós marcamos um encontro para as onze horas da manhã seguinte. Não haveria aula na creche e eu estava quase certa de que poderia convencer Janie a levar as crianças à aula de skate de manhã e arranjar uma babá para a parte da tarde. Desliguei o telefone, passei uma esponja na mesa e subi, para pensar no que deveria vestir para que uma analista da Dow Jones me levasse a sério.

— A primeira coisa sobre Kitty é que ela era deslumbrante — disse Dorie Stevenson na terça-feira.

— A segunda coisa era que ela não tinha ideia do quanto era bonita. — Ela lambeu os lábios grossos, sacudiu os cachos de cabelo louro platinado e deu uma mordida entusiasmada no croissant de chocolate que tirou da bandeja de prata que a secretária nos trouxera. Revirou os olhos, extasiada. — Isso — disse ela — é do cacete.

Concordei e escrevi *deslumbrante*. Eu tinha saído de casa às seis da manhã, dizendo a Ben que tinha um check-up com a Dra. Morrison. —

Tudo bem — ele dissera, sem tirar os olhos do jornal. — Divirta-se com seu papanicolau! — Janie cantarolou, quando saí correndo pela porta.

Assenti e sorri, pensando que, uma vez na vida, eu tinha vestido a roupa certa. Meu conjunto azul e mocassins marrons de crocodilo faziam parecer que eu poderia trabalhar lá, e o produto para eliminar o frisado do cabelo tinha dado certo.

Dorie Stevenson trabalhava num escritório feito em tons de pêssego e bege. Sua mesa, cadeiras e a bandeja com os doces pareciam antiguidades verdadeiras. Ela era de Memphis, segundo me dissera, e eu conseguia notar o sotaque sulista ainda suavizando sua fala ofegante.

Eu me servi de um doce de amêndoas, coloquei creme em meu café e disse: — Você tinha que vê-la em Upchurch. Ela era uma mãe perfeita, com a casa perfeita, e estava sempre...

Dorie sorriu, depois engoliu o croissant. — Deixe-me adivinhar. Perfeita?

Eu concordei. — Ela era assim na faculdade?

Dorie limpou os lábios com o guardanapo. — No começo, não. — Ela deu uma mordidinha em seu croissant e brincou com o broche de camafeu em sua gola. — Como eu disse, ela era minha colega de quarto. Nós fomos melhores amigas por uma época, mas, depois do terceiro ano... Bem, acho que posso dizer que nós meio que seguimos para círculos diferentes. Eu a via, mas... — Ela balançou os ombros de novo e engoliu o doce com um gole de cappuccino. — Eu estava faminta — disse ela. — Dessa vez — ela deu uma olhada no relógio de ouro adornando seu punho rechonchudo e branco — eu durei dezoito horas na dieta South Beach.

— Ah.

— Dezenove é minha melhor marca. Caldo de faisão russo. — Ela deu uma mordida. — Se houver uma guerra nuclear, vou viver para sempre. Todas essas modelos magricelas? Já era.

Concordei e dei uma mordidinha no meu doce de amêndoas. Há sessenta anos, Dorie Stevenson teria o tipo de corpo que deixaria os homens babando — lábios grossos, seios fartos, braços e coxas arredondados. Em nossa época iluminada, ela talvez vivesse cada momento acordada, em desespero ou de dieta. De dieta ou interrompendo uma, pensei, enquanto Dorie suspirava extasiada com a última mordida no croissant, depois usava o dedo umedecido para catar cada farelinho do prato.

— Deus, como isso estava bom — disse ela, resfolegando. Suas pálpebras tremularam. Ela lambeu os lábios e se endireitou na cadeira curva e elegante. — Certo. Então. Kitty.

— Ela era linda — incitei.

— Ela era linda e extremamente preparada — disse Dorie. — Nós duas começamos as aulas com uma semana de antecedência. Hanfield tinha um programa especial para... Deus, como é que nos chamavam?

— Ela fechou os olhos. — Ah! Iniciativa para Ingresso de Alunos com Diversidades Econômicas. — Ela abriu os olhos e sorriu. — Isso significava que éramos pobres, mas Deus me livre alguém dizer isso. Então, eles nos recebiam antes. Todos os alunos pobres e bolsistas, além das minorias, até os que tinham frequentado Exeter e tinham pais que lecionavam em Yale, e nos faziam ir acampar.

— Acampar?

— Era assim que eles faziam para... É, espere aí, dessa eu me lembro: “facilitar nossa transição para o ambiente universitário”. E, como era provável, se assegurar de que soubéssemos usar talheres e coisas assim. — Ela deu uma risada rasgada, mas eu imaginei ouvir a mágoa por trás.

— Então, você e Kitty eram companheiras de quarto?

— Companheiras de barraca, para começar — corrigiu Dorie. — Eles nos levaram para um lugar que era nada mais que o quintal dos fundos de um professor, não exatamente uma mata selvagem, mas Kitty chegou com mapas topográficos da região e sua caixa de pedras

para acender fogo. Ela me disse que tinha passado o verão lendo guias de sobrevivência para saber quais cogumelos eram venenosos e como encontrar o norte através do musgo das árvores. — Ela balançou a cabeça. — Ela também tinha comida na mochila. Nunca me esqueci disso. Como se achasse que eles não fossem nos alimentar. Ela tinha macarrão de pacotinho e latas de sopa de feijão... — Seus olhos azuis se encheram de lágrimas. — Então, ela estaria pronta. Pronta para qualquer coisa.

Pronta para qualquer coisa, escrevi, enquanto Dorie olhava para o teto, batendo as pálpebras, abanando os olhos com uma das mãos.

— Hanfield não foi um lugar bom para Kitty — disse ela.

— O que você quer dizer com isso?

Ela suspirou, sacudiu os cachos e pegou um pãozinho de framboesa da bandeja, com toda a delicadeza. — Você já esteve lá?

— Fui a Columbia.

— Então, você provavelmente tem alguma ideia — disse ela. — Havia garotas no campus que tinham carro. E cavalos. Garotas que tinham tudo: roupas de grife, cortes de cabelo de duzentos dólares, brincos de diamante, colares de pérolas, vidas perfeitas esperando por elas assim que se formassem. — Ela enrugou o nariz. — Ou, pelo menos teriam cadernetas de poupança esperando.

Concordei, lembrando do ensino médio e de todas as garotas bonitas da Pimm, a confiança que elas exalavam, sabendo que qualquer obstáculo que surgisse em seus caminhos poderia ser superado com os contatos certos e uma boa quantia em dinheiro. — E Kitty não tinha nada disso? — Pensei no Honda amassado que vi no estacionamento da prefeitura.

— Ela era linda, como eu falei — disse Dorie, devagar. — Mas tinha... — Ela acenou a mão acima da cabeça — um cabelão, sabe? Aquelas permanentes bufantes? Cabelão, muita maquiagem, um pouco chamativa demais para Hanfield. Ela percebeu isso uma semana depois de chegarmos: cortou o cabelo chanel, parou de usar

todo aquele ouro, mas você sabe. — Ela balançou os ombros rechonchudos. — Aquele negócio de primeira impressão.

Concordei, tentando imaginar a perfeita, polida e esmerada Kitty que eu havia conhecido com uma permanente malfeita ou sombra azul. Não consegui.

— Ela tinha inveja das outras garotas?

— Inveja, não — disse Dorie, devagar. — Não era bem isso. Eu diria que ela tinha plena consciência do que elas tinham e ela não. Mas como poderia deixar de ser? Você ouvia as garotas falando sobre pegar um avião para Nova York para passar o fim de semana só para fazer compras, ou ir para a Suíça nas férias da primavera. Acho que era difícil não ter consciência do mundo em que você vivia. Só que...

— Ela parou e espanou os farelos do peito. — Nem todo mundo pensava em fazer algo a respeito.

Eu me inclinei para a frente, ignorando os farelos do doce que comi em meu colo. — O que a Kitty fez?

Dorie abaixou a cabeça. — Sobre essa parte eu não me sinto à vontade para falar. — Ela chegou mais perto e me olhou de um jeito sincero. — Ela era uma boa garota, sabe? Tinha um bom coração.

E todo mundo faz tolices na faculdade. — Ela tentou dar uma risadinha. — Faculdade é para isso, certo?

— Por favor — pedi, levando a mão ao coração. — O que você me disser não vai sair desta sala.

Ela suspirou outra vez. — Homens mais velhos — disse ela, baixinho.

Meus dedos ficaram gelados quando escrevi as palavras.

— Você tem que entender o quanto ela era linda, inteligente. Ela era meiga e esperta, e era... — Dorie passou o dedo no prato de novo, como se tivesse descoberto a palavra certa na borda do prato.

— Se você ficasse doente, era ela que cuidava de você. Ela sabia fazer canja e sabia costurar. Se alguma coisa rasgasse, ela consertava. Ela era... — Abanou os olhos outra vez, fungando. — Ela poderia ter

tido qualquer cara do campus depois que percebeu o negócio do cabelo, e qualquer cara de sua própria idade, mas, em vez disso, ela começou a sair com... — Os lábios de Dorie se apertaram, num gesto inconsciente de repulsa — caras de cinquenta e tantos anos..

Minha nossa, eu pensei, escrevendo como louca. — Ela alguma vez saiu com um professor convidado? — perguntei. — Um homem chamado Joel Asch?

Como um raio, Dorie sentou-se ereta na cadeira. — Você sabe sobre isso?

Assenti. Dorie torceu seu guardanapo. — Era ridículo — disse ela. — Ele mandava rosas para o nosso quarto, no alojamento, escrevia poesia; poesia horrível de verdade. Kitty e eu ríamos daquilo.

Um figurão editor de Nova York, e o melhor que ele conseguia fazer era “Seus olhos parecem centáureas azuis”. E eu perguntava a ela “Kitty, por quê? Por que ele?”, quer dizer, eu até entenderia se ele fosse um tipo como Harrison Ford, um cara mais velho e sofisticado que, você sabe, a levasse para fazer compras e ensinasse a ela as coisas do mundo.

— Joel Asch não fazia isso?

Dorie riu — um riso breve e zangado. — Bem, ele a levou para fazer compras, sim. Comprou-lhe um par de brincos de pérolas. Ela ficou tão orgulhosa que o usou todo santo dia, pelo resto do ano letivo. E eu acho que ele também lhe deu um emprego. Pelo menos foi o que ouvi dizer. Como eu falei, nós não continuamos amigas. Ela sabia que eu não aprovava o que ela estava fazendo. — Ela colocou o prato na mesinha de centro. — Meu pai deixou minha mãe por outra mulher, uma mulher mais jovem, então, você pode imaginar que eu não ficava feliz em vê-la circulando com o marido de outra. Eu era — ela disse e suspirou — uma mulher de altos ideais na época.

— Você se lembra do nome de algum dos outros homens?

Ela balançou a cabeça outra vez. — Eu fazia questão de não perguntar. Ela sabia que eu não gostava, então me deixava fora disso.

Quando eles ligavam, ela levava o telefone para o corredor e mandava que eles a pegassem na biblioteca. Não que eles quisessem vir ao alojamento, eu acho. — Ela limpou os lábios com o guardanapo de linho rosa-claro e olhou o relógio pêssago e verde-claro em sua mesa.

— Quando você perguntou o motivo, ela lhe contou?

Dorie deu um sorriso triste. — Ela disse que tinha seus motivos. Falei que não importava o que ela quisesse, ou o que estivesse procurando, havia outros meios de conseguir, sendo inteligente como ela era. Boa como ela era. — Seus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez. Ela piscou, secou, depois abanou os cílios. — Eu deveria ter me esforçado mais. Pobre Kitty. Pobrezinhas daquelas menininhas.



CAPÍTULO 29

— OI, KATE! — DISSE A assistente de Ben, uma juvenzinha graciosa, com cabelo ruivo cacheado até os ombros, quatro furos em cada orelha e mestrado em políticas públicas pela Georgetown.

— Melissa! Que bom ver você! — A jovem Melissa estava linda, com uma jaqueta curta de camurça verde, minissaia xadrez escocesa, meias-calças pretas e sapatilhas. — Eu estava na cidade fazendo umas compras e pensei em dar uma passada aqui para ver se o Ben estava livre para tomar um café.

— Ah, lamento — disse Melissa, sem parecer notar a falta de sacolas de compras, sem notar que o escritório da B Squared Consulting ficava na área financeira, a quase sessenta quadras das lojas de departamentos e boutiques da Quinta Avenida. Ela se sentou atrás da mesa e digitou para abrir a agenda. — Ele está no almoço da Civil Liberties. Deve estar de volta às quatro.

— Ah, não. — Fingi decepção, sabendo, claro, que Ben não estaria lá. Eu tinha olhado sua programação antes de sair esta manhã. — Ouça, não conte ao Ben, mas eu andei pensando em...

Pensando em...

Melissa se inclinou para a frente, com sua pele lisinha revoltante reluzindo, na expectativa.

— Redecorar! — eu disse. — Ele está com este tapete há séculos!

Sua sobrancelha suave se franziu. — Na verdade, acho que foi trocado no ano passado.

— Ah, certo, é claro. Não é o tapete, é a mesa! — consertei, tentando com fervor lembrar o tipo exato de móvel que Ben tinha em seu escritório. — Aquele troço velho!

Melissa pareceu intrigada. — Acho que é uma antiguidade.

Ai, meu Deus, será que dá para dar uma dentro? — É isso mesmo! Por isso que ficaria muito melhor lá em casa, em Connecticut, do que aqui! — respondi, dando ré para entrar no escritório de Ben. — Só vou dar uma olhada rápida e... É... Talvez tirar umas medidas... — Comecei a remexer dentro do saquinho Marc Jacobs cor de manteiga que Janie tinha me emprestado, como se procurasse uma trena. — Também vou usar o banheiro executivo. — Lancei um olhar tímido de cá entre nós. — Acho que o sushi não está se entendendo comigo.

Meu bom Deus, eu pensei ao disparar para o escritório de Ben e trancar a porta. Por que duvidei que, em todas as suas aventuras, a Miss Marple nunca conseguisse uma pista importante fingindo ter caganeira?

— Chame se precisar de alguma coisa! — ofereceu Melissa, meiga.

— Farei isso! — respondi, sentando na cadeira Aeron de Ben e ajustando os descansos de braço, para que não furassem minhas laterais. Mexi no mouse, rezando para que Ben não tivesse feito logout antes de sair para o almoço. Ele não tinha.

Comecei a procurar arquivos que tivessem as palavras Ted Fitch. Então, fiquei alerta enquanto a eficiente e alegre Melissa desfilava do outro lado da porta. O toque disco do meu celular me deu um susto tão grande que eu quase caí da cadeira.

— Alô?

— Kate? — A voz de Janie estava contida e preocupada. — Ouça. Pergunta rápida. Seus filhos sabem ir ao banheiro sozinhos, certo?

— Sim — eu disse. — Na maioria das vezes. Quase que por completo. Por quê?

— Motivo nenhum! Está tudo bem. Preciso ir.

— Dez arquivos encontrados — o clipe útil da Microsoft enfim anunciou.

— Espere, Janie. Se você estiver na rua e os meninos precisarem ir ao banheiro, você pode levá-los com você. Não tem problema.

— Perfeito! — respondeu ela. OK. Vejo você em breve.

Desliguei e cliquei no primeiro arquivo.

— Biografia Fitch. — Apertei imprimir. — Documentos Posição de Fitch. — Imprimi também. — Agenda Setembro. Agenda Outubro. Agenda Nov-Dez. — Por que não? E, afinal, para valer a pena.

— Opo Fitch. — O qual, eu sabia, por assistir a *The War Room* (do qual Ben, claro, tinha uma cópia pirata em DVD, com os comentários em áudio de James Carville, quase incompreensível), significava pesquisa para a oposição (tudo o que a equipe de Ben conseguiu desencavar de seu candidato, para que estivesse preparada quando o outro lado descobrisse). Trinta e sete páginas.

Nossa. Imprimir.

Ouvi uma batida acima do ruído da impressora. — Kate? — Melissa cantarolou. — Está tudo bem aí?

— Estou só imprimindo algumas medidas! — Gritei, alegremente. Vi a maçaneta girar.

— A porta está trancada — Melissa comentou. *Fabuloso*, pensei, pegando as folhas na impressora a laser. Que maravilhas um diploma da Georgetown pode fazer pelos poderes de observação de uma garota.

— É, só espere um pouco... Eu estou... É... Meio indisposta.

Melissa parecia preocupada. — Por favor, não toque em nada, está bem? O Ben detesta que alguém mexa em alguma coisa na mesa dele.

— Ah, não se preocupe — gritei. — Tenho privilégios de impressão! — Jesus. Privilégios de impressão. Em quem eu havia me transformado?

Melissa estava mexendo na maçaneta com tanta força que eu estava surpresa por não soltar na mão dela.

— Só me deixe terminar aqui! — Abri a porta do banheiro de Ben e dei a descarga, passei um spray de canela pela sala. “Impressão concluída”, disse o computador. Quando ele cuspiu a última página, fui até atrás da mesa de Ben, fechei todos os arquivos, enfiei as folhas

impressas em minha bolsa, escancarei a porta e quase trombei com Melissa.

— Ah, perdão por isso.

Ela me olhou, franzindo o nariz. Eu não podia condená-la. Parecia que tinha explodido uma bomba de pot-pourri ali dentro. — Está tudo bem?

— Tudo! — eu disse, segurando a bolsa junto ao peito e saindo rapidamente de lado, em direção aos elevadores, como um siri com prisão de ventre. — Talvez seja melhor você não dizer a ele que estive aí por um tempinho.

— Conseguiu o que queria?

Ai, Deus, eu pensei, empalidecendo. Já era a Miss Marple. Ela me sacou. Ela sabe. — Perdão? — perguntei.

— As medidas — disse Melissa, me olhando, como se eu tivesse fumado um cachimbo de crack, ou como se o aromatizante de ambiente tivesse afetado meu cérebro.

— Sim! Vou poder encontrar algo perfeito para aquele espaço! — respondi, sorrindo feito uma idiota. — Faça-me um favor: não mencione isso ao Ben. Quero que seja surpresa.

Ela concordou, desconfiada, e, sem querer forçar minha sorte, saí correndo pelos corredores corporativos, pintados de cinza e marfim, entrei no elevador, passei pela porta giratória e cheguei à calçada, onde chamei um táxi e fui até a Grand Central Station para pegar o trem das quatro e quinze para casa. Depois de comprar meu bilhete e me encolher num canto do trem Metro-North, tirei o calhamaço de papéis de Fitch. O primeiro parágrafo não tinha nada. As duas páginas seguintes poderiam ter curado insônia. Multas por excesso de velocidade. Uma multa de cinquenta dólares por deixar sua árvore de Natal na calçada. Calma, coração. Contudo, a página quatro compensou e era melhor — e pior — do que tinha imaginado.



CAPÍTULO 30

A CASA ESTAVA EM SILÊNCIO quando o carro de Ben subiu a entrada da garagem, às sete horas daquela noite. Eu tinha mandado Janie e as crianças jantarem e assistirem a um filme, e me acomodei na sala, esperando a chegada dele. Eu ainda estava caprichosamente vestida, com meu conjunto azul, que tinha sobrado da minha época de repórter. Meu cabelo estava puxado para trás e eu segurava uma pilha dos malditos papéis de Fitch no colo.

— Posso ter uma palavrinha com você? — eu disse, de maneira educada, ao meu marido, enquanto ele pendurava o casaco. Meu coração murchou quando vi o que ele tinha nas mãos.

“Mulher de Upchurch é Lembrada por Amigos”, dizia a manchete da *Gazette*. E tinha uma fotografia minha no púlpito, de boca aberta e o cabelo todo em pé, arrepiado, parecendo uma das luas de Júpiter.

— Esbarrei com Stan Bergeron no posto de gasolina — disse Ben. Meu coração murchou ainda mais. — Ele queria saber se você tinha se recuperado de toda a empolgação da outra noite. Então, eu perguntei de que empolgação ele estava falando...

Engoli com força. — Eu ia contar...

— Foi como eu soube que tem alguém fazendo ameaças à sua vida.

— ... Mas você quase nunca está em casa e eu ainda não sabia como dizer.

Nós dois paramos para respirar e encarar um ao outro. Ben apertou o osso do nariz e começou a esfregar a pele avermelhada dali. Ele tinha ganhado um pouquinho de barriga desde que nos mudáramos, e a barriga forçava um pouco o cinto preto de couro quando ele respirava. — Certo.

Vamos começar do começo. — Ele balançou o jornal para mim. — Você esteve na missa de Kitty Cavanaugh. Não, desculpe. Perdoe-me. Você *falou* na missa de Kitty Cavanaugh.

— Isso foi meio involuntário — resmunguei.

Ele franziu as sobrancelhas pretas. — Alguém colocou uma arma em sua cabeça e disse “Faça um discurso ou eu atiro?”

— Foi quase isso. Exceto pela parte da arma.

— Você anda por aí fazendo perguntas às pessoas...

Meu pescoço ficou tenso enquanto eu o encarava. — Eu era repórter, lembra? Era isso o que eu fazia para ganhar a vida!

— Fazendo perguntas para saber se astros do rock tinham verrugas genitais — disse Ben. — Não é bem a mesma coisa.

Ergui o queixo. — Nunca teve a ver com verruga genital — corriji, com o máximo de dignidade que pude reunir. — Algumas vezes eu perguntava sobre herpes. E a questão não é essa. Não importa o que você ache do assunto em pauta, eu era repórter.

— Mas não é mais! — Ben gritou. — Pelo amor de Deus, Kate, você não é jornalista, você não é detetive, você não é investigadora particular. Você é apenas uma dona de casa!

Eu bati com a pilha de papéis na mesa e fui marchando para a cozinha, onde comecei a tirar comida da geladeira: uma caixa de ovos, uma lata de feijão-preto, um cacho de uvas. Ben foi atrás de mim.

— Eu não quis dizer dessa forma.

Eu o ignorei. — Você quer jantar? — perguntei, tirando mostarda, maionese, peru e queijo, antes de perceber que não tinha pão e o sanduíche que eu pretendia fazer não ia ser possível.

— Só quero que você não corra perigo. Por isso é que nos mudamos para cá, lembra? Você não pode fazer coisas que coloquem sua vida em risco. Não pode fazer coisas que coloquem nossos filhos em perigo.

Eu girei, vermelha de raiva e vergonha, sabendo que no fundo ele tinha razão, e eu não podia admitir, pois se o fizesse, minha

investigação acabaria, junto com a sensação de estar viva depois de sete anos e três filhos — viva do jeito que eu me sentia quando ainda me agarrava à possibilidade de que algum dia Evan McKenna viesse a me amar. Eu voltaria direto para minha vida, minha vidinha terrivelmente entediante, na qual eu não me encaixava, na qual eu não tinha amigos, na qual o tempo entre agora e o dia em que as crianças ficassem na escola em horário integral se estendia demais, e eu achava que não ia aguentar.

Então, eu falei — Você acha de verdade que eu faria alguma coisa, qualquer coisa que seja, que prejudicasse as crianças?

— Bem, vejamos — disse Ben, elevando o tom de voz, com os lábios empalidecendo. Ele ergueu um dedo. — Você tem uma amiga que põe drogas ilegais nos drinques das pessoas...

— Isso é muita injustiça — reclamei, fumegando.

Ele ergueu outro dedo, como um promotor fazendo um resumo devastador. — Você anda pela cidade fazendo perguntas sobre algo que não é da sua conta.

— Uma amiga minha foi assassinada — expliquei, apontando para um ponto na frente da minha geladeira. — Ela foi esfaqueada na própria cozinha, em nossa cidade. Isso não é da minha conta?

— Ela não era sua amiga! — Ben gritou. — Você mal a conhecia! Não sei por que você simplesmente não fica fora disso! Cuide das crianças. Cuide de você. Encontre um hobby se precisa de algo para fazer com seu tempo.

Uma nuvem vermelha desceu diante de meus olhos. — Algo para fazer com meu tempo? — repeti.

— Você tem alguma ideia do que eu faço o dia todo? Tem alguma ideia do que os nossos filhos fazem o dia todo? Alguma ideia?

Ele projetou o maxilar e ficou me encarando. Passei por ele, peguei uma frigideira da bancada central da cozinha, joguei uma bolota de manteiga no meio e liguei o fogão, com fogo alto.

— Enquanto você pensa nisso, aqui vai outra pergunta — eu disse,

quebrando dois ovos na manteiga borbulhante. — Por que você está trabalhando para um estuprador?

O rosto de Ben revelou um espasmo. — Do que você está falando?

— Você sabe do que eu estou falando. Se não souber, dê uma olhada nas folhas que eu imprimi. — Estiquei o braço para pegar uma espátula. — Elas devem refrescar sua memória.

Ben foi até a sala e voltou com as folhas na mão. Deslizei meus ovos para um prato e me sentei à mesa. Ele se sentou de frente para mim e folheou as páginas, depois ficou me olhando, balançando a cabeça. Eu não o via assim, tão furioso, desde a nossa quarta noite de lua de mel, quando eu tomei seis vodcas com suco e aceitei a sugestão dele de tentarmos algo novo na cama, achando que era um convite para enfiar meu mindinho na bunda dele (no fim das contas, ele só estava querendo que eu ficasse por cima).

— Isso é informação confidencial — ele afinal disse, apertando o nariz com o polegar e o indicador.

— Ben. Sempre achei que você fosse... — procurei as palavras certas. — Achei que você tivesse integridade.

— Ele disse que foi consensual — Ben falou, cauteloso. Quando ele fechou os olhos, a pele de suas pálpebras parecia arroxeadas.

— Ele a pegou pelo pescoço! — repliquei. — Como pode ser consensual?

— Isso é a história dela, que nunca foi confirmada. Não houve investigação policial. Não houve laudo médico.

— Você acha que essa mulher — olhei o nome no papel, para ter certeza de dizer certo —, essa Sandra Willis, inventou isso? Acha que ela estava mentindo?

Ben ergueu o rosto e olhou para o teto, como se a sanca pudesse conversar. — Acho que, seja o que tenha acontecido, foi há muito tempo. Acho que existe algo chamado indiscrição da juventude.

Eu o encarei, perplexa. — Você está brincando comigo? Indiscrição da juventude é quando Sam larga seu Lego no chão. Uma indiscrição

da juventude não é estuprar uma aluna da Vassar quando se tem vinte anos de idade e depois o seu pai pagar todo mundo para isso não chegar aos jornais.

— Pare! — ele explodiu. — Pare agora mesmo, Kate. Você não sabe da história toda.

— O que é que eu não sei? O que mais tem para saber? Uma sequência?

Os lábios dele estavam tão brancos que eram quase invisíveis, e sua voz estava falhando. — Edward Fitch é um herói de guerra. Seu trabalho como procurador público tem sido impecável, e, quando ele for eleito senador, vai servir ao povo de Nova York com distinção.

— Claro — eu disse, espetando o garfo em meus ovos. — Apenas o mantenha longe de Poughkeepsie. A esposa dele sabe disso?

— Não faço ideia. Por quê? Você está planejando ligar para colocá-la a par? — Ele pegou o telefone sem fio e jogou no meu colo. — Por que não? — Ele ergueu a voz para um tom selvagem de garota do vale. Oi, você não me conhece, sabe? Mas meu nome é Kate Klein e meu marido trabalha para o seu, sabe? De qualquer forma, eu fui a Nova York fazer compras, sabe? E dei uma passadinha no escritório do meu marido. — Ele baixou o tom de voz. — Que, aliás, eu estou impressionado, por você ter encontrado.

— O que quer dizer com isso?

Ele passou os dedos pelo cabelo. — Digamos apenas que você não tem sido uma esposa muito atenciosa quando se trata da minha vida profissional.

— Isso não tem nada a ver com essa conversa.

— As outras esposas passam por lá — Ben insistiu. — Elas se interessam. A esposa de Al até leva jantar para ele quando ele trabalha até tarde.

— O Al mora em TriBeCa. E a esposa dele já fez tantas plásticas que seus olhos estão quase atrás da cabeça.

— A questão não é essa — Ben estrilou. — Ela leva jantar para ele.

— Bem, me perdoe por zarpar até Manhattan e não levar uma porcaria de torta para você! — Levantei da mesa, joguei meu prato na pia e abri a torneira.

— Então, presumindo que você não estava levando uma torta para mim, o que foi fazer no meu escritório? Por que o súbito interesse em Ted Fitch? — perguntou Ben.

Coloquei a frigideira, ainda sem lavar, no escorredor de louça. — Ted Fitch e Kitty Cavanaugh se conheciam.

Ben recuou da mesa. — Ah, que ótimo. — Sua voz estava carregada de desdém. — Simplesmente ótimo. Não está bom o suficiente que você fique correndo por aí, investigando nossos vizinhos?

Agora você também vai assediar meus clientes?

Eu me senti como se ele tivesse me dado um soco no estômago, mas minha voz saiu equilibrada.

— Sukie Sutherland os viu conversando num bar antes de ela for assassinada. Kitty estava chorando.

— Balancei a pilha de papéis à sua frente. — E eu aposto que você sabe o motivo.

O rosto de Ben estava pálido e sua voz estava calma, mas eu vi os nós de seus dedos embranquecerem quando ele pegou a beirada da bancada. — Kate — disse ele —, você não pode estar falando sério.

— Ele tem um álibi? — disparei.

Ele ergueu o queixo. — Nem vou me dignar a responder a isso.

— Tudo bem — eu disse, dando um chute para fechar a lavadora de louça. — Vou descobrir sozinha. — Peguei o telefone e elevei o tom, fazendo a voz de deboche que ele tinha usado com tanta eficiência. — Oi, aqui é a Kate Klein, sabe? Considerando seu histórico de esgarar mulheres que não querem fazer sexo com você, eu só estava pensando se poderia me dizer onde estava no dia em que Kitty Cavanaugh foi morta.

Ele afundou os dedos em minha pele, acima do cotovelo. — Se

você disser uma palavra ao meu cliente — ele rosnou —, uma palavra além de “Olá”, “Tchau” e “Parabéns, senador”...

— O que você vai fazer? — dei um tranco, soltando meu braço. — Vai me estuprar?

Ele me soltou com uma expressão horrorizada. — Kate.

Peguei os papéis e enfiei tudo em minha bolsa emprestada. — Durma no quarto de hóspedes — ordenei.

Lá em cima, eu bati a porta, arranquei a roupa, vesti a camisola e entrei embaixo das cobertas, com minha pilha de papel impresso sobre a vida fascinante de Edward Jeffords Fitch, 57 anos, formado pela escola de direito de Yale e Harvard, ganhador da Estrela de Bronze no Vietnã, assistente do promotor de Justiça, promotor de Justiça, procurador público e, se fosse como meu marido queria, *o próximo senador* democrata do grande Estado de Nova York. *Será que ele tinha feito isso?* Fiquei me perguntando, olhando a imagem que acompanhou a história que o *Times* tinha veiculado, quando ele anunciou sua candidatura. Teria sido ele que cravou aquela faca nas costas de Kitty Cavanaugh? Será que Ben tentaria descobrir? Será que Ben sequer se importava com a resposta, contanto que não atrapalhasse a elegibilidade de Ted Fitch?

Puxei as cobertas até as orelhas e ouvi quando a porta do carro bateu, depois a porta lateral, e meu marido e minha amiga ficaram se virando com a rotina da hora de colocar as crianças na cama. — Mamãe — Sophie dizia. — Eu quero a mamãe.

Às nove horas, depois que o último pedido de água e de outra história foi negado, Janie bateu devagarinho na porta.

— Está tudo bem? — ela sussurrou.

Abri a porta e despenquei de volta na cama, com o rosto no travesseiro. — Sim. Não. Não sei.

— Tudo bem — disse Janie, se jogando ao meu lado. Seu cabelo com mechas estava preso num rabo de cavalo e ela tinha pegado uma calça de brim emprestada, que pendia larga em sua cintura. — Ainda

bem que isso está claro para nós.

Entreguei a ela o arquivo de Fitch, depois fiz minha sinopse de quinze segundos. Os olhos de Janie se arregalavam cada vez mais. — Nossa — disse ela, e — Epa — e, por fim, um impressionado e extremamente gratificante — Ai... Meu... Deus.

— E agora?

— Vamos descobrir se Ted Fitch tem um álibi. — Deitei de barriga para cima, pensando: *Depois eu descubro como acabei casada com alguém que trabalharia para um homem desses.*



CAPÍTULO 31

NA MANHÃ SEGUINTE, QUANDO me arrastei para fora da cama, não havia nem sinal de Ben em lugar nenhum. Seu casaco tinha sumido do cabide, sua pasta havia sumido do chão do closet e sua vaga na garagem estava vazia. Havia, porém, um bilhete pregado na geladeira, embaixo de um ímã que dizia “Mamãe Número Um”. Ele dizia “Kate”, com um traço zangado ao lado do meu nome. “Não faça nada. Não ligue para ninguém. Vou tentar responder a suas perguntas até a semana que vem.” Sem assinatura.

Nada de “amor”.

Não, obrigada, eu pensei, amassando o bilhete e enfiando no bolso do meu roupão, lembrando a voz de garotinha que ele usou na véspera. Eu mesma vou conseguir o que preciso. Então, liguei para a Red Wheel Barrow, para dizer que as crianças iriam faltar, e liguei para Janie, para avisar a ela que nós faríamos um passeio.

É incrível o que acontece com a visão periférica das pessoas quando elas são confrontadas com duas mulheres e três crianças num trem lotado. De repente, é como se todos aqueles homens de negócios e mulheres com pastas e laptops não conseguissem enxergar além de suas edições do *Wall Street Journal* e se oferecer para ceder o lugar vago ao seu lado. No verão anterior eu tinha pegado o trem para Boston com as três crianças para encontrar minha mãe e seguir de carro até Tanglewood.

Sophie caminhava e os meninos estavam no carrinho duplo, e não havia um par de assentos vazios à vista. Depois de passar por três carros, eu acabei agachada no chão, com os três e o seu DVD portátil, perto do compartimento de bagagem. Uma vez que tirei os meninos

do carrinho e coloquei *O Mundo de Elmo* na tela, a mulher cujo casaco estava espalhado na cadeira ao lado nos deu um sorriso radiante. — Que gracinhas! — disse ela. Retribuí o sorriso e travei a língua, para não dizer *Sabe o que os faz ainda mais gracinhas? Um lugar para sentar!*

Vivi e aprendi. Naquela manhã, Janie e eu entramos no trem para Nova York e nos deparamos com a visão habitual de uma porção de gente de negócios, todos ocupando dois lugares cada um.

— Hum — disse Janie, olhando as fileiras de cara feia, com o copo descartável de café na mão, oscilando em seus saltos altos (brancos, de pelica, para combinar com sua bolsa e casaco, nada adequados para usar perto de crianças). Seu cabelo estava preso num coque e ela estava arrastando sua malinha. — Com licença! — ela pediu ao homem de negócios à esquerda, usando o BlackBerry, e à mulher à direita, tagarelando no celular, no banco de frente para ele. — Oi. Nós estamos viajando com três crianças pequenas e eu estou com saltos muito altos. Vocês dois se importariam de se sentar juntos para que nós pudéssemos nos sentar?

Os dois olharam para ela, depois se entreolharam. Então, o homem olhou de volta para o BlackBerry e a mulher retomou a conversa. — O-lá! — disse Janie. — Vocês não falam inglês?

Mulheres! Crianças! Saltos muito altos!

— Não se preocupe — sussurrei, por cima do meu ombro. — Me acompanhe. — Eu estava vestida para impressionar, ou, pelo menos, estava o mais impressionante que dava para ficar. Janie tinha alisado meu cabelo à exaustão e eu estava usando minha melhor calça preta de lã e um suéter preto — tamanho extragrande, para caber.

— Certo, Sophie! — avisei, radiante e bem alto, colocando minha filha em cima de um casaco no banco ao lado de um homem de cara avermelhada, de terno azul-marinho. — Você senta bem aí — eu disse, dando uma piscada bem visível. — A mamãe só vai dar uma volta, um instantinho, para encontrar um lugar para o Jack e o Sam!

O moço do terno azul ficou tão assustado que desligou o telefone.

— Senhora? — disse ele, com os olhos amedrontados. — Não vai deixá-la sozinha, vai?

— Ah, não, sozinha, não! — Eu disse, tirando uma caixinha de suco da bolsa de fraldas, com um floreio. — Agora, Soph, isso é com você. Tente não derramar para todo lado, como fez da última vez.

Com um barulho que pareceu uma fungada, o Dr. Terno Azul juntou seus jornais, sua pasta, seu casaco e seu telefone e foi se sentar ao lado de um de seus colegas passageiros. Janie logo captou.

— Tudo bem, Sam — disse ela, ao colocá-lo ao lado de um cara de terno cinza flanelado. Ela entregou canetinhas hidrocor e um livro de colorir e lhe deu uma piscada. — Eu sei que você está empolgado com essa cueca nova de menino grande, então, não se esqueça de me chamar se precisar ir ao banheiro. Estarei lá atrás... Em algum lugar.

O cara de cinza murmurou — Ah, Jesus — e praticamente correu para outro vagão. Janie sorriu para mim e, de repente, nós tínhamos duas fileiras inteiras só para nós.

— Não posso acreditar nisso — disse Janie, balançando a cabeça. — O que há de errado com essa gente? — Ela ergueu a voz e ficou de pé. — Mulheres e crianças, gente! Mulheres e crianças têm prioridade para sentar!

— Janie.

— Nenhum de vocês assistiu ao *Titanic*? Pelo amor de Deus! — Ela sentou, respirou fundo e deu um gole em seu expresso duplo, depois ficou de pé de novo. — Vocês são uma vergonha! — ela gritou, enquanto os passageiros do vagão se retraíam e enfiavam o nariz nos jornais. Puxei Janie de volta para o meu lado.

— Tudo bem, nós agradecemos, mas agora precisamos nos concentrar. — Passei um pó compacto para Sophie, uma escova de blush e meu iPod, e tirei o arquivo Fitch da bolsa.

— Então — disse Janie, dando outro gole em seu café. — Nós podemos pular essa lista de nomes, porque achamos que foi o Ted Fitch.

— Sem dúvida, ele é uma possibilidade. Ela tinha um motivo — expliquei. — Ou, pelo menos, nós sabemos que Ted e Kitty se conheciam, o que significava que ele seria familiar o suficiente para que ela abrisse a porta e o deixasse entrar. Ele teve oportunidade — continuei. — Verifiquei a agenda dele. No dia em que a Kitty morreu, ele só teve um jantar. Evento beneficente, jantar de cem dólares por cabeça, com os Kiwanis, em Westchester.

— A um pulinho de Upchurch — completou Janie.

— Histórico de violência — eu disse. — Aquela Sandra Willis, em que ele... É... — Olhei para meus filhos. Os meninos estavam com as cabeças cheias de cachinhos curvadas sobre um livro de colorir.

Sophie estava com os plugues de ouvido nas orelhas, passando pó cintilante nas bochechas. — Interferiu.

— Sujeito charmoso — comentou Janie. — Nunca vou votar nele. — Ela esfregou os lábios recém-pintados, enquanto o trem seguia. — Motivo — explicou. — Digamos que ele estivesse aborrecido com alguma coisa que Laura Lynn tivesse publicado e Kitty tivesse escrito. Não importa o quanto ele estivesse zangado... — Ela verificou seu reflexo no plástico gasto da janela. — Quer dizer, ele iria interferir nela, ou só escrever para uma aluna?

— Na verdade, ele mandaria alguém de sua equipe escrever — expliquei, de um jeito vago. — Mas talvez não tivesse a ver com algo escrito.

— Talvez tenha sido um crime passionai! — Os olhos de Janie se acenderam. — Ooh, ooh, isso é bom! — Ela enfiou a mão na bolsa, tirou um caderno, um caderno oficial de repórter, eu vi, com uma pontada e começou a escrever. — Eles estavam tendo um caso!

Baixei o tom de voz, torcendo para que Janie fizesse o mesmo. — Não vamos nos antecipar.

— Nós sabemos que ela gostava de homens mais velhos, certo? Então, eles estavam tendo um caso — ela prosseguiu —, e ele falou que deixaria a esposa, mas depois mudou de ideia e Kitty não queria

aceitar, por isso estava chorando no restaurante, e ele disse: *Seja discreta até passarem as eleições*, mas ela respondeu : *Não, não posso ser discreta, não vou viver uma mentira, vou ter um filho seu, Ted...*

— Janie, as crianças — sussurrei, começando a rir, mesmo sem querer.

— Um pequeno Fitch! Uma Fitchete!

— Aposto que isso é algo que teriam notado na autópsia — retruquei. Em vão. Janie estava embalada.

— *Não serei ignorada, Ted*, ela disse a ele. *Você tem que dar seu nome ao nosso bebê*, disse ela, e, quando ele percebeu que ela não estava brincando, que ela levaria a história aos tabloides...

— Ou à *Content*. — Sugerir, entrando na fábula de Janie, mesmo sem querer. — Ela não teria ido aos tabloides. Bastaria ter escrito a própria história para a *Content*.

— Ou talvez — disse Janie, pausando, dramaticamente — ela fosse contar para você. Por isso é que ligou naquela noite! Por isso é que ela queria vê-la! Ela sabia que você era escritora — Janie disse, parando para respirar de novo —, e sabia que você me conhecia.

— Como ela saberia disso?

Janie franziu o nariz. — Você não fala de mim, sempre?

— Eu falo — Sophie apitou.

Fiquei olhando minha filha, percebendo que ela devia ter ouvido cada palavra que tínhamos falado e entendido a maioria delas. Fiz um gesto de zíper nos lábios para Janie, que assentiu, mas continuou fazendo anotações.

— Ele a matou — ela sussurrou, quando Sophie pareceu de novo envolvida com a maquiagem. — E o filho que não nas...

— Ou filha — eu completei.

— E ele achou — Janie prosseguiu — que o segredo tinha morrido com ela...

— Até que Kate Klein, craque na investigação, desvendou o caso e o mandou para a cadeira elétrica!

Janie espalmou a mão na minha, no alto, depois enrugou o nariz.
— Claro que se ele for para a cadeia o Ben vai perder seu maior cliente. Mas eu vou ter uma história ótima.

O público pós-eleição que sopra os ferimentos, conhecido como o Comício pela América, era patrocinado por dois dos maiores sindicatos de trabalhadores do Comitê Democrata da cidade de Nova York e estava sendo realizado na praça diante da prefeitura. Nós cinco esperamos por um táxi minivan, que nos deixou na horda de verdadeiros crentes, muito dos quais empunhando cartazes em vermelho, branco e azul que diziam: “Eleitores pela Mudança”, aparentemente ávidos e dispostos a passar os próximos onze meses fazendo o que fosse preciso para garantir que os democratas ainda não entregassem os pontos outra vez.

O dia estava frio, porém limpo. O céu azul acima de nós era de um tom claro, e as ruas estavam repletas de trabalhadores em seu horário de almoço e pessoas comprando presentes, aproveitando as liquidações que antecedem o Natal. O ar tinha cheiro de amendoim com mel e cachorro-quente. Janie inalava alegremente e as crianças imitavam.

Olhei para o palanque e logo avistei Ted Fitch. Ele estava vestido com cores bem coordenadas, combinando com os cartazes e o tom das faixas; seu nariz estava vermelho, seu cabelo era branco e seu casaco era de um belo tom sólido de azul-marinho, uma peça que eu apostava que meu marido tinha avaliado com foco num grupo feminino de eleitoras, de idades entre 34 e 54 anos.

Ted foi o terceiro a falar, após o prefeito Michael Suarez e o controlador do Estado. O prefeito era, na minha opinião, bonito demais para se desperdiçar no negócio alheio e deveria ingressar na carreira de ator; o controlador tinha sessenta e poucos anos, um político de carreira que passara quarenta anos de sua vida em Albany e, como resultado, parecia meio morto. Janie e eu conduzimos as crianças até a base de concreto, na qual um líder amistoso deu um

balão a cada uma delas. Janie amarrou um em volta do punho de cada criança, eu peguei meu caderno e uma caneta e Ted Fitch se lançou em seu discurso-padrão de comício.

— Eu sou Ted Fitch e serei o próximo senador do grande Estado de Nova York! — ele disse, estrondoso, para um pouquinho de aplauso. Observei seu rosto longo e angular, seu nariz aquilino, seus lábios finos, enquanto Ted seguia por seus tópicos dissertativos: a diversidade de nossa grande nação, a opressão do regime atual, que um novo dia estava nascendo na América e que ele precisava do apoio dos que acreditavam de verdade — verdadeiros americanos, por toda a nação — em transformar o sonho em realidade. — Obrigado a todos pelo apoio e Deus abençoe a América! — ele concluiu. Houve mais aplauso, um pouquinho mais entusiasmado, enquanto ele recebia apertos de mão e beijinhos no rosto de outros dignitários, espalmava a mão de um menino de dez anos que eles tinham arranjado para cantar o hino nacional e foi saindo do palco.

— Fique aqui — eu disse a Janie. Enfieei o caderno no bolso do meu casaco preto de lã e fui abrindo caminho por entre a massa, até uma fila de carros parados ao longo da calçada, atrás do palanque. Os motoristas estavam recostados nas portas, fumando e conversando. Os três primeiros, para quem perguntei, balançaram a cabeça, mas eu acertei com o quarto. Até a hora em que Ted Fitch tinha descido os degraus e o pessoal de sua equipe o acompanhava de volta ao carro, eu estava lá, esperando por ele.

— Ora, mas que surpresa agradável! — disse ele, abraçando meus ombros e me dando um beijo forte e insosso na bochecha. De perto, Ted não tinha uma aparência tão boa como nos pôsteres de campanha, ou tão descansada quanto estivera em nossa festa. Havia surgido bolsas sob seus olhos, e ele estava com saliva branca seca nos cantos da boca.

— Posso pegá-lo emprestado por um minuto? — perguntei.

— É claro! — ele respondeu, com a voz blefada e entusiástica de

um homem se preparando para passar o ano seguinte apertando mãos, beijando bebês e agindo como interessado em todos que conhecesse. — O que posso fazer por você?

Eu me aproximei dele e disse, baixinho, para que o par de membros de sua equipe não ouvisse — Podemos conversar em algum lugar em particular?

Ted Fitch concordou, com uma expressão intrigada estampando seu rosto. — Pode ser no carro?

Eu não tinha tempo para me arrepender de dizer sim, até que entrei, sem jeito, no longo banco traseiro e a porta se fechou ruidosamente. Eu queria privacidade, mas os vidros escuros e o interior de couro preto estavam me deixando desconfortável, como se eu tivesse me trancado numa cripta com Ted Fitch ao meu lado.

— Água? — perguntou Ted. Balancei a cabeça, enquanto ele abria um frasco para tomar uma mão cheia de comprimidos. — Equinácea, zinco, vitamina C, ginkgo biloba — explicou ele. — É preciso estar forte por aqui!

Concordei. Ele tomou uma golada, piscou, engoliu mais água e mais comprimidos. — Então, Kate!

Está tudo bem? É sobre Ben?

Balancei novamente a cabeça e passei as mãos em minha calça, de repente desejando que estivéssemos do lado de fora, no ar fresco. — Eu queria lhe perguntar sobre Kitty Cavanaugh.

Eu o observava com aten *ção*, para ver se ele piscaria, ou tocaria a orelha, ou gritaria *Sim, eu a matei!* Seu rosto não transpareceu nada. — A escritora. Que tragédia — disse ele. — Ela não era sua vizinha?

— Era. E amiga sua — provoquei.

Ele fechou os olhos, num gesto entre uma longa piscada e uma breve retração. — Nós conhecíamos algumas pessoas em comum — ele explicou, cauteloso.

Eu me mexi no banco, sentindo uma gota de suor escorrer entre meus seios e molhar minha cintura. O aquecedor lançando ar morno e

abafado em meu rosto e seu ronronar me davam a impressão de que eu estava gritando. — Eu sei o quanto você é ocupado...

— Aquele seu marido! — disse Ted Fitch, com uma gargalhada de encerramento. — Ele me mantém pulando!

— Kitty foi assassinada — continuei, falando depressa, sentindo meu corpo inteiro começar a suar, sabendo que eu precisava falar de uma vez, antes que perdesse a coragem. — A polícia não prendeu ninguém. Eu sei que você e Kitty estiveram juntos, almoçando no Aquavit, antes de ela ser assassinada. Eu só queria saber... — *Certo, Kate, fique calma.* — Eu queria saber qual era o relacionamento entre vocês.

Ted Fitch soltou uma baforada explosiva, com cheiro de menta. — Você acha que eu estou envolvido na morte dela de alguma forma? — Ele me olhava fulminante, e todos os traços de *seja agradável com a mamãe* sumiram de seu rosto, substituídos por uma quase caricatura de irritação. — O que lhe dá o direito? Agora você é detetive?

Balancei a cabeça. — Apenas uma dona de casa — respondi, baixinho.

Ted Fitch deu uma fungada de aversão e esticou a mão até a maçaneta. — Não tenho tempo para essa tolice.

Limpei as mãos na calça outra vez. — Sandra Willis — falei.

Ele soltou a maçaneta e se recostou no banco, enquanto o sangue deixava as pontas de suas orelhas vermelhas e seu rosto e nariz num tom vinho de ódio. — Jesus — resmungou ele, baixinho. — Jesus Cristo. Você e Ben devem conversar um bocado na cama.

— Eu não soube disso pelo Ben — eu disse. Até que era verdade. — Eu fui repórter. — O que também era verdade.

Ele suspirou. — Então, agora os jornais têm isso. O... É... Incidente com... A Srta.... É...

— Sandra Willis — repeti. — Acho que os jornais não têm nada. Isso não é da minha conta. Só quero saber sobre Kitty.

Ele destampou a garrafa de água, depois tampou de novo. — Acho

que não devemos discutir isso — ele retrucou.

— É, bem, Sandra Willis não achou que queria fazer sexo com você, mas você não deixou que isso o impedisse, certo? — Assim que as palavras saíram da minha boca, eu soube que tinha sido um equívoco.

O rosto dele se contorceu outra vez. — Saia deste carro agora mesmo. — Desta vez ele estendeu o braço por cima de mim, com o antebraço pressionado sobre meus seios como uma ripa de madeira, e pegou a maçaneta do meu lado. Ele empurrou a porta e conseguiu abri-la alguns centímetros antes que eu a batesse fechando.

— Vocês estiveram juntos antes de ela morrer. Do que estavam falando? Por que ela estava chorando? Vocês estavam tendo um caso? Ela estava... — *grávida*, eu ia perguntar. Apesar de minhas melhores intenções, a história de Janie tinha se apossado do meu cérebro. Ted Fitch, com o rosto roxo e ofegante, recostou-se de novo do seu lado do banco.

— Você quer saber? — ele perguntou, numa voz estrangulada. — Quer saber o que ela queria? — Ele enfiou a mão no bolso da calça.

Ai, Deus. Desta vez fui eu que peguei a maçaneta. — Talvez possamos continuar esta conversa em outro momento...

Ele agarrou minha mão e me deu um puxão de volta ao banco. — Quer? — perguntou ele. Seu rosto estava contorcido quando ele jogou um pedaço de papel amassado em mim. — Pronto. Aí está.

Agora saia.

Só depois que eu enfim abri a porta e meio que andei e cambaleei até a calçada vi o que ele tinha jogado no meu colo. Dinheiro. Desamassei a nota de vinte com as mãos trêmulas, enquanto a porta batia e o carro se afastava.

— Ei!

Janie veio apressada, com as crianças e seus balões. — Essa amizade está finalmente compensando? — perguntou ela. Então, ela olhou bem para o meu rosto. — O que aconteceu? — Você está bem?

— Assenti e ela baixou o tom de voz, colocando uma das mãos em meu ombro e observando meu rosto. — E agora? — ela perguntou.

— Agora — eu disse, respirando fundo e trêmula, dando um abraço coletivo nas três crianças —, vamos almoçar e fazer compras.

Passamos o dia em nossos locais favoritos de Nova York, fingindo que estava tudo bem, que eu nunca tinha me mudado para Connecticut, que ninguém havia sido assassinado, que eu não tinha sido empurrada para fora de um carro depois que um político jogou vinte pratas no meu colo. Tomamos sundae com calda quente no Serendipity 3, onde Janie e eu resolvemos ir morar juntas, e deixamos as crianças gastarem as vinte pratas de Ted Fitch no Dylan's Candy Bar. Depois de um passeio ao Museu de História Natural para ver a baleia e uma parada no Rockefeller Center para ver os patinadores no gelo, as crianças estavam acabadas, pela combinação do açúcar com toda a atividade. Janie nos deixou na estação de trem. — Vou olhar a lista — ela prometeu, tirando o grudento Sam e o sonolento Jack de seus ombros e os entregando para mim. — Ligue quando chegar à Terra Agradável.

O trem das quatro, de volta para Upchurch, estava quase vazio. Coloquei os meninos para dormir num ninho feito com nossos casacos e Sophie junto à janela, com meu cachecol e chapéu de travesseiro. Ela ainda segurava um pirulito na mão grudenta. Eu o soltei bem devagarinho e dei um beijo em sua bochecha adocicada. — Me deixa — disse ela, abanando, com os olhos meio fechados.

Eu me acomodei e peguei meu caderno, para tentar entender o dia. *Quer saber o que ela queria?*

Ele tinha perguntado e jogado o dinheiro em mim. *Kitty queria dinheiro*, escrevi, depois coloquei um ponto-de-interrogação. Pensei no som sulista, nasal e meigo de Dorie Stevenson. *Um par de brincos de pérolas que ela usava todo dia...* Eu escrevia freneticamente, tão encantada quanto exausta. Talvez Kitty estivesse fazendo sexo com homens por dinheiro. Talvez fosse isso que eles lhe davam, e os

garotos da faculdade não podiam dar. E se Philip era mesmo um desastre no trabalho, como Ben me disse, talvez ela ainda precisasse de dinheiro.

Senti meu pulso acelerar ao imaginar: Kitty somando os valores dos estudos numa escola particular, a hipoteca de seis dígitos, os carros, as roupas, férias tomando sol ou esquiando, dúzias de coisas que você precisa para sobreviver bem em Upchurch, e perceber que a única forma de ter tudo era suplementar sua escrita como ghost-writer com ocasionais tarefas vespertinas discretas, que terminariam com algumas notas de cem na mesa de cabeceira. Fiquei imaginando se Dorie sabia, ou desconfiava, do que sua antiga companheira de quarto estava fazendo. Fiquei pensando como Tara Singh se sentiria ao descobrir que sua inimiga mortal, ghost-writer, tinha pés de barro, e várias partes do corpo para alugar.

De volta a Upchurch, a garagem estava vazia e a casa, escura. Fiz nuggets para o jantar, dei banho nas crianças, li a história da Chapeuzinho Vermelho e coloquei todo mundo na cama. Eu estava sentada no sofá com meu caderno e meus nuggets quando o telefone tocou.

— Alô?

— Kate? — Levei um minuto para ligar a voz profunda ao rosto de Denny Holdt. — Desculpe incomodá-la, mas eu queria saber se você viu a Lexi.

Fiquei pensando. — Na festa. Antes disso, nas aulas de patinação. — Ela estava com Brierly junto ao peito, embrulhada em seu pano colorido da Guatemala, enquanto Hadley praticava patinação de costas. Lexi e o bebê estavam com gorros vermelhos e dourados de lã, com protetores de orelha, por cima dos cabelos louros. Ela tinha recusado um gole do meu chocolate quente da máquina, tirado uma imensa maçã verde do bolso e comido.

— É — disse Denny, um pouco áspero. — Ela não voltou para casa ontem à noite.

Ai meu Deus, eu pensei, lembrando do que Stan me dissera na delegacia, que Lexi achou que estivesse sendo seguida. — E as crianças, estão bem? O bebê?

— Não, não, as crianças estavam com uma babá. Brierly está bem aqui comigo. E Hadley... Hadley, pare com isso! — Houve um grito e o som de alguma coisa se quebrando. Quando Denny voltou ao telefone, parecia meio sem fôlego. — Desculpe, ele fica se balançando na varanda.

— Tinha algum bilhete ou recado?

— Não. Nada. Cheguei em casa às oito e as crianças estavam na cama, dormindo. A babá disse que não sabia aonde Lexi tinha ido e que ela não disse a que horas voltaria. Nada foi tocado nem levado.

Nenhuma mala sumiu, nem sua roupa, nada. Sua bolsa sumiu e o carro, mas todas as suas joias estão aqui e... *Hadley, o que eu falei sobre isso?*

Outra batida, um grito agudo e lágrimas barulhentas. Demorou mais tempo para que Denny voltasse ao telefone.

— Desculpe.

— Acho que você deve ligar para a polícia — recomendei.

— Eu liguei — ele respondeu. — Disseram que não podem fazer nada até que ela esteja desaparecida há quarenta e oito horas, mesmo com... com tudo o que tem acontecido.

— Você não tem nenhuma ideia de onde ela possa ter ido?

— A mãe dela não teve notícias. A irmã também não. Ela não atende o celular, então estou ligando para suas amigas. *Hadley, pare agora mesmo!*

Mais uma batida, mais gritos. Imaginei Lexi em minha festa, com os ombros tensos, contraindo as panturrilhas, enquanto eu via Philip tocando o cabelo de Janie. — Perdoe-me por perguntar.

— Não. Não, por favor, seja o que for... — Ele baixou o tom de voz. — Se ajudar a encontrá-la...

Falei depressa, antes de perder a coragem. — Você e Lexi estavam

tendo algum problema?

Houve uma pausa desconfortável. — Estava tudo bem — ele respondeu, secamente.

— Ótimo, ótimo. Ouça, tem algo que eu possa fazer para ajudar? Alguém para quem eu possa ligar?

— Não. Não, você era a última em minha lista.

Não me admira, pensei, quando Denny Holdt desligou, sem dizer tchau. Virei o telefone na mão por um minuto, depois liguei para o número dos Cavanaughs. Philip atendeu no quarto toque.

— É Kate Klein. Acabei de falar com Danny Holdt.

— O Denny me falou — disse Philip. — É horrível. — Ele parecia sincero. Seu tom era o que se esperava de um vizinho preocupado de verdade, ao contrário de alguém que teria picotado Lexi em pedacinho e guardado seus restos em sacos de freezer. Por outro lado, eu lá tinha alguma ideia de como um assassino em série falava?

— Como está você? — perguntei.

— Ah, me mantendo ocupado — respondeu Philip. — Vou tirar uma licença do trabalho e me encontrar com as meninas na Flórida amanhã.

Assenti, lembrando. — Elas estão com seus pais?

— Minha mãe — disse ele. — Meu pai vai ficar por aqui e segurar as pontas.

Desejei boa viagem e disse que eu e meus filhos desejávamos tudo de bom para suas meninas.

Depois desliguei e escrevi *Philip foi para a Flórida* em meu caderno, pensando que eu não me espantaria em nada se ele não estivesse viajando sozinho.

Lá em cima, Sophie tinha jogado as cobertas e estava deitada esparramada, com seu pijama de listrinhas cor-de-rosa e brancas, uma miniatura do pijama da tia Janie, com a Uglydoll vestida igual, presa em seu braço. Sam dormia virado para a esquerda, Jack para a direita, juntinhos, na cama de baixo do beliche, do jeito que eu imaginava que

eles dormiam quando ainda estavam dentro de mim.

Pé ante pé, passei por cima dos caminhões e blocos de montar e me abaixei para beijá-los. Depois desci, peguei o telefone e liguei para Carol Gwinnell, a que menos me intimidava das quatro supermães de Upchurch, que estavam sumindo, para perguntar se ela tivera notícias de Lexi.



CAPÍTULO 32

— EU OUVI — BEN COMEÇOU A FALAR, quarenta e cinco minutos depois — que hoje você viu meu cliente.

Desviei os olhos do computador, no qual eu estava pesquisando mais sobre as colunas de Laura Lynn/Kitty, e ergui as sobrancelhas. — Perdão? — perguntei, educadamente.

Ele exalou o ar, impaciente. — No comício, Kate.

— Ah — falei, digitando, sem olhar para ele. — Ah, sim. Nós tivemos uma conversa.

— Bem, eu também tive uma conversa com ele — explicou Ben, jogando uma pasta de arquivo na mesa, ao meu lado. — A maior parte da conversa foi para convencê-lo a não dispensar a B Squared Consulting.

— Você ainda quer trabalhar para ele? Eu não deveria estar surpresa.

— Você é inacreditável, sabia? — ele rugiu.

— Sim, mas ser inacreditável não é crime. O sujeito tem um álibi? — perguntei.

Ben apontou para a pasta. — Na hora do assassinato de Kitty Cavanaugh ele estava almoçando.

— E há testemunhas de seu almoço?

Ben parou. — A amante dele.

— Bravo para o Ted — eu disse. Fechei o computador e olhei as páginas. Havia uma foto de um prédio, uma cópia da carteira de habilitação de uma tal Barbara Downing, cabelo louro, olhos azuis, 1,75 metro de altura, 36 anos. Fiquei me perguntando se nos momentos íntimos ele a chamava de Barbie. Folheei as páginas à

procura de outras fotos, mas só encontrei algumas imagens granuladas do candidato saindo de seu carro e entrando no prédio. — Ora, nada de nudez?

Ben se retraiu.

— Só porque ele tem uma amante, e só porque ela vai jurar o que ele mandar, não significa que não foi ele.

As narinas de Ben tremulavam. — Você acha que ele arranjou tempo para dirigir até Upchurch, assassinar uma mulher, se limpar e voltar a Nova York para sua reunião, antes do jantar, em Westchester?

— Em alguns dias — falei, com ternura — eu levo as crianças à Red Wheel Barrow de manhã, lavo três máquinas de roupa, pego suas peças no tintureiro, troco o óleo do carro, passo no mercado, pego as crianças, dou almoço no carro para chegarmos à aula de artesanato às treze e trinta. Se você me dissesse que eu precisava encaixar um assassinato em algum momento, tenho certeza de que eu arranjaría um jeito. — Eu lhe dei um sorriso largo e voltei ao computador.

— Você ainda acha que foi ele? — perguntou Ben.

— Não estou convencida de que não foi. De qualquer forma, havia algo capcioso entre eles dois. A menos que jogar dinheiro seja seu fetiche. — Pela expressão confusa de Ben, deu para ver que, não importava o que Ted Fitch tenha lhe contado sobre minha emboscada no comício, ele não incluiu seu arremesso de vinte dólares em meu colo.

— Kate... — Ben balançou a cabeça e recolocou as folhas na pasta.

— E a notícia — eu continuei — de que ele tem uma amante também não amenizou minha alma. — Essa era uma afirmação grandiosa, de uma mulher que uma vez encontrou massa de modelar em seus pelos pubianos, mas era verdade. Fui até a sala e comecei a desmontar o forte de almofadas que as crianças tinham armado na véspera, e recoloquei as almofadas no sofá. — Lembre-me, mais uma vez: por que mesmo você está trabalhando para ele?

— Porque ele é o melhor candidato — disse Ben. Fiquei olhando

para ele. Ele balançou os ombros.

— Porque todo mundo é sujo. — Ele passou os dedos no cabelo. — Se não é mulher, é álcool. Se não é mulher nem álcool, é um filho preso, ou em reabilitação, ou um divórcio conturbado e uma ex-esposa zangada tentando vender sua história aos tabloides. — Ele esfregou as têmporas. — Bill Clinton mudou a natureza da besta. Depois de Nixon, era preciso ser um garoto de coral para ser eleito, porque a mídia coloca a pessoa sob o microscópio. Qualquer coisa que você já tenha feito ou até pensado em fazer estaria na primeira página. Agora, já não importa o que você fez, contanto que você seja casca grossa e tenha um belo sorriso.

Afofei as últimas almofadas, depois agachei para pegar os blocos do chão. — Você acha que Ted matou Kitty Cavanaugh?

Ele balançou a cabeça, sem nenhuma hesitação. — Nós não somos amigos, mas eu já passei bastante tempo com ele. Já o vi perdendo a paciência, ficando grosseiro. — Ele olhou para baixo; parecia frágil e exausto. Dava para ver as veias pulsando em seus punhos. — Ele não estava muito feliz comigo hoje. Nem com você. Ele é de gritar, talvez de dar uns safanões. Mas não consigo imaginá-lo matando alguém a facadas.

Joguei os blocos dentro do baú de brinquedos. — Então, se não foi ele, quem foi?

Ben passou de novo os dedos no cabelo. — Será que você não pode apenas deixar para lá?

— Não dá — eu disse, levantando do sofá e alisando a almofada onde eu estava sentada. — Não vou deixar para lá.

— Por que não?

— Porque as mulheres desta cidade, mulheres exatamente como eu, estão desaparecendo e morrendo. — Juntei os pincéis endurecidos e os papéis de pintar de cima da mesa de centro. — Agora foi a Lexi Hagen-Holdt que sumiu. O marido dela acabou de ligar.

Ele me encarou, estreitando os olhos. — E daí, você vai investigar

isso também?

Senti a raiva subir, mas mantive a voz leve. — Por quê? Seria um problema para você?

Ele só balançou a cabeça.

— Olhe, eu... —Pousei os equipamentos de artes e artesanato, buscando as palavras. — Sou boa nisso, Ben. E nunca fui boa de verdade em nada.

Ele esfregou os olhos. — Do que você está falando? Você é uma boa mãe.

Até agora, já que nossos filhos ainda têm todos os membros, pensei. — Segundo os padrões de Upchurch, não. Quase nem sou adequada. E essa é a questão. Eu era uma boa cantora, mas não tão boa, não da mesma linha da minha mãe. Eu era uma boa escritora, mas não tão boa quanto a Janie. — Coloquei os pincéis em seu pote de vidro. — Sou boa nisso. Ou acho que poderia ser.

Ele ficou me olhando. — Você quer continuar fazendo isso? — perguntou. — Acha que isso pode ser... — a incredulidade de sua voz era quase insuportável — o quê, uma carreira?

— Bom, eu não sei! Talvez! Quer dizer, em algum momento as crianças vão ficar na escola em horário integral. Vou ter que encontrar algo para fazer. Não vou só fazer aulas de ioga e me candidatar como voluntária no museu de artes!

— Por que não? — perguntou Ben. — Isso não me parece tão ruim.
— Ele me lançou um olhar de avaliação; meu traseiro, em particular.
— Talvez você possa entrar numa academia.

— Nem vou me dignar a responder.

Fiquei na frente de Ben, estendendo as mãos para receber as fotos dos brinquedos de Ted Fitch. Ele deu outro suspiro, entregou, murmurou — Eu desisto — e passou por mim. Ouvi quando ele passou pelo nosso quarto e abriu a porta do quarto de hóspedes, depois fechou.

Eu estava na cama, quase dormindo, quando meu telefone vibrou.

Atendi sem olhar o visor. — Alô?

— Kate? — perguntou Evan. — Está tudo bem?

O ar ficou preso em minha garganta. *Nada*. Eu pensei. *Nada está bem*. — Está tudo bem — respondi.

— Tenho algo para você — ele anunciou.

Sentei na cama. — O quê?

— É sobre Delphine Dolan.

— O quê? — perguntei de novo.

— Acho que seria melhor se eu contasse pessoalmente — disse Evan. — Você pode me encontrar para um drinque?

Pedi para ele me dar alguns dias. — Não me ligue. Eu ligo para você.



CAPÍTULO 33

— ELES PERDERAM SEU EXAME DE papanicolau? — Ben perguntou, durante o café da manhã, três dias depois. — Como?

— Não sei. Acho que acontece, às vezes. Mas o Dr. Morrison disse que pode me encaixar, contanto que eu esteja lá até as nove.

Meu marido balançou a cabeça. — Você precisa mesmo encontrar um médico em Connecticut?

— Mas eu adoro o Dr. Morrison! — Tentei uma expressão de lembrança maternal para conter a culpa que brotava, porque a verdade era que, mais uma vez, a consulta com o Dr. Morrison não estava em minha programação. — Eu poderia encontrar um médico aqui, mas não seria a mesma coisa. O Dr. Morrison foi quem trouxe nossos filhos ao mundo.

Ben ficou me encarando. — Você está se sentindo bem?

— Vou me sentir ótima assim que isso estiver resolvido.

Deixei as crianças na creche. Carol Gwinnell me disse que ficaria feliz em levar os meninos para casa com ela depois da escola, e Gracie ia levar Sophie para a manicure, como um mimo especial, depois ia deixá-la na casa de Carol.

Ben e eu fomos de trem para Nova York, juntos, sentados lado a lado, em poltronas de plástico listradas de laranja e dourado. Ben dobrou seu jornal em três partes precisas. Depois de ler a primeira página, ele me passou, sem comentários. “Mãe de Upchurch desaparecida”, dizia a manchete da *Gazette*, ao lado de uma foto de Lexi com Brierly, recém-nascida, nos braços. A história da capa não me dizia nada que eu já não tivesse ouvido de Denny. Lexi ainda estava desaparecida, a polícia estava procurando e havia um número

para ligações gratuitas, caso alguém tivesse alguma informação; não seriam feitas perguntas. Fiquei olhando pela janela, pensando em Kitty e Lexi, Joel Asch e Ted Fitch, Philip Cavanaugh e os pais de Kitty, que tinham perdido a filha antes que ela tivesse morrido.

— Café? — Ben perguntou.

— Por favor — respondi, e ele me deu sua xícara, depois esticou seu corpo comprido, levantou-se da poltrona e seguiu pelo corredor, com seu terno azul e gravata listrada em azul e vermelho, para jogar o jornal fora. Ele tinha colocado o adoçante artificial de que eu gostava e embrulhado o copo com guardanapos. Mas, quando ele se sentou de volta, sua coxa raspou na minha e ele na mesma hora se afastou e disse: — Desculpe. — Eu queria pegar a mão dele e dizer: *Vamos esquecer isso. Você mata o trabalho, eu falto em meu papanicolau e nós vamos ao museu, depois até Oyster Bay almoçar.*

Alugamos um quarto no Plaza e fazemos amor até precisarmos pegar o trem das seis e onze para casa.

As palavras ficaram entaladas em minha garganta até que o trem entrou na estação. Olhei seu perfil, seu cabelo escuro e sobrancelhas grossas, a mesma boca e queixo bem moldados herdados pelos nossos três filhos. Se ele realmente achava que eu estava esperando que as crianças estivessem no ensino fundamental para aproveitar as manhãs na academia, almoços espetando folhas de alface e cumprimentando amigos com beijinhos no ar, passando as tarde na Saks ou na Nordstrom, comprando trajes de gala para festas a rigor, nas quais eu daria mais beijinhos no ar e espetaria mais folhas de alface, ele não me conhecia. O que tornava improvável cabular o trabalho e ir pro hotel.

— Boa sorte com tudo — disse Ben, gesticulando para minha região inferior.

— Espere — falei, mas ele já tinha sumido na multidão que lotava a Grand Central Station: homens de sobretudo e mulheres cujos tênis rangiam e deixavam marcas cinzentas no chão molhado de mármore. Suspirei, depois desci a escada até o metrô, rumo à minha primeira

parada: café da manhã com Janie.

Janie tinha pedido uma variedade de sanduíches e rosquinhas. Ela havia espalhado tudo em sua mesa, junto com fatias de pão de iogurte embrulhadas em papel encerado e garrafas de água, quando cheguei ao escritório em que trabalhei.

— Sirva-se — disse ela. Ela estava usando uns óculos imponentes de tartaruga, com a marca Prada gravada em cada haste, com lentes transparentes. Janie tinha a visão perfeita, mas, de vez em quando, usava óculos como acessório, quando convinha ao seu propósito. Belisquei ovos e queijo numa rosquinha e olhei em volta. A redação da *New York Night* não tinha mudado muito nos cinco anos em que eu estive longe. O tapete cinza cor de rato tinha sido substituído por algo em tom verde caçador, e os arquivos metálicos desgastados haviam sido transferidos de uma parede para outra, mas, fora isso, era o mesmo lugar.

Fiquei olhando enquanto Sandra, a editora literária, tomava uns goles de sua garrafa promocional *Man Show* e fazia cara feia para o romance de algum babaca, enquanto nossa ex-chefe, Polly, que não tinha envelhecido nem um dia, comprava pretzels e refrigerante de laranja da máquina.

— Ei! — Janie estalou os dedos na frente do meu rosto. — Você está aí?

— Claro. Desculpe. — Eu me recompus enquanto ela pegava uma pasta na gaveta de sua mesa. — O que você tem para mim? — perguntei, enquanto Mark, o editor-chefe, gritava uma palavra que parecia *filho da puta* no celular e chutava a lixeira para o outro lado de seu escritório.

— Bem, eu tive dois dias bem movimentados. — Ela arrumou os óculos e abriu a pasta. — David Linde — disse ela, deslizando a foto de um cara de sessenta e poucos anos, com olhos azuis atentos e rabo de cavalo grisalho. — Um especialista em conserto de instrumentos de corda que mora em Eugene, Oregon. Disse que não fazia ideia de

quem era Kitty Verree/Cavanaugh. Não reconheceu sua foto.

— Você mandou a foto por e-mail?

— Eu mostrei a ele.

— No Oregon?

— Sy me emprestou seu jatinho. Você já foi lá? — perguntou ela.

— É superlindinho! — Essa era uma das coisas que eu adorava em Janie: a forma como ela podia falar de todo o nordeste pacífico como se fosse uma bolsa de noite que ela estava pensando em comprar.

— Nunca ouviu falar dela — repeti, enquanto meu coração começava a murchar e minha história de *sexo por dinheiro com homens mais velhos* começava a se desenrolar.

— Foi o que ele disse. E eu vasculhei todo o seu histórico — explicou Janie, folheando até uma nova página de anotações. — Eles nunca estiveram no mesmo lugar ao mesmo tempo, até onde eu sei. Ele mora no Oregon há tipo vinte anos, e a última vez que esteve em Nova York foi antes de ela nascer.

— Talvez Kitty atendesse em domicílio — falei. Eu já estava apelando e sabia disso.

— Não se preocupe. A coisa melhora — ironizou Janie, deslizando a foto de Davi Linde de volta para a pasta. — Este — apontou ela, tirando outra foto — é Harold Saccio. Oftalmologista do Maine.

Harold Saccio tinha tufos de cabelo encaracolado espetando por trás das orelhas, óculos pesados e um narigão rosa. Se fosse um tiquinho mais corado, seria idêntico ao Sr. Cabeça de Batata dos meus filhos.

— Ele desligou na minha cara quando mencionei o nome de Kitty.

Meus dedos seguraram mais forte na borda da foto. — Interessante.

— Não atendeu nenhuma das minhas dezoito ligações seguintes.

— Nossa.

— Depois ele puxou o capuz do casaco por cima da cabeça quando eu o cumprimentei no estacionamento do prédio do consultório e

ameaçou mandar me prender por invasão.

— Você foi ao Maine?

— O Maine também é uma gracinha — derreteu-se Janie, arrumando os óculos. — Então, ele tentou me despachar. Nessa altura, eu, toda charmosa, mostrei a van de reportagem estacionada do outro lado da rua e disse que ele poderia conversar comigo em particular, ou eu daria o sinal de vá em frente para que eles o filmassem caminhando envergonhado de volta à sua Mercedes.

Meu queixo caiu. — Van de reportagem?

— Amigo de um amigo — disse Janie, com modéstia. — Um cara que me devia um favor.

— Você conhece gente no Maine?

— Eu circulo por aí — disse ela, modestamente, e jogou o cabelo brilhoso por cima dos ombros.

— Então, de volta ao Globo Ocular. Fomos de carro até um restaurante em Portland e ele começou a murmurar. — Ela fez uma careta. — O cara falava como um leiloeiro e tinha um sotaque, estava todo suado e não parava de tirar a roupa.

— Hã?

— Casaco, paletó do terno, gravata... — Ela se retraiu. — Eu estava aterrorizada achando que ele fosse continuar. Eu disse “Você conhece a Kitty Cavanaugh?” e ele começou a contar o que aconteceu há muito tempo, foi uma indiscrição da juventude, blá-blá-blá, não gostaria de discutir a respeito, foi uma época ruim em sua vida, e ele lamenta, e agora está casado e feliz.

Comecei a suar nas mãos e na parte estreita das costas. — Então, ele conhecia Kitty.

— De Nova York.

— Quando?

Ela balançou a cabeça. — Eu não consegui pegá-lo. Nem consegui fazê-lo dizer o nome de Kitty.

Só ficou dizendo que o que aconteceu foi só uma vez, na cidade de

Nova York, e que era tudo passado. Não sei se o passado foi quando Kitty pediu ao Evan que o investigasse, ou, você sabe, duas semanas atrás. Então, quando comecei a forçar pelos detalhes, tipo quando ele a conheceu, quem apresentou, quanto custou... — ela suspirou —, ele ligou para o advogado e me falou que, se eu tivesse mais alguma coisa para perguntar, eu precisaria de uma intimação. E ele me largou com a conta!

— Cretino — eu disse. — E depois de você ir até lá vê-lo.

Janie assentiu, colocando a foto de Harold de volta no envelope. — Bo Baird está morto, claro, o que o elimina da lista de suspeitos.

— Ele, sim, mas Laura Lynn, não — pensei alto. — E se ela descobriu que seu pai conhecia sua ghost-writer no sentido bíblico?

— Conhecia e pagou — disse Janie. — Acho que isso vale a menção ao nosso camarada Stanie.

— E quanto ao Emmett James?

Janie fez outra careta. — Isso não rendeu muito — disse ela, tirando a quarta fotografia do envelope. Se os outros homens estavam em plena meia-idade, Emmett James já estava com o pé na cova. Era miúdo, com calça preta de preguinhas, camisa branca larga e tufo de cabelo branco na careca rosa e inocente como um ovo. Mãozinhas miúdas enlaçadas no colo.

— Emmett James — anunciou Janie —, professor emérito de literatura inglesa, com foco em poetas modernos britânicos e americanos. Noventa e dois anos, mora em New Haven e está na cadeira de rodas. Portanto, não querendo generalizar os portadores de necessidades especiais, acho que ele não é nosso matador... E não consigo imaginá-lo pagando para ter sexo. Pelo menos não neste século.

Observei a foto. — Você perguntou a ele sobre a Kitty?

— Perguntei — disse Janie. — Ou, devo dizer, tentei. O cara é velho mesmo. — Ela deu um gole em seu copo de café. — Ele começou a recitar um poema para mim. Estávamos em seu escritório,

que era tipo livros do chão ao teto, com uma janelinha lá no alto, absolutamente sem luz. Foi bem tipo o Gollum, com o anel.

— Que poema?

— Um da Sharon Olds. — Jamie me entregou a última folha da pasta, a impressão de um poema intitulado “Por que minha mãe me fez”.

Dizia:

*Talvez eu seja o que ela sempre quis Meu pai como mulher,
Talvez eu seja o que ela sempre quis ser, Quando ela o viu pela primeira
vez, alto e inteligente, Ali em pé, no pátio da faculdade, com a Luz forte
masculina, de 1937...*

Parei de ler. — Mil novecentos e trinta e sete?

— Estou lhe dizendo. Ele estava fora de órbita — suspirou Janie. — Eu me senti mal em incomodá-lo.

Concordei, olhando o restante do poema à procura de pistas ou alguma referência à prostituição.

Nada.

*Agora estou aqui deitado, como me deitei um dia, Junto ao seu braço, sua
criatura, E sinto que ela me olha do jeito Que o escultor da espada olhou o
próprio rosto No aço de sua lâmina.*

— O que isso significa?

— É provável que nada — disse Janie. — Quer dizer, o cara era tipo um fonógrafo. Aperta um botão e sai um poema.

— Ele tinha um para você? — perguntei.

Janie baixou a cabeça com modéstia e recitou — *Ela adentra a beleza
como a noite.*

— Muito legal. — Coloquei as fotos e o poema dentro da pasta. — Jamais vou poder agradecer o suficiente por tudo isso que você fez por mim.

— Bem, é por mim também. Minha história.

— Se houver uma — resmunguei. — No fim das contas, vai acabar vindo à tona que foi o carteiro.

— Enfieei a pasta em minha sacola WGBH, que eu trouxera para provar que absolutamente não estava querendo impressionar Evan McKenna.

Janie levantou-se e colocou a mão em meu ombro. — Ei.

Ergui os olhos. — O quê?

Ela olhou no fundo dos meus olhos: — Você às vezes tem aquela sensação não tão boa?

— Hã?

Ela suspirou, me sentou de novo numa cadeira e se sentou. — Estou preocupada com você. Só não sei como falar sobre isso. Como você sabe, eu não sou muito maternal, então, tenho assistido à televisão.

— Você tem assistido a comerciais de televisão?

Seus olhos brilharam. — E a um filme do *Hallmark Hall of Fame*, pelo qual quero crédito. São duas horas da minha vida que jamais terei de volta. — Ela pegou minhas mãos e olhou outra vez em meus olhos: — Sério, Kate, estou preocupada com você.

— Estou bem.

— Como vão as coisas com o Ben? — ela perguntou.

— Tudo certo.

— E as crianças? Não, espere, deixe-me adivinhar — disse ela, fazendo cara de total aborrecimento. — Tudo certo também.

Olhei para minha melhor amiga, enrosquei um cacho de cabelo no dedo e abri o jogo. — Ben me disse que eu preciso de um hobby. Ele disse que eu sou uma dona de casa, não um detetive.

— Ufa.

— Você acha que eu preciso de um hobby?

Janie tirou os óculos e os dobrou cuidadosamente, colocando-os no estojo cilíndrico de couro da Prada. — Eu acho... — ela afinal falou. — Eu acho que quero que você seja cautelosa. Acho que, se alguma coisa acontecer com você ou as crianças...

— Janie!

— Ora, eles já encontraram a Lexi Higgy-Quem? — perguntou ela.

— Hagen-Holdt — corriji e balancei a cabeça. — Não vai acontecer nada com a gente. — Mas mesmo dizendo as palavras, eu não tinha certeza se acreditava. Havia uma frase no poema que ficou empacada em minha cabeça. *Uma mulher alta, corada, amarga, afiada...* Seria Kitty? Seria eu?

— Eu amo você — disse Janie, debruçando-se por cima da mesa para me dar um abraço. — Só quero que fique em segurança. Segura e feliz.

— Eu também amo você — falei. Mas, mesmo ao abraçá-la, mesmo agradecendo por tudo o que ela tinha feito, eu estava dando uma olhada para ter certeza de que as fotos e o poema misterioso estavam seguros em minha bolsa, e eu sabia que agora não tinha mais como parar, nem que eu quisesse.



CAPÍTULO 34

CHEGUEI AO BAR DO TIME HOTEL às quinze para o meio-dia, quando tinha combinado de encontrar o Evan, e vi que teríamos o lugar só para nós. Havia uma dúzia de mesinhas baixas, círculos de pedra polida, cercadas por retângulos excessivamente estofados. Todos estavam vazios. A luz era fraca, o salão dava uma sensação aquecida depois do vento frio de fora. Duas televisões acima do bar transmitiam pôquer com celebridades. Despachei meu casaco, coloquei o gorro e as luvas na bolsa, junto com a pasta de Janie, fui ao banheiro e me olhei no espelho. As luzes eram impiedosas. Minha pele estava pálida, meu cabelo estava destruído e a única coisa que eu tinha na bolsa para remediar a situação era um tubo de batom que devia ser da época em que eu ainda tinha esperança de que Evan e eu seríamos um casal algum dia. Suspirei, molhei uma toalha de papel, passei no buço e embaixo dos olhos.

Depois passei batom nos lábios e um pouco na ponta do dedo, e espalhei nas maçãs do rosto. Olhei para o batom, num tom de rosa perolado, e fiquei imaginando se também serviria de sombra.

Arrisquei outra olhada no espelho e gostaria de ter colocado mais maquiagem antes de sair de casa. Gostaria de ter depilado as pernas. Gostaria de ter deixado Janie me convencer a fazer uma escova progressiva japonesa. Gostaria de estar com uma roupa diferente, algo que não fosse a calça cargo cáqui e o suéter preto que eu achei tão bom quando saí de casa. Gostaria de ter tempo para fazer compras. Gostaria de não ter deixado Sophie gravar *As Aventuras de Elmo em Grouchland* em cima do meu vídeo de *Ioga para Perder Peso*.

Isso é ridículo, eu pensei. Eu era adulta, uma mulher casada, mãe de

três filhos, não uma garotinha de quatorze anos se encontrando com o garoto por quem tem uma queda na sala de ensaio da banda na hora do almoço. Enfieei uma bala de menta na boca, alisei o cabelo, cantarolei algumas frases animadoras de *I Am Woman* e saí pela porta do banheiro.

Evan estava no bar, com os olhos verdes brilhando, do jeito que eu me lembrava nos últimos tempos, em minhas sessões com o chuveirinho, do mesmo jeito de anos atrás, antes de ter partido meu coração, antes da chegada das crianças, antes que meu marido começasse a tomar decisões unilaterais quanto ao local onde viveríamos e ao que eu teria permissão para fazer com meu tempo.

Antes que eu me tornasse invisível. *Boa noite, Sr. Estranho.*

— Até que não está muito cheio para o almoço — comentei, ao passar pelas mesas vazias em direção a ele.

— Kate — disse Evan, e sorriu, me dando uma olhada, me analisando. Sua mão estava meio trêmula quando ele pegou seu copo e caminhou até a mesa do canto dos fundos do salão. Eu me sentei, sentindo o rosto corar e o coração disparar. Evan sentou-se a meu lado e colocou sua bebida em cima de um guardanapo.

— E aí, o que conseguiu? — perguntei.

Ele sorriu para mim. — Conte você primeiro.

Balancei a cabeça. — Conte-me sobre os Dolans — pedi.

— Bem, o Kevin não estava tendo um caso com a Kitty. De tudo o que consegui descobrir, ele é completamente dedicado à esposa, e sempre foi desde que se casaram.

Assenti, me sentindo decepcionada, porque minha teoria sobre Kevin gostando de Kitty não era verdadeira, e ao mesmo tempo feliz porque pelo menos um casamento de Upchurch parecia ter bases sólidas.

— No entanto — continuou Evan —, Delphine Dolan não existe.

— O quê?

Ele tirou um pedaço de papel do bolso, a cópia de uma certidão de

casamento. Kevin Dolan e Debbie Farber.

— Debbie Farber?

— Nascida em Hackensack, Nova Jersey. Ela deve ter mudado de nome, ou apenas passou a chamar a si mesma de Delphine. — Ele dobrou o papel de novo. — Agora, você.

Eu me remexi em meu retângulo e contei a ele sobre o desaparecimento de Lexi Hagen-Holdt e também sobre Ted Fitch — o que ele havia dito, o que ele fizera, o que descobri sobre ele (deixando de fora que descobri isso entrando escondido no escritório do meu marido com a desculpa de redecorar).

— Você acha que Kitty era prostituta? — perguntou Evan quando um garçom trazia copos de água e eu pedi um refrigerante que sabia que custava oito dólares.

— Acho que naquele ponto de sua vida ela talvez estivesse dormindo com homens em troca de coisas — respondi, lembrando os brincos de pérolas dos quais Dorie me falara, imaginando por que uma mulher como Kitty se venderia por qualquer coisa, e por que teria se vendido tão barato.

— Então, uma prostituta — resumiu Evan.

— Não oficialmente — respondi.

— O quê? — ironizou ele. — Ela não se filiou ao sindicato?

Eu gemi e fechei os olhos.

— Pare de se esforçar tanto para pensar — disse ele, e pousou uma mão quente no meio de minhas costas.

Em minha cabeça, eu empurrava a mão dele, de um jeito firme, mas bem-humorado, abria a pasta de Janie e nós prosseguíamos para uma análise mais profunda dos homens que ambos estávamos investigando. Em minha cabeça, eu me levantava, pegava minha bolsa, agradecia com um breve aperto de mão e prometia manter contato. Em minha cabeça, eu pegava o trem das quatro de volta para Upchurch e chegava em casa a tempo de preparar um jantar saudável para minha família, com proteína magra e grãos integrais, de dar um

banho individual em meus filhos, esfregando a banheira entre uma criança e outra, de ler historinhas para eles, dar abraços e beijos e estar em minha cama até dez horas, quando eu reacenderia minhas relações matrimoniais com meu marido, numa chuva de perdões e promessas de melhora imediata.

Na vida real, deixei Evan inclinar minha cabeça para trás. Fechei os olhos e abri a boca, e, quando ele colocou os lábios nos meus, primeiro de modo suave, depois com mais força, eu retribuí o beijo, recostando em seu corpo, sentindo o calor de sua pele, tão perto que eu ouvia seu coração batendo, e foi exatamente como eu me senti na primeira vez que ele me beijou. O bar pouco iluminado, o Time Hotel, o assassinato de Kitty Cavanaugh e a possibilidade ilícita da vida dupla, a cidade inteira, o mundo inteiro recuou como uma onda, deixando apenas nós dois, com os braços ao redor um do outro.

Evan recuou, ofegante. — Nós podemos ir para um quarto — falou.

Eu me afastei. Meus lábios estavam inchados, meu rosto estava vermelho, meu corpo inteiro estava tremendo de desejo e eu sabia que, se nós ficássemos ali mais um minuto, com ele me beijando assim, eu perderia todo o poder de raciocínio.

— Não. — Eu me levantei, hesitante. — Não posso.

— Pode — disse ele, e segurou minhas mãos. — Você pode fazer o que quiser. Eu gostaria... — A voz dele foi sumindo enquanto eu limpava meus lábios com um guardanapo de papel molhado na água gelada. — Eu gostaria que tudo tivesse sido diferente conosco.

Se desejos fossem cavalos, os pedintes cavalgariam. Dei um puxão em meu gorro vermelho, cobrindo o cabelo, e calcei minhas luvas vermelhas de lã. A esquerda prendeu na pedra do meu anel de noivado. — Preciso ir para casa.

Ele assentiu. — Você vai me ligar?

— Eu...

Ele se levantou e arrumou meu gorro, depois beijou a ponta do

meu nariz. — Vou ficar pensando em você.

— Tchau, Evan — eu disse, sabendo que também pensaria nele.



TERCEIRA PARTE - Boa noite, Sr. Estranho



CAPÍTULO 35

A CASA DE CAROL GWINNELL CHEIRAVA a torta de maçã quando bati na porta, às cinco e meia. — Mamãe! — meus filhos gritaram, atravessando a cozinha correndo e se agarrando às minhas pernas. Carol acenou do fogão.

— Vocês se divertiram? — perguntei.

— Sim! — disse Sam.

— Sim! — disse Jack.

— Obrigada pela tarde adorável — agradeceu Sophie, educadamente, antes de pegar minha mão e olhar para a porta.

— Um segundo, querida. Eu só quero agradecer a Sra. Gwinnell.

— Ah, de nada! Pode vir sempre! — respondeu Carol. Ela baixou o tom de voz enquanto meus filhos vestiam seus casacos. — Ninguém ouviu nada sobre... Nada. Ligue quando chegar em casa, está bem?

— Você acha que a mesma pessoa que... — falei num sussurro — matou Kitty está ligada a Lexi também? Quem elas conheciam em comum?

Carol enrugou o nariz e seus brincos tilintaram de leve. — Todo mundo. Mesma escola, mesma igreja, mesmos amigos, mesmo pediatra, mesma academia... — Ela olhou além de mim, para sua sala, onde a televisão estava ligada na CNN com o volume no mudo. — Tenho que começar o jantar.

Ligue quando estiver em casa, está bem?

Prometi que ligaria, depois levei as crianças para o carro, com Carol em pé sob a luz da porta, usando um avental listrado de vermelho e branco, nos vendo sair de carro.

— O Charlie não puxa a descarga quando termina — Sophie

cochichou quando eu prendi seu cinto de segurança e entreguei a cada um dos meninos um pedaço de doce de Halloween, que eu deixava no porta-luvas para ocasiões assim.

— Hum, isso não é muito bacana.

Ela abanou a mão, já entediada com a conversa. — Posso comer *kimchee* no jantar?

— Claro — respondi. — Claro.

Cheguei em casa, tranquei a porta e avisei Carol de que tínhamos chegado bem. Dei jantar para os meninos (cachorro-quente de salsicha de peru para Jack e Sam e *kimchee*, que eu tinha pedido no Zabar 's, para Sophie), dei um banho em todo mundo e li Cinderela, de que os meninos fingiram não gostar.

Às oito e meia, quando estavam todos dormindo, tomei um banho, vesti uma camisola larga e uma calcinha nem vem que não tem, sem elástico numa perna, e fui até o quarto das crianças, para ter certeza de que todos estavam dormindo. Quando entrei embaixo das cobertas e fechei os olhos, tive certeza de que era só para fazer de conta. Eu não conseguiria dormir, assim como não conseguira evitar beijar Evan McKenna. Quando acordei, o granizo batia no vidro da janela, meus filhos estavam brigando por alguma coisa e, a julgar pelo travesseiro amassado e o edredom remexido no quarto de hóspedes, meu marido tinha vindo e partido sem que eu sequer notasse.

— Ai, meu Deus — Janie deu um gritinho no celular. — Você não fez isso!

— Não fiz — eu disse, enquanto minha barriga revirava devagar. Cortei fatias de pão de canela e coloquei no prato, na frente de meus filhos. A dimensão do que eu cheguei tão perto de fazer bateu só de manhã mesmo, mas veio com tudo — ou isso, ou a culpa enfraqueceu meu sistema imunológico.

Desde que eu me levantara, minha barriga estava doendo, e eu corria para o banheiro a cada dez minutos, para diversão dos meus filhos. — Mas eu queria fazer.

Ela parou. — Eu ainda posso mandar deportá-lo.

— Não se preocupe. Nunca mais vou voltar a vê-lo. — Eu tinha decidido isso no trajeto de trem de volta para casa. Eu não tinha sido feita para o adultério. Estava me sentindo horrível, culpada... E, pela logística, não daria certo. Ficar circulando escondido já estava me esgotando. De forma alguma eu conseguiria inventar mais desculpas para ir a Nova York. Ben talvez engolissem que o consultório do Dr. Morrison tinha perdido meu material para o papanicolau uma vez, mas duas não.

— Você ainda o ama? — perguntou Janie.

Eu gemi em resposta.

— Ainda ama o Ben?

Gemi mais alto. — Que diferença faz? — repliquei. — Sou casada. Tenho filhos.

— Acho que hoje em dia eles deixam você se divorciar mesmo tendo filhos. Não que eu a esteja incentivando a se divorciar — ela logo acrescentou.

— Claro que não — eu disse. Estiquei a mão para pegar meu copo de água com gás e me forcei a dar um gole. — Foi só uma vez. Eu precisava da ajuda dele.

— E ele ajudou.

Consegui dar outro gole. Depois segui para o banheiro, com as pernas trêmulas, e me sentei no vaso, imaginando como isso tinha acontecido, como eu tinha me transformado, da noite para o dia, no tipo de mulher que sempre jurei que jamais seria. Uma mentirosa. Quase uma traidora. Alguém que jogaria fora um casamento e desmancharia uma família em troca de emoções baratas num hotel.

— Ele descobriu que Delphine Dolan não existe.

— Hã? Ela parecia bem real na sua festa.

— Não é seu nome verdadeiro — expliquei. — É Debbie Farber.

— Ah — disse Janie. — Bem, nesse caso, ligue para o Stan e peça para prendê-la agora mesmo.

Eu me despedi, desliguei e voltei para a cozinha, onde as crianças estavam brigando pelos lápis de cera, ou pela casa de bonecas, ou pelos álbuns de figurinhas idênticos que eu tinha comprado para elas em Nova York. — Não — Sophie gritou, balançando um pedaço de torrada como se fosse um martelo de juiz. — Não, seu bebê cagão, me devolve!

Kate Klein, esta é a sua vida, pensei, tentando resolver a mais recente batalha na guerra dos lápis de cera Crayola.

Acendi o fogo da lareira da sala e joguei três rodadas de *Chutes and Ladders* e quatro de *Candy Land*. Esquentei canja enlatada para o almoço, sabendo que todas as mães de Upchurch, incluindo a minha camarada confeitadeira de tortas Carol Gwinnell, provavelmente estavam dando sopa caseira para seus filhos.

Quando o sol fraco irrompeu pelas nuvens, lavei as mãos e rostos, deixei a louça na pia e coloquei todo mundo na minivan. O chão ainda estava molhado, mas a temperatura tinha subido e passava dos dez graus, com um ventinho soprando. Imaginei que deveríamos brincar, enquanto podíamos. Os meteorologistas já tinham alertado para vinte centímetros de neve no fim de semana.

Havia duas vans de reportagem na esquina da Apple Dell, onde Lexi morava, e uma terceira que eu vi, de canto de olho, estacionada na frente da casa dos Cavanaughs, na Folly Farm Way. No parque, as mães de Upchurch estavam bem juntinhas, perto do balanço, falando baixinho, desviando os olhares para todos os lados, para ter certeza de que nenhum dos garotos agasalhados que arremessavam bolas de neve estivessem de orelha em pé.

— Você ouviu? — Rainey Wilkes perguntou. Ela estava com a filha Lily dentro de um BabyBjörn, embora Lily já tivesse quase dois anos (quase um ano e pelo menos cinco quilos a mais que o recomendado pelo fabricante. Entre a limitação de seu conjunto de neve azul-claro e o Björn, a pobrezinha da Lily não conseguia nem balançar os bracinhos).

— É a Lexi? Alguém... — engoli com força. Não conseguia perguntar se alguém a encontrara, pois parecia que eu estava falando sobre um cachorro perdido... Ou um corpo. — Ela voltou? — perguntei.

Rainey balançou a cabeça. — Ouvi dizer que eles chamaram o FBI. Estão procurando na floresta ao redor da casa dela. — Ela parou, engoliu em seco e baixou o tom de voz. — Estão com cães farejadores também. Eu vi esta manhã.

Pressionei minha mão enluvada nos lábios. Não pude evitar imaginar Lexi do jeito que eu havia encontrado Kitty — esparramada de bruços, numa piscina de sangue frio, com uma faca espetada entre seus ombros musculosos.

Eu me deixei cair num banco. Sam e Jack, com os bonés vermelhos que Janie tinha comprado para eles, estavam brincando de pirata atrás dos balanços. Enquanto eu olhava, eles brandiam espadas imaginárias e rugiam um para o outro. Sophie, com seu gorro rosa, tinha sido chamada para brincar de pique-esconde. Carol Gwinnell sentou-se ao meu lado, segurando a bolsa bordada no colo.

— Rob quer colocar a casa à venda — disse ela. Enfiou a mão na bolsa, exalando uma onda de *patchouli*, e eu tive o vislumbre de algo impensável: um maço de cigarros vermelho e branco. Ela tirou uma bala de caramelo e enfiou na boca. — É como se tudo tivesse estragado aqui. — Seu riso foi agudo e ruidoso. — Não consigo parar de comer. Ontem à noite, comi um saco inteiro de M&M's.

— Para onde você vai?

Ela balançou os ombros, amassando o celofane da bala. — Talvez para White Plains ou New Canaan. Algum lugar com boas escolas, que não seja longe demais de Nova York. — Ela se aproximou mais. — Não somos os únicos — disse. — Liguei para uma corretora e ela disse que eu era a terceira só naquele dia. — Ela enfiou a mão na bolsa outra vez. — Caramelo?

— Obrigada. — Chupei minha bala, me sentindo infeliz e

anestesiada, e ouvi os sussurros ao meu redor, as supermães de Upchurch digerindo a informação de que seu pequeno Éden não era o paraíso, no fim das contas. Na verdade, essa conversa era quase reconfortante. Ela me levou de volta aos meus tempos de Nova York, quando as outras mães estavam desnorteadas e exaustas como eu, onde toda semana parecia que o casamento de alguém estava com problemas, onde os maridos perdiam seus empregos, ou reclamavam sem parar dos empregos que tinham, onde as esposas alimentavam paixões e risadinhas por seus obstetras, ou encanadores, ou algum antigo namorado que tinha voltado à cidade, mais bonito do que devia.

— *Mamãããããeee!*

Cada uma de nós girou. Sophie estava encolhida no pé do escorrega, segurando a barriga.

Eu levantei e corri mais depressa do que nunca, catando Sophie nos braços.

— O quê? O que aconteceu?

— Minha barriga está ruim — ela gemeu. Então, ela tossiu e vomitou por cima da jaqueta de pelo de carneiro que eu enfim tinha comprado, para tentar ter a mesma aparência de todo mundo do playground.

— Ah, Soph, que chato. Venha, vamos para casa. — Coloquei todo mundo no carro. — Vocês estão bem? — perguntei a Sam e Jack.

— Minha barriguinha dói — disse Jack. Sam apertou a barriga e gemeu. Minha nossa, seria uma tarde cheia de emoções.

Passei no mercadinho e fiquei no estacionamento, com a cabeça apoiada nas mãos. Será que levava as crianças lá dentro? Será que as deixava trancadas no carro, por dois minutos, tempo que eu levaria para comprar um caldo de galinha e biscoitos de água e sal?

Eu não podia fazer isso. Engatei a marcha e segui para casa, onde passei as quatro horas seguintes levando crianças doentes para o banheiro, lavando roupas e lençóis e limpando a mancha do tapete do

quarto dos meninos — Sam não conseguiu chegar ao banheiro a tempo.

Até as cinco horas, os três tinham pegado no sono. Passei a roupa da lavadora para a secadora, tirei o suéter fedorento e liguei o computador.

Eu disse a mim mesma que passaria cinco minutos vendo as notícias — no site da *Upchurch Gazette*, ou até na CNN.com — para checar se havia algum novo boletim sobre as mães desaparecidas em Upchurch. — Você tem uma nova mensagem — disse meu computador. Meu coração parou quando eu vi o que estava no topo da minha caixa de entrada. “De: Evan McKenna.

Para: Kate Klein. Assunto: Você.

Como sempre, Evan era sucinto e objetivo. — Sinto sua falta. Quando posso vê-la?

Ai, Deus. Ai, Deus. Apertei deletar, depois esvaziei a lixeira, depois, para garantir, deletei os arquivos temporários. Então, apertei reiniciar e esperei. Eu tinha que falar para ele me deixar em paz.

Mas quais seriam as consequências morais e éticas de quebrar minha promessa de nunca mais falar com ele, para dizer que eu nunca mais queria falar com ele?

Fiquei em pé, na frente da escada, ouvindo. Nenhum som. Então, levei o celular para a garagem, bem distante, para não sentir estar maculando meu lar com infidelidade, mas perto o suficiente para conseguir ouvir as crianças se elas precisassem de mim. Sentei no concreto frio, com as costas coladas na minivan. Por fim, digitei o número dele.

Evan atendeu no primeiro toque. — Kate.

Senti minha boca retrair e meus joelhos tremerem com o som do meu nome saindo de sua boca.

— Por favor, não me mande e-mails — disparei.

— Tudo beeem — ele disse, arrastado. — Então, como vamos manter contato? Sinais de fumaça?

Telegramas cantados?

— Nós não vamos manter contato — respondi. Minha postura teria feito jus a inúmeras heroínas de filmes de ação da pesada. Eu quase parecia falar sério. — Não temos motivo para manter contato.

— Nem mesmo pela simples troca de informação?

Recostei no carro. — Que tipo de informação?

— Uma bela fofquinha sobre Delphine Dolan, também conhecida como Debbie Farber — lançou ele. — É coisa boa. E alguma informação sobre sua vizinha desaparecida.

— Conte.

Ele riu. — Preciso lhe dizer uma coisa, Kate. Estou me sentindo meio usado.

— Conte!

— Bem, o negócio é o seguinte: não há muito que “contar”, é mais “mostrar”. Vá me encontrar no fim da sua rua, hoje, meia-noite.

Minha cabeça girava. — Não posso... O Ben tem chegado em casa tarde... Todas as crianças estão doentes...

— Então, tudo bem. Amanhã, meia-noite.

— Evan. Evan! — Eu estava falando com o sinal do telefone. — Merda. — Virei para entrar de volta em casa, e ali estava Sophie, com a Uglydoll, um estetoscópio de plástico pendurado no pescoço da boneca e mechas suadas de cabelo coladas em seu rosto.

— Você falou a palavra com M — repreendeu ela.

— Disse — eu falei, me sentindo mole de tanta culpa. — Isso não foi bom.

— Por que você está aqui?

— Eu tinha que fazer uma ligação e não queria acordar vocês. — Peguei a mão dela. — Os meninos desceram?

Ela assentiu, séria. — Eu mandei colorir.

Sam e Jack estavam sentados na mesa da cozinha, pintando, num silêncio incomum. — Oi, pessoal!

— Minha voz saiu alta e radiante demais. — Estão todos se

sentindo melhor?

Eles balançaram a cabeça, sem muita animação.

— Alguém está pronto para um petisco?

Sam balançou os ombros. Jack fez que sim. — Barrinhas de Rice Krispies? — perguntou Sophie.

Graças a Deus ela ainda estava numa idade em que o afeto — ou pelo menos o silêncio — podia ser comprado com barrinhas de arroz e marshmallow. — Vocês não vão vomitar mais?

Sophie respondeu por todos eles, me olhando séria. — Não, não vamos.

Deixei que Jack despejasse o Rice Krispies. Sam mediu a farinha e Sophie misturou, contando, em voz alta, cada girada da colher. — Um, dois, três, quatro, cinco, seis, Evan. — *Ai, Deus*. Será que eu tinha ouvido errado? Será que ela tinha me ouvido? E se ela dissesse isso na frente do Ben? Será que eu cheguei a dizer ao meu marido que um dia torci para que Evan fosse mais que meu amigo? Talvez eu tivesse ouvido errado, por estar me sentindo culpada e paranoica, e Sophie não tenha dito nada disso. Mas talvez...

— Mamãe?

Sophie estava me olhando, com a vasilha na mão. — Desculpe, meu bem — eu disse, e comecei a espalhar a massa na fôrma.



CAPÍTULO 36

— ALÔ?

— Alô, é Bonnie Verree?

— Sim — disse a voz do outro lado da linha.

— Não sei se você se lembra de mim. Meu nome é Kate Klein.

— *Se você está feliz, bata palmas e peça bis* — disse ela no mesmo instante. Certo, então ela se lembrava.

— Lamento incomodá-la, senhora. — Na verdade, eu lamentava mais por uma porção de outras transgressões, desde meu amasso com Evan McKenna até transformar a missa da filha dela numa cantoria, mas agora não era hora disso. Era domingo de manhã. Ben e eu tínhamos levado as crianças à aula musical de improviso e Ben tinha se oferecido para entrar com elas, enquanto eu ficava na minivan com o celular (eu disse a ele que queria fazer algumas ligações para as moças da vizinhança e ver se havia alguma novidade sobre Lexi). — Eu gostaria de saber se poderíamos falar sobre Kitty.

— Por quê? — perguntou ela. — O que mais há para ser dito? — A voz ficou mais aguda. — É sobre o trabalho de ghost-writer?

— Não. É sobre ela.

Desenhei uma interrogação em meu caderno. — Acho que me sinto responsável, de certa forma.

Eu a encontrei. E ninguém foi preso ainda. E eu... — Essa era a parte difícil. — Acho que nós talvez pudéssemos ter sido amigas. Tínhamos muito em comum. Nós duas morávamos em Nova York.

— Kitty adorava aquilo lá — comentou Bonnie. Sua voz era saudosa.

— Você sabia que ela chamava Upchurch de Terra dos Perdidos?

— Isso não me surpreende — disse a mãe de Kitty. Então, ela suspirou. — Nós ainda moramos em Eastham. Na mesma casa onde Kitty cresceu. Ligue antes de vir e nós conversaremos.

Agradei profundamente, desliguei e estava fazendo anotações de nossa conversa quando surgiu um *toc-toc-toc* na janela. Dei um pulo no banco do carro e bati com a cabeça no teto solar.

— Ai!

Virei e tive a visão composta de Sukie Sutherland. Ela estava batendo sua mão de manicure na janela. Desci o vidro até a metade.

— Está tudo bem? — perguntou.

Dei um sorriso fraco. Minhas mãos estavam tremendo.

— Quer um chá? — ela perguntou, passando o copo de chá de ervas pela janela. Tinha cheiro de urina de gato fervida.

— Não, eu estou bem. — Sukie estava com um gorro de lã bege e protetores de orelha combinando, casaco de lã de carneiro sem vômito e botas de couro de salto alto, totalmente inapropriadas para a neve.

Seu sorriso aumentou. — Então, tudo bem. Vejo você na hora da canção de despedida.

— Até — respondi. Ela abanou os dedinhos e foi embora. Fiquei sentada ao volante mais um minuto, imaginando uma desculpa, ginecológica ou não, que eu pudesse arranjar para passar um dia em Cape Cod.

Naquela noite, na cama, eu sentia um nó por dentro, com um romance de Ruth Rendell na mão, vendo meu marido, que tinha regressado triunfante para o leito conjugal (ou, pelo menos, quarto conjugal) e pendurado sua calça. Ele virou a calça de cabeça para baixo, segurando pela bainha, sacudiu, olhou, sacudiu de novo, para igualar os vincos.

— Que tal o seu livro? — ele perguntou. Suas omoplatas se mexeram por baixo da camiseta branca de algodão.

— Bom. Obrigada por levar as crianças à aula.

— De nada — ele disse, formal. Deu uma última sacudida na calça

e a pendurou no cabide. — Você acha que vai poder levar a roupa no tintureiro esta semana?

— Claro.

— Eu agradeceria.

— Ben, venha cá! — Joguei meu livro no pé da cama. Ele o pegou, fechou e colocou com cuidado na mesinha de cabeceira. Juntei meu cabelo atrás da nuca e disse as três palavras que podem deter até os homens mais fortes: — Nós precisamos conversar.

O rosto de Ben estava sério enquanto ele pendurava a calça no closet.

Respirei fundo e comecei o delicado processo de iludi-lo para me levar até onde eu queria ir. — Sei que as coisas têm andado meio tensas entre nós.

Meu marido fungou, talvez apreciando o quanto minha observação subestimava a situação. Sua expressão era distante, seus olhos escuros estavam tristes. Eu tagarelei o pedido de desculpas que havia ensaiado fazendo o Rice Krispies na véspera. — Desculpe por eu ter ficado tão envolvida no negócio de Kitty Cavanaugh. — *E desculpe por eu ter mentido sobre desistir, e desculpe por eu ter ido escondida para Nova York, e, ah, sim, desculpe por eu ter beijado Evan McKenna.*

Suas costas retas pareceram ter se aliviado bastante. — Eu também peço desculpas.

Pelo quê? Por nos mudar para cá, por ser condescendente quanto à forma como uso meu tempo, por me chamar de dona de casa carente de um hobby, por não me olhar, nem me ouvir, há semanas?

Se havia mais coisas, Ben não disse. Ele começou o processo esmerado de recolocar a camisa no cabide. Ótimo. Em frente. Juntei a cobertura em volta de meu queixo, cobrindo a camisola decotada que eu estava vestindo para a ocasião, que não parecia estar surtindo o efeito desejado.

— Andei pensando que seria legal se nós pudéssemos viajar para algum lugar no Dia de Ação de Graças.

Ele retesou as costas outra vez. — Você decidiu isso agora?

— Poderíamos ir a algum lugar perto. Só uma viagensinha. Talvez Vermont? Poderíamos ver se alguma daquelas pousadinhas tem vaga. Ou então... — eu disse, de maneira casual — Você já esteve em Cape Cod?

— Uma vez — disse Ben. — Há muito tempo. Meu pai me levou quando eu era criança. Nós alugamos uma canoa, eu acho. — A expressão dele abrandou, e eu me senti, se é que é possível, ainda pior do que me sentia quando não sabia que estaria trocando uma das três lembranças que meu marido tinha de seu pai, que havia falecido quando ele estava com apenas oito anos de idade, para ter uma chance de conversar com os pais de Kitty em sua região.

— Aposto que é bem tranquilo nesta época do ano. Podíamos caminhar na praia. Fazer fogueiras.

As crianças iam gostar. É até educativo! — eu disse, acrescentando um pequeno fato que tinha descoberto na internet naquela manhã. — Você sabia que os colonizadores primeiro aportaram em Provincetown antes de seguir para Plymouth Rock?

Ben pareceu impressionado. — É mesmo?

— É. Mas aí eles acharam muito gay.

Achei ter visto uma menção de sorriso, antes que ele balançasse a cabeça. — Mas não é um bom momento para eu me ausentar. — Ele caminhou para o banheiro e fechou a porta. — Tenho muito chão para me recuperar com Ted Fitch.

Eu me retraí. — Mas é Ação de Graças! — gritei, lá do quarto. Nada de resposta. — Até os políticos passam o dia com suas famílias! — Ainda, nada. — Ou com as amantes! — Ben não respondeu. Virei para o lado, fazendo uma bola com meu travesseiro. — Olhe, você sempre disse “Tenha um pouco de paciência, Kate, isso não vai durar para sempre”. E eu tenho sido paciente. Mas a Sophie vai começar o jardim de infância em horário integral no ano que vem. E os meninos estão crescendo, e nós nunca tiramos férias como uma família. —

Fiquei ali deitada, ouvindo o *plic, plic, plic*, enquanto ele passava fio dental nos dentes, me sentindo horrenda por invocar as crianças para meus propósitos nefandos. Ben apagou a luz do banheiro, vestiu a calça do pijama e se deitou na cama, ao meu lado.

— Sabe o Brian Davies? Ele tem uma casa lá e me deve uma. Vou perguntar a ele de manhã.

— Que ótimo! — Eu lhe dei um beijinho no rosto.

Ele se virou para mim, sorrindo. — Quer me mostrar o quanto você está agradecida? — perguntou, pegando meu seio esquerdo por cima da camisola. Quando seus dedos passaram em meu mamilo, senti os lábios de Evan junto aos meus, sua mão quente em minhas costas. Afastei meu marido.

— Não posso — falei

A expressão de desejo de Ben logo se transformou num rosto franzido.

— Por causa do papanicolau — expliquei. — Ainda está sangrando um pouquinho... Não é nada de mais, mas você sabe. Ainda estou com um pouco de cólica.

— Ah, tudo bem — ele respondeu, rapidamente. Deitei de barriga para cima, aliviada e culpada, pensando que não havia nada como a frase *ainda estou com um pouco de cólica* para inibir a libido masculina.

— Desculpe — eu disse. Ben não respondeu. Um minuto depois, ele estava de barriga para cima, com os lábios abertos, roncando.

Virei meu travesseiro, depois chutei o edredom, procurando uma posição confortável, sem encontrar. Olhei o relógio. Onze e trinta e oito. *Não*, eu pensei. *Sem dúvida, não*. Mas foi como se meu cérebro tivesse deixado meu corpo e pairasse em algum lugar acima da minha cabeça, perto do lustre italiano importado que a decoradora tinha escolhido, vendo meu corpo jogar as cobertas, seguir pelo quarto, pé ante pé, pegar a calça de brim que eu convenientemente havia deixado pendurada na poltrona, ao lado de nossa cama. *Isso não está acontecendo*, pensei, enquanto meu corpo vestia a camiseta rosa de

mangas compridas, com decote V, sem sutiã por baixo, e descia a escada, devagarinho.

Vou apenas falar com ele, eu disse a mim mesma, ao enfiar os pés sem meia nas botas, vestir meu casaco de pele de carneiro, desarmar o alarme da frente, trancar a porta ao sair na noite gélida e seguir pela grama. Só vou ouvir o que ele tem a me dizer, depois eu peço que não volte mais. Quer dizer, se ele estiver aqui.

Mas não pude impedir que meu coração disparasse quando vi o carro dele, com os faróis apagados, estacionado no fim da nossa rua sem saída. Não pude evitar andar mais rápido, depois correr, com meu cabelo revoando atrás de mim, os peitos balançando embaixo do meu casaco de carneiro limpo. Eu ouvia todos os barulhinhos — minhas botas esmagando a crosta de gelo que se formou acima da neve, minha respiração ofegante no ar frio noturno. Eu sentia meu sangue cantando ao me aproximar do carro. Vi o rosto de Evan através do para-brisa, sorrindo sob a luz fraca do painel. Acima dele, eu via cada estrela do céu.

Eu havia pretendido ser honesta e manter as coisas no nível profissional. Tinha imaginado começar com um nada paquerador “Então, o que você tem para mim?”. Com certeza tinha pensado que pelo menos ficaria de casaco. Mas, quando Evan abriu a porta, a expressão em seus olhos era tão terna, tão cheia de desejo, que eu me vi com o zíper do casaco aberto e minha pergunta durona abandonada quando ele me puxou para seus braços.

— Não — eu disse, depois do primeiro beijo. — Não faça — eu disse, séria, enquanto ele deslizava as mãos pela minha blusa e gemia, à procura dos meus seios nus. — Pare com isso! — consegui dizer, e me afastei para a segurança do banco do carona.

— Kate.

Nós dois estávamos ofegantes. As janelas estavam meio embaçadas. Olhei para baixo, para evitar olhar para ele — o rubor de suas bochechas, seu cabelo preto, seus olhos, a parte verde-azulada

quase engolindo as pupilas. Foi quando vi o envelope pardo com meu nome.

Engoli em seco uma vez, depois outra, e finalmente consegui dizer, numa voz rouca: — O que você tem para mim? — saiu num tom bem menos profissional do que eu pretendia.

— Lexi — disse ele. — Lexi Hagen-Holdt. Fiz umas solicitações que valeram a pena com a supervisora da creche Upchurch Country Day. Lexi corria todas as manhãs, quando seu filho... — Ele pegou seu caderno no porta-luvas.

— Hadley — eu completei.

— Certo. Hadley ficava na creche. Lexi colocava o bebê num carrinho para corrida e fazia dez, onze quilômetros. Exceto por dois meses antes de Kitty morrer, quando ela começou a fazer um pequeno desvio até o barracão de equipamentos da escola. Lá havia um carro no estacionamento, uma Mercedes azul, registrada em nome de...

— Philip Cavanaugh — arrisquei. Eu estava imaginando Lexi e Philip se apalpando em cima dos colchonetes dobráveis, cercados de bolas de basquete murchas, redes de vôlei rasgadas, enquanto a pequena Brierly tirava uma soneca em seu carrinho. Lexi devia achar todo aquele equipamento superexcitante. — Então, onde está Lexi agora? Em Miami Beach com Phil?

Ele limpou os lábios com as costas da mão. — Nenhuma movimentação em seus cartões de crédito desde que ela desapareceu. Nenhuma ligação de seu telefone. Mas não é só isso...

— O quê?

— Delphine Dolan, ou Debbie Farber. Ela é fichada.

— Pelo quê?

— Proposta indecorosa. — Assim que ele disse as palavras, eu senti os pelos da minha nuca eriçarem. Pronto. Esse era o elo perdido.

— Ela foi presa três vezes em Nova York. Marcando ponto, criando incômodos e fazendo propostas indecorosas com a finalidade de prostituição. E ela fez alguns trabalhos editoriais com o seu antigo

nome. — Ele abriu o envelope e colocou uma revista em minhas mãos. Olhei o título. *Eager Beaver*. Edição da primavera de 1989.

— Nossa.

— Página 37.

Folhee até a página e encontrei Delphine Dolan peladona, exibindo uma imensa cabeleira com permanente e uma listrinha de pelos pubianos, posando com dois sujeitos bem musculosos. O cavalheiro embaixo dela tinha uma tatuagem de escorpião no antebraço e o homem à sua direita tinha cabelo castanho-avermelhado, num corte curto na frente e comprido atrás. Quando virei a página, Delphine estava com dois dedos enfiados num lugar onde damas bem-nascidas em geral não enfiam dedos — pelo menos não com fotografos por perto.

— Vai passando — orientou Evan. — Ela tem uma tatuagem de coração no bumbum.

— Meu bom Deus — sussurrei. — E agora?

— Pegue-a ela sozinha. Faça algumas perguntas — disse Evan.

— Ela dá aula de pilates. — Aposto que eu poderia me inscrever para uma aula particular, ter um papinho com ela.

— Só não faça isso se ela a colocar numa daquelas máquinas. Você precisa ter cuidado.

Fechei a revista. — Posso ficar com isto?

Ele ergueu uma sobrancelha. — A vida de casada está tão entediante assim?

— Eu... — Passei os dedos sobre as palavras brilhosas *Eager Beaver*.

— Não quero falar da minha vida de casada — eu enfim respondi.

— Tudo bem. Não vamos falar. — Seus dedos estavam mornos junto à minha bochecha quando ele virou meu rosto na sua direção. Eu queria tocar cada centímetro dele — suas orelhas, seu queixo, a pele sedosa de seu pescoço. *Evan McKenna*. Ouvi a mim mesma falando seu nome, com uma voz que eu não reconhecia, enquanto minhas mãos percorriam a extensão de suas costas, e as mãos dele se

embrenhavam no meu cabelo.

De repente, o mundo ficou vermelho e azul. Surgiu um único som de *blip-blip* atrás de nós.

Estreitei os olhos para olhar pela janela traseira embaçada, mas Evan percebeu mais rápido. — Polícia — avisou ele, puxando minha blusa para baixo. — Deixe que eu cuido disso.

— Não. Evan, me deixe...

Abrimos nossas portas ao mesmo tempo e saímos na escuridão fria, eu com a camiseta que acabara de abaixar e Evan com três botões abertos da camisa xadrez.

Stan Bergeron nos olhou sob o foco de sua lanterna. — Boa noite, Sra. Borowitz.

Acenei de leve.

— Sr. McKenna.

— Boa noite, seu guarda — disse ele.

— Stan, eu posso explicar — comecei. Naquele momento, a revista *Eager Beaver* escorregou do banco do passageiro e caiu na rua, com um barulho triste. Stan mirou a lanterna na revista. — Também posso explicar isto! — eu disse, frenética. — Delphine Dolan está aí!

Stan olhou para a revista. — Duvido que elaoubesse — ironizou ele.

Tentei de novo. — Lexi Hagen-Holdt estava tendo um caso com Philip Cavanaugh!

Stan mal assentiu. Pela expressão em seu rosto, deu para notar que isso não foi uma revelação.

Tentei mais uma vez. — Você sabia que Delphine Dolan mudou de nome e é fichada por prostituição?

Stan apagou a lanterna. — Você sabia que há um toque de recolher?

— Hã?

— Toque de recolher. Ninguém deve estar na rua após a meia-noite em carros estacionados. — Ele iluminou a placa de Evan com a

lanterna. — Isso é mais para os adolescentes. — Ele escreveu algo em seu caderno e apontou a lanterna de novo para nós, vendo nossa roupa pouco agasalhada.

— A Sra. Borowitz já estava indo para casa — explicou Evan.

— Nós só estávamos conversando — eu disse, sem ação. Olhei para baixo e fiquei horrorizada ao ver que estava retorcendo as mãos.

— E ouça, Stan, se você encontrar o Ben no posto de gasolina, não há motivo para que ele saiba disso. Não estava acontecendo nada. Quer dizer, eu sei o que isso parece, mas...

— Vou acompanhá-la até sua porta, Kate — avisou Evan.

Stan balançou a cabeça. — Não, senhor. Você vem comigo.

Evan olhou para ele, intrigado. — Eu só quero dar boa-noite a ela.

Stan acendeu a lanterna outra vez. Ouvi um clique, depois um tilintar, e percebi que ele tinha pegado as algemas. — Ou você vem calmamente, ou vou chamar reforço e nós vamos prendê-lo.

A voz de Evan era incrédula — Por quê?

— Para começar, há um toque de recolher — repetiu Stan.

— Você vai me prender por estar na rua depois da meia-noite?

— E o seu álibi? — Stan prosseguiu.

— O que tem o álibi dele? — perguntei.

— O que tem o meu álibi? — Evan ecoou. — Eu falei onde estava, eu entreguei os meus bilhetes aéreos, os recibos do hotel...

— O problema é — disse Stan — que o hotel disse que, na verdade, você não esteve lá durante as quatro noites. Você tinha reserva para quatro noites e pagou pelas quatro noites, mas eu afinal consegui que alguém da governança retornasse minha ligação e, no fim das contas, no dia da morte de Kitty você não dormiu no quarto.

Meu corpo gelou. Virei em câmera lenta e olhei para Evan, que ergueu as mãos. — Não é o que você está pensando — eu ouvi. E — Eu fiquei com um amigo. — E, por fim, o refrão dos traidores, talvez assassinos, do mundo todo: — Eu posso explicar!

— Por que não esclarecemos isso na delegacia? — perguntou Stan.

Ele virou de volta para mim.

— Boa noite, Sra. Borowitz.

— Tudo bem — Evan olhou fulminante para Stan, depois se virou para mim. — Não se preocupe, Kate. É tudo um mal-entendido.

Eu o encarava, enquanto Stan o acompanhava até a viatura. — Eu vou ligar para você! — Evan disse, baixinho. O carro foi embora, me deixando ali em pé, tremendo, com meu casaco de zíper aberto, o carro de Evan estacionado na frente da minha casa e uma revista pornográfica caída no chão ao lado. Então, peguei a revista, me virei e saí correndo, atravessei o gramado, abri a porta, liguei de novo o alarme e arranquei as botas. *Sonho ruim*, sussurrei. *Sonho ruim, sonho ruim, sonho ruim*, eu pensava, enquanto subia a escada e me assegurava de que cada um dos meus filhos ainda estava dormindo. De manhã, dei uma espiada pela janela do quarto, com o coração disparado. O carro de Evan tinha sumido e eu fiquei um pouco aliviada ao me deleitar com a breve fantasia de que eu talvez tivesse imaginado o negócio todo. Mas, quando peguei o casaco para ir até o mercado, a *Eager Beaver* ainda estava no bolso e as mangas tinham um leve cheiro de bile.



CAPÍTULO 37

— MAMÃE! — DISSE SOPHIE, esforçando-se para chegar até a frente, até onde o cinto de segurança permitia.

Eu contive um suspiro, estampeei um sorriso paciente no rosto e virei. — Sim, meu bem?

— Jack e Sam querem saber se a gente já tá chegando.

Virei mais um pouquinho e vi que os meninos estavam cochilando em suas respectivas cadeirinhas.

— Soph, eles estão dormindo.

— Eles me perguntaram — ela disse, teimando. — Eles estão curiosos. — Ela tinha aprendido a palavra *curioso* na semana anterior e, desde então, usava toda hora. Mordi o lábio para conter o riso.

Sophie tinha vestido a Uglydoll com um biquíni rosa de crochê, embora eu tivesse dito várias vezes que, mesmo se estivéssemos indo à praia, estava frio demais para nadar. Além disso, não era um boneco?

— Olhe — eu falei, pegando o mapa TripTik que meu marido estava usando para ajudar nas direções do MapQuest —, estamos nesta estrada — eu disse, apontando para a I-195. — Temos que segui-la até chegar a essa estrada... — Apontei a Route 25. — Depois nós vamos passar por uma ponte grande.

Os olhos de Sophie se arregalaram.

— E então estaremos em Cape Cod?

— Sim, mas temos que continuar dirigindo até chegarmos à parte de Cape Cod onde vamos ficar.

— Apontei um ponto azul no mapa. — Truro. Bem aqui, no punho.

— Ah. — Ela pensou nisso por um minuto, depois começou a chutar o banco do motorista, num ritmo cadenciado, na altura dos rins de Ben. Eu sei que deveria pedir para ela parar. Em vez disso, fechei os olhos. Na segunda-feira de manhã eu tinha ligado para Stan, do estacionamento da Red Wheel Barrow, e fiquei sabendo que Evan tinha sido liberado cedo naquela manhã.

— Então, o álibi dele foi confirmado?

— Parece que sim — Stan resmungou. — Vamos checar com uma pessoa em West Palm Beach.

— Uma pessoa em West Palm Beach — repeti, imaginando uma mulher arrasadora de biquíni.

Stan parou. — Você é adulta — ele finalmente disse. — Não tenho nada com a sua vida.

— Stan, não estava acontecendo nada. Eu juro...

— Só tome cuidado — ele aconselhou. Prometi que tomaria. Ainda assim, eu passava cada minuto do tempo pensando em Evan, enquanto Ben trabalhava jornadas de quatorze horas para garantir que Ted Fitch não desse no pé e para que ele pudesse tirar um fim de semana de quatro dias. E se os últimos sete anos de minha vida (e os três filhos que vieram durante esses anos) tivessem sido um erro? E se eu devesse ter ficado com Evan? E se ele fosse todas aquelas coisas que as canções de amor falam: meu único amor? Então, ouvi a voz de Janie em minha cabeça, dizendo que Evan só estava interessado na perseguição, naquilo que ele não podia ter, sendo Michelle ou outra pessoa. E, agora, o que eu deveria fazer quanto a isso?

Fechei os olhos. Quando abri de novo, estávamos virando numa entrada de veículos íngreme, cercada por galhos nus, polvilhados de neve.

— Chegamos! — disse Ben, ao entrar na garagem de um casarão moderno que parecia três imensas caixas de sapato cinzentas viradas de lado.

Olhei para a gigantesca porta envidraçada de correr. — Tem

certeza?

— Aqui. — Ele me passou uma folha de papel com uma foto da casa. Olhei para a foto, depois para a casa, sua fachada cinzenta e com imensas janelas quadradas. — Arram é essa. — Eu parei. — Lugar alegre.

— O Brian diz que a casa dá as costas para o mundo — disse Ben, estacionando o carro. As três crianças tinham dormido. Ficamos sentados, quietos, por um instante, ouvindo os estalinhos do motor esfriando e o vento. — É linda por dentro.

— Vou acreditar na palavra de Brian — falei, saindo do carro e inspecionando as floreiras vazias, divididas em retângulos caprichados e com restos de galhos secos.

— Venha — disse Ben. Ele tinha juntado todas as malas e mochilas, e nossos seis sacos de compras do mercado, incluindo um peru de dez quilos, e começou a levar tudo para a porta da frente. Ele deve ter decidido, ou escrito um bilhete para si mesmo — *Tentar me esforçar mais com minha esposa* —, porque vinha se portando da melhor forma possível ao longo de toda a viagem. Tinha parado quando eu pedi, comprado meus petiscos preferidos (café do Dunkin' Donuts e semente de girassol torrada) e mantido as crianças entretidas, cantando junto todas as músicas de *Dogs Playing Polka*.

— Vou levar tudo lá para dentro. Por que você não vai dar uma olhada por aí?

— Está bem. — Atravessei pelo pátio de pedrinhas e abri a porta de correr da frente. Havia três quartos no térreo, ligados por um corredor de ladrilhos claros. O sol entrava pelas portas e pelos janelões de cada quarto, lançando quadrados dourados e aquecidos no chão.

Subi a escada. — Minha nossa. — O segundo piso inteiro, sala, cozinha e sala de jantar, era um espaço aberto perfilado de portas envidraçadas do teto ao chão, com vista para a baía de Cape Cod.

— Olhe essa vista — disse Ben. Tomei um sustinho quando o rosto

dele passou em meu pescoço.

— Nosso quarto deve ser no fim deste corredor. — Ele pegou minha mão e me levou até um quarto grande, de pé-direito alto. À direita, mais portas de vidro, com vista para floreiras vazias e as montanhas verdes, pelas quais passamos na subida até ali. À esquerda, através de outra parede de porta e janelas alta, havia um pequeno terraço, com uma espreguiçadeira dupla. Logo além, outra vez a água, com ondas calmas batendo na margem contornada de algas. — E olhe para isso!

O quarto tinha seu próprio banheiro, com uma Jacuzzi para dois e um vaso em seu pequeno cubículo presunçoso. — Dá para fazer cocô olhando o mar — comentei.

Ben tirou as mãos de meus ombros. — Mas que lindo comentário, querida noiva.

Livrar-me de minha família na manhã seguinte ao dia de Ação de Graças, acabou não sendo nada difícil. Eu tinha dito a Ben que precisava de algumas horas para lavar a louça e as panelas, e talvez fosse dar uma caminhada. Ele concordou. — Não trabalhe demais — disse, dando uma puxada no anzol que estava preso à culpa que se instalara em meu peito. — Vá devagar — ele recomendou, beijando meu rosto. — Tudo estava delicioso. — Consegui dar um sorriso fraco, enquanto ele colocava as crianças no carro para um passeio até o museu pirata, em Provincetown. Assim que a minivan deixou a saída de veículos, joguei metade de um frasco de detergente na fôrma do peru e na travessa que usei para assar as batatas-doces com marshmallow, enchi a pia com água quente e peguei o telefone.

— Estamos bem na fronteira de Wellfleet e Eastham — afirmou Bonnie Verree.

— Consigo ir até aí a pé?

Ela pensou. — Talvez de bicicleta — disse ela, e explicou como chegar lá. — Você vai levar meia hora.

— Me dê uma hora. Preciso ter certeza de que ainda sei andar de

bicicleta.

Imaginei vê-la sorrindo quando ela falou: — Há coisas que não se esquece.

Fui dar uma volta de bicicleta, escrevi no bilhete que preguei na geladeira. Saí correndo até o quarto, vesti um jeans e uma blusa de moletom e botas de trilha, que eu tinha posto na mala junto com meu casaco de pele de carneiro, lavadinho, meu gorro e luvas de lã vermelha. Graças a Deus a bicicleta que eu tinha visto na garagem tinha ar nos pneus e sua corrente havia sido lubrificada havia pouco tempo. Eu a empurrei subindo a ladeira íngreme da entrada da garagem, com o ar frio pinicando em meu rosto, passei a perna por cima e saí meio cambaleante, ganhando velocidade ao descer uma pista asfaltada, perfilada de árvores imensas e arbustos de mirtilo.

Depois de dez minutos, tirei o gorro e as luvas. Dez minutos depois disso, eu estava ofegante no topo de uma colina, tirei o casaco e o embolei no rack acima do pneu traseiro, com a cordinha extensora que o último ciclista deixou ali. Em mais quinze minutos eu estava descendo outra longa colina, com meu cabelo voando atrás de mim, virei numa esquina fechada e segui pedalando pela cidadezinha de Wellfleet, peguei a Route 6, depois entrei numa ciclovía que me levou até a porta dos fundos dos Verree.

Bonnie e Hugh moravam numa casinha do estilo Cape Cod, com telhas de cedro prateadas. O piso de linóleo imitando lajota, as bancadas de fórmica amarela, a mesa de madeira escura da cozinha e as luminárias do estilo Tiffany pareciam de meados dos anos setenta, tudo estava arrumado e limpo e havia um café forte sendo passado, daqueles de coador já surrado. As pinturas das paredes eram do mesmo estilo daquelas que eu tinha visto na sala de Kitty: radiantes, paisagens marinhas com cores convidativas — azul profundo do oceano, areia dourada, guarda-sóis em vermelho-vivo e laranja, gaivotas brancas pontuando o céu.

Bonnie colocou um cesto de bolinhos de mirtilo na mesa. — Frutas

congeladas — disse ela, quando prendi meu cabelo suado num coque na nuca. — Eu mesma colhi no verão passado. — Ela serviu café num par de canecas de barro e se sentou de frente para mim, junto à sua mesa, me olhando ansiosa.

— Eu descobri algumas coisas sobre sua filha — comecei, e enlacei a caneca com as mãos. — Algumas delas são... Bem... Um pouquinho...

Ela assentiu, baixando a cabeça, como se estivesse se preparando para a guilhotina. Bonnie usava um vestido roxo folgado, uma blusa branca de gola rolê por baixo, um colar de pedras rústicas roxas e meias grossas de lã azul por baixo das sandálias. Seus olhos pareciam em estado de alerta e seu rosto estava meio tenso, como se ela esperasse más notícias. — Pode falar.

— Parece que... Quer dizer, algumas pessoas dizem...

— Apenas diga — Bonnie falou. Acho que nada que eu ouvir fará com que eu me sinta pior.

Não aposte nisso. — Acho que ela podia estar envolvida em prostituição.

Bonnie ficou me olhando, com seus olhos azuis arregalados. Ela se curvou na cintura. Vi seus ombros sacudindo e ouvi os pequenos sons que ela fez. Mas só depois que ela se endireitou, limpando os olhos, é que eu vi que ela não estava chorando. Ela estava rindo.

— Kitty? — ela resfolegou, sacudindo de alegria. — Minha Kitty? Prostituição? Ah... Ah... Isso é simplesmente... Nossa — disse ela, e se dobrou de novo, me deixando ali sem entender nada.

Quando Bonnie enfim recobrou sua compostura e limpou os olhos, me pediu desculpas. Ela me disse, séria, que podia ver que eu tinha me empenhado muito em minha investigação. Estava até bem certa do que havia feito com que eu me enganasse. — Os homens mais velhos, certo? — perguntou.

Assenti, sem fala.

Bonnie suspirou e limpou os olhos mais uma vez. — Ela não estava fazendo sexo com eles e não estava pegando dinheiro deles.

Não importa o que ela possa ter sido, Kitty era a pessoa mais decente que já conheci. Ela nunca quis nada desses homens além da verdade — explicou ela, ao recuar da mesa e seguir até a cafeteira para reabastecer sua caneca.

— Verdade sobre o quê?

Bonnie sentou-se pesadamente à mesa: — Kitty estava procurando o pai.

Acho que meu queixo deve ter caído conforme as peças se encaixaram: a relutância de Kitty em dizer a Dorie o que ela de fato procurava com todos aqueles homens mais velhos. Kitty chorando no almoço com Ted Fitch; Joel Asch olhando para mim com uma expressão que agora eu sei que só podia ser tristeza, me olhando e dizendo que não era o que eu estava pensando, que, afinal, ele tinha idade para ser seu...

— Pai — repeti. Olhei para Bonnie. — Mas...

Ela balançou de leve a cabeça. — Kitty não era minha filha — disse ela. — Ela era filha da minha irmã, Judith.

Havia uma centena de perguntas que eu queria fazer, mas me ative ao mais óbvio. — A polícia sabe?

Bonnie assentiu.

— O que aconteceu?

Bonnie passou os dedos no colar. — Eram os anos sessenta — ela começou —, o que eu acho, deve explicar muito do que vou lhe contar. — Ela ergueu as pedras do peito, depois as deixou cair de novo. — Meu pai... nosso pai era policial. Policial Medeiros. Muito rigoroso. Judith e eu tínhamos que estar em casa até as dez da noite em dias de semana, às onze nos fins de semana e... Só pudemos namorar aos dezesseis anos, não podíamos dirigir nem ir a lugar algum sem supervisão, não podíamos fazer nada... — Ela balançou a cabeça. — Isso não me incomodava muito: eu era mais caseira, mesmo naquela época, e não tinha garotos batendo à minha porta. Mas Judy... — Ela suspirou e balançou outra vez a cabeça, e eu achei ter visto

Kitty naquele gesto triste.

— E quanto à sua mãe? — perguntei.

— Tinha morrido — disse Bonnie. — Câncer de mama. Judy tinha onze anos e eu, nove.

— Lamento — murmurei, e inclinei o café em minha caneca.

Ela assentiu. — Acho que meu pai não teria nos prendido tanto se não tivesse medo de nos perder.

E foi o que aconteceu com minha irmã. Quanto mais ele prendia e mais dizia não, mais ela encontrava seus meios. Ela saía pela janela e ia fumar no telhado, ou saía escondido pela porta do porão para ir a festas com as amigas. Quando fez dezoito anos, ela foi embora de vez.

— Para Nova York — eu chutei e Bonnie assentiu.

— Ela queria ser pintora. — Ela apontou para os quadros da parede. — Todos estes eram dela.

Observei as pinturas com mais atenção. Todas eram paisagens do mar, com água turquesa e areia cor de mel, vistas no nascer do sol, ou durante o dia, pontilhado de guarda-sóis. Nenhuma delas tinha pessoas. Era só o mar, a areia e os pássaros no céu.

— Ela poderia ganhar a vida assim?

Bonnie suspirou. — Em Cape? Acho que sim. Ela teria encontrado uma galeria em Wellfleet ou Provincetown para mostrar seu trabalho. Teria se dado bem. Judy era linda — disse Bonnie. — Ela tinha cabelo comprido escuro, quase até a cintura, e era alta, tinha um belo corpo. Isso talvez compensasse pelo que talvez lhe faltasse em talento. Ela era boa para este lugar, mas não acho que fosse boa o bastante para Nova York. — Ela esfregou os dedos na toalha de mesa xadrez, vermelha e branca. — Acho que há muitas garotas bonitas no mundo, e muitas delas se mudaram para Nova York nos anos sessenta querendo ser artistas, cantoras, atrizes ou modelos. As pinturas de Judy eram boas, mas não eram muito da moda. Todos estavam fazendo abstratos. Nenhuma das galerias queria belas pinturas do mar. Se ela tivesse pesquisado antes... — Bonnie suspirou. — Bem, Judy nunca pensava

nas probabilidades. Ela largou o ensino médio assim que fez dezoito anos e foi morar no Village.

Isso deixou meu pai muito magoado... Mas foi a coisa mais romântica que qualquer uma de nossas amigas poderia imaginar.

Mesmo quarenta anos depois, eu podia ouvir a amargura na voz de Bonnie, tristeza misturada com um pouquinho de rancor e admiração pelo que a irmã mais velha conseguira fazer.

— Aqui — disse Bonnie, pegando uma fotografia numa gaveta, numa escrivaninha de madeira, junto à parede. Vi uma garota alta, esguia, com o mesmo cabelo comprido escuro de Kitty. Ela estava com uma blusa de camponesa, com um decote que mostrava sua pele bronzeada, e uma minissaia deixando suas pernas atléticas à vista.

— Essa foto foi tirada quando ela tinha dezessete anos.

— E o que aconteceu em Nova York? — perguntei. — Ela conseguiu se manter?

Bonnie balançou os ombros. — Meu pai mandava dinheiro para ela, mas eu não deveria saber disso. — Eu não tinha certeza se ela notava a amargura em sua voz. — Judy escrevia contando sobre o prédio sem elevador onde ela morava, suas companheiras de apartamento, os restaurantes onde estava trabalhando. Ela mandava postais com fotos de Nova York — do Central Park, do Empire State Building. — Bonnie estendeu a mão para pegar a foto, eu a entreguei e ela a pôs de volta na gaveta.

— Ela ficou sete anos por lá, e quando voltou para casa estava grávida de seis meses.

— Ela se casou em Nova York?

Bonnie negou com a cabeça. — Judy sempre falava muito, dizendo que o casamento era um instrumento de opressão burguesa, e que queria ter experiências com homens diferentes, do mesmo jeito que queria viver em cidades diferentes, que nunca queria se prender a ninguém, mas eu dividia o quarto com ela. Eu é que a ouvia chorar à noite. Depois de um tempo, ela me disse que tinha se apaixonado pelo

pai do bebê, mas que houve complicações. — Bonnie passou a mão nos cachos grisalhos. — Ele era um homem muito importante. E casado, mas estava tentando se separar. Depois que ele o fizesse, eles ficariam juntos. Ela me falou que ele a amava, e ela sabia que eles ficariam juntos. — A voz de Bonnie falhou e ela colocou a mão nos olhos.

— Você... — eu comecei.

Bonnie balançou a cabeça. — Ela nunca me disse o nome dele. — Ela endireitou os ombros. — Eu gostaria de ter uma foto de Judy, de quando ela estava grávida de Kitty — disse ela. — Ela nunca ficou inchada, nem nos dedos. Eu sei que é clichê, mas ela ficou iluminada. Como se tivesse engolido uma daquelas velas que sempre ficam acesas, ou como se soubesse de algum segredo, algo importante, um segredo delicioso que jamais teria de contar.

— Nossa. — Eu nunca fiquei radiante quando estava grávida. O melhor que eu conseguia era um visual de bochechas rosadas, em geral depois de jogar água fria no rosto, depois de botar os bofes para fora.

Bonnie suspirou. — Mesmo grávida de nove meses, não tinha um garoto que conhecêssemos que não quisesse sair com ela. Eles passavam em casa com presentes para ela: velas aromatizadas, diários, uma almofada bordada que ela tinha visto numa loja em Hyannis, uma caixa cheia de lagostas...

Eu devo ter feito uma careta, porque Bonnie me olhou diretamente nos olhos: — Lagostas custam caro. E era o que Judy queria comer quando estava grávida. Nada de sorvete e pickles, mas lagosta com suco de limão. — Ela alisou de novo a toalha. — Ela não ligava para nenhum deles. Só estava esperando o homem de Nova York. E, depois que teve Kitty, assim que pôde, deixou o bebê aqui e voltou para lá.

Eu não pude acreditar. — Ela foi embora assim?

Bonnie balançou os ombros. — O namorado importante estava pagando seu aluguel no Village.

Ele a queria lá, disponível para ele. Ela voltou para esperar.

— Ele a queria, mas não queria o bebê — confirmei.

A mesa tremeu quando Bonnie se levantou de maneira brusca e levou sua caneca para a pia. Uma luz fraca entrava pela cortina branca de algodão, mostrando as rugas de seu rosto. — Judy era uma tola — ela disse, secamente. — Ela achou, de verdade, que o cara deixaria a esposa para se casar com ela e lhe daria seu sobrenome. Ela morreu acreditando nisso.

— O que aconteceu? — perguntei, embora a dor que eu sentia na boca do estômago já estivesse me dizendo como a história tinha terminado.

— Quando Kitty estava com sete anos... — a voz dela falhou. — Ah, você tinha que ter visto as duas juntas. Kitty adorava a mãe. Ela ficava toda acesa quando Judy vinha para casa, e qualquer coisa que a tia Judy lhe desse... Um globo de neve com o Empire State Building dentro, uma caneca que dizia “Eu amo Nova York”... Era como se fosse um tesouro. Ela dormia com as coisas de Judy ao lado do travesseiro.

Concordei, sentindo minhas pálpebras pinicando, vendo meus filhos, o jeito como correm para a porta sempre que a tia Janie chega com presentes.

— Nós lhe dávamos uma mesada. Dois dólares por semana. Ela nunca gastava um centavo. Nós a levávamos até as lojinhas de doces, em Provincetown, ou no shopping, em Hyannis, e ela nunca comprava nada para ela. Ela fazia cartões de aniversário para mim e para o Hugh, e fazia nossos presentes de Natal. Hugh costumava provocá-la. Ele a chamava de pão-durinha. Mas eu sei para que era o dinheiro. Ela me disse que, quando tivesse idade suficiente, compraria uma passagem de ônibus para ir a Nova York morar com a tia Judy.

— Kitty sabia que Judy era sua mãe?

Ela se jogou na cadeira. Até os cachos grisalhos e as alças de seu vestido pareceram murchar. — Sempre tivemos a intenção de contar a

ela. Quando ela tivesse idade suficiente para entender. Hugh e eu nunca conseguimos concordar sobre quando seria. Kitty descobriu quando tinha doze anos. Um dos velhos amigos do meu pai disse a ela — ela contou, amargurada. — Veio no Natal, tomou uns copos e falou que já passava da hora de Kitty saber a verdade.

— Como ela encarou?

— Ela ficou zangada. Perguntou por que mentimos. Depois ela perguntou por que a mãe não a queria. O que eu deveria dizer? Qual era a resposta para isso? Judy já estava morta a essa altura. — Ela olhou para baixo, para as mãos. — Ela morreu de overdose. Heroína.

— Ah.

Os olhos de Bonnie brilharam pelas lágrimas não derramadas e seus lábios tremiam enquanto ela falava baixinho. — A polícia disse que foi um acidente, ou talvez... Talvez não tenha sido acidente.

Eles nos disseram que a droga não era misturada, que ela tinha tomado o suficiente para matar uma dúzia de homens. Isso nunca fez sentido para mim — disse ela, balançando a cabeça. — Eu sei que Judy fazia umas coisas... Que não eram legais. Sei que ela fumava maconha, sei que tomou cogumelo, mas heroína nunca fez sentido. Ela morria de medo de agulhas. Ela desmaiava no consultório do pediatra toda vez que precisava tomar injeção, e naquela semana... Na semana em que morreu... — Ela pegou uma porção de lenços de papel do bolso e usou um deles para assoar o nariz. — Ela me ligou e disse que o homem afinal ia ficar com ela, e eu encontrei um cartão-postal em sua bolsa, depois que ela... Depois que ela. — Ela engoliu, cruzando os braços. — Que ela estava feliz. Que eles ficariam juntos.

Juntos, pensei, lembrando o postal que eu tinha tirado da gaveta de Kitty. Agora estamos juntos.

Mais feliz do que eu jamais poderia imaginar.

— Qual era o nome dele? — perguntei.

— Ela nunca me disse. E uma vez que ela... Depois que ela... — Ela se recompôs. — Depois que Judy se foi, nós esperamos que alguém

viesses ao apartamento... Ou ao enterro. — Ela limpou os olhos, zangada. — Talvez ele estivesse mentindo. Talvez Judy simplesmente tenha ficado cansada de esperar. Não importa o que aconteceu, Kitty nunca mais foi a mesma depois que descobriu. Nós a perdemos — disse Bonnie. — Ela tirava boas notas, não matava aula, não andava com garotos, mas era como se morássemos com uma hóspede. Ela mal falava conosco, e, quando falava, só queria falar de Judy: onde ela tinha estado, quem ela havia conhecido, com quem ela tinha morado, como ela havia morrido. Havia sempre uma frieza comigo, e era pior ainda com Hugh, como se ela o culpasse mais por não ter sido sincero com ela. Acho que ela nunca confiou em ninguém depois disso. Em nós, com certeza, não. Nem no marido dela. Em ninguém — disse ela, com a voz trêmula, falhando.

— Ninguém, exceto as filhas. Elas vinham aqui... no verão... — Agora ela estava aos prantos, resfolegando entre as palavras, como Sam ou Jack, ou Sophie, depois que eles caíam e se machucavam. — Eu as levava à praia para nadar, nós pegávamos mirtilos e mariscos... — Ela cobriu os olhos com as mãos pequeninas e trêmulas, e ficou ali, por um instante, respirando fundo, até conseguir me olhar de novo. — Kitty assumiu como missão encontrá-lo — disse por fim.

Assenti, recordando as palavras do poema que Emmett James havia recitado para Janie: *Agora estou aqui deitado, como me deitei um dia, junto ao seu braço, sua criatura. E sinto que ela me olha do jeito que o escultor da espada olhou o próprio rosto no aço de sua lâmina.* Kitty tinha crescido para se tornar a espada da mãe.

— Ela me fazia perguntas ao longo dos anos: se eu reconhecia este ou aquele nome; se eu me lembrava de Judy ter viajado de férias — disse Bonnie. — Eu sabia aonde ela queria chegar. Se um homem havia tirado a vida de sua mãe direta ou indiretamente, bem, então esse homem deveria pagar.

— Ela se balançava em sua cadeira.

— Joel Asch era uma das possibilidades?

— Era — disse Bonnie. — Ele havia conhecido Kitty no Village. E, mesmo depois que Kitty me disse que não era ele, ela confessou que ele era bom para ela. Ele deve ter se sentido responsável, de alguma forma, como se não tivesse tido chance de salvar Judy, mas pudesse salvar a filha dela. Você sabe que ele deu um emprego a Kitty. — Ela se remexeu na cadeira, ajeitando o vestido nos quadris.

— A coluna — eu falei. — Ghost-writer.

— “A Boa Mãe” — confirmou Bonnie. — Acho que isso talvez abrandasse algo dentro dela por escrever aquelas coisas sobre mães que partiam. Ela adorava Judith, mas como poderia não se zangar? Sua própria mãe a abandonou. Acho que isso seria algo difícil para qualquer criança.

Foi a minha vez de concordar, lembrando algumas críticas em “A Boa Mãe”, o modo alegremente venenoso como a coluna destripava as mulheres que julgavam aceitável, até louvável, trabalhar fora de casa, deixar seus bebês, mesmo que por um instante, privá-los de uma imersão infinita no banho terno do amor materno.

— Hugh ficava furioso com aquelas colunas; afinal, eu trabalhava. Eu dizia a ele o que Kitty dizia, que escrever “A Boa Mãe” era purificador. E era um meio para um fim — contou Bonnie. Ela limpou os olhos. — Ela me contou, na semana anterior à sua morte, que tinha descoberto algo muito importante. Que tinha chegado ao fim. Eu pedi para ela ter cuidado. Kitty me jurou que sabia o que estava fazendo...

— Ela balançou os ombros, impotente, com a voz falhando. — Eu deveria ter pedido que não fizesse — disse ela. — Eu fui a única mãe que Kitty teve. Deveria ter dito a ela que o passado era passado e seu futuro, suas meninas, eram o que importava. Eu deveria tê-la feito parar.



CAPÍTULO 38

— MAMÃE! MAMÃE!

Desci a entrada da garagem pedalando a bicicleta e vi Sophie cambaleando pela varanda, fazendo força para carregar um balde de plástico roxo com água derramando em seu jeans e seu casaquinho roxo fofo, com um irmão de cada lado. Seu cabelo estava preso em maria-chiquinhas, e suas unhas estavam pintadas cada uma de um tom de rosa. — O papai nos levou a uma confeitaria depois do museu e nós tomamos chocolate quente e comemos pão doce e depois fomos até a praia e eu peguei um sirizinho e agora nós estamos fazendo sanduíches com a sobra do peru!

— Excelente! — comemorei, me abaixando para dar uma olhada. Eu tinha voltado para casa pedalando, pensando em Kitty como uma deusa grega, alta e nobre, percorrendo as ruas de Manhattan. Imaginei os manda-chuvas de Manhattan pegando as mãos de Kitty com suas mãos umedecidas, erguendo seus cabelos brilhosos, cor de chocolate, para admirar a curva de seu pescoço, enquanto ela olhava para eles, fazendo um inventário, à procura do arco de sua própria sobrancelha, ou o formato de seu nariz, olhos brilhando, na expectativa, ao dizer o nome de sua mãe.

— O nome dela é Princesa Fiona — disse Sophie.

— Ótimo, mas como você sabe que é uma menina?

Sophie pensou na pergunta, depois olhou para o caranguejo. — Porque ela é linda. Mamãe, ela pode voltar para casa conosco?

— Bem, talvez ela possa ficar na varanda enquanto estamos aqui em Cape Cod, mas acho que ela não vai gostar de Connecticut.

— Por que não?

— Bem, ela sentiria falta do mar, você não acha?

Sophie coçou o nariz, depois se debruçou sobre o balde. — Princesa Fiona, você vai ficar com saudade do mar? — ela perguntou.

Ben sorriu para mim, cansado, por trás da porta de vidro. Três horas mais tarde, depois que cada criança cheia de areia tinha sido despida, banhada, vestida, alimentada e colocada nos quartos de baixo para um cochilo, Ben e eu nos sentamos juntos no sofá, na sala, olhando o mar. Ele tinha acendido a lareira e nós estávamos quase, mas não ainda, de mãos dadas.

— Ainda estou de castigo? — perguntei.

— Um castigo e tanto — disse ele, e deu um gole da caneca de café com uísque. As ondas vinham e iam, e, acima delas, nuvens brancas, tingidas de rosa-clarinho, flutuavam baixo no céu azul. O pôr do sol sem dúvida seria espetacular. Girei a caneca em minhas mãos. O uísque e a lareira, depois da volta de bicicleta, estavam me deixando sonolenta. Eu gostaria de me esticar no sofá embaixo de um cobertor, apagar todos os pensamentos sobre Kitty Cavanaugh e Delphine Dolan, Bonnie Verree e sua irmã Judith, sem mencionar Evan McKenna, e apenas pegar no sono.

Ben colocou sua caneca de café na mesa de centro. — Kate, tem uma coisa que eu quero discutir com você.

Meu coração gelou. *Ele sabe*. Alguém me viu no Time Hotel ou avistou o carro de Evan no fim da nossa rua. Engoli em seco e tentei me preparar para a acusação, feita numa voz seca e inexpressiva, seguida da reiteração de suas exigências sensatas de colaborador e cônjuge (que eu não me envolvesse por impulso em assassinatos misteriosos, parecendo as crianças enxeridas do *Scooby-Doo*, não ficasse a um passo de fazer sexo com caras que eu conhecia de Nova York, e não lançasse acusações de assassinato contra seus clientes mais proeminentes, nem inventasse mentiras para encobrir nenhuma das atividades acima).

— O que foi? — consegui falar.

Ben se virou para mim, pousando uma das mãos em meu braço. — Tenho me sentido mal por lhe causar tantas dificuldades com o negócio todo da Kitty Cavanaugh. — Ele passou o braço ao redor do meu ombro. — Você sente falta de usar a cabeça — disse ele. — Eu entendo isso.

— Adoro ser mãe — respondi, por reflexo.

— Mas as crianças são crianças — disse Ben. — Ele afagou meu ombro. — Há um limite para uma conversa com uma criança de quatro anos. — Fiquei na expectativa, quando ele passou o nariz em meu rosto. — Então, pensei o seguinte. O que você acharia de vir trabalhar para mim meio período?

— Eu... — Recuei, saindo de seus braços, e fiquei olhando para ele, certa de que tinha ouvido errado. — O quê? O que eu faria? Não sou lá muito afeiçãoada a Ted Fitch. E não sei nada de política.

— Bem, não é uma ciência espacial — ele ironizou, com uma risada indulgente. — Você poderia atender o telefone, ajudar com a correspondência...

— Ajudar com a correspondência — repeti. — Então eu seria, basicamente, o quê? Uma estagiária?

A expressão de Ben — e a velocidade com que ele recuou a mão — demonstrou que ele estava começando a notar a magnitude de seu erro. — Ah, não, estagiária não. Você participaria de todas as reuniões estratégicas, ajudando a implementar os planos de mídia...

— Que sorte a minha! — eu disse. — Agora, me diga, eu também serviria café, ou isso seria função de outra pessoa?

Ele desviou, suspirando. — Kate, estou tentando ajudá-la. Estou tentando ajudar nós dois.

— Só acho que não seria uma boa ideia eu trabalhar para você. Além disso, política não é bem a minha.

— E qual é a sua, exatamente? — perguntou Ben. — Celebidades mortas?

— Na verdade, verrugas genitais — respondi.

— Certo — ele disse, rijo. — Por que você não vai se deitar um pouquinho? Relaxe. Tire um cochilo.

Encostei a porta do quarto, me deitei no edredom salmão e turquesa, fechei os olhos e tentei deixar o uísque fazer efeito. Quinze minutos depois, quando Ben se deitou na cama ao meu lado, fiquei de olhos fechados, respirando devagar e sem parar.

— Eu amo você, Kate — ele sussurrou. Murmurei palavras sonolentas, sem sentido. O espaço entre nós parecia se estender até o mar, do lado de fora das janelas. Fiquei quieta até senti-lo suspirar e sair da cama. Depois que ele fechou a porta, contei até cem antes de pegar o telefone no bolso e ir, pé ante pé, até o banheiro fazer minha ligação.

— Cara, eu quase não consigo ouvir você — Janie reclamou quando atendeu.

— Eu sei — respondi. — O sinal aqui é muito ruim. — Tão ruim que acabei agachada no meio da banheira Jacuzzi antes de ter sinal suficiente para fazer a ligação. — Pode verificar uma coisa para mim? — perguntei, e disse tudo o que Bonnie tinha me contado, incluindo o sobrenome de Judith Medeiros, o ano e a circunstância de sua morte. — Você tem amigos na polícia, certo?

— Mas é claro — confirmou Janie. — Tenho todas as principais jurisdições cobertas. Deixe-me adivinhar: você quer descobrir se a morte acidental dela foi mesmo acidental.

— Qualquer coisa — eu disse. — Quero descobrir qualquer coisa. Por acaso você estaria livre na segunda-feira?

— Você sabe que eu não gosto de segundas-feiras — reclamou Janie. — Nem de manhãs.

— Confie em mim — recomendei, saindo da banheira. — É por uma boa causa.



CAPÍTULO 39

E U NÃO TINHA PASSADO MAIS de dez minutos na aula de pilates de Delphine Dolan, de nove da manhã de segunda, para saber que eu ia morrer ali. A julgar pela respiração ofegante e os gemidos a meu lado, minha melhor amiga ia morrer junto comigo.

— Pés retos, pontas dos dedos esticadas, por favor, contraíam no *cent-rro*, cabeça erguida, e um!

Dois! Três!

— Quantas temos que fazer? — Gemi para Marybeth Coe, que estava de barriga para cima ao meu lado.

— Cem — disse ela, serenamente. Não pude deixar de notar que ela não estava ofegante, nem suando ou ficando roxa e parecendo que queria morrer. Ela estava apenas com um brilho saudável.

— Esse é o nome do exercício, a centena.

— Nove! Dez! Onze!

Meu tórax estava pegando fogo enquanto eu sacudia os braços para cima e para baixo. Nunca senti tanta dor. Nem durante o parto de Sophie. Nem da primeira vez em que eu tossi depois da cesariana dos gêmeos.

— Dezoito! Dezenove! Vinte!

Delphine Dolan andava de um lado para o outro entre as fileiras de mulheres deitadas, com um macacão preto tão apertado que eu achei que, se olhasse com afinco, veria sua tatuagem. Uma complicada trança de tiras cruzava suas costas, deixando seus ombros musculosos e braços esguios de fora. Seus cabelos castanhos brilhosos estavam presos num coque francês, é claro, e nem uma gota de suor passava por sua base. As unhas de seus longos dedos dos pés estavam

pintadas de rosa-claro, e uma volta larga de diamantes reluzia em seu dedo anular. Ela tinha percorrido um longo caminho desde Hackensack.

— Trinta e um! Trinta e dois! Trinta e três!

— *Merde* — Janie resfolegou, me lançando um olhar que dizia que eu ia pagar por arrastá-la de Manhattan para a malhação do inferno.

— Quarenta e seis! Quarenta e sete! Quarenta e oito!

Meu plano tinha sido fazer uma aula, depois cercar Delphine no estacionamento, ou no vestiário, e fazer algumas perguntas sobre Kitty. Sem dúvida, o plano precisava ser revisto. Depois da aula, presumindo que eu sobreviveria a tanto, eu não estaria em condições de cercar ninguém. É bem provável que eu tivesse de sair de maca.

— Sessenta e três! Sessenta e quatro! Sessenta e cinco!

Tentei me distrair, focando as pernas longas e modeladas de Sukie Sutherland, com as unhas dos pés perfeitamente pintadas. Pela milésima vez desde que eu me mudara para Upchurch, fiquei me perguntando onde essa mulherada arranjava tempo para isso.

— Oitenta e oito! Oitenta e nove! Noventa!

Deus, por favor, eu rezava, enquanto erguia os braços. *Por favor, não me deixe morrer num estúdio de pilates, em Connecticut, cercada de mulheres que eu não suporto.*

— E... Cem! Braços acima da cabeça, respirando fundo, e soltando devagar e, sentando — Delphine comandava. E foi o que fizemos. As quatorze de nós. Eu notei, desanimada, que era a única que tinha suado o top. — Braços acima da cabeça outra vez, respirando fundo...

— Eu me alonguei e respirei, depois me estendi para a frente, enquanto Janie se forçava para cima, de quatro. Ela ficou assim por um instante, oscilando, depois despencou de volta no colchonete.

— *C'est fini?* — ela sussurrou.

— Acho que sim — sussurrei de volta. Sukie Sutherland nos lançou um olhar maldoso. Fingi não notar, enquanto nos alongávamos. — Você está bem?

Janie assentiu, embora parecesse meio verde. Delphine veio rebolando pela sala, curvou-se, dando a todas nós uma bela visão de sua bunda admirável, e apertou o botão de um CD player. Enquanto os suaves acordes de Enya preenchiam a sala, ela diminuiu as luzes, nos deu *Au revoir* e saiu pela porta rumo ao vestiário.

Eu me forcei a ficar de pé. Meus braços pareciam espaguete cozido demais; minhas pernas viraram gelatina e meu tórax doía tanto que eu estava puxando pouco ar, para evitar a dor de respirar fundo.

— Janie! — chamei.

Ela estava esparramada de bruços no colchonete. — Não consigo... me mexer — disse ela, baixinho. — Vai... você... sem mim. As necessidades de muitos... são... mais importantes... que as... de poucos.

— Pelo amor de Deus — cochichei, agarrando as mãos dela e puxando-a para ficar de pé, um movimento que com certeza doeu mais em mim do que nela.

Nós empurramos a porta vaivém que levava ao vestiário vinho e rosa. Delphine Dolan estava diante da fileira de pias e espelho do teto ao chão, soltando o cabelo. O macacão estava embolado aos seus pés. Ela estava nua em pelo.

— *Alô, Kate!* — ela disse, contente, como se tivéssemos dado uma voltinha no domingo à tarde, como se ambas estivéssemos vestidas e ela não tivesse passado a última hora e quinze minutos tentando me matar. — O que *achô da lição?*

— Foi uma aula e tanto — eu consegui dizer, tentando com todo o desespero evitar meu reflexo suado e ofegante no espelho. Delphine Dolan tinha o corpo mais perfeito que eu já vira: pele clara, seios empinados, cintura fina, coxas lisas, sem nenhuma celulite, e pelos pubianos que depilados, só uma fileirinha. Tive um momento de pânico quando não vi a tatuagem de coração que eu tinha notado nas páginas da *Eager Beaver*, mas depois eu vi que havia uma marca de pele brilhosa sem poros. Ela devia ter mandado remover com laser. Talvez na mesma época em que decidiu ser francesa. — Você tem um

minuto? Há algo que eu queria lhe perguntar.

— Sobre o quê?

— Kitty Cavanaugh — respondi. — Só vai levar alguns minutos.

— Alguns minutos — Delphine me deu um sorriso gentil, talvez porque meu rosto estivesse da cor de uma berinjela — *Alors* eu não tenho. — Ela olhou diretamente para o relógio acima da porta. — Preciso encontrar Kevin para *le brunch*.

Le brunch. Certo. Exagero era uma coisa. Isso era um exagero total.

— Talvez *ot-rrô* dia? — perguntou Delphine, com o sorriso charmoso ainda no rosto.

— Talvez agora — disse Janie. — Debbie.

O sorriso de Delphine vacilou. — *Pardon?* Ela inclinou a cabeça num ângulo que devia achar encantador. Eu vi seus olhos desviarem para a porta. Ela talvez estivesse tentando ter certeza de que nós ainda estávamos sozinhas no vestiário, e ninguém tinha ouvido do que Janie acabara de chamá-la.

— Debbie Farber — Janie disse, puxando e soltando as alças de sua camiseta preta e roxa, combinando com sua calça preta de ioga. — Nascida em 1972, em Hackensack, Nova Jersey.

Abandonou a escola aos quinze. Primeira prisão aos dezesseis. Roubo em lojas, depois assalto a carro com arma letal, vadiagem e prostituição.

— O carro era da minha mãe! — Delphine murmurou, sem nenhum traço de Paris em seu sotaque.

Agora era o mais suculento sotaque de Nova Jersey. — Ela simplesmente deu queixa de furto porque seu novo marido não ia com a minha cara! E eu não era prostituta! — Ela ergueu a cabeça e nos encarou; quando falou, foi com uma dignidade imensa, meio deslocada. — Eu era acompanhante.

A fungada de Janie reverberou no vestiário. Dei-lhe um cutucão, depois disse: — Isso não nos interessa. Só queremos falar com você sobre Kitty. Você a conhecia.

Delphine colocou as mãos na frente dos seios, como se tivesse acabado de notar que estava nua.

— Venha conosco — ordenou Janie. — Um café rápido. Não vai levar nem um minuto.

Delphine ergueu a cabeça. O descontentamento retorceu seus belos traços numa careta horrível. — E se eu não for?

— Então — disse Janie —, nós contaremos às suas clientes de bundas pequenas e bocas grandes o seu verdadeiro nome e o que você fazia para ganhar a vida. Talvez elas fiquem até mais impressionadas do que nós com sua distinção entre “prostituta” e “acompanhante”. — Ela entregou o celular a Delphine. — Ligue para o seu marido e diga que você vai se atrasar para *le brunch*.

— Olhe — disse Delphine, vinte minutos depois, com os antebraços magros cruzados sobre a mesa de plástico laranja. Ela tinha se recusado a ir a qualquer lugar em Upchurch, tinha rejeitado Greenwich e recusado Darien, então nós estávamos sentadas num reservado do MacDonald’s em Lakeville, na saída da I-84. Eu tinha me dado uma torta de maçã. Janie havia pedido um Big Mac com fritas. Delphine recusou café, chá, água e um gole de milk-shake de *eggnog* que eu tinha comprado para tomar com minha torta, e estava sentada sem nada à sua frente exceto um guardanapo de papel.

— Kitty entrou em contato comigo por causa de um de meus clientes lá de Nova York — revelou ela.

— Quem? — Janie e eu perguntamos ao mesmo tempo.

Delphine balançou a cabeça. — Não importa. Ele não era quem ela estava procurando e teve um derrame cinco anos atrás. Não é o cara que vocês querem. Vocês sabem sobre... — a voz dela foi sumindo.

Assenti. — Bonnie me contou.

— Bonnie — repetiu Delphine. Seus olhos estavam claros sob o rímel, e sua voz era agradável e baixa, sem o sotaque francês. — Ela era legal. Kitty e eu fomos lá para o Dia de Ação de Graças uma vez, quando nós duas morávamos em Nova York. Ela cruzou os braços,

com as mãos nos cotovelos.

— Eu dizia para ela que eu tinha pai e, acredite, não era nenhum mar de rosas. Mas ela não parava de procurar. Para ela, era como — ela pegou dois novos guardanapos e começou a rasgar — uma compulsão. Como se ela não conseguisse evitar.

— Então, como vocês duas vieram parar aqui? — perguntei.

— Éramos amigas em Nova York — disse Delphine. — Íamos à academia juntas, depois saíamos para um café ou um smoothie, e conversávamos. Ela era legal.

O rosto de Delphine estava sério quando ela girou o anel de diamante no dedo.

— Tentei ajudá-la — contou ela, baixando os olhos. — Às vezes... No meu ramo profissional, eu me deparava com o nome de um homem em quem Kitty estava interessada e arranjava um encontro.

Ela também me ajudava. Ela me ajudou a conseguir plano de saúde, e uma vez — ela brincou com uma mecha de cabelo brilhoso, depois com a alça do macacão —, quando me envolvi em problemas, ela me ajudou a resolvê-los. Ela dizia que garotas como nós tinham que cuidar umas das outras.

— Garotas como nós? — repeti.

Delphine assentiu, com os dedos finos mexendo nos guardanapos, transformando-os em confete.

— Você sabe. Garotas sozinhas no mundo.

— Então, vocês se conheceram em Nova York — incitei.

— Depois ela conheceu Philip por intermédio do pai dele. Ela teve que entrevistá-lo para um artigo sobre reformas nas leis de seguro. Ela e Philip se casaram, e eles me apresentaram ao Kevin. — Um sorriso verdadeiro surgiu em seus lábios por um instante, ao pensar no marido. — Eu fiz até aulas de dicção, para soar, você sabe. Para me encaixar aqui. Mas não fui tão bem, então... — Ela balançou os ombros. — Agora eu sou francesa!

— Que bom para você — ironizou Janie.

Eu a encarei enquanto Delphine levava o dedo indicador à boca e roía a unha, parecendo ter dezesseis anos. — Eu dizia que ela era boa demais para ele, mas ela nem queria saber.

— Por quê? — perguntou Janie. — Por que ela era boa demais para ele?

— Porque ele a traía o tempo todo — entregou Delphine. — Ele a traía. Mentia para ela. Dormia com qualquer uma enquanto ela bancava os dois. Ele... — Ela baixou os olhos e eu arrisquei um palpite.

— Ele deu em cima de você?

— De todo mundo — disse ela, com a voz seca. — E ela não o deixava.

Ela dizia que as meninas mereciam ter pai e mãe que as amassem e vivessem juntos, e que, não importava o que acontecesse, ela não iria embora. Eu lhe dizia que ele a fazia de tola. Falava que, em vez de perder tempo procurando um pai que, era claro, *não queria ser* encontrado, ela deveria estar prestando atenção ao marido e às meninas. Depois disso... — Delphine pressionou os dedos na pele delicada, sob os olhos — as coisas nunca mais se acertaram entre nós. — Ela secou os olhos e olhou os farrapos do guardanapo. — Eu rezo por ela — disse ela. — Toda noite. Rezo para que, antes de morrer, ela tenha encontrado o que procurava.

— Bem, não deu em nada — reclamei assim que Janie e eu deixamos Delphine de volta no estúdio e ficamos sozinhas no carro.

— *Au contraire, ma soeur* — disse Janie. — Primeiro, é sempre interessante passar um tempo com uma garota trabalhadora. Segundo, ela nos deu uma pista e tanto. — Janie sorriu para mim, entrou no estacionamento da Brookfield Bagels e pegou o celular.

— O quê? — perguntei. — Que pista?

— Um artigo sobre lei de seguros — Janie repetiu. — Por favor. Nem mesmo a *Content*, que é uma Sominex impressa, publicaria algo tão enfadonho. Qual era o nome da empresa do marido da Kitty? — Quando eu disse, ela digitou o telefone do serviço de informações. —

Sim, em Connecticut.

Tem o número da Upchurch Marine Insurance? — Ela parou, como se estivesse sendo transferida, e disse à recepcionista: — Olá, eu gostaria de falar com o Sr. Philip Cavanaugh — ela parou, depois falou de novo. — O pai.

Meu corpo inteiro ficou arrepiado. — Você acha que o pai de Philip...

Janie ergueu um dedo, pedindo silêncio. — Alô. Meu nome é Janie Segal, dos tapetes Segal. Vocês fazem seguro de botes?

— Ai, Deus — gemi.

— O mais rápido possível — disse Janie, decidida. — Sim, às três horas está ótimo. Nos vemos, então. — Ela desligou o telefone e eu a olhei, boquiaberta.

— Você acha que ele talvez seja pai dela também? Acha que ela e Philip... Ai, meu Deus.

— Isso é tão *O Jardim dos Esquecidos* — filosofou Janie. Ela passou batom, depois esfregou um lábio no outro e fechou o estojo com o espelho.

Recostei de novo no banco do passageiro. — Ai... Meu... Deus.

— Anime-se, meu bem — disse Janie, saindo do estacionamento. — Agendei um horário para nós.

— Então! — disse Philip Cavanaugh “pai”, acomodando seu corpanzil atrás da mesa de nogueira, três horas depois, sorrindo para nós com dentes tão brancos que só podiam ser dentadura. Seu rosto era uma prévia do que seu filho seria daqui a trinta anos: os olhos azuis avermelhados e uma papada flácida com pequenos vasos. Seu terno era caro, mas estava puído; um dos cadarços de seus sapatos *wingtips* estava arreventado e amarrado com um nó. — Você está com uma... — Ele colocou uns óculos de meia lua, olhando o formulário que Janie tinha preenchido. Ele tinha deixado um pedaço de barba por fazer essa manhã; havia um punhado de resto grisalho em seu queixo. — uma emergência para o seguro de um bote?

Enquanto ele olhava para Janie, dei uma olhada em volta. Eu esperava mais de um escritório com tema marítimo — uma bandeira de pirata tremulando na frente, talvez, ou belas almofadas em branco e azul-marinheiro no sofá, ou janelas em formato de escotilha. Pelo menos alguns toques náuticos. Em vez disso, Philip “pai” tinha um estilo cara rico genérico: madeira escura pesada, paredes com lambris, peças de couro e uma caixa de charutos no canto. Até impressionaria, só que os negócios de fato não iam bem. A mesa da secretária, na frente, tinha apenas um telefone de disco. A sala de espera não tinha móveis e suas paredes eram vazias, exceto pelos quadrados claros onde antes havia quadros pendurados. O único carro no estacionamento era o Jaguar de dez anos que estava na missa de Kitty.

— Na verdade, não — disse Janie. — Meu bote já está segurado.

Ele piscou, nos encarando. Seus olhos eram fundos, dentro de duas bolsas de pele, e tingidos de vermelho. — Ah, sim?

— Estávamos querendo falar sobre sua nora — revelei. Ele tirou os óculos de meia lua e os limpou na gravata. Quando os recolocou, seu olhar ficou mais direto. — Agora eu reconheço você — ele me disse. — Você é a jovem que falou na missa de Kitty.

Mordi o lábio e assenti.

Janie interveio. — Você era o pai de Kitty? Porque, com sinceridade, se era, e ela se casou com o seu filho, não querendo julgar, mas...

— Janie! — estrilei.

Os lábios cinzentos de Philip Cavanaugh pareceram se mover por um minuto, e seu corpo volumoso pareceu murchar dentro do terno.

— Eu não era.

— Mas poderia ter sido — argumentei.

Ele pareceu se recompor, endireitando as costas e me encarando. — Eu a conheci, mas só rapidamente. Kitty me disse que sua mãe tivera um longo relacionamento. Judy e eu... — Ele balançou a cabeça. — Não durou muito.

— Conte-me como Kitty o encontrou — pedi.

— Do mesmo jeito que você. Na lista telefônica. Ela veio me ver, nove ou dez anos atrás, dizendo que precisava de base para um artigo. Nós tínhamos escritórios em Nova York naquela época... — Ele olhou em volta, descontente, como se tivesse acabado de notar que não possuía mais aqueles escritórios. — Ela fez perguntas inteligentes. Anotou algumas coisas. Depois de uma hora, ela deslizou um envelope na mesa. Havia uma fotografia dentro.

— Judith — eu falei.

Ele concordou devagar. — Nós éramos conhecidos. De Nova York.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Janie.

— Kitty me pediu para fazer um exame de sangue — disse Philip Cavanaugh “pai”. — Ela me disse que suas intenções eram honrosas, que ela não estava atrás de dinheiro, apenas informações.

Históricos médicos e coisas semelhantes. — Ele nos olhou de esguelha. — Bem, claro que eu fiquei desconfiado.

— Achou que fosse extorsão — disse Janie.

Ele concordou, insatisfeito. — Eu disse à Kitty que precisava de tempo para pensar. Expliquei que isso seria estranho: eu já tinha me casado com a Flora, claro, e nós tínhamos o Philip. Assim que ela saiu, liguei para o meu advogado, Eric Brannon. Velho amigo da família. Expliquei a situação. Ele rascunhou um acordo e me mandou no dia seguinte.

— O que dizia?

— Que ela prometia não me processar — disse Philip. Ele tirou os óculos mais uma vez e olhou para mim, como se isso fosse evidente.

— Que se eu fosse... É... — Ele se recompôs, com o rosto vermelho, a papada tremendo. — Pai. Se eu fosse, eu me empenharia para... Acho que o acordo dizia “integrá-la à união familiar”.

Assenti, imaginando como isso teria sido. *Oi, Flora! Oi, Phil! Esta é a filha da minha amante dos anos sessenta!*

— O acordo também prometia uma recompensa financeira. Ela

recusou. Não estava interessada.

Nem no dinheiro nem em conhecer ninguém. Só queria saber a verdade.

Ele caminhou até as garrafas de vidro, numa mesa escura de carvalho, ao lado da caixa de charutos, e se serviu de uma dose de uísque. — Foi tudo em vão. O exame de sangue deu negativo — disse ele, com o alívio ainda visível em seu rosto. — Eu disse a ela que lamentava. Ela até que encarou bem, eu acho. Não chorou, nem ficou emotiva. Apertou minha mão e agradeceu pelo meu tempo. Eu deveria saber... — a voz dele foi sumindo outra vez. — Fiquei muito aliviado, sabe, por não ser... Eu devia saber que estava me livrando com muita facilidade.

— O que aconteceu? — perguntou Janie.

Philip “pai” se endireitou. — Meu filho entrou no escritório, naquele dia, e a viu — contou ele.

— Ah. — Eu até podia imaginar como tinha sido — Philip Cavanaugh Jr. entrando no escritório do pai e vendo Kitty, alta, magra, com seus olhos azuis e seus cabelos brilhosos. E o que ela teria visto ao olhar para ele? Um homem que havia crescido com todo o luxo, todo o privilégio, mãe e pai; dinheiro e o conforto que este podia comprar. Ele a teria olhado com olhos desejosos, com cobiça.

Ela o teria olhado e pensado: *Ele tem o meu lugar no mundo. Esse é o meu lugar.* — Amor à primeira vista — falei.

— Para o meu filho — disse Philip “pai”, concordando, triste. — Ele ficou atrás dela. Mesmo namorando outras garotas, era ela que ele realmente queria. E ele a conseguiu — revelou ele, com pesar, balançando de novo a cabeça.

— Depois, deu tudo errado — Janie entoou, parecendo um narrador de rádio.

Philip pareceu não notar. Talvez ele não fosse fã de *Behind the Music*. — Não sei como ele conseguiu convencê-la, o que disse para que ela achasse que o queria. Mas, um dia, nós todos estávamos num

brunch no clube: Flora, minha esposa, e Philip, com uma namoradinha qualquer, e lá vem a Kitty. Ela entrou e foi diretamente até ele, como se não houvesse mais ninguém no salão, como se não houvesse mais ninguém no mundo, e ela diz “eu aceito”. Eu nem sabia que ele a tinha pedido em casamento. — Ele balançou a cabeça, remexendo os óculos.

Eu também podia imaginar essa cena — Kitty, de vestido de linho, o cabelo castanho preso num rabo de cavalo, entrando com suas sandálias de salto alto. Ela teria olhado as pessoas, a porcelana e o cristal, os relógios de ouro e os anéis de diamante, os carros do estacionamento. Observou o tapete grosso e os lustres, e os gramados verdes do campo de golfe, através das janelas, e talvez tivesse imaginado a vida e morte da mãe, a promessa que alguém lhe fizera e não cumprira, e que a sua própria vida, e a vida de seus filhos, jamais seria assim com um homem como Philip Cavanaugh ao seu lado.

— Eu deveria tê-lo alertado — disse Philip, desanimado. — Deveria ter dito a ele que havia uma história. Noite após noite eu ficava deitado, acordado, pensando no que eu poderia ter feito... Minhas pobres netas. — Ele nos encarou, com as bochechas vermelhas e as mãos grandes espalmadas na mesa. — Já têm o que queriam, moças? — perguntou ele, numa voz mista de sarcasmo e tristeza.

— Tudo o que queremos saber é quem a matou — falei.

— Não fui eu, se é o que estão pensando. E, se querem saber meu palpite, é o seguinte: Kitty estava procurando pelo pai e ela o encontrou. Ou ele a encontrou.

Fiquei olhando até que ele fungou e empurrou o mata-borrão para o outro lado da mesa vazia. — A polícia já checkou meu álibi. E eu não tenho motivo. Ela era esposa do meu filho. Minha nora. Mãe das minhas netas.

— Ela também era uma ameaça à sua reputação — frisei. — Kitty nasceu em 1969. Você já era casado com Flora quando conheceu Judy Medeiros.

— Teria sido constrangedor — admitiu ele. — Mas eu teria sobrevivido. Homens sobrevivem. — Ele passou a palma rosada no mata-borrão de couro. *É bem verdade*, pensei.



CAPÍTULO 40

NAQUELA NOITE, NA MESA DE JANTAR, Ben espetou sua massa, desconfiado, enroscando alguns fios ao redor dos dentes do garfo. — Isto era congelado? — ele perguntou.

Eu assenti. Ele suspirou e é provável que tenha acrescentado mais um x preto na coluna abaixo do meu nome, que crescia cada vez mais. *Ela não me dá ouvidos. Não é magra. Coloca as crianças em perigo. E me dá fettuccine Alfredo “aqueça e sirva” do Trader Joe’s depois de um dia duro de trabalho no escritório.*

Olhei para ele. Seus olhos estavam cansados e ele tinha um fio de macarrão colado no queixo. — Até que não está ruim. Ele estendeu a mão para o outro lado da mesa, tentando pegar a minha, mas só conseguiu derrubar o leite de Sophie.

— Papai! — disse ela, fazendo cara feia. Levantei para pegar toalha de papel. Janie jogou uma esponja e Ben serviu mais leite para Sophie, depois se abaixou para me ajudar a limpar. Os meninos, rindo, acharam hilária a pose dos pais e também derrubaram seus copos.

— Meninos — eu disse. Levantei e bati a cabeça na beirada da mesa, derrubando a Coca Diet de Janie.

— Ai! Porra! — eu disse, limpando o refrigerante dos olhos.

— A mamãe disse um palavrão — Sophie anunciou.

— Kate, você está bem? — perguntou Janie, abaixando-se, com uma expressão preocupada e uma esponja na mão.

— Como é que tem gente que bebe esse troço? — perguntei, pegando a lata vazia e imaginando a primeira pessoa que entrevistei: Laura Lynn, com sua mão magra para fora da porta, seu porte magricela e cabelo esturricado, seu balde de gelo lotado, exatamente

como essa bebida que estava me cegando, e a foto no porta-retrato de prata, na frente e no meio da estante da sala. Uma foto de seu pai.

— *O Jardim dos Esquecidos* — falei, baixinho. — Ai, meu Deus.

— O que foi, Kate? O que é? — perguntou Janie.

— Você está bem? — perguntou Ben.

— Não um irmão, mas uma irmã — tagarelei. — Você se lembra de Bo Baird?

— Ele estava na lista que Kitty deu... Na lista de Kitty — disse Janie, sendo esperta e evitando dizer o nome de Evan na frente de meu marido.

Eu pulei de pé. — E Tara Singh me disse que havia boatos sobre Laura Lynn ter tido um tipo de colapso nervoso após a morte do pai.

Ben mostrou três dedos no ar. — Quantos dedos você está vendo?

— Bo Baird! — repeti, e saí correndo até meu laptop, que eu havia deixado na mesa de canto. — Ben, houve algum boato sobre ele ter um filho fora do casamento? Ou uso de drogas? Heroína?

— O quê? — Ben veio atrás de mim, ainda com a caixa de leite na mão. — Kate, calma! Quem é Tara Singh?

Eu o ignorei. — Ele morreu num quarto de hotel, em Boston, com outra mulher, certo?

— Devo chamar uma ambulância? Você está vendo as coisas dobradas?

Ergui os olhos do teclado para encará-lo. — Minha cabeça está ótima e eu estou lhe fazendo uma pergunta!

Ele pousou o galão de leite na bancada central da cozinha e começou a falar num tom seco, de quem está dando sermão a um aluno de primeiro ano. — Bo Baird era famoso por suas infidelidades, mas eu nunca ouvi nada sobre um filho ilegítimo ou heroína. Agora me diga do que você está falando ou vou ligar para o médico.

— Ela é meia-irmã de Kitty — murmurei. Tudo fazia sentido. Kitty não era apenas a ghost-writer de Laura Lynn, ela era sua meia-irmã e, por coincidência, uma condenação ambulante de tudo o que as duas

gerações de conservadores representavam: a filha ilegítima de uma mulher que achava que mães solteiras sinalizavam o fim da civilização ocidental, assim como uma colega escritora com uma reivindicação legítima de seu adiantamento literário de sete dígitos. Peguei minha chave e a bolsa na bancada do bar. — Vamos, Janie! — chamei. Janie pegou sua bolsa e saiu correndo atrás de mim, enquanto as crianças olhavam.

— Volto logo! Bebam o leite, crianças! E, é... Escovem os dentes, e não deem trabalho ao seu pai!

— Corri para a porta da garagem, com Ben em meu encalço.

— Aonde você vai? — Ele agarrou meu ombro e me virou, e eu não conseguia pensar em nada para dizer. Obturação que caiu? Problemas de mulher? Dever cívico, de que eu tinha me lembrado às seis e meia da tarde de uma segunda-feira?

Janie, com toda a calma, pousou uma das mãos no rosto dele. — Surgiu algo de repente — explicou ela.

— Nós temos que ir — eu disse. Eu me soltei e me joguei atrás do volante do carro. Enquanto dava ré na garagem e saía pela descida, Ben ficou, na porta, me olhando. Ele estava com as mãos nos bolsos e uma expressão que não consegui identificar.

Laura Lynn Baird abriu a porta, viu meu rosto e foi fechando. Janie enfiou o pé com salto fino para dentro. — Deixe-nos entrar ou vamos chamar a polícia.

— E dizer o quê? — provocou Laura Lynn, com sua voz rouca. — Eu é que deveria chamar a polícia para vocês.

— Deixe a polícia para lá. Vamos ligar para a imprensa — retruquei. — Diremos que Bo Baird foi pai de uma criança fora do casamento.

Talvez tenha sido o pensamento desejoso, mas eu vi que o sangue sumiu do rosto de Laura Lynn.

— Você é maluca — resmungou ela, retraindo os lábios, de modo que eu visse seus dentes, antes de empurrar a porta para fechá-la. Eu

empurrei de volta, lembrando o corpo de Kitty no chão da cozinha, suas duas menininhas dizendo: *Ela era a melhor mãe do mundo*.

— Como seria mandar matar a própria irmã? — perguntei. — Aposto que daria uma história e tanto para a *Content*.

O corpo esquelético de Laura Lynn se apoiava contra a maçaneta. — Ela não era... Eu não...

Janie passou por mim, agarrou o braço de Laura Lynn e entrou marchando com a mulher magrela e menor para dentro da sala, onde todas as televisões de tela grande estavam ligadas, uma na CNN, uma na MSNBC, outra congelada com a imagem do rosto de Laura Lynn. — Mãe! — Laura Lynn gritou, na direção da escada. — Dê banho no bebê!

A mãe gritou algo de volta, que não consegui ouvir. Na sala, Laura Lynn se sentou no sofá, respirando ofegante. Ela estava usando outro de sua série de conjuntos Chanel — esse era caramelo, com franjas douradas —, mas seus pés estavam descalços. O esmalte rosa do dedão estava lascado.

Seu cabelo louro duro estava com tufo pegajoso em volta dos ombros, e seu rosto, sem maquiagem, mostrava um tom vermelho nada saudável, de uma esfoliação química recente.

Janie estava de frente para ela enquanto eu fui por trás do sofá e comecei a fazer perguntas. — O que aconteceu, Laura? A Kitty lhe contou quem ela era? Ela disse que queria colocar sua assinatura no livro, ou queria mais dinheiro do adiantamento? Ou talvez — eu disse, quando ela se virou no sofá, me olhando — ela fosse apenas escrever seu próprio livro. Contar sua própria história. Uma história e tanto. Magnata de direita, da imprensa, como o pai que ela nunca conheceu, sua meia-irmã, que é uma princesa da mídia, a mãe, cuja morte talvez não tenha sido acidental. Quanto tempo levaria até que ela se transformasse naquela que todos os programas de TV iam querer entrevistar?

Laura Lynn puxou seu cabelo duro feito palha e nos encarou

fulminante, sem dizer uma palavra.

— Ela era sua meia-irmã — repeti. Os lábios de Laura se curvaram.

— Ela era sua rival — disse Janie.

— E por isso eu a matei? É isso que vocês duas acham? — ela fungou. — Vocês precisam sair mais. — Ela se levantou, com o cabelo louro obscurecendo seu rosto avermelhado pela radiação. — Por que não começam agora mesmo?

— Tudo bem — disse Janie, rapidamente pegando o telefone sem fio ao lado do balde de gelo de Laura Lynn, com seu monograma. — Acho que daremos alguns telefonemas antes. Os jornais, talvez certos programas de entrevista. Ou talvez — disse ela, estendendo o telefone na direção de Laura — eu deva lhe deixar falar primeiro. Por que não dá um grito para sua mãe lá em cima? Dê outro pequeno alerta, para que possamos nos preparar para outra rodada com os programas de entrevista.

— Ela fechou os lábios apertados, pensativa. — Eu me pergunto: será que Judith Medeiros também deixou que seu pai vestisse suas roupas?

Os olhos de Laura Lynn se encheram de lágrimas. Ela as limpou, com agressividade. — Já chega — disse ela. Ela arrancou o controle remoto da mesa de centro, apontou para as TVs, desligou todas e abriu uma lata de Coca Diet.

— Eu sabia que ela estava procurando alguma coisa no dia em que a conheci — começou ela, limpando a boca com a manga do blazer. — Deveria ser uma entrevista de emprego, e ela só queria saber da minha vida. Se eu tinha irmãos, onde passávamos as férias, se eu já tinha morado em Nova York. Eu não queria responder, mas ela era a queridinha de Joel. Não tive escolha.

Janie recostou-se na estante e abriu um dos livros conservadores de Laura Lynn, com dicas para garotas tementes a Deus. — Como você descobriu o que Kitty queria mesmo saber? — perguntou ela, folheando as páginas.

Laura Lynn chutou o pé do sofá com o tornozelo descalço, como uma criancinha que tinha sido colocada de castigo. — Ela me disse que sua mãe e meu pai... — Ela tateou, buscando o refrigerante, levou a lata aos lábios e deu uma golada. — Em princípio eu não acreditei — disse ela. — Ela me pediu para ir para casa e perguntar a ele. Falei para esquecer: meu pai não estava bem, e eu não faria nada que pusesse sua saúde em risco. Ela disse que, se eu não o fizesse, ela mesma faria. Avisei que ela jamais passaria pela porta da frente.

— E depois? — perguntou Janie.

Pela primeira vez desde que tínhamos irrompido porta adentro, Laura Lynn pareceu fraquejar. — Eu... Meu pai... Eu não queria fazê-lo passar por isso, com uma estranha aparecendo com esse tipo de acusação. Então, eu menti para ele. Eu disse que o meu médico precisava de uma amostra de sangue, para meu histórico familiar. Ele e eu fomos juntos à cidade, visitamos o médico dele, e eu voltei para Nova York com uma amostra de sangue. E veja só... — Ela atravessou a sala e afastou da parede uma das televisões, revelando um cofre. Girou a fechadura e abriu a porta. Havia um envelope dentro e um livro tipo brochura, embrulhado em papel vermelho. Laura Lynn tirou os dois — eu vi as palavras “prova sem correção” na capa do livro, e as duas assinaturas das quais ela havia falado: “por Laura Lynn Baird e Katherine Cavanaugh”. Ela abriu o envelope e tirou uma única folha de papel amarela, com uma cópia em carbono, do Hospital Lenox Hill, que tinha sido feita em três vias.

— Está vendo aqui? — Ela apontou para a linha do centro da página e leu as palavras, numa voz de triunfo. “Resultado negativo”.

Senti meu coração apertar quando olhei o formulário e vi os nomes de Bo e Kitty. — Ah.

— É. Ah — ironizou ela, arrancando a folha da minha mão. — Vocês podem sair.

Seu tom era tão furioso quanto havia sido quando aparecemos, mas seu rosto parecia frágil e exausto, como o de uma garotinha

brincando de vestir o conjunto da mãe; uma garotinha precisando apenas de um bom xampu e um cochilo. Quando ela se sentou outra vez no sofá, eu vi que as solas de seus pés estavam sujas. Olhei a data na folha.

— Isso foi há seis anos — falei.

Ela concordou.

— Então, se você sabia que Kitty não era sua parenta, por que deixou que ela continuasse a trabalhar para você?

Ela olhou para baixo, para o colo. — Senti pena dela, eu acho. Ela era tão perfeita, tão inteligente, mas, quando começou a falar da mãe...

— Ela abanou as mãos magras à sua frente. — Rachou. Aqui.

Fique com isso. — Ela me deu o livro. Eu vi as palavras *A Boa Mãe* escritas na capa, em letras pretas grossas, acima do nome de Kitty. — Eu disse a verdade. Ela era uma boa escritora. Devia ser uma boa mãe também.

— Que pena — comentou Janie quando saímos da entrada de veículos de Laura Lynn, rumo à noite negra. Fechei os olhos, tremendo, e gemi alto.

— O que vou dizer ao Ben?

— Deixe que eu cuido disso — Janie me tranquilizou.

Balancei a cabeça, me encolhendo ao pensar na desculpa que ela iria inventar, mas, no fim das contas, nem precisei me preocupar. Até a hora em que entramos na garagem, a casa estava escura, as portas estavam trancadas, as três crianças estavam dormindo e o quarto de casal estava vazio. Ben aparentemente tinha preferido o quarto de hóspedes de novo em lugar do prazer da minha companhia, e, quando acordei, na manhã seguinte, ele tinha saído.

Às dez horas eu havia vestido um jeans e um moletom que tinha tirado do cesto de roupa suja, deixado meus filhos na casa de Sukie Sutherland para brincar, e misturado um jarro de Bloody Mary bem apimentado e bem forte. Janie e eu passamos a manhã sentadas à mesa da cozinha, bebendo.

— É uma pena — disse Janie, despejando mais molho tabasco em nossos copos. — Seria tão legal se Philip fosse seu marido... Seu irmão... Seu marido... Seu irmão.

Dei um longo gole, depois empurrei meu copo. Sukie disse que ficaria com as crianças até as duas, mas não seria bom que eu aparecesse meio alegrinha e caísse ainda mais no conceito das mães de Upchurch. Se é que tal coisa seria possível.

— Ou se Laura Lynn fosse sua irmã — completou Janie. — Isso também daria certo para mim.

— Não é Philip Cavanaugh — eu disse. — Nem Bo Baird. Não é Joel Asch. Nem Ted Fitch. O que eu faço agora? Ando por Nova York tentando descobrir com quem mais Judy Medeiros dormiu?

— Você sabe que eu amo você — disse Janie. — Mas, se esse é seu plano, você está por conta própria. — Ela ergueu o copo num brinde. — Aquela mulher tinha uma vida social e tanto.

Cortei limão e espremi o suco em meu copo. — E quanto à Judy? A polícia já disse alguma coisa?

— Foi um caso frio. Bem, na verdade, nem chegou a ser um caso. Mulher branca solteira, candidata a artista, morrendo com uma agulha no braço, não chegava a surpreender ninguém em Greenwich Village nos anos setenta. O laudo do perito dizia que ela não tinha marcas anteriores...

— Você viu o laudo do perito?

Janie mostrou um sorriso satisfeito.

— Você consegue fazê-los reabrir o caso?

As pedras de gelo tilintaram quando ela mexeu seu drinque. — Estou tentando.

— Talvez o Evan tenha mais nomes — eu disse. A ideia de recomeçar do zero, encontrar mais homens, rastreá-los, interrogá-los já me deixava exausta antes de começar.

— Vamos começar bem do começo — disse Janie. — Por que as pessoas cometem assassinatos?

Amor ou dinheiro. Crimes passionais, ou crimes... por estarem duras.

— Muito eloquente — suspirei, me sentindo tão exausta pela decepção, pela bebida e pela aula de pilates do dia anterior que mesmo até respirar era um esforço. Cruzei meus braços na mesa e apoiei a cabeça neles.

— Sabe de uma coisa? Vá tomar um banho de banheira — disse Janie. — Eu vou buscar os pequenos.

— Tem certeza? — perguntei, enquanto procurava minha chave e as jogava do outro lado da mesa.

— Contanto que ela não comece a falar sobre mamilos, eu fico legal. Vá — ordenou Janie, e me enxotou em direção à escada.

Cinco minutos depois, Janie dava ré com a minivan, saindo da garagem. Cinco minutos depois disso, eu liguei para a *Content* e, desta vez, a recepcionista presunçosa me transferiu direto.

— Passei o Dia de Ação de Graças em Cape Cod — contei a Joel Asch. — Conversei com Bonnie Verree. Ela me disse o que Kitty estava procurando.

A linha tinha um ruído quase imperceptível, enquanto Joel Asch não dizia nada. Eu o imaginei sentado atrás da mesa, como a que eu ocupava na *New York Night*, um troço metálico surrado e marcado, fechando os olhos.

— Fui um tolo — ele disse, com a voz rouca. — Ela estava tão interessada em mim... — Ele ficou em silêncio mais uma vez. Minha mente continuou a acrescentar detalhes à sua mesa; um belo laptop prateado, um pequeno som elegante, alguns porta-retratos com fotos de sua esposa e filhos. — Fiquei lisonjeado — ele enfim falou. — E... Ora, que droga, eu admito. Eu a quis. Eu fui atrás dela. Até que ela me contou o motivo de estar tão interessada. Então, eu me senti um tolo. — Ele riu, amargo. — O que era justo. Eu com certeza estava agindo como um.

— Mas você tentou ajudá-la.

— Tentei ser bom para ela — disse Joel. — E eu não podia fazer muito. Um nome aqui, outro ali...

A apresentação a Laura Lynn Baird...

E um par de brincos de pérolas, pensei. Meu coração se apertou quando imaginei meu próprio pai, que teria feito qualquer coisa por mim; que queria vir para Connecticut no minuto em que achou que eu podia estar em perigo. Eu olhava para Kitty, no playground, e achava que ela tinha tudo, sem jamais imaginar que eu tinha o que ela mais queria.

— Estamos fechando a edição esta noite — disse Joel, me trazendo de volta à realidade. — Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por você.

— Obrigada. Desliguei o telefone e subi para tomar meu banho.

Vinte minutos depois, eu estava na banheira imensa para dois, que só tinha sido usada uma vez desde que nos mudáramos, e fiquei olhando a neve caindo na claraboia, me sentindo uma fracassada absoluta. O Dia de Ação de Graças tinha passado. O Natal estava chegando. A creche Red Wheel Barrow fecharia as portas pela maior parte de dezembro, o que significava ficar com todas as crianças o tempo todo, efetivamente representando o fim do meu tempo livre e de minha investigação. O assassinato de Kitty ainda estava sem solução. A paternidade de Kitty e a morte de sua mãe ainda eram mistérios, Lexi Hagen-Holdt ainda estava desaparecida e eu não fazia ideia de quem tinha colocado o bilhete ameaçador em meu carro. Todo o trabalho, tanta preocupação e tudo o que eu tinha para mostrar era um discurso idiota na missa, um casamento ameaçado e uma situação que envolvia outro homem, bastante persistente, na maior parte do tempo irresistível, que eu não fazia ideia de como resolver.

Então, Delphine tinha sido uma piranha, eu pensei, enquanto passava a esponja em minhas pernas, e Kevin Dolan acabou sendo o Pigmaleão suburbano. Então, Kitty estava à procura do pai e de

respostas sobre a morte da mãe, entre os homens ricos e poderosos da cidade de Nova York. Então, o cliente do meu marido tinha sido um dos potenciais paizinhos, assim como Bo Baird e Philip Cavanaugh “pai”.

— Amor — eu disse. — Dinheiro. — Prendi a respiração e afundei na água, deixando que meu cabelo flutuasse ao redor de meus ombros. Tudo se resumia a um imenso nada. Exceto por Janie.

Pelo menos ela deixaria Upchurch com uma ótima história. Sorte de Janie. Pelo menos ela podia ir embora.

Meu celular tocou onde eu o deixara, na prateleira de toalhas. Estiquei o braço para fora da torneira e o peguei. — Oi, Janie.

— Está aproveitando?

Fechei os olhos. — Mais ou menos.

— Bom. Nós estamos amarrando uvas-do-monte e pipoca para fazer guirlandas para o feriado. — Ela baixou o tom de voz. — É uma porra chata do cacete, mas, por sorte, seus filhos se divertem facilmente.

— Tudo bem. Divirta-se! — Tentei parecer entusiasmada e falhei. — Vejo você mais tarde.

Deitei de novo na água e pensei nas mulheres de Upchurch, nas supermães que jamais seriam minhas amigas. Imaginei Kitty no playground, agachada na frente de meus filhos, seu cabelo escuro e seus traços clássicos iluminados pelo sol. Então, imaginei Kitty entrando no country clube, com suas pernas compridas por baixo do vestido, roubando a cena, com seus olhos azul-claros, olhando para Philip e Flora e Philip Junior, alisando a saia e sorrindo, sentando-se na cadeira que teria sido puxada para ela, assumindo seu lugar, seu lugar de direito, bem entre Philip e...

— Ai, meu Deus. — Sentei como um raio, espirrando água para todo lado no chão de ladrilhos, e saí cambaleando da banheira, procurando o telefone.

Philip Cavanaugh “pai” não ficou muito feliz em me ouvir. Eu não

me importava.

— Só tenho mais uma pergunta — eu disse, em pé, nua, no banheiro, enquanto a água escorria pelos meus ombros e empoçava aos meus pés.

Ele riu forte. — Claro, por que não?

— Quando Kitty apareceu no country clube...

— Entrou lá como se fosse dona do lugar — disse ele, rabugento. Cubos de gelo tilintaram ao fundo. Sem dúvida, Janie e eu não éramos as únicas procurando consolo com um drinque. — Como se ela tivesse o direito. Será que o seu verdadeiro pai não era judeu?

Deixei passar. — Você disse que Philip estava lá com uma namorada. Qual era o nome dela?

A pausa pareceu se estender por uma eternidade. — Garotinha metida — Philip “pai” afinal disse.

— Suzie alguma coisa?

Nós saímos, ouvi Sukie dizendo, com um sorriso secreto se abrindo em seus lábios, o rosto corando por baixo da maquiagem, o rubor de uma garota que não pode acreditar que o cara dos seus sonhos esteja retribuindo seu sorriso — um rubor que eu com certeza mostrei na noite em que Evan apareceu no Lo Kee Inn, na noite de Ano-Novo, e me beijou na rua. *Há um milhão de anos.*

Desliguei sem me despedir, saí correndo do banheiro, escorreguei no ladrilho molhado e caí de bunda. Ignorei a dor e apertei o número de Janie com as mãos tremendo. O telefone dela tocou uma vez... Duas... Três vezes.

— Alô?

— Janie, pegue as crianças e saia daí!

— Hã?

— Janie, me ouça. Pense numa desculpa e tire-as daí agora mesmo. É importante!

— Tudo bem — ela disse, duvidosa.

— Estou a caminho. — Peguei minha roupa no chão do banheiro,

vesti a blusa e a calça, dispensando calcinha e sutiã, e enfiei os pés molhados nos tênis. Disparei escada abaixo, rezando para que Janie tivesse pensado em deixar sua chave quando levou a minivan. Enfiei a mão na bagunça da mesa do hall de entrada: cartas de mala-direta, jornal velho, pinturas a dedo de duas semanas, antes que eu achasse a chave no chaveiro com monograma.

Saí correndo pela porta da frente, disparei pela neve e me joguei atrás do volante do Porsche da Janie, com o celular colado na orelha. — Desculpe, o delegado Bergeron não está de serviço esta tarde — informou a mesma recepcionista de voz entediada com quem eu tinha falado no dia em que encontrei Kitty, a tal que ficava coçando o couro cabeludo com o lápis.

— Passe uma mensagem para ele! — gritei.

— Pode soletrar seu nome, por favor?

Enfiei a chave na ignição, pisei na embreagem e dei ré pela entrada da garagem, acertando direto minha caixa de correio. — Merda!

— Senhora, não há necessidade de xingar.

Engatei a marcha, manobrei à frente e dei ré de novo, contornando o toco quebrado de madeira, e saí feito uma bala pela Liberty Lane.

— Mande alguém me encontrar! — eu disse. — Estou indo para o número 12 da Folly Farm Way.

A mulher que está lá, Sukie Sutherland, está armada e é perigosa! — gritei.

— Pode repetir, senhora? — pediu a recepcionista.

— 12 da Folly Farm! — berrei. Virei à esquerda e quase bati numa caminhonete, cuja ocupante me olhou fulminando e afundou a mão na buzina. Oitenta por hora. Noventa. Cem. A suspensão do Porsche gemeu quando mudei as marchas e fiz a curva, antes de entrar na Folly Farm Way. Liguei para o celular de Evan. — Alô?

— Evan? Você está me ouvindo?

— ... Não ... Fora.

— Essa porra dessa cidade desses babacas de merda! — gritei, a

plenos pulmões. A neve estava caindo no para-brisa e eu não conseguia descobrir como ligar os limpadores.

— Certo — disse Evan. — Isso eu ouvi.

— Você precisa vir para cá! — berrei. — Eu sei quem foi e...

— Kate? Diga outra vez!

— 12 da Folly Farm Way! — eu berrei, acima do rugir do motor. Então, desliguei, pisei no freio, na frente da casa de Sukie, deixei a chave na ignição e a porta do carro aberta e corri para a entrada.

Não bati, não toquei. A porta foi escancarada assim que encostei a mão na maçaneta. Sukie Sutherland estava na entrada, sorrindo.

— Kate! — disse ela, com os olhos castanhos arregalados, mas não surpresos, como se eu tivesse passado para pegar uma xícara de açúcar emprestado e fosse acompanhá-la num café e na fofoca mais recente da vizinhança, como se eu estivesse perfeitamente seca e toda vestida, e não em pé, à sua frente, sem fôlego, pingando, sem gorro ou casaco, ou meias, num dia de neve, de temperatura abaixo de zero. Sukie era a imagem da graça e competência em seu uniforme de mãe. Seu cabelo castanho estava brilhando e sua calça cáqui, passada com capricho, e seu suéter angorá rosa, de botões perolados, eram lindamente acentuados pelo pequeno revólver prateado que ela segurava. — Entre e fique perto da geladeira, está bem, Kate?

Eu a segui para dentro, com as pernas pesando feito chumbo. — Onde estão meus filhos?

— Kate? — relaxei um pouquinho quando ouvi a voz de Janie, abafada, vindo de trás da porta do porão. — Ei, nós estamos aqui embaixo!

— Aguentem firme! — gritei. Sukie apontou a arma para o meu coração.

— Sua amiga tentou fugir — contou ela, balançando a cabeça, com tristeza. — Eu os teria deixado em paz, sabe? E a você também, mas você não desiste de jeito nenhum! — Ela coçou o ombro com o cano da arma. — Isso vai tomar a minha tarde inteira!

Cambaleei até a geladeira, enquanto ela me orientava com a arma. Dava para ouvir os soluços de Sophie, e Janie tentando acalmá-la. — *Se você está feliz, bata palmas e peça bis* — eu a ouvi cantando, seguida por duas palminhas hesitantes. Sukie Sutherland. É provável que uma parte de mim sempre tenha sabido disso. Não havia algo estranho numa mulher que batizava os filhos de Tristão e Isolda e transformava em letras do alfabeto as suas comidas enlatadas?

— Onde estão seus filhos?

— Na casa da Marybeth — disse ela. — Eu os mandei brincar. Só voltarão às quatro. Isso deve me dar tempo de sobra. — Ela olhou para o relógio no punho que não estava segurando a arma. — Vejamos — disse ela, eliminando os itens, como se estivesse repassando a lista do mercado. — Colocar seus filhos no seu carro, colocar sua amiga no carro. — Ela me olhou. — Você tem cadeirinhas para todo mundo, certo?

Assenti anestesiada, pensando: *Ela vai matar nós todos e está preocupada com cadeirinhas?* — O q-que você vai fazer?

— Levá-los até o rio — disse ela. — Jogar vocês na água. É uma pena tão grande — disse ela, brandindo a arma para mim, até que fiquei toda encostada na geladeira de aço inox. — Você matou Kitty, depois não aguentou a culpa e o peso de manter segredo. Matou seus filhos, matou sua melhor amiga e dirigiu para fora da ponte. Essa é a parte que eu lamento — continuou ela, sorrindo, para que eu pudesse ver todos os seus dentes brancos. — Será um desperdício de uma minivan perfeitamente boa.

— Você. — Passei a mão em meu cabelo endurecido e molhado, tirando-o da testa, e tentei fazer minhas pernas pararem de tremer.

— Eu — ela confirmou, satisfeita, como se estivéssemos discutindo de quem era a vez de organizar os Dia dos Pais na Red Wheel Barrow.

— Você matou Kitty.

Ela concordou.

— Você deixou o bilhete em meu carro. — *Faça com que ela continue*

falando, pensei, enquanto meus joelhos começavam a tremer . Faça com que ela fique falando e eu vou... O quê? Gritar? Torcer para a recepcionista mandar mesmo a polícia, embora eu não tenha dado o número do meu documento e o nome de solteira da minha mãe?

— Arram — disse ela, sorrindo, como se tivesse acabado de ganhar o Prêmio Nobel. — Se você cuidasse só do que é da sua conta, em vez de sair por aí bancando a Nancy Drew com varizes, você se pouparia de muitos problemas. Bem, paciência — ela acrescentou, balançando os ombros —, você é que perde. Engraçado, não? — Ela inclinou a cabeça. — Você sempre achou que fosse a sabichona.

Tão esperta! Tão sofisticada! Tão melhor que esse monte de mães ursas da tediosa Connecticut, não?

— Era isso que você achava? — perguntei. *Nancy Drew com varizes*, eu pensei, e percebi que, se ela não me matasse, eu ia me esforçar muito para não matá-la.

— Todas nós exceto Kitty. — Ela balançou a cabeça com um pesar exagerado. — A Kitty também achava você tão legal — disse ela.

— El-a achava?

Sukie balançou os ombros. — É claro, Kitty não era tão boa para avaliar uma personalidade. Ela achava que o marido a amava de verdade. Achava que eu era sua amiga. Me dê suas mãos — disse ela, tirando um lenço rosa e dourado do bolso.

Ignorei o pedido e enfiei as mãos nos bolsos. — Philip a amava, sim — eu disse, o que tirou a expressão presunçosa do rosto de Sukie.

— Ele não a amava — retrucou Sukie, petulante. — Não do jeito que me amava.

— Você? — debochei. — Ah, por favor. — Minha trama para mantê-la falando agora tinha virado uma nova estratégia: *deixá-la injuriada*. Deixá-la tão zangada que ela acabaria cometendo algum erro que, com sorte, não seria me dar um tiro. Não que eu achasse que ela fosse de fato me matar em sua cozinha. Ela jamais conseguiria remover meu sangue da parede de azulejos mexicanos pintados a

mão. — Você foi só um tapa-buraco, Kitty era quem ele queria. E por que não iria querer? Kitty era inteligente. Ela era bem-sucedida. E, vendo que o mundo profissional causou tantos problemas para ele... — dei de ombros.

— Do que você está falando? — Sukie vociferou.

— Nada que todos desta cidade não saibam. Phil precisava de uma esposa bem-sucedida e ambiciosa, porque ele não dava conta. O único emprego que ele conseguiu foi trabalhando para o papai e, mesmo assim foi um fracasso.

— Isso não é verdade! — ela gritou, apontando a arma para o meu peito. — Ele é muito inteligente, só que ninguém lhe dava uma chance! — Ela ficou me olhando, ofegante. Depois estendeu a echarpe.

Hermès, eu podia apostar. Minha primeira echarpe de marca. Pena que eu não poderia viver para apreciá-la. — Junte as mãos.

Andei para a frente, me aproximando da bancada central, com as mãos pendendo em minhas laterais. — O que vocês dois iam fazer depois que eliminassem a concorrência? O que você ia fazer para manter as camisas e os sapatos dele? Vender bolinhos de linhaça na rua? Aula de pilates particular?

Sorte que Sukie também morava numa casa modelo Montclair. Sua cozinha era a minha, menos a louça na pia e os rabiscos de lápis de cera na parede. Passei o dedo por baixo do tampo de granito da bancada central e abri a primeira gaveta, devagar.

— Nós ficaríamos muito bem — disse Sukie, jogando as mechas alisadas para trás.

— Lá na Flórida? — chutei, e vi a palavra se registrar em seus olhos. — É isso que ele anda lhe dizendo? Estava falando sobre sol e diversão em South Beach, quando ele não estivesse pegando a Lexi no galpão de equipamento.

— Nem se incomode com a Lexi — disse ela. Um músculo embaixo de seu olho deu um espasmo.

— Por que não? O que você fez com ela? — perguntei. — Espero

que não a tenha jogado da ponte também. É um bocado de donas de casa para um rio só, você não acha?

— Cale a boca. — Ela apontou a arma para o meio dos meus olhos, e eu vi seus braços tremendo.

Balancei a cabeça triste, enquanto meus dedos deslizavam pelas tábuas de carne, tampas de panelas até, por fim, chegar a algo frio, de mármore.

— Aposto que o Phil ficava lhe dizendo que ia deixar a Kitty, mas nunca aconteceu, não é?

— Kitty era uma piranha — disse Sukie, com uma voz aguda. — Você não sabe nada dela. Ela era uma vagabunda, igual à mãe, que nunca soube quem era o pai dela...

— Mas ela descobriu, não foi? — O músculo do rosto de Sukie tremulou mais rápido. — Ela descobriu e ela é que iria deixá-lo. Ia acabar o dinheiro. — Fiz uma cara triste. — Nada de adiantamento do livro. O velho Phil teria que trabalhar para viver, até que você fizesse isso por ele.

Sem a Kitty, ele estaria livre e com todo o dinheiro dela. Com o seguro de vida e nada de batalha pela guarda. E o que ele faz? Pega a Lexi Hagen-Holdt. — Balancei outra vez a cabeça, exagerando em meu espanto. — Belo jeito de tratar a antiga namoradina.

— Sua cadela! — Sukie gritou. Ela recuou a arma, como se fosse me dar uma coronhada no rosto.

Levantei o rolo de massa com toda a força e bati em seu antebraço, ouvindo um estalo satisfatório. A arma cintilou prateada, deslizando pela bancada até o canto. Sukie gritou e avançou em mim, com as mãos retorcidas como garras, mirando meus olhos. Contornei a bancada e dei uma cabeçada em seu peito. Ela soltou o ar e cambaleou, depois caiu no chão.

— Não se mexa! — gritei, indo pegar a arma no canto e, ao mesmo tempo, tentando arrancar o celular do bolso. Sukie estendeu uma perna e me chutou com força na canela. Meu quadril bateu na

bancada e eu caí no chão com tanta força que as paredes tremeram. Bati os dentes, mordendo a ponta da língua, e senti o sangue morno minar em minha boca.

Eu gritei e me levantei. Sukie gritou mais alto ao se atirar em minhas costas e me pegar pelo cabelo. Virei-me de lado, batendo o corpo dela na bancada. Ela caiu com força, gemendo e chutando minhas pernas. Até que caí ao lado dela. Então, estávamos as duas no chão, rastejando, ofegantes, nos arrastando em direção à arma. O braço de Sukie estava apontando para o ar, num ângulo estranho, e minha boca estava cheia de sangue. Eu vi seus dedos se curvarem em volta da arma e me lancei de lado, com toda a força, caindo com ela, com todo o meu peso, agarrando a mão dela, que segurava a arma, agradecendo a Deus por não ser uma daquelas mãos de cinquenta quilos modeladas pela aeróbica. A arma caiu no chão e eu a peguei, bem na hora em que a porta foi escancarada e Stan entrou correndo na cozinha.

— Abaixei isso, Sra. Borowitz! — Stan gritou.

Sukie voltou seu rosto ensanguentado para cima, suplicante. — Por favor, tire-a de cima de mim!

— implorou. — Ela está tentando me matar! E é muito pesada!

Agarrei a mão cheia de cabelo e bati com a cabeça de Sukie no chão de madeira. Tenho de admitir que foi uma sensação incrivelmente gratificante. — Ela matou Kitty Cavanaugh, matou Lexi e está com meus filhos no porão!

— Sua melhor amiga também! — gritou Janie, indignada.

Stan olhou para nós, confuso. Então, ele puxou a arma e apontou. Não para ela, mas para mim.

Sukie estava gritando, Janie estava berrando e meus filhos estavam chorando lá no porão.

— Foi ela! — eu gritei, ignorando a dor em minha língua cortada.

— Levante-se — disse Stan. Eu estava começando a me levantar quando Sukie cravou os dentes em meu polegar. Dei um grito de

surpresa e dor. A arma caiu da minha mão. Rápida como um gato, Sukie a pegou. Ela se ergueu, olhando para a arma, depois para mim, depois para Stan. Por baixo do sangue e do inchaço que já começava, sua pele estava branca e inexpressiva como a de um manequim.

O sangue escorria por seu rosto, encharcando seu suéter rosa angorá, e eu vi em seus olhos exatamente o que ia acontecer em seguida.

Enquanto Stan mantinha o revólver apontado para nós, eu ergui as mãos. — Não faça nenhuma loucura, Sukie, por favor, apenas... Apenas me dê a arma e nós vamos... Vamos conversar! Vou fazer um chá ou algo assim... Vou pegar gelo para o seu braço...

Dava para ouvir Janie espancando a porta do porão, tentando abrir. — Alôôôu! — ela gritava, e meus filhos repetiam. — Alôôôu!

— Eu o amava — ela sussurrou.

— Eu sei — respondi. Dei um passo à frente, depois outro. — Eu sei que você o amava, Sukie. Sei como é isso.

— Eu o amava — disse ela, novamente. Três passos. Quatro. Eu estava perto, quase a ponto de tocá-la.

— Eu sei.

— Nós poderíamos ter sido... — Ela ergueu a arma em câmera lenta, com o cano apontado não para minha cabeça, mas para a dela. Sua última palavra foi quase um suspiro. — Felizes.

— Sukie, não...

— Sra. Sutherland, por favor...

Stan e eu estendemos os braços para ela no mesmo instante, um instante tarde demais. O som foi a coisa mais ruidosa do universo quando ela fechou os olhos e apertou o gatilho.



CAPÍTULO 41

— NÃO PRECISO IR AO HOSPITAL — eu disse a Stan, depois que ele soltou Janie e meus filhos do porão e levou todos nós lá para fora. Os carros de polícia que eu tinha visto circulando em nosso bairro desde o assassinato de Kitty tinham chegado freando, cantando pneus em nossa rua sem saída, e o policial de rosto rosado que tinha me levado de volta para a casa de Kitty depois de seu assassinato estava isolando o gramado com fita amarela com a inscrição: Cena de Crime, Não Ultrapasse. Vi muitas vans de noticiários chegando atrás das viaturas. Eu podia até imaginar as repórteres dentro delas, passando pó de arroz no rosto, se preparando para dizer ao mundo como essa história terminou.

— Você deve ir, mesmo assim. Você e as crianças, só para garantir.
— Ele tinha embrulhado uma coberta prateada ondulada em meus ombros, mas eu não conseguia parar de tremer. Meus três filhos estavam em meus braços, e Janie estava a meu lado, a maquiagem dando um alento à pele que tinha ficado branca da cor da neve sobre o gramado de Sukie.

— Estamos bem — eu disse, enquanto dois policiais empurravam uma maca para fora da porta da frente. Eles tinham coberto o corpo de Sukie com um lençol. Segurei a cabeça das crianças junto a mim, para que elas não vissem.

— Você deveria falar com alguém — sugeriu Stan.

— Eu vou falar com você — eu disse. — Você vai precisar de um depoimento, certo? — Meus dentes começaram a bater.

— Não quer que eu ligue para o seu marido?

Fechei os olhos. *Eu jamais faria algo que colocasse as crianças em*

perigo, eu tinha prometido a ele. Baixei a cabeça. — Não.

— Vou ligar para ele — avisou Janie, com uma voz tão baixa que nem parecia a dela.

Desalojei Sam e Jack apenas pelo tempo de tirar meu telefone do bolso e entregá-lo a Janie. Sophie estava com o polegar na boca. Os meninos pareciam confusos. — Pessoal? — eu disse. — Eu sei que aquilo foi assustador, mas agora está tudo bem. A mamãe está bem, a tia Janie está bem... — parei para dar uma cuspidinha sanguinolenta, percebendo, tarde demais, que não foi a visão mais tranquilizadora.

— Você devia deixar alguém dar uma olhada nisso — aconselhou Stan. Concordei e deixei que ele levasse nós todos, eu, Janie, Sophie, Sam e Jack, para a traseira de outra ambulância. Um passeio até o hospital.

Três horas depois, eu estava com quatro pontos solúveis na língua, uma receita de analgésico potente e telefones de três terapeutas infantis. As crianças foram levadas até um lugar chamado sala da família para falar com uma assistente social. Janie ligou para o Ben, depois conseguiu arranjar um pouco de Valium e pegou o telefone de um médico gatinho. Nós cinco estávamos aninhados em minha cama, e eu tinha trocado a camiseta manchada de sangue por um avental hospitalar, quando a porta foi escancarada.

Eu estava me preparando para Ben, mas, em vez disso, uma silhueta familiar, embrulhada em vison, entrou na sala, com uma onda de perfume que a antecedeu.

— Vovó! — disse Sophie — A primeira palavra que eu a ouvi dizer desde a cena na cozinha.

— Vovó! Vovó! — ecoaram Sam e Jack.

— Kate! — Reina veio apressada até minha cama, com o casaco revoando, as pulseiras tilintando, e me pegou nos braços. Eu me surpreendi me deixando abraçar e, uns dez segundos depois, caí em prantos.

— Ah, mãe.

— Shh, shh — ela dizia, afagando meu cabelo. — Está tudo bem, está tudo bem. Você está bem.

Eu chorava tanto que mal conseguia respirar. — As crianças — eu disse. — As crianças estavam na casa. Sukie tinha um revólver...

— Shh, shh. Acabou, Kate. Você vai ficar bem.

— Ben vai me matar! — soluzei, antes de ter tempo de considerar minha escolha de palavras. — Ele me pediu para ficar longe disso e eu não fiquei...

— Shh, shh — ela repetia, baixinho. — Você está bem. Você está bem.

Pressionei meu rosto em seu casaco de pele e tentei acreditar que isso podia ser verdade.

Ela e Janie levaram as crianças até o hall. Os analgésicos tinham começado a deixar as coisas agradavelmente borradas, e meus membros ficaram com um peso reconfortante, como se alguém os tivesse enchido de areia morna.

— Kate.

Aos poucos, eu ergui a cabeça do travesseiro. Meu marido estava na porta. — Lamento — eu disse, com a voz grossa.

Estreitei os olhos para o rosto dele, enquanto ele se encostava ao batente. — Kate — disse Ben. Sua voz ecoava, como se estivesse chamando do alto de um vale. — Eu também lamento.

— Cachorro-quente! — Janie gritou, numa voz animada.

— Cachorro-quente! — repetiu Sophie, saindo do sofá e indo até a mesa oval de carvalho, grande o suficiente para dez pessoas. Sam e Jack foram atrás, de mãos dadas, enquanto Janie os ajudava a sentar em suas cadeirinhas e minha mãe distribuía a comida nos pratos: cachorro-quente, feijão cozido, cenouras cortadinhas e pepino com molho rancho e, para beber, limonada. Todos começaram a comer e, por um momento, tudo o que ouvíamos era o barulho das ondas batendo e o vento soprando contra as paredes. Fazia três meses que Sukie tinha se matado em minha frente. E as crianças e eu tínhamos

nos instalado na casa de Truro, a que dava as costas para o mundo.

— Claro que sim! — Brian Davies tinha me dito, na voz animada demais que as pessoas usam quando estão lidando com gente ferida *há pouco tempo* ou mentalmente enferma. — Claro que vocês podem ficar. A casa sempre fica vazia, de qualquer jeito! Fique pelo tempo que precisar! Pelo tempo que quiser!

Então, na manhã seguinte ao suicídio de Sukie, eu saí do hospital, me despedi do meu marido e coloquei as crianças, além de Janie e minha mãe, na minivan. Compramos o básico: macacões e moletoms, pijamas e roupa de baixo, escovas de dentes e de cabelo. Reina sentou-se na praça de alimentação com uma xícara de água quente intocada à sua frente e o telefone na mão, olhando as pessoas passando, como se tivesse acabado de aterrissar em nosso planeta e nunca tivesse visto um shopping. De vez em quando nós passávamos por ela, e eu ouvia uma ou outra frase em francês ou italiano. *Emergencia* e *famille* pareciam estar sendo mencionadas de modo notório. Comprei o tipo de chá de que ela gostava e um nebulizador, e o primeiro par de sapatos sem salto que ela usava há anos, e ela levou as crianças até a Tower Records. — Eles gostam de polca? — perguntou ela, alto o suficiente para fazer cabeças virarem em duas lojas ao lado. — Kate, isso é obsceno.

Antes de sairmos da cidade, deixei Janie de volta na casa de Sukie. Um dos policiais tinha colocado o Porsche junto à calçada, trancado e levado a chave de Janie até o hospital. O carro ficou na frente da casa vazia, parecendo abandonado, com neve cobrindo as janelas e uma fita policial amarela presa em sua antena.

— Posso subir no próximo fim de semana — disse ela, me dando um abraço de despedida.

— Eu nunca vou poder agradecer o suficiente por... — *me ajudar*, eu queria dizer. *Acreditar em mim*. — Ser minha amiga.

Ela me deu um abraço forte e um beijo no rosto. Entrou no carro, eu entrei na van e levei meus filhos e minha mãe para o leste, com o

sol se pondo em nossas costas, quase trezentos quilômetros rumo ao mar.

As primeiras semanas se passaram com muitas atividades. Nós levamos dois lotes de lenha e acendíamos a lareira toda manhã, ficávamos juntos ao redor dela, à noite, tostando marshmallows e assistindo a filmes, aninhados embaixo dos cobertores, enquanto o vento batia no mar e fazia as paredes rangerem. Paramos no supermercado Super Stop 'n Shop, em Orleans, para fazer compras.

Matriculamos as crianças para fazer aulas de música em Eastham, e as levávamos de carro até as bibliotecas de Truro, Provincetown e Wellfleet, e depois para almoçar sopa de mariscos.

À tarde, enquanto as crianças dormiam e Reina falava ao telefone, eu me agasalhava e ia para o terraço com vista para a baía, sentindo o vento em meu cabelo, sentada na chaise longue, pensando que eu deveria ter descoberto mais depressa. Em retrospectiva, estava tudo tão claro: Sukie induzia todos ao caminho errado. Foi ela que me falou sobre a escrita de ghost-writer de Kitty, e eu podia apostar que também foi ela que deu a dica anônima para Tara Singh. Ela me dera o telefone da babá, me falara sobre Kitty e Ted Fitch, sabendo que cada passo que eu desse me afastaria ainda mais dela.

Eu ficava olhando as ondas, pensando em Kitty Cavanaugh. O que ela teria me falado se tivesse vivido o suficiente para nosso almoço? Será que ela teria me recrutado para a busca ao seu pai? Será que ela queria uma amiga? Uma testemunha? Será que ela teria invejado meus pais da mesma forma que eu um dia invejara sua beleza, sua silhueta esguia, seu cabelo brilhoso, a facilidade com que ela parecia administrar todas as coisas que me deixavam confusa? E será que eu teria falado que seu foco no passado estava colocando seu presente em risco, e que sempre há um preço a pagar ao olhar para trás?

Durante o inverno, só se encontrava a edição nacional do *New York Times* em Cape, e eu tive que dirigir até Provincetown para comprar, mas, entre essas edições magras e a conexão de internet discada, eu

consegui passar aquelas primeiras semanas em Truro acompanhando as repercussões que o assassinato de Kitty Cavanaugh provocou.

Sukie Sutherland tinha sido enterrada em Outer Banks, Carolina do Norte, onde seus pais tinham se aposentado, não em Upchurch, onde ela tinha passado a vida toda. Seu marido colocou a casa à venda na semana seguinte ao enterro, depois levou as crianças para um paradeiro desconhecido.

Lexi Hagen-Holdt continuou desaparecida. A polícia tinha trazido uma equipe de mergulho de Nova York, e estava dragando o Rio Connecticut, aonde Sukie planejava me levar, à procura do corpo dela. O *Times* não mencionou nada quanto ao que acontecera com Denny, Brierly e Hadley. Eu não conseguia pensar neles por muito tempo.

Philip Cavanaugh tinha sido interrogado pela polícia, para determinar o que ele sabia e quando soube. O que veio à tona não foi o suficiente para incriminá-lo. Sim, ele vinha se relacionando com Sukie, e com Lexi, e, por um tempo, com Lisa, a babá, e Luz, a personal trainer, e — Deus me ajude — ele tinha até dado em cima da Sra. Dietl, a não tão meticulosa vovó que administrava a Red Wheel Barrow. Sim, ele tinha o que o *Times* classificou como “conversas genéricas” com Sukie sobre o trabalho da esposa como ghost-writer e sobre como a vida poderia ser sem Kitty, mas jamais a incentivou a fazer nada a respeito, nem sabia o que ela estava planejando.

Quanto a Delphine Dolan, ela voltou a se chamar Debbie e vendeu sua história aos tabloides. “Dona de casa prostituta conta tudo!”, dizia a manchete de um dos jornais que Janie me trouxe. Havia uma foto de Delphine, com um lindo vestido azul decotado, e outra foto na qual ela olhava recatada, por cima do ombro, sorrindo, só com a calcinha do biquíni.

— Seu marido está apoiando — Janie lera, entre goles da vodca com Pedialyte que ela pedira. Nós nos aninhamos no terraço, embrulhadas em cobertores, de luvas e gorros, com o vento forte batendo na água, corando nosso rosto e amortecendo nossos dedos. —

Eu amo minha esposa, blá-blá-blá...

Noossa, olhe isso: estão produzindo um seriado baseado na vida dela!

Eu assenti. — Que bom para Delphine.

Janie sorriu de um jeito tímido e me entregou outra revista. Vi uma edição da *Content*, com o rosto de Kitty Cavanaugh na capa. Reconheci a foto da lareira. Uma foto de casamento. Kitty estava radiante, com seu cabelo escuro brilhoso, seus imensos olhos azuis, um véu branco de renda e o vestido de cetim, com um sorriso que fazia parecer que o mundo inteiro lhe pertencia. “Kitty Cavanaugh: Uma Vida”, dizia a manchete. A assinatura de Janie estava cinco vezes maior que o habitual. — Minha primeira matéria de jornalismo verdadeiro — disse ela, com orgulho. — Sy vai mandar imprimir em bronze!

A matéria tinha cinco páginas e era eletrizante. Janie havia rastreado todos os envolvidos e obteve muitas citações para a publicação. Uma que eles usaram em fonte 18 era de Dorie Stevenson. “Ela foi a melhor pessoa que conheci.”

Estava tudo ali: a história da mãe de Kitty, Judith Medeiros, de sua vida em Nova York, da morte por overdose e da adoção de Kitty. Depois veio Hanfield, onde Joel Asch tinha sido seu professor — “Não fui seu pai, mas fui uma figura paterna. Eu quis ajudá-la. Espero que tenha conseguido”. Depois, uma série de homens que Judy Medeiros conheceu, tanto no sentido bíblico quanto no não bíblico.

Havia um lobista conhecido, um executivo de televisão, o professor de poesia e o oftalmologista. “O procurador público Ted Fitch quis fazer um teste de paternidade nos dias que seguiram ao suicídio de Suzanne Sutherland”, Janie escrevera. “O resultado foi negativo. A questão sobre a paternidade de Kitty Cavanaugh e da morte de Judith Medeiros permanece um mistério — um mistério cujo caso os detetives do Departamento de Polícia de Nova York reabriram há pouco tempo. Se a própria Cavanaugh descobriu a resposta antes

de morrer, ela a levou para o túmulo.”

Nossos dias ganharam um ritmo confortável. Tomávamos café, depois íamos até a biblioteca ou ao supermercado, ou ao museu pirata, em Provincetown. Almoço, cochilo, artesanato e colorir, um vídeo quando chovia. Depois do jantar, acendíamos a lareira e Reina cantava — às vezes ópera, às vezes polca. Depois que eu colocava as crianças para dormir, ficava deitada na cama, ao lado dos janelões, ouvindo o mar, olhando as luzes piscantes de Provincetown do outro lado da água, as estrelas que cobriam o céu. Plantei mudas nos espaços vazios do jardim — tulipas e narcisos, quando o clima esquentou, sementes de margaridas e valerianas, petúnias e amor-perfeito. Nas manhãs de quarta e sexta, eu entrava com as crianças nas docas de Provincetown e nós tomávamos a balsa até Boston, onde visitávamos o consultório da Dra. Birnbaum, uma psicóloga infantil. Ela levava os três para dentro de seu consultório confortável e entulhado com casa de bonecas, cavaletes, e todo tipo de brinquedo, e fechava a porta com um clique. Eu ficava sentada numa das cadeiras de madeira, tentando não colar a orelha na porta, tentando acreditar que Sophie, Sam e Jack sabiam que eram amados e que, apesar do que tinha acontecido, estavam seguros e ficariam bem.

Ben vinha todo fim de semana. Ele brincava com as crianças, saía para jantar com a gente, nós fazíamos pipoca, cantávamos polca, vestíamos e despíamos a Uglydoll e assistíamos a todos os filmes que a Disney já produziu. À noite ele dormia na cama, ao meu lado, sem me procurar. — Quando você estiver pronta para falar sobre isso... — ele disse, numa noite. Eu balancei a cabeça. Ele vendeu nossa casa e alugou um apartamento para ele em Cos Cob, por um tempo. Tinha arranjado outro sócio para o escritório, prometeu reduzir sua jornada de trabalho para ficar mais em casa, prometeu que poderíamos nos mudar para onde quiséssemos — outra cidade em Connecticut, Nova Jersey e até mesmo voltar para Nova York, para o mesmo bairro, o mesmo prédio, se ele conseguisse. Ele queria que nós voltássemos a

ser uma família. Não importava onde. — Será melhor — ele sussurrou, passando um dedo hesitante em meu rosto. — Será como era antes.

Eu ficava de olhos fechados, fingindo estar dormindo, até que o ouvia suspirar e sentia a cama mexer quando ele se virava para o outro lado.

Evan sempre ligava. — Posso vê-la? — ele perguntava. — Nós já desperdiçamos tanto tempo, Kate. Devemos ficar juntos. — Eu também recusava. Eu olhava para o mar e pensava no pai de Kitty Cavanaugh. Estaria morto ou vivo? Será que ele estava acompanhando a história? Estaria se sentindo culpado?

Fevereiro se transformou em março. — Eu gostaria de poder ficar — disse minha mãe. — Mas assinei um contrato.

Eu concordei. — Tudo bem. Você ficou aqui — engoli em seco — quando eu precisei de você.

— Sempre estarei aqui quando você precisar de mim — disse ela. Ela afastou o cabelo da minha testa e me deu um beijo. — Lembre-se disso, Kate.

A brisa do mar ficou mais quente, com perfume de sal e ameixas costeiras. Nos fins de semana, Janie ou Ben ficavam tomando conta das crianças e eu caminhava pela praia durante horas, sentindo a areia fresca na sola dos pés, passando por algas, às vezes algum peixinho morto. De vez em quando eu via focas pulando das rochas, na maré baixa. As rochas eram o mais reconfortante de tudo. Todo dia a maré baixava e elas ressurgiam, como acontecia durante todo o verão, como era por séculos antes que um dia eu visse essa praia, e como continuaria a ser depois que fôssemos embora.

Pouco antes do Memorial Day, enfiei a mão embaixo do banco da minivan para pegar o colar de doces de Sophie e encontrei a prova da edição de *A Boa Mãe* que Laura Lynn Baird tinha me dado.

Folheei as folhas em branco da frente do livro, avisando que vinha uma dedicatória, e li: Mamãe e eu por Katherine Cavanaugh

Prefácio

Era uma vez uma linda princesa, com longos cabelos negros e lábios rosados, que saiu de seu reino e voltou com um bebê, uma menininha sua.

Quando a princesa morreu e a garotinha cresceu, a garotinha saiu à procura de sua mãe, tentando entender quem ela era, a quem ela amara, e o que cada uma dessas pessoas havia se tornado.

Há mulheres que crescem com boas mães, mulheres que suportam mães indiferentes e mulheres que sobrevivem a pais nocivos, mães ausentes, mães que abandonam, mães meramente biológicas.

A mulher que me criou, minha tia Bonnie, se encaixa na primeira categoria, como uma mãe tão amável e protetora quanto qualquer criança pode desejar.

Minha verdadeira mãe, minha mãe biológica, a mulher que meu deu à luz, num hospital de Hyannis, em 1969, e se mudou de volta para a cidade de Nova York, sozinha, seis meses depois, era um mistério: uma presença glamourosa, uma beldade, uma feiticeira. Passei os primeiros anos da minha vida tentando encantá-la, esperando que ela voltasse para mim, da mesma forma que, depois eu descobri ela esperava por alguém que a engravidara.

— Mamãe! — Sophie estendeu a mão. Coloquei o livro na bolsa e lhe entreguei o colar. Naquela noite, eu li mais do livro.

O homem que pode ou não ter sido meu pai se senta de frente para mim num restaurante de Nova York.

Seu terno é preto, muito bem talhado, ou cinza, ou azul-marinho. Seus cabelos são grisalhos, penteados para trás, ou ondulados, já ralos em cima, compridos demais atrás, ou ele é totalmente careca, com o topo de sua cabeça nua e vulnerável como um ovo. As pontas de seus dedos são ásperas, as unhas são cortadas curtas e cobertas por uma camada de esmalte transparente. Quando mostro a fotografia de minha mãe em cima da toalha da mesa, ele mal olha a foto e usa os dedos para empurrá-la de volta. “Nunca a vi na vida.”

Uma dúzia de anos, uma dúzia de homens. A internet ajuda — algumas batidas nas teclas e eu posso baixar biografias de páginas corporativas, ou perfis de revistas.

Posso descobrir onde essa possibilidade, onde esse pai-sombra cresceu, onde ele passava seus verões, onde cursou a faculdade, onde se casou, quantos filhos tem. Trabalho num cubículo da biblioteca da minha cidadezinha. Reviso rolos de microfilme, recortes amarelados de jornais, programas laminados, fotografias em preto e branco. E mais uma vez regresso a Nova York, para me sentar em restaurantes onde uma xícara de café custa seis dólares, e fazer apenas uma pergunta importante. É meu? Eu me pergunto, olhando para ele, por cima da minha xícara, enquanto minha voz se lança no discurso que já fiz tantas vezes. Você é meu pai? E o que sabe sobre a morte de minha mãe?

No primeiro dia em que a temperatura passou dos 24°C, coloquei roupas de banho nas crianças e besuntei seus corpinhos brancos com protetor solar. Janie tinha voltado para nos visitar. Nós trabalhamos juntas, juntando baldes e pás, toalhas e cadeiras dobráveis e um guarda-sol listrado com as cores do arco-íris para espetar na areia. Depois descemos os degraus até a praia. Os meninos dispararam direto para as ondinhas que batiam na areia. Sophie ficou para trás, segurando minha mão. — Venha, meu bem — eu persuadi. Ela balançou a cabeça, mas não resistiu quando eu a peguei nos braços. A água estava gélida ao bater em meus pés e tornozelos, mas eu me forcei a continuar em frente, até que a espuma passava dos meus joelhos... Depois, dos meus quadris.

— Um... Dois... E... Três! — eu disse e me inclinei para a frente, até que os pés de Sophie passaram na onda. Ela se remexeu em meus braços, rindo, enquanto eu a jogava, devagarinho, no ar. Ela gritava e ria, depois se aquietou e me deixou levá-la de volta para a praia, para construirmos um castelo de areia com seus irmãos. Entrei devagar na água, até bater em meus ombros, depois respirei fundo e afundei. Quando limpei a água salgada dos olhos e olhei de volta para a praia, as crianças e Janie estavam aplaudindo. Acenei, depois deitei de

barriga para cima e fiquei boiando no mar verde-claro, olhando o céu. Volte para casa, para mim, disse Ben. Volte para mim, disse Evan. Fechei meus olhos, ouvindo a resposta. Meu cabelo tremulava na água. Meu corpo subia e descia. As ondas vinham e iam sem dizer nada.

No Memorial Day, o telefone tocou.

— Ligue sua TV — disse Janie.

— Que canal?

— Não importa.

Liguei a televisão e vi algo familiar — a Casa Branca, acima do gramado esmeralda, sob um céu azul de verão. Um púlpito havia sido montado no jardim e o presidente estava ali.

— Agora nós vamos transmitir, ao vivo, o pronunciamento — disse a âncora do noticiário.

O presidente alcançou o púlpito. Vi sua garganta mexendo, ele engoliu uma vez, duas, e começou a falar. — Após um exame cuidadoso, decidi não seguir a nomeação de meu partido para um segundo mandato como presidente — disse ele. — Tomei essa decisão depois de uma reflexão longa e pessoal, e meu desejo de fazer o que é certo, não apenas para este país, mas para... — Sua garganta mexeu de novo. — Para minha família. Causei dor à minha esposa, aos meus filhos, às pessoas que viram o meu pior e me amaram ainda assim. — Ele olhou para baixo, para suas anotações, depois voltou a falar, contraindo o maxilar. — Peço à mídia e ao público que respeitem nossa privacidade durante este momento difícil. Boa sorte e que Deus abençoe a América.

Depois de um instante, a âncora estava de volta, e, nesse momento, fiquei olhando o rosto na tela enquanto a câmera o enquadrava. Observei as maçãs proeminentes do rosto, a covinha no queixo, os olhos azuis que brilhavam quando ele curvou a cabeça, no púlpito. Olhos que um poeta talvez julgasse olhos com o azul do amor-perfeito... Ou de centáureas.

— Bem — disse a âncora, claramente abalada. — Bem, Peter, não estou bem certa de como analisar isso. Temos alguma notícia sobre uma possível doença?

— Bem que ele queria — disse Janie em meu ouvido. — A polícia achou o traficante ontem à noite.

— Traficante do presidente?

— Não, o presidente Stuart já era congressista naquela época. Ele não era tolo de comprar a própria droga. Mandou o irmão caçula fazer isso para ele. Você sabe, aquele que passou a última década entrando e saindo de clínicas de reabilitação. Trinta anos atrás. Duzentos dólares de pó sem mistura, e tchauzinho para a mulher inconveniente e seu filho ilegítimo.

Fiquei olhando para o púlpito vazio na tela da televisão, imaginando o bilhete que eu tinha encontrado na gaveta de Kitty. Stuart, 1968.

— Mamãe? — Sophie puxou minha mão.

— Preciso ir — eu disse a Janie.

— Fique ligada — avisou ela, quase pulando. — Notícias extraordinárias. Estão vindo à tona.

Preciso fazer uma escova no cabelo. A CNN acabou de ligar.

Eu me despedi dela, desliguei o telefone e coloquei a televisão no mudo. A voz de Bonnie ecoou em minha cabeça. Ela me disse que estava chegando ao fim... E a voz de Joel Asch se juntou à dela.

Escrever para nós dava a Kitty acesso, ele me dissera. Você pode entrevistar senadores. Até presidentes.

— Venha — eu disse. Ergui minha filha nos braços e comecei a cantar junto ao seu rosto. — Lá vem a catapora e eu fico presa no meu quarto, e lá vem um ratinho pegar queijo no meu prato... Olho para você e fico apaixonada no ato.

— Sem cantar — disse Sophie, tampando minha boca. — Você não quer mais ver o presidente?

Balancei a cabeça e levei minha filha pelas portas de vidro em

direção ao sol, descendo a escada que levava à beirada da água. — Já vi o suficiente — eu disse.

FIM



PERMISSÕES E AGRADECIMENTOS

Agradeço pela permissão de reedição de material anteriormente publicado: *All by Myself*, de Eric Carmen, Sergei Rachmaninoff © 1975, renovado em 2002 por Eric Carmen Music, Inc. Todos os direitos administrados pela Universal Songs of PolyGram International, Inc./BMI. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Laurie Anderson, *Smoke Rings* (reeditado com permissão da artista).

Comes Love. Letra e música de Lew Brown, Sammy Stept e Charles Tobias © 1939 (renovado) WB

Music Corp., Chappell & Co., e Ched Music Corporation. Todos os direitos da Ched Music Corporation. Administrado por WB Music Corp. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Goodnight Moon © 1947, de Harper & Row. Texto © renovado em 1975 por Roberta Brown Rauch Illustrations, © renovado em 1975 por Edith Hurd, Clement Hurd, John Thacher Hurd e George Hollyer, como curadores do Fundo de Edith & Clement Hurd 1982. Usado com permissão da HarperCollins Publishers. Essa seleção não pode ser reilustrada sem permissão escrita da HarperCollins.

Horton Hatches the Egg, do Dr. Seuss, copyright™ e Copyright© de Dr. Seuss Enterprises, LP

1940, renovado em 1968. Usado com permissão da Random House Children's Books, uma divisão da Random House, Inc.

The Feminine Mystique, de Betty Friedan. Copyright © 1983, 1974, 1973, 1963 por Betty Friedan.

Usado com permissão de W. W. Norton & Company, Inc.

Frankie and Johnny, de Lee Bayer, Ernest W. Hayes. © 1966, de

Champion Music Corporation.

Todos os direitos administrados por Songs of Universal, Inc./BMI.
Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

My Funny Valentine, de Richard Rodgers e Lorenz Hart © 1937
(renovado) Chappell & Co.

Direitos pelo Contrato de Renovação nos EUA controlados por The Estate of Lorenz Hart (administrado por WB Music Corp.) e the Family Trust U/W Richard Rodgers e The Family Trust U/W Dorothy F. Rodgers (administrado por Williamson Music). Todos os direitos fora dos EUA controlados por Chappell & Co. International Copyright Secured. Todos os direitos reservados.

Usado com permissão.

My Funny Valentine, de Lorenz Hart e Richard Rodgers © 1937
(renovado) Chappell & Co.

Direitos pelo Contrato de Renovação nos EUA controlados por WB Music Corp. O/B/O The Estate of Lorenz Hart e The Family Trust U/W Richard Rodgers e The Family Trust U/W Dorothy F. Rodgers (administrado por Williamson Music). Todos os direitos reservados.
Usado com permissão.

Why My Mother Made Me, reeditado de *The Gold Cell*, de Sharon Olds, com permissão de Alfred A. Knopf, Inc.

Referências a Babo e Uglydoll têm permissão da PrettyUgly, LLC (www.uglydolls.com). Todos os direitos reservados.



AGRADECIMENTOS

A CIMA DE TUDO, AGRADEÇO AO trabalho duro de Joanna Pulcini, minha agente eternamente calma, que foi muito além de seu dever com cada frase deste livro (e também tomou conta da minha filha para que eu pudesse fazer as revisões). Joanna é a melhor coisa que qualquer autor pode querer, e tive a sorte de tê-la outra vez como minha agente e amiga.

Obrigada a Greer Hendricks, meu maravilhoso editor, sua editora associada, Suzanne O'Neill, minhas editoras Judith Curr, Karen Mender, Carolyn Reidy, Justin Loeber, Kate Rogers, Angela Stamnes e toda a equipe da Atria Books e Simon & Schuster, responsável pelo trabalho duro e pela boa vontade.

Sou grata às sopranos Kathleen Berger e Elizabeth Blancke-Biggs, por me fornecerem uma base do mundo da ópera, a Elaine Douvas, da Juilliard, e à Metropolitan Opera, pelas explicações sobre o oboé.

Ken Salikof e Nina Bjornsson foram editores rigorosos, cujos comentários esmerados me ajudaram ao longo do caminho. Tiffany Yates foi uma editora com olhos de águia.

Marcy Engelman, Dana Gidney e Alicia Kalish têm um zelo incrível comigo e com meus livros, e eu tenho muita sorte por trabalhar com elas. Linda Michaels e Emily Gates cuidam para que meus romances vejam o mundo e são excelentes leitoras finais.

Honi Werner me agraciou com mais uma capa incrível.

Jamie Seibert mais uma vez tornou possível a minha vida de escritora ao cuidar de minha filha enquanto eu escrevia. Meghan Burnett foi infatigável com sua assistência. Andrew Ayala e Peter Janssen nos ajudaram quando precisamos.

Agradeço o apoio de todos os meus amigos enquanto eu estava me debatendo com este livro, especialmente minhas colegas mães, que

não são nada parecidas com as que descrevo no livro: Susan Abrams Krevsky, Debbie Bilder, Alexa Hymowitz, Andrea Cipriani Mecchi, Carrie Coleman, Sharon Fenick e Alan Promer, Phil DiGennaro e Clare Epstein, Lisa Maslankowski e Robert DiCicco, Craig e Elizabeth LaBan.

Agradeço à minha família, tanto aquela que está perto de mim quanto a que está distante, o amor, o apoio e o conteúdo: Ebbie, Warren e Todd Bonin, Renay Weiner, Alan e Linda Gurvitz, Joe Weiner, Jake Weiner (que não é só meu irmão, mas meu agente cinematográfico também), April Blair, Olivia Grace Weiner, Molly Weiner, Frances Frumin Weiner e Faye Frumin, minha avó.

Por fim, obrigada a Adam e Lucy, que dedicaram seu amor e paciência.